1954

JULHO - Nº 446

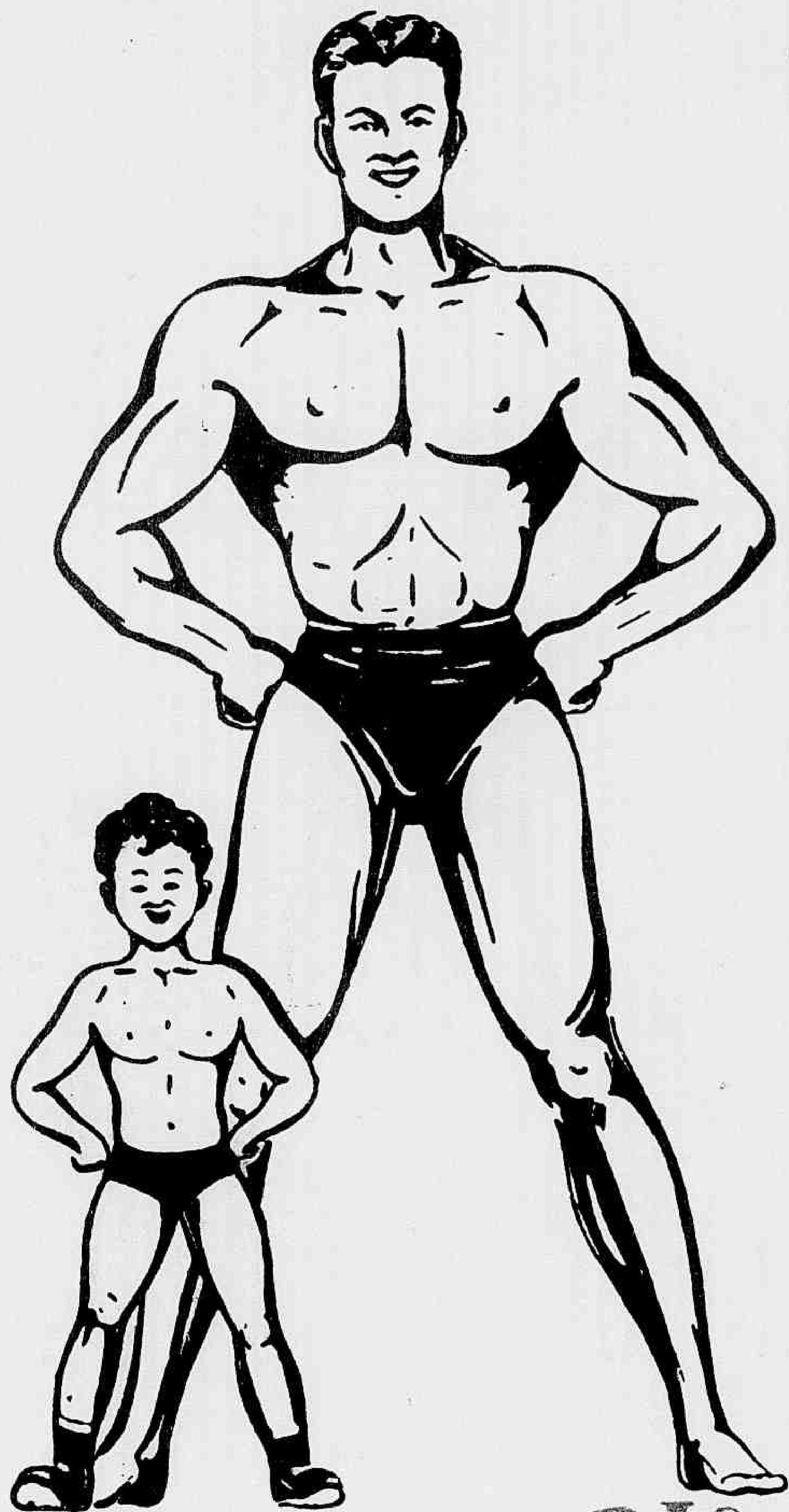
EU SEI TUDO





POR QUE NASCEM GÊMEOS? ★ PODEMOS APRENDER MEDICINA COM OS FEITICEIROS ★ AGORA, O MAR VAI TRABALHAR PARA O HOMEM ★ A MAIOR MISTIFICAÇÃO DE TODOS OS TEMPOS.

ARROZINA



O alimento ideal dos bebês



JÁ ALIMENTOU DUAS GERAÇÕES DE CAMPEÕES



Encontra-se ARROZINA em tôdas as farmácias e drogarias do Brasil



Instituto Dietético Infantil S.L.

FÁBRICA: AV. ODILA, 1549 - Cx. Postal, 4334 - ESCRITÓRIO: R. MARIA PAULA, 136 - Fone 33-4263 - S. PAULO ★ FILIAIS NAS PRINCIPAIS CIDADES DO BRASIL

FILIAIS:

RIO DE JANEIRO
Rua Juan Pablo Duarte, 42 — D. Federal

BAHIA — SERGIPE
Rua Carlos Gomes, 3-A — Salvador

PERNAMBUCO — PARAÍBA
Rua da Saudade, 323 — Recife

RIO GRANDE DO SUL
Rua Riachuelo, 959 — Pôrto Alegre

CEARÁ — PIAUÍ — MARANHÃO
Rua Pedro Pereira, 755 — Fortaleza

DEPÓSITOS E REPRESENTANTES NOS DEMAIS ESTADOS

ASSUNTOS DE FAMÍLIA

FREQUENTEMENTE, nos anais da Igreja, a santidade aparece como um "assunto de família". Comprove seus conhecimentos, assinalando a resposta correta das três que damos na seguinte lista. Se acertar três, sabe tanto quanto as primeiras dez pessoas a quem apresentamos o teste. As respostas são encontradas na página 6.

1 — Santa Mônica e Sto. Agostinho. (*a* — Marido e mulher; *b* — mãe e filho; *c* — irmãos.)

2 — Santa Brígida e Sta. Catarina da Suécia. (*a* — Irmãs; *b* — tia e sobrinha; *c* — mãe e filha.)

3 — São Cosme e S. Damião. (*a* — Pai e filho; *b* — primos; *c* — irmãos.)

4 — S. Marcos e S. Barnabé. (*a* — primos; *b* — tio e sobrinho; *c* — irmãos.)

5 — S. Benito e Sta. Escolástica. (*a* — mãe e filho; *b* — irmãos; *c* — tio e sobrinha.)

6 — S. Basílio e S. Gregório. (*a* — irmãos; *b* — primos; *c* — pai filho.)

7 — Sta. Clara e Sta. Inês de Assis. (*a* — mãe e filha; *b* — primas; *c* — irmãs.)

(Respostas na página 6)



SEM prévia inteligência não aproveita a experiência. — *Marquês de Maricá*

TUDO NA FILA

Por GEO WOLFE



A DOS NERVOSOS — Maternidade.



A DOS ZANGADOS — Seção de reclamações.



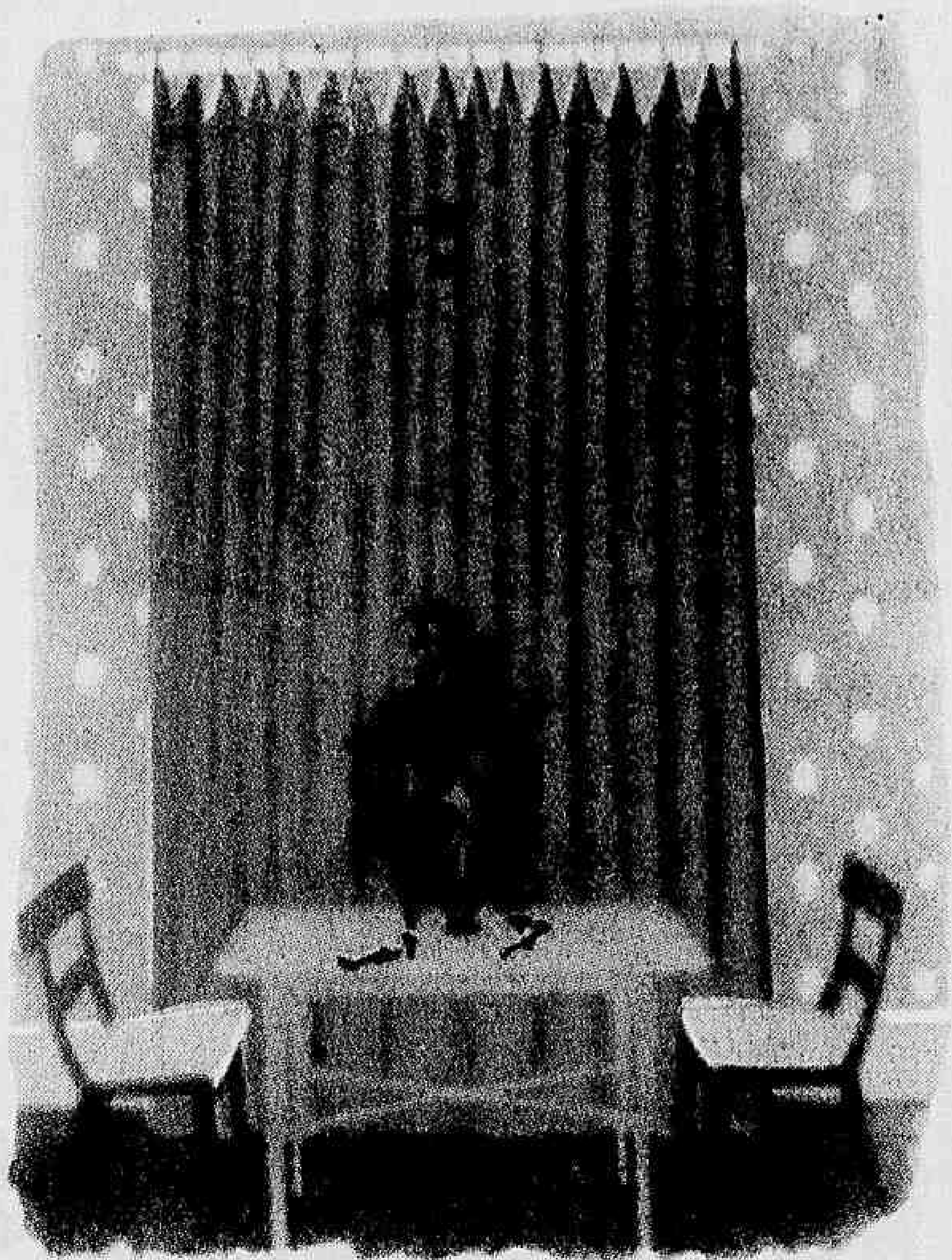
A DOS FANÁTICOS — Diante do estádio.



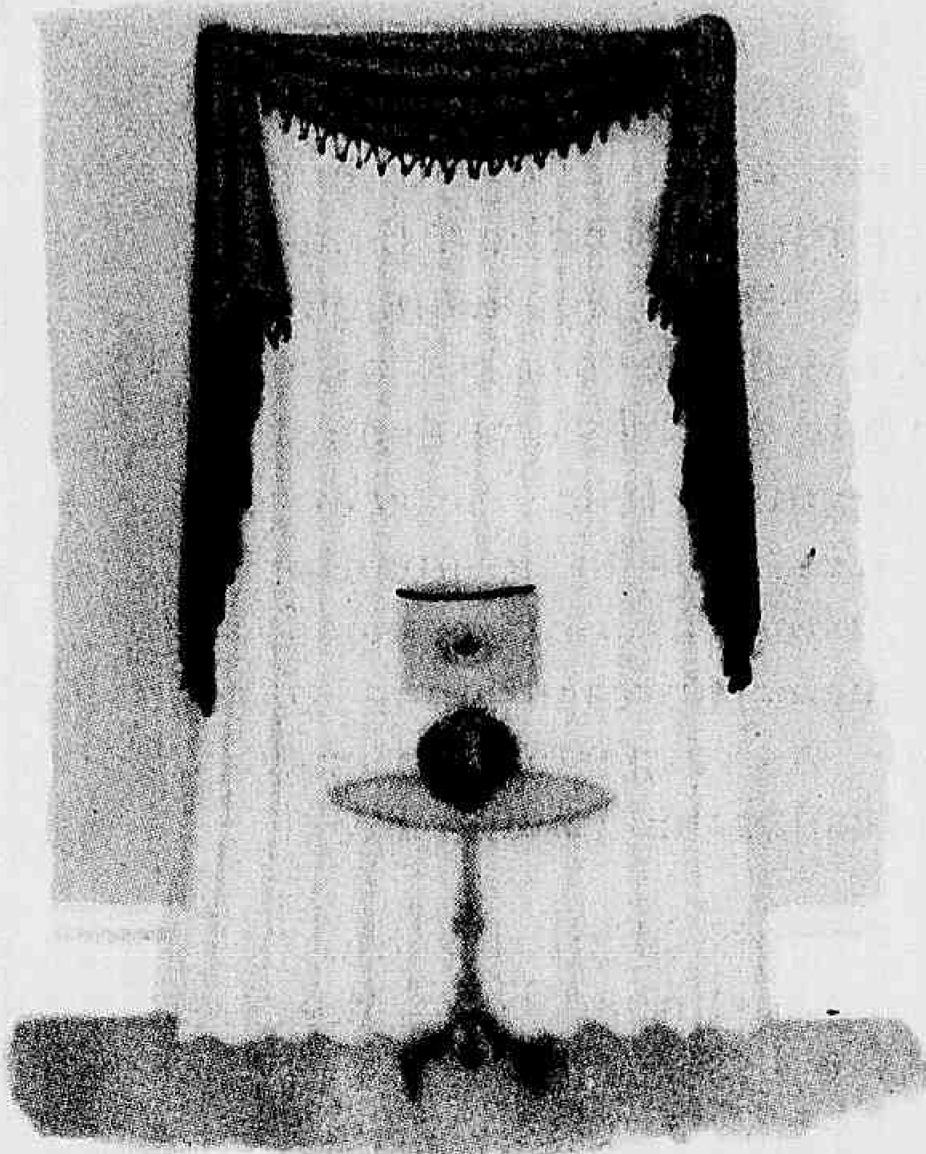
A DOS DESESPERADOS — Apartamento para alugar.



A DOS FELIZES — Guichê da *poule*-pagador.



DRAMATICO E FACIL: — O aspecto impressionante dessa cortina é devido ao veludo vermelho, que cai como um manto, até o tapête. É prêsa com simples anéis de cobre, que formam um folheado bonito e bem natural.

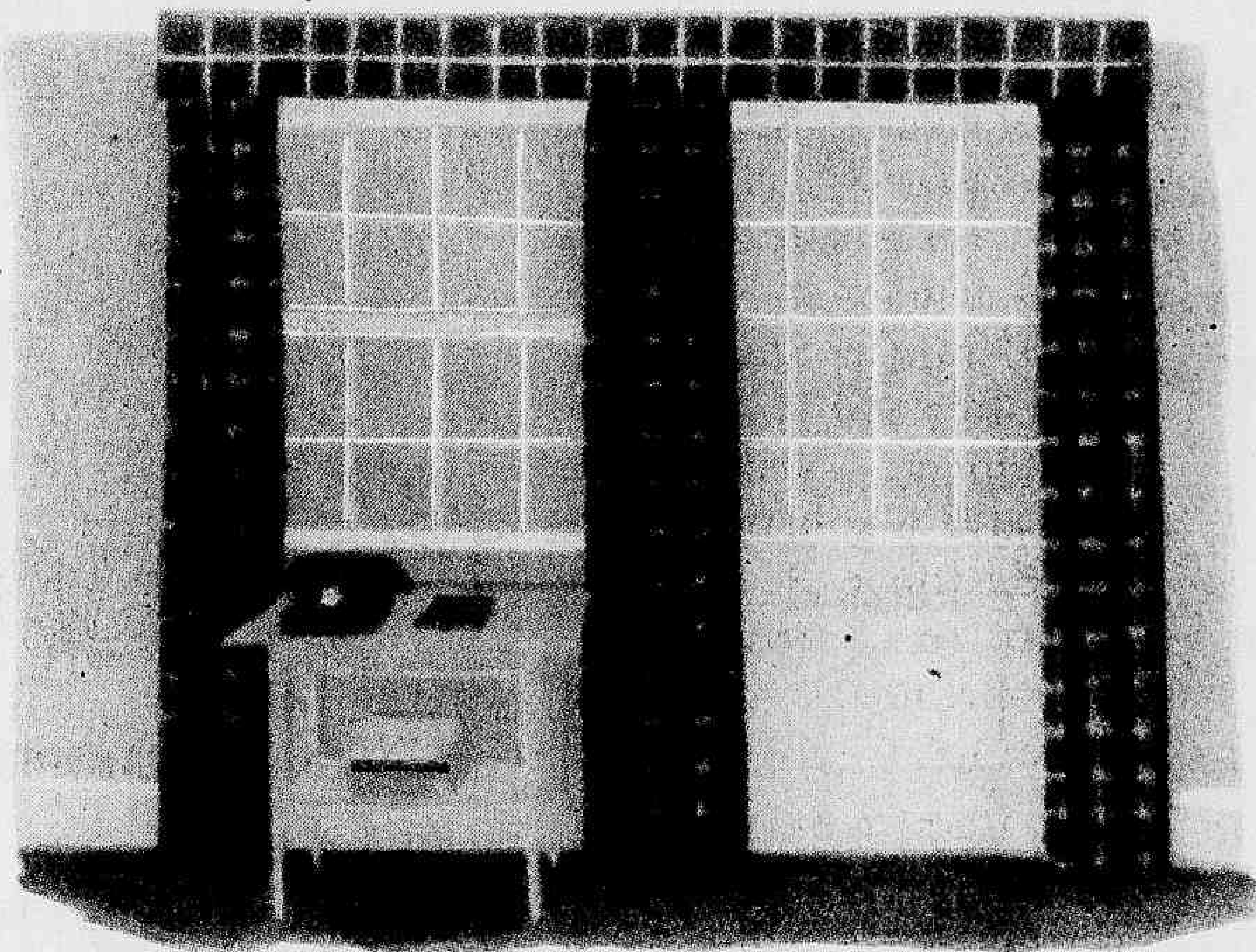


SIMPLES E GRACIOSA: — Os lados caídos em pregueado natural dão ao conjunto grande elegância. O azul turquesa é a côr predominante e que se destaca graciosamente sôbre a cortina branca, ligeiramente drapeada.

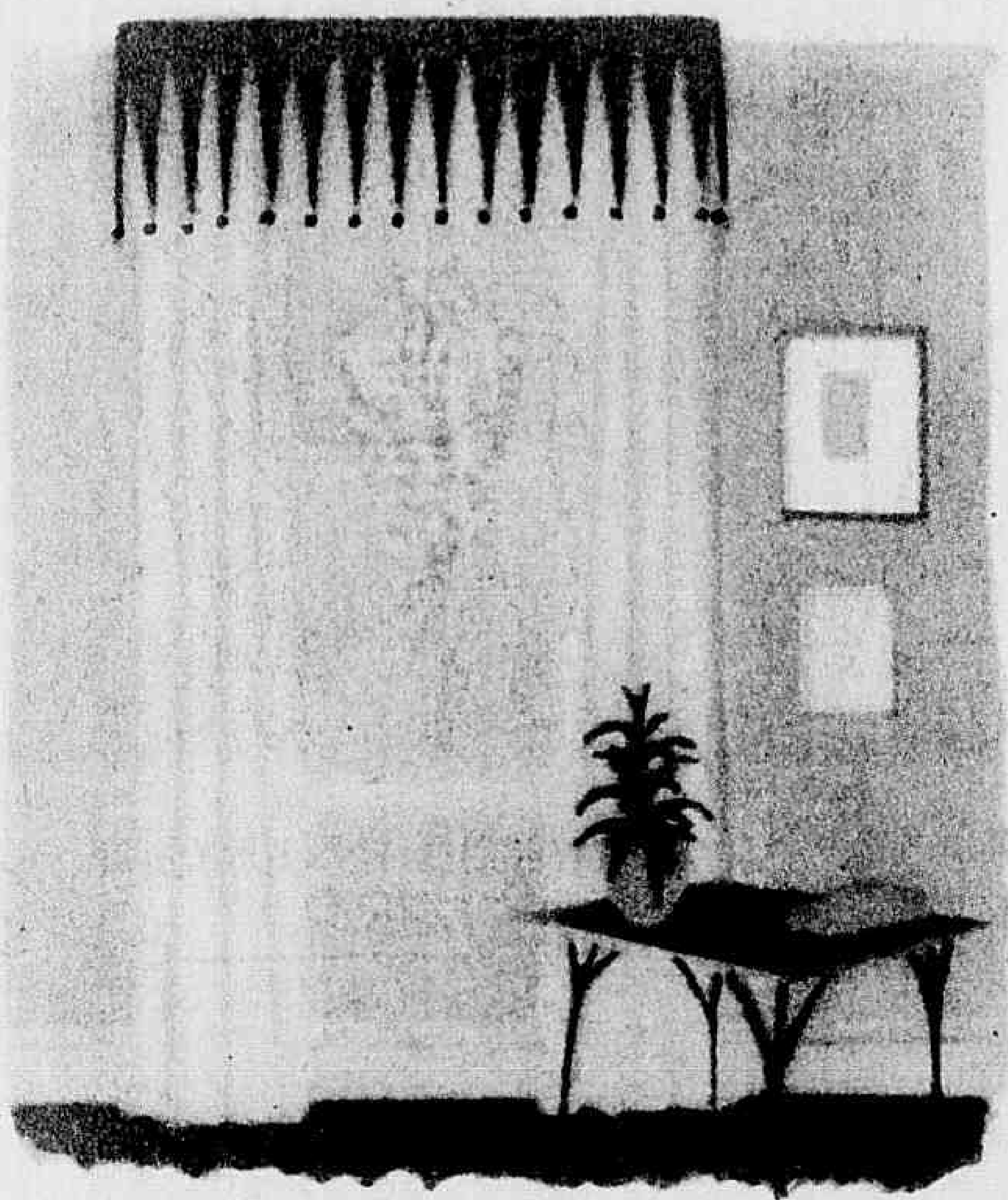
SEIS JANELAS COM CARÁTER

DÊ VAZAS À IMAGINAÇÃO E... CORTINAS BONITAS PARA A SUA RESIDÊNCIA!

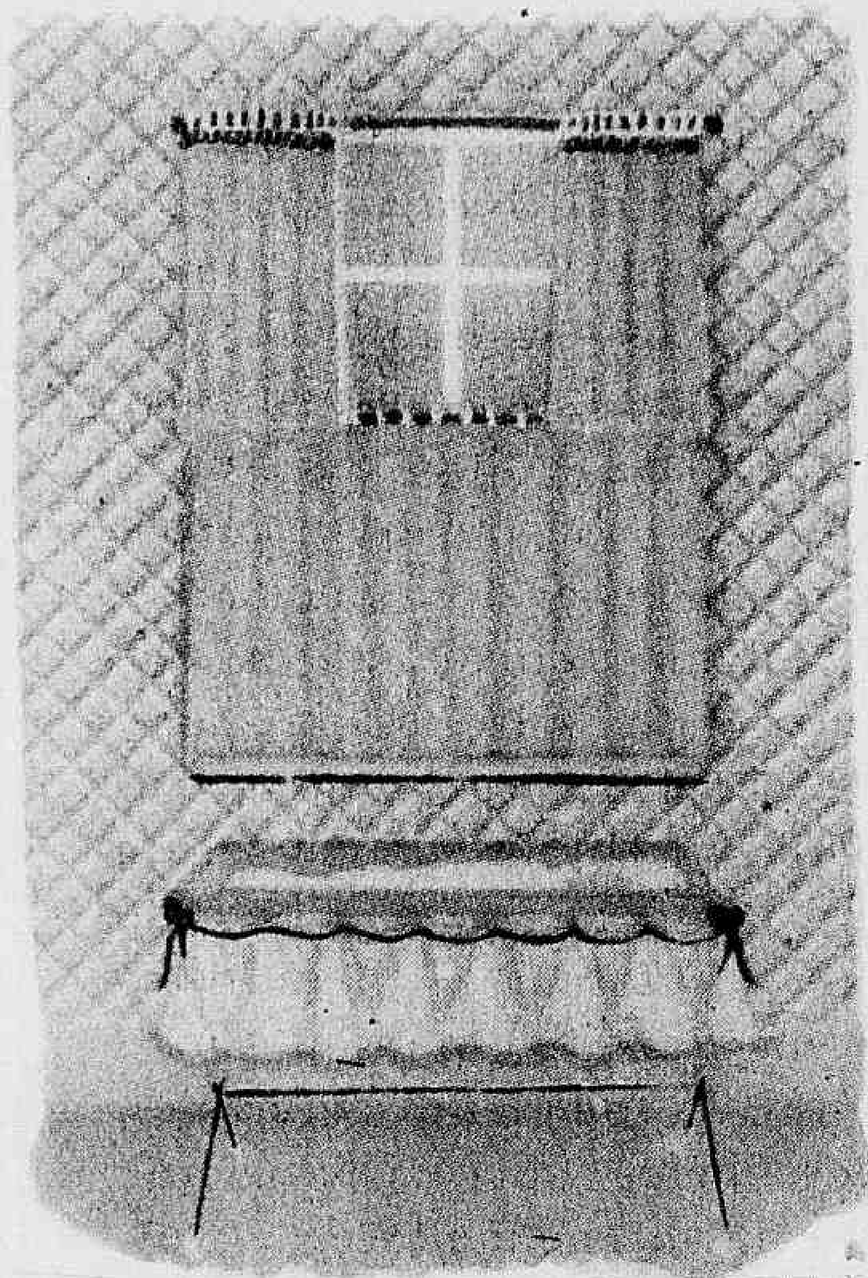
SE os olhos são as janelas da alma... as janelas são os olhos de uma casa e como tais merecem a maior atenção, pois que podem matar um ambiente da mesma forma que também podem ser a grande arma para se obter um conjunto agradável, com vantagens inúmeras para elegância de um interior, tornando-o ainda mais confortável. Temos, portanto, que



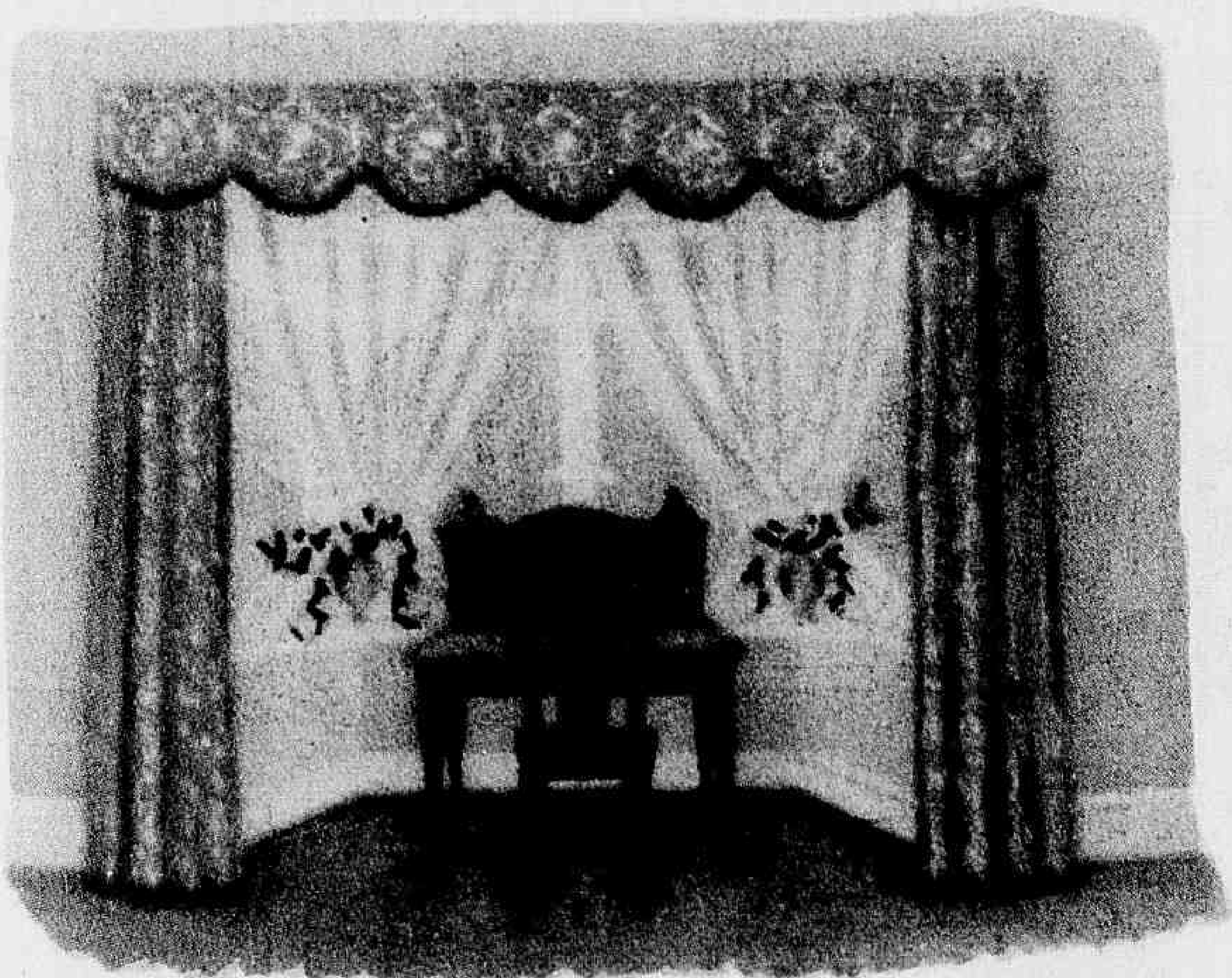
ORIGINALISSIMA: — O ornamento superior, verde brilhante e com pontas bem acentuadas, é o grande detalhe dessa cortina, onde as borlas vermelhas criam um ar de festa primaveril. Devem ser cortadas cuidadosamente, com um molde de papel.



BONITA E PRÁTICA: — *Os norte-americanos chamam êsse estilo de "cortina de restaurante". Podem controlar fàcilmente a luz e o vento, sem impedir que se cubra o panorama. É indicado para o dormitório dos bebês.*



PORTA E JANELA: Eis como aproveitar uma só cortina para porta e janela. Dá harmonia ao conjunto, sem prejuízo do bom funcionamento de uma ou de outra. A melhor luz é aproveitada para a mesinha, diante da janela.



LUZ E EXCELENTE "VISTA": — *Essa é a cortina ideal para o tipo de janela como acima. Tanto pode servir para uma pequena mesa de refeições quanto para uma elegante mesa de trabalho. Permite grande iuminação e uma agradável vista para o exterior.*

tratá-las com grande respeito e pensar na maneira de melhor aproveitá-las. Segundo a cortina que se venha a escolher, um quarto e uma sala podem tornar-se elegantes, simples, bonitos ou originais.

São inúmeras as variações e o uso livre de tecidos e côres pode variar tanto quanto o dos estilos. Não desanimem depressa. Pensem um pouquinho mais, ensaiem côres e feitios, selecionem os tons dramáticos, solenes, cálidos, brilhantes e procurem acomodá-los com o desenho.

Não; bem sabemos que não é fácil tarefa. Mas, afinal, o bom-gôsto é coisa que sempre acaba despontando, quando mais não seja com a ajuda de outras pessoas, cuja opinião sempre merece ser ouvida. Os detalhes de última hora, então, são verdadeiras "tábuas de salvação".

O que não devem permitir é que uma janela fique tristemente nua, fria e neutra num interior. Elas significam luz, e côr, graça, elegância e alegria.

EXEMPLAR ÚNICO

CINCO membros da Câmara dos Representantes, de Washington, foram recebidos em audiência pelo Papa. Entre os visitantes estava Thurmond Chatham, representante da Carolina do Norte. Quando chegou o momento de abençoar as medalhas, Chatham retirou apressadamente do bôlso o que acreditou ser um rosário e outros artigos religiosos, que trazia envoltos em papel e forrado com celofane. Quando o Sumo Pontífice pousou a mão sôbre o pequeno embrulho, descobriu, horrorizado, que me havia enganado de envoltório e oferecia para a bênção um simples maço de cigarros. Sua Santidade notou a situação ao ver a angústia no rosto do visitante e sorriu complacente, quando retirei os objetos realmente levados para receber a bênção papal.

Chatham conservou cuidadosamente o maço de cigarro que hoje tem em sua casa, numa pequena estante, colocada sob o retrato de Pio XII.

Êsse é o único maço de cigarro que recebeu uma bênção papel.



UM verdadeiro amigo é aquêle que continua a palestrar conosco, no portão de sua residência, embora neste momento tenha começado o seu programa favorito da televisão.



ASSUNTOS DE FAMÍLIA(Resposta da página 3) — 1 — Mãe e filho; 2 — Mãe e filha; 3 — Irmãos; 4 — Primos; 5 — Irmãos; 6 — Irmãos; 7 — Irmãs.

ESTA E'A MINHA "BABY" Por DONTOBIN



















MAGAZINE MENSAL ILUSTRADO. — CIENTIFICO ARTISTICO, HISTORICO E LITERARIO. FUNDADO EM 1917

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA, Diretor: Gratuliano Brito, redator-chefe: Mário Renato de Castro. Redação: Rua Visconde de Maranguape, 15, Rio de Janeiro. End. Tel.: «Revista». Telefones: Redação — 22-4447; Administração e Publicidade — 22-2550. Publicidade: — J. M. Costa Júnior, L. S. Guimarães, A. Mendes, S. Sant'Anna e A. Nobrega. Distribuição e venda em S. Paulo: Agência Zambardino, Rua Capitão Salomão, 69, tel.: 34-1569. Representantes: em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes de Melo, 34, 2dt., Lisboa. Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spano, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Inter-Prensa, Florida, 29, tel. 33, Avenida 9109, Buenos Aires. Número avulso em todo o Brasil — Cr$ 5,00. Número atrasado — Cr$ 6,00. Assinatura anual: Registrada — Para o Brasil: Cr$ 60,00; para o estrangeiro: Cr$ 100,00.

Uma questão de "Técnica"...



COM uma rápida freiada, Al encostou o automóvel diante do edifício de apartamentos. Empurrou o freio de mão e conferiu o relógio de pulso com o de parede.

— Bem — comentou êle — conseguimos! Riu abertamente.

"— Por momentos, pensei que nunca mais sairíamos daquela festa.

Parou e fitou a espôsa. Ela olhava para o automóvel parado à frente dêles, com uma expressão que Al considerou de indiferença e esquecimento quanto à sua partida, dentro de meia hora, para o aeroporto.

Conto de
GENE CARROLL

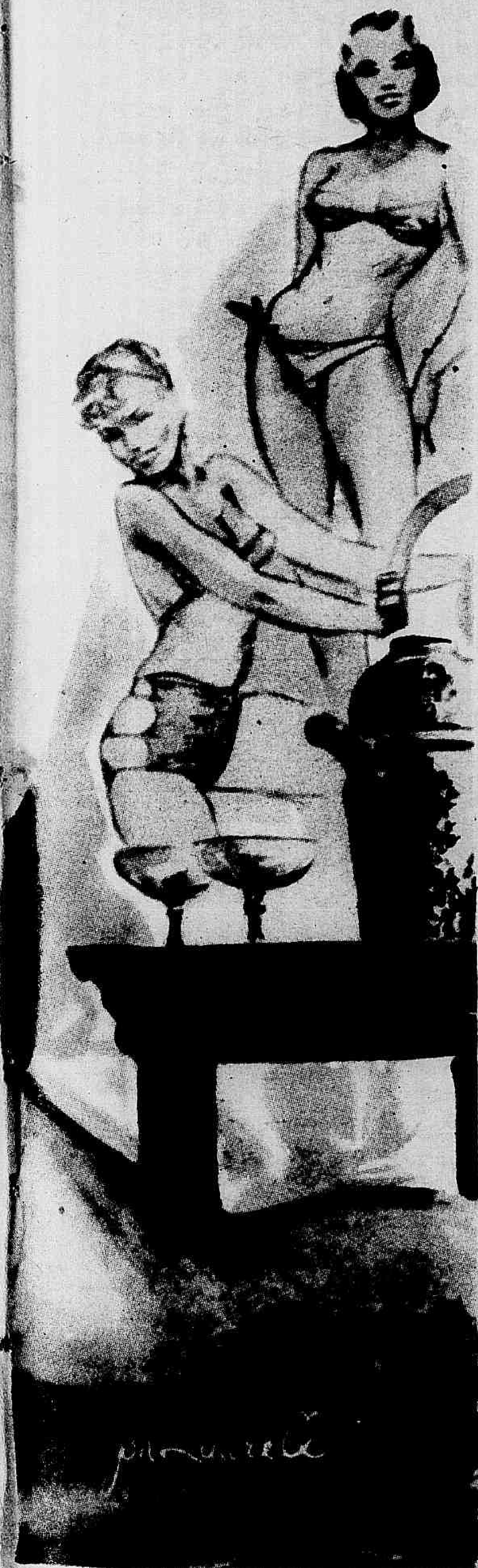
Tratou de desligar as luzes e o motor, colocou as chaves no bôlso, recostou-se e tentou de novo:

— Que festa! — disse, com ênfase. — Não posso me lembrar de maior aglomeração de maiôs. O fato é que...

— O fato é que os únicos maiôs que você viu, eram demasiado grandes para deixar que aquelas garôtas se queimassem onde deviam — falou Cynthia, friamente. Apanhou as luvas, que estavam no assento, a bôlsa, que pendurara no trinco da porta, colocou-os no colo e ajeitou os cabelos. Al amarrou a cara e começou a bater com os dedos no volante. Cynthia quase



não falara nas últimas duas horas. E isto, pela primeira vez, em quatro anos de casamento. Al se sentiu melindrado por êsse tratamento frio e silencioso. Sentia-se infeliz. De fato, não podia imaginar êle próprio embarcando no avião da meia-noite e percorrendo tôda a costa ocidental durante uma semana, com aquela briga na consciência. E não confiava nas técnicas geralmente recomendadas para se recuperar as "boas graças" de uma espôsa. Desta vez, Al comprendia que Cynthia teria que ser manobrada como a poeira que se varre das saias; com muito cuidado.



Consultou o relógio. Faltavam só trinta minutos para a partida. Deu uma olhada de soslaio para Cynthia. Um culpado jamais deveria apelar para os argumentos sórdidos — segundo ela sempre dizia — mas, apenas, para o bom-senso. Êle gostaria que pudessem sentar em algum lugar e debater o assunto, como *de homem para homem*. As coisas ficariam mais fáceis de explicar.

Tossiu para ajeitar a voz:

— Um cafèzinho — arriscou — não seria mau. (A voz dêle soava falso.)

— Não, obrigada — respondeu Cynthia, sem fitá-lo. — Muito menos, depois da sua grande festa desta noite. (A voz dela tremia.) A festa era sua, *não era?*... Ou foi a inauguração da nova piscina de Fieldson?

Al não conseguiu replicar. Curvou-se diante dela e abriu a porta. Ela contemplou o edifício alto, de pedra, baixou os olhos para o chão, saltou do veículo e, ultrapassando o porteiro, entrou no prédio.

Al bateu com violência a porta do automóvel e, no corredor, Cynthia se voltou para êle:

— As roupas de banho, Al — falou; e havia um acento frio em suas palavras. Êle fêz meia-volta e se encaminhou para o carro.

Com as roupas de banho sob o braço, Al abriu a porta do elevador; ambos entraram e êle apertou o botão correspondente ao seu apartamento.

Dois... Três... Quatro... O elevador zumbia discretamente, ao subir.

— Bem — disse Al, tentando aparentar fadiga. — Foi, realmente uma festa maçante!

Cynthia colocou a bôlsa ao redor de um braço e alisou o vestido branco. Não ergueu os olhos.

— Sapo grande em poça pequena... — retrucou, mordazmente.

Êle passou as roupas de banho para a outra mão e falou, sêcamente:

— Alguns dêles sabiam que eu batera uns recordes no tempo de colégio. Queriam que eu fôsse instrutor. Nada mais do que isto.

Cinco... Seis... Sete... Oito... A luzinha se locomovia no mostrador luminoso. Cynthia ergueu a mão.

— Por favor, não *me venha* com as histórias do time de natação, no colégio! Não quero saber o que você e o velho Frank Merriwell fizeram por Yale. — Olhou-o firmemente. — Estou interessada em suas atividades *fora da rotina*, como aconteceu hoje!

Al apanhou o lenço e enxugou a fronte.

— Algumas das instruções de hoje não constavam exatamente dos livros — admitiu, com relutância.

— Era o que eu suspeitava. Você podia ter dado mais natação e... menos *sentimento* àquelas tensas coisinhas.

— Ora! Na minha idade? — respondeu escandalizado e sorridente.

Nove... Dez... Onze... Doze... O elevador continuava.

— Lògicamente, o pessoal está pensando que você nunca foi a uma festa de natação.

Êle procurou dar uma entonação agradável à voz.

— Ora, isto não foi nada. Quando eu estava na Marinha, estacionei uma vez nas Ilhas Salomão...

— Eu não poderia imaginar um melhor local para você, esta noite, mas não me venha de novo com as histórias do Sul do Pacífico. É tarde e estou cansada.

Inclinou-se para trás, apoiando os cotovelos no corrimão do elevador.

— Aquela Mariana, a quem você deu uma aula tão longa, realmente parece uma nativa — disse, com frio tom de suspeita.

Quatorze... Quinze... Dezesseis... Dezessete. Al ficou um instante pensando por que êles não contavam o décimo terceiro andar... Não que êle fôsse supersticioso. Finalmente, falou:

— Você quer dizer... aquela garôta que Bill Adams levou?

— Sim — respondeu Cynthia, com firmeza — aquela garôta de roupão branco...

— De vestido de noiva — corrigiu êle.

— Mariana diz que é um vestido de noiva. Esperta, não é? Você sabe... eu penso que aquela garôta ambiciona ser um espetáculo.

— Um espetáculo, não... — disse Cynthia, sorrindo impiedosamente. — Uma palhaça! Isto, sim!

Dezoito... Dezenove... Vinte... Vinte e um... Os andares passavam, lentamente.

— Existirá diferença? — perguntou êle.

— Você deveria saber que as unhas de uma garôta realmente espetacular são bem cuidadas.

Êle sorriu.

— Isto não atinge a mim e sim a você.

Cynthia pareceu pensativa.

— Você não poderia ter percebido o detalhe, com Betty Jane também lá.

— Betty Jane?... Aquela com o maiô vermelho, de duas peças?

Vinte e dois... Vinte e três... Vinte e quatro... Vinte e cinco... O elevador subia, sem interrupções.

— Vermelho, não. Côr-de-abóbora. Às vêzes, penso que você é daltônico.

A voz dela se ergueu, então:

— Côr-de-abóbora!

Al ergueu os ombros.

— Lembro-me, agora, — e baixando a voz: — Ela estava com enchimentos — disse com voz sussurrante.

Cynthia se voltou ràpidamente.

— O que, Al... você notou?

— Hum, hum — retrucou êle. — E aquilo me decepcionou, palavra!

— É... — disse ela. — Betty Jane foi sempre uma garôta magrinha.

Vinte e seis... Vinte e sete... Vinte e oito... Vinte e nove... Trinta. O elevador parou, abrindo-se as portas, lentamente. Atravessando o corredor, Al abriu a porta do apartamento. Cynthia entrou, depositou a bôlsa em uma cadeira, enquanto êle fechava a porta.

Voltando-se, ela o encarou. Sua voz *esfriara* de novo.

— Al Tentrees; que me diz de Paula? Você passou muito tempo com ela, esta noite. Todos os nossos conhecidos dizem que ela é a mais tentadora e atraente garôta da cidade... Ou você não a notou?

Êle não titubeou:

— Ah, a garôta das pernas grossas.

Jogou as roupas de banho no chão. Recuou, analisando criticamente Cynthia, desde o chapéu vermelho até os sapatos de côr mesclada. Ela alisou o vestido, procurando ajustá-lo ao corpo. Al exclamou:

— As pernas dela são o dôbro das suas.

Ao responder, a voz dela se elevou:

— Falando desta maneira, até parece que Paula é horrivelmente gorda!

Sua voz se suavizou, um pouco:

— Mas aquêle maiô verde, sem listas, era lindo, não acha?... Quero dizer, muito provocante.

Êle ficou quieto, estudando a figura esguia da espôsa, cuidadosamente, olhando o colante vestido branco.

— *Nela*, não! — disse, com ênfase. — Só em você...

Parou, à procura de palavras.

— Ora, Al; isto é ridículo.

A voz dela se *degelara*. Encaminhou-se para o grande espelho que encimava a lareira, tirou o chapéu e penteou os cabelos.

— A maioria dos homens acha Paula bem feita.

— Talvez — admitiu êle, com ceticismo — mas eu nunca hei de saber por que as mais bonitas garôtas procedem como as mais tôlas.

Ela fungou.

— Você quer dizer que as mais tôlas garôtas, esta noite, eram as mais bonitas.

Al protestou.

— Não, eu não disse isto. (Sua voz se elevara.)

— Você sabe que disse. E não precisa gritar.

— Está bem — disse, baixando a voz. — Retifico minhas observações. Agora...

— Al! — interrompeu ela. Aproximou-se, fitou diretamente os olhos dêle... Sou mais tôla do que Mariana?

Al prendeu a respiração, ficou quieto um pouco e arriscou: — Sim.

— E do que Betty Jane?

— Claro!

— Paula, também?

— Sem comparação.

— Al, não faça caso da minha raiva de hoje. Agora, é que você me disse que eu fui a mais bela desta noite.

— Eu disse?...

— Certamente... você toma sempre o caminho mais longo para dizer as mais lindas coisas...

Al pestanejou, respirando fundo.

— Questão de técnica — disse para si mesmo. Sentiu, então, os cabelos dela encostados em seu rosto.

— "... e, antes da sua partida, teremos tempo para um cafèzinho? — perguntou Cynthia.

Segurou um braço dêle, fazendo descer a mão ao longo da manga do casaco até segurar a do marido. Encaminharam-se, depois, para a cozinha.

— Hum! — disse ela. — Foi realmente uma festa maçante.





UM GRACEJO BRITANICO

LEMOS num jornal londrino, sob o título «Horário de um Gabinete Francês».

Segunda-feira:	Conferência com os chefes dos partidos políticos.
Têrça-feira:	Formação do novo Gabinete.
Quarta-feira:	Primeiro reunião do novo Gabinete.
Quinta-feira:	Primeiras declarações do novo Gabinete.
Sexta-feira:	Suspensas as declarações da véspera.
Sábado:	Demissão do novo Gabinete.
Domingo:	Dia Festivo.
Segunda-feira:	Ver **supra**.



EXCELENTE MEDIDA

DURANTE a última Grande Guerra, um coronel inglês foi designado para outro pôsto. Ao ver a quantidade de documentos inúteis, acumulados pelos chefes anteriores, pede permissão ao Quartel-General para queimá-los. No dia seguinte, recebe um telegrama:

Queime-os, mas trate de tirar cópias primeiro.

RESOLVAM SEUS PROBLEMAS

LLANG Wang, distinto missionário chinês, percorreu tôda a Ásia, dando conferências e catequisando prosélitos com êxito notável. No entanto, em certo lugar, seu ajudante o informou que não se vendera um só exemplar dos Evangelhos, que levavam com tal propósito. Wang congregou de novo algum público, calculou o número de pessoas presentes e depois explicou que venderia o livro desde que se cumprissem condições: primeira: que ninguém pudesse comprar mais de um exemplar (não havia, de qualquer maneira, exemplares suficientes para que tocassem mais de um a cada assistente); segunda: que não seriam vendidos livros às crianças (havia número suficiente de adultos para adquirir a totalidade dos exemplares disponíveis e, terceira: quem não soubesse ler não poderia comprar qualquer exemplar. Ninguém quis confessar ignorância... e o missionário vendeu todos os livros que levara. — **Stuart Perry**, Wellington, Nova Zelândia.





SOU um homem sem premeditações e uma criatura rotineira. Apanho o trem elétrico das cinco e quarenta, leio dois jornais, paro no bar da estação (goma de mascar para Patty e balas para Ginny) e, lá pelas seis e vinte, estou tropeçando em patins, bicicletas, garrafas de refrescos e outras coisas que as minhas filhas resolveram deixar no meu caminho. Pouco depois, estou no saguão da casa anunciando que, se interessar a alguém, já me encontro em casa. Isto é puro cabotinismo.

Minhas filhas e a televisão entraram em comunhão. E, se arrisco algo mais longo do que um sussurrado "Alô, meninas", elas uivam um "Pelo amor de Deus, papai, estamos vendo a televisão". Como conheço quando sou indesejável, geralmente me esgueiro para a minha toca e espero humildemente que alguém me procure. Sei o meu lugar e nêle me mantenho.



Entretanto, nessa noite particular, também apanhei o trem elétrico das cinco e quarenta, li dois jornais, parei no bar da estação (goma de mascar para Patty, balas para Ginny) e, às seis e vinte, estava subindo a rua, em direção a casa. Preparado para a usual corrida de obstáculos, eis que não havia tropeços. Nada de bicicletas, patins e garrafas de refrescos. Atônito, apanhei a chave... mas a porta se abriu amplamente e lá estavam elas, alinhadas como em uma frisa.

— Alô, querido — disse minha espôsa, Ruthie.

— Alô, papai — chilrearam Ginny e Patty. E, antes de que eu pudesse responder à altura, a caçula, Patty, esticou uma gravata amarrotada (quinze dólares e minha predileta) e disse:

— Não vou mais usá-la como cinto, se você quiser. (Eu tentava recuperar aquela gravata, desde o Natal!).

Logo depois dêste comunicado, fui conduzido para o vestíbulo e solenemente abraçado.

— Eu trouxe bebidas e aquelas coisinhas que você aprecia quando trabalha em casa, anjo — murmurou Ruthie.

— E torradas e batatas fritas para o jantar — anunciou Ginny, pomposamente. — o que você adora!

Com essas novas ecoando no ouvido, fui escoltado até à minha toca. Houvera uma enorme mudança. Tinham sumido os objetos de sempre a amassada boneca de papelão, o prato do cachorro, a fôrma de bôlo. Agora, viam-se o manequim e a cesta de costura. Em contraste com a fria bebida que jazia na mesa, um fogo me queimava o coração. Uma porção daquelas "coisinhas" de que eu gosto, estavam em um prato e um par de chinelos se mantinha junto de minha cadeira.

— Ei, pessoal... — comecei, hesitante.

— Nós vamos ficar aqui mesmo e conversar com você — disse Patty. — Nem que percamos o nosso programa.

Limpei minha garganta, com ruído.

— Digam-me — comecei — isto não será demais para mim? Quero dizer, eu não me incomodo de ficar *entocado* aqui, depois de um dia de trabalho. Já estou acostumado...

Ruthie franziu levemente as sobrancelhas e disse:

— Não seja bôbo! Que há demais nisto?

— É o que eu estou procurando descobrir — falei, pensativamente. — Já sei que você jogou fora minha camisa de meia... As crianças querem aumento na mesada... Terão quebrado meu caniço de pesca? Ou você sofreu um pequeno acidente com o carro, *sem ter culpa*? Meus tacos de gôlfe! Vocês estiveram brincando com meus tacos de gôlfe?

— Não é nada disto! — disse friamente Ginny. — Não tocamos nos seus tacos de gôlfe desde que você nos encontrou jogando na calçada.

— Não lhe devolvi a gravata que usei como cinto? — ajuntou Patty.

— É verdade — reconheci.

— Tome a sua bebida e descanse — disse Ruthie.

Patty enfiou, sob o meu nariz, um prato de guloseimas.

— Tudo é para você. Tudo!

— Podem me enforcar e esquartejar — falei, escorregando para minha cadeira de braços. — Eu me rendo.

UM BEIJO DE NAMORADOS

Ruthie afagou meu rosto com mão fria, dizendo:

— Não é melhor assim?

— É... *sem graça*, mas é melhor — retruquei.

Ruthie sorriu amàvelmente. — "Agora, meninas, fiquem conversando com seu pai, enquanto eu vejo se o jantar está pronto."

Beijou-me e saiu deixando-me com o gim e as crianças. Mal a porta se fechou atrás dela, fuzilei com o olhar as meninas.

— Estamos sòzinhos, agora — rosnei — e, portanto, vamos acertas as contas. Que é que há por aqui?

Minha entonação inquisitorial não teve o efeito esperado.

— Você é muito desconfiado! Até parece que nunca fomos boazinhas com você! — declarou Patty.

— Não nasci ontem — respondi, com firmeza. — Já vi animais cevados para entrar na faca. Quando é que o teto vai cair? Podem dizer!

— Pelo amor de Deus! — disse Ginny. — Você não vai ficar preocupado assim, quando se acostumar.

— E a mamãe já decidiu, *de qualquer maneira*! — concluiu Patty, com aparente má-intenção.

Um arrepio percorreu minha espinha e indaguei, com voz trêmula:

— Decidiu o quê?

— Não temos permissão para contar! — retorquiu Ginny brandamente.

Puxei-as impetuosamente para mim.

— Escutem, meninas! Vocês querem mais um dólar por semana, de mesada? Eu dou! Lembram-se daquela vez em que sua mãe não queria deixar que vocês fôssem ao cinema? Não fui eu quem deixou? E, se não fôsse eu, você sabem que não poderiam ir ao circo? Agora, ajudem-me!

Uma leve sombra de simpatia se estampou em suas faces.

— Bem... — começou Patty.

— Jantar! — anunciou Ruthie neste instante.

Ergui-me e bloqueei a porta.

— Ninguém sai, antes de eu saber tudo!

— É melhor vir conosco — disse Patty, em tom amistoso, segurando minha mão e apertando-a. Foi então que percebi estar derrotado. Humildemente, acompanhei-as.

Não senti o impacto da pintura e da terebentina, senão quando me aproximei da sala de visitas.

— Isto é que não! — disse, segurando o umbral da porta. — Acendam a luz que eu quero ver com meus próprios olhos!

Ruthie veio correndo da sala de jantar.

— Agora, querido — balbuciou ela — controle-se!

Apertei o comutador e iluminei a sala. Era pior do que eu pensava! A mobília estava tôda amontoada no centro da sala e coberta por lençóis brancos. Farrapos do papel de parede pendiam aqui e ali e andaimes tinham sido levantados até o teto. Pontos caiados surgiam em certos trechos, como feridas abertas. Ferozmente, meus olhos percorreram o aposento e focalizaram os panoramas distantes.

Senti mãos me segurarem, mas me desvencilhei delas, e subi as escadas a correr, pulando três degraus de cada vez. A mesma coisa em tôda a parte! A mão insidiosa do decorador nada poupara! Espiei o banheiro e...

— Não é sagrado? — gemi, voltando, lentamente, para o saguão. Sentia-me abatido como uma meia molhada pendente do varal. Fitei a terrível trinca, lá em baixo.

— Sua torrada está esfriando — disse Patty, sugestivamente.

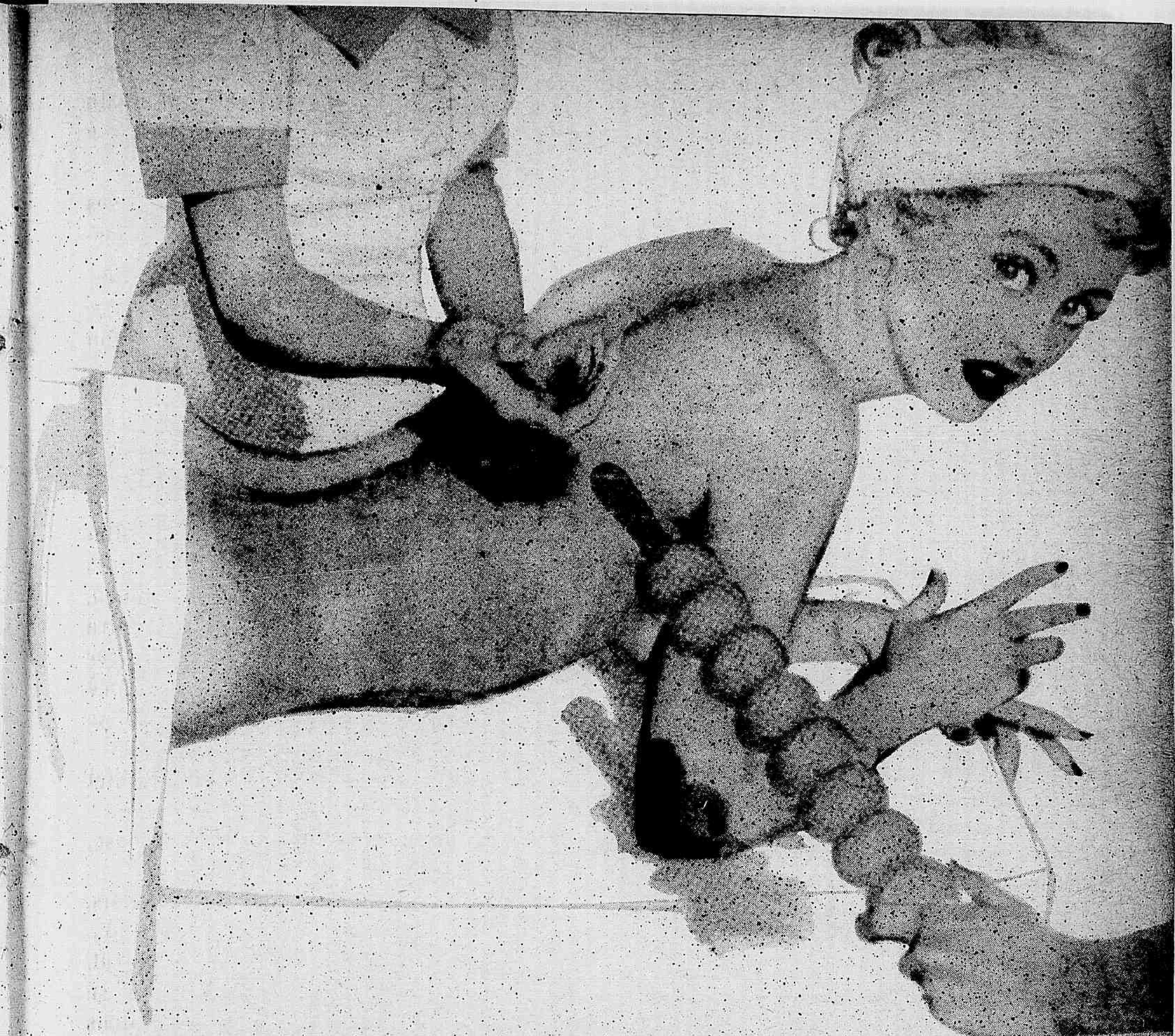
— Desça daí e explicarei tudo — falou Ruthie, em tom firme.

— Você não compreende... — murmurei, hesitante — que eu já paguei o impôsto de renda?

— A sala de visitas vai ficar côr-de-ouro e azul. E os quartos e o banheiro, vermelho vivo, mesmo a moldura do espelho — exclamou minha insensível caçula.

— Por que vocês não me deram um tiro quando eu cheguei? — disse eu, a choramingar.

— *Êles* vieram logo depois que você saiu para o trabalho, hoje — explicou Ginny. — Mas a mamãe mandou-os embora, antes da sua volta. Êles vão poupar a sua toca até que você tenha outro lugar aonde ficar.



Como se Ruthie não fôsse já bonita, uma equipe de massagistas e embelezadores a submetem a mil torturas...

— É claro que eu tenho aonde ficar: o asilo de mendigos!

— Desça daí e ouça! — intimou Ruthie. Implacável, exclamei:

— Quanto? Quero saber daqui mesmo. Depois, rolarei a escada!

— Muito bem. Nenhum centavo! — retorquiu Ruthie, triunfante.

— Vamos fazer o quê? — perguntei.

— Cortar a cabeça das crianças e mandá-la para algum lugar? O que você quer dizer com "nenhum centavo"?



— Vamos ter uma casa-modêlo, com quadros! — disse Ginny.

— Garôtas! — interrompeu Ruthie. — Nem mais uma palavra! Quando seu pai resolver descer a escada e discutir ajuizadamente, contaremos tudo a êle.

As três se afastaram, como num movimento de palco.

— Já vou, já vou — gemi, seguindo-as até a sala de jantar.

— Procure comer alguma coisa — propôs Ruthie, partindo a carne assada.

— Ficará melhor quando o estômago não estiver mais vazio, querido — começou ela, logo que me serviu e eu dei início à refeição. Seus olhos brilhavam. — É a coisa mais emocionante que se possa imaginar. Você sabe como eu estava ansiosa para reformar a casa.

— Ouvi falar — respondi, reticente.

UM BEIJO DE NAMORADOS

— Bem, você deu sempre o contra e eu não sabia como encontrar uma solução. Hoje, então, *êles* vieram. (Cruzou impetuosamente as mãos). Disseram que nós somos a família ideal da classe média. Temos o número ideal de filhos! No grupo correspondente a nossas idade e renda, somos perfeitos *para êles*.

— Êles disseram isto? — indaguei, momentâneamente lisonjeado.

— E mandaram Mr. Ainsley para fazer uma experiência.

— Muito hábil. Mas, *quem são êles*? Quem é que acha que nós somos notáveis para nossa idade e renda? Quem é Mr. Ainsley e por que veio à minha casa arrancar a pintura das paredes, enquanto estou fora, ganhando a renda ideal para minha idade e minhas filhas?

— Você está-se excitando! — sentenciou Ruthie, friamente. — É um projeto perfeitamente sério. No mês passado, êles tiveram uma família a que deram o nome de "Amáveis Anderson". Êle é diretor de publicidade das "Máquinas de Lavar — Walter". Têm dez filhos e uma casa de pedra, remodelada.

— Parecem muito amáveis, realmente, mas isto não clareia as águas turvas — ponderei. — Quem está pagando para decorar esta casa e por quê?

— Estou tentando explicar... É a "Companhia Lares Felizes". Todos os anos, êles procuram um lar e uma família apropriados para modêlo durante a sua convenção. É para mostrar como trabalha e vive uma família equipada e aconselhada pelo pessoal das "Lares Felizes". Êles fornecem os seus produtos para nossa casa e fazem úteis sugestões relativas às nossas roupas, saúde, despesas, etc.

— Compreendo. Os "Amáveis Anderson" serão seguidos por nós, os *Suaves Bancroft*! Você quer dizer que um sujeito qualquer vai bisbilhotar o que nós fazemos e, em troca, prestarão favores como o de desentupir canos, etc.?

Ruthie empurrou o prato para longe e disse, pausadamente:

— Mr. Ainsley é um rapaz cortês, cheio de tato, agradável e *de muitas qualidades*. É formado em sociologia pela Universidade de Columbia!

— E se parece com Jeff Chandler! — avisou Ginny.

— Centenas de famílias já fizeram isto — explicou Ruthie. — Todos os anos é escolhida uma em cada cidade do País.

— Mr. Ainsley perguntou quantas vêzes vamos ao dentista, por ano, e quanto recebemos de mesada — informou Patty. — E, amanhã, vai perguntar mais coisas.

— Quer conhecer você — afirmou Ruthie, com firmeza.

— Você contou a êle que eu gosto de jogar gôlfe, aos sábados?

— Êle vai almoçar conosco.

— Aguardo-o ansiosamente!

— Meninas! — disse Ruthie, sùbitamente. — Vão ver televisão. (E depois que ambas tinham se retirado:) — Ouça, meu bem: (aproximou de mim a cadeira em que estava sentada) Eu *não podia* dizer tudo. Eu sabia que, se eu pedisse, você recusaria; mas isto não é coisa que se tenha que esconder, não acha?

Falara tão francamente, que me achei repulsivo.

— É... acho que não... — disse, mordendo os lábios..

Na manhã seguinte, tivemos pastéis, bolinhos de bacalhau, geléia de morango... e Peter Ainsley, para o almôço. Em geral, não me barbeio aos sábados. Ainsley se barbeara. Em geral, uso velhas calças rústicas e uma camisa olímpica tipo Marlon Brando. Ainsley envergava um terno de casimira, mantendo à mostra, em um de seus bolsos, um cachimbo. Não vou ao cinema, porém, sendo esta a aparência de Jeff Chandler, êle não deve ter preocupações. Apertamo-nos as mãos.

Ainsley examinou-me, atentamente, dos pés à cabeça.

— Importa-se que nos sentemos aqui mesmo? — perguntou êle, calorosamente.

— Não, faça o favor... — respondi, com cautela.

— Mrs. Bancroft contou-me alguma coisa sôbre ela mesma, porém eu desejava umas poucas informações sôbre o senhor, caso isto não o aborreça.



Empunhava nesse instante um pequeno caderno de notas.

— Podem conversar à vontade — disse Ruthie. — Vou lavar a roupa.

— Não engome as minhas camisas — pedi e esperei que ela se fôsse. — Meu caro Ainsley — falei, então, procurando manter uma entonação agradável — ainda não sei até onde você quer chegar, com estas coisas.

— Somos perfeitos, sr. Bancroft — respondeu êle. — Talvez pense que estamos metendo o nariz nos seus negócios, mas eu lhe digo que temos que ser bisbilhoteiros. Compreenda o seguinte: a Companhia "Lares Felizes" escolheu o senhor, sua espôsa e filhas como a *família-modêlo*. Sua casa será ventilada por nossas seções de vendas, publicidade e informações, tornando-se do domínio público. É preciso que tenham atestado de saúde. Então traçarei um quadro completo sôbre todos os daqui: passatempos, ideais, como, quando e onde é gasto o seu dinheiro, trabalhos, etc.

Agora, êle estava «cercado». Teve que contar a história e...

— Trabalhos — repeti, sombriamente.

Ainsley recostou-se e ficou pensativo.

— Talvez tenha lido sôbre as nossas atividades com Ed Anderson e família, no ano passado, em Philly. Ótima pessoa! Organizamos as despesas dêle, eliminando tôda aquela quantidade de cerveja que êle

bebia. Mostramos-lhe que trinta centavos por dia, eram cento e nove dólares e cinquenta centavos por ano, e êle nos deu logo razão. Calculamos que êle desperdiçava quinze minutos por dia só para beber aquela cerveja. Agora, êle está usando êsse tempo para instalar nosso tipo de "kitchnette", desenhado para Helga, isto é, Mrs. Anderson. São, como vê, pequeninas coisas, mas, às vêzes, um exame de nossa maneira de viver, ajuda muito. Quais são os seus passatempos, sr. Bancroft?

— Nenhum — rosnei. (Êle escreveu qualquer coisa no livrinho.)

— Qual é o seu alfaiate?

— Só compro roupas feitas! — sibilei. (Êle escreveu mais um pouco.)



— Vou lhe dizer o que gostamos de fazer. Neste fim de semana, anotaremos o seu "modus-vivendi" familiar, que incluirá as ações de Mrs. Bancroft aos domingos, divertimentos de família, atividades religiosas. Talvez possam receber algumas visitas no sábado, à noite. Agora, os hábitos rotinenros... Segunda-feira, eu gostaria que passássemos o dia juntos. Examinaria o seu trabalho diário, possìvelmente também as suas despesas.

— Segunda-feira é um dia cheio — falei, evasivamente.

— Têrça-feira?

— Ocupado.

— Quarta, quinta, sexta? Diga quando.

— Francamente, parece que a semana está tôda tomada.

Ainsley amarrou a cara.

— Já encontrei um caso assim, uma vez — disse êle, friamente. — Tínhamos planejado usar os "Amistosos Forester". Êles possuíam uma bela casa, em Seattle, própria para modêlo da nossa convenção da Costa do Pacífico. No entanto, descobrimos que êle levava uma dupla vida. Mantinha uma segunda família no lado oposto da cidade. Agora vai cumprir uma pena de três a cinco anos de cadeia, por bigamia.

— Não há nada disto, comigo — retorqui, empalidecendo. — Acho que segunda-feira estará bem.

Mas faltava muito tempo ainda para segunda-feira. Ainsley trouxe fotógrafos para casa e durante dois dias êles nos acompanharam como radar. Joguei gôlfe, cortei-me ao fazer a barba e fui fotografado até brincando com as meninas. Excetuando o momento de um retrato de tôda a família, tirado na varanda, não enxerguei sequer a sombra de Ruthie. Uma equipe de embelezadores estava se ocupando dela, segundo a teoria de que uma mulher de trinta e sete anos de idade precisava de ocupar-se com isto nas dezesseis horas úteis do dia. Até as garôtas se viram afetadas. Elas, usualmente ficavam enterradas, durante o fim-de-semana, na sala de visitas, assistindo à televisão. Ainsley achou que havia algo de doentio nisto e aconselhou jogos ao ar livre.

— Não podemos nos esquecer do público! — disse-me Ainsley. — Crianças desta idade, geralmente, brincam em grupos.

— Elas assistem a bons filmes — ponderei dèbilmente.

— Quero que compreenda, Mr. Bancroft. O que procuramos *aqui*, é uma típica família americana, saudável, feliz e amiga do lar. Uma tal família ama o lar, porque êle é equipado com o material de "Lares Felizes". Nada queremos de exaustivo ou excepcional. Veja os Anderson. Iam todos ao ofício religioso e perfaziam seus deveres domésticos. Que matéria-prima! Grande! As garôtas, na cozinha, ajudando Helga, com panelas de "Lares Felizes", e os homens em volta! Muito tocante tudo aquilo.

— Eu gostaria de ajudá-lo — falei — mas as garôtas vão para a escola. Sabe como é isso...

Êle abanou a cabeça, expressando aborrecimento, e disse:

Daremos um jeito; mas a iniciativa será sua. Estarei no seu escritório, às nove em ponto.

Nunca chego antes de dez e vinte — murmurei e acrescentei, tentando uma desculpa: herdei o negócio, sabe?

(*Continua na página* 115)



DESVENDANDO A MAIOR MISTIFICAÇÃO DO MUNDO!



A história íntima da maior mistificação do mundo pode ser agora revelada. Aqui está o truque da "corda indiana",— ambicionando desesperadamente poder deslindar o seu segrêdo.

Êsse milagre do Oriente tem sido descrito nos seus mínimos detalhes através de inúmeras obras literárias. Proporcionou à Índia mais publicidade do que tôdas as maravilhas de seus santos juntas e deu àquela fabulosa terra a reputação de ser a pátria da magia e do mistério. Alguém, na Índia, conhecia o *truque da corda*. Assim pensando, um repórter norte-americano decidiu tentar descobrir êsse alguém e roubar-lhe o segrêdo. Dormiria em camas de gravetos ou nadaria no Ganges se tal esfôrço fôsse necessário, mas, existindo o truque, queria vêlo.

Um obstáculo, porém, bloqueava seus esforços. Todos aquêles que encontrava jamais tinham testemunhado o truque ou sabiam onde poderia ser assistido. Jornalistas indianos, funcionários públicos, educadores, líderes religiosos e até "jadu wallahs" (mágicos) de Calcutá, aos quais procurou, encolheram os ombros e declararam, textualmente: — *"Não podemos ajudá-lo"*.

Estavam todos, porém, de acôrdo quanto ao fato dessa *ilusão* acaba com tôdas as outras. A mais dramática descrição foi fornecida pelo major Harry Waters, um bem-informado morador de Calcutá, o qual passara na Índia vários anos, servindo ao Exército Britânico.

— Saiba — disse êle — que nunca assisti ao truque. Dizem, entretanto, que obedece à seguinte regra. Um *mágico* nativo, ostentando turbante e uma túnica frouxa, de linho, apanha um rôlo de resistente corda e, com um rápido e seguro movimento, suspende uma das pontas. Conquanto uma extremidade da corda permaneça no solo, o resto do rôlo fica vibrando verticalmente, voltado para o céu, e assim fica em rígida posição. Outro comando do mágico e a corda começa a se esticar, esticar, esticar, retorcendo-se em direção ao alto até a ponta mais distante desaparecer no céu. Não há fios ou imãs que a sustenham no ar. Ao que parece, a corda esqueceu tudo que concerne à existência da gravidade.

Mas o mais espantoso ainda não começou — prosseguiu Waters. — Um rapaz nativo, vestindo tanga, aproxima-se do mágico e, com um pulo ágil, começa a subir pela corda, palmo a palmo. Com a agilidade de um macaco, necessita de pouco tempo para chegar até um ponto em que desapareça nas nuvens!

"Embora o truque tenha alcançado o ápice, o "jaduwallah" grita uma ordem imperativa para o assistente, lá no alto. Nada acontece. O executante se encoleriza.

"Outra ordem para o rapaz invisível: "Desça!" Êle não obedece!

"Furioso, o "jaduwallah" coloca uma faca no cinto e sobe pela corda, logo desaperecendo, também, no céu. O auditório agrupado em baixo, em volta da corda balouçante, aguarda o que sucederá. A demora não é grande."

"É evidente que uma violenta disputa está tendo lugar entre o mágico e seu assistente. Insultos são ouvidos, logo seguidos pelo som de golpes. Para o horror dos espectadores, pedaços do corpo do rapaz começam a chover sôbre êles. Pernas, braços, cabeça e tronco jazem abandonados no solo. A platéia, atônita, observa o mágico deslizar corda abaixo. O punhal, gotejando sangue, ainda está na sua mão."

"Chegando ao chão, o "jaduwallah" limpa em silêncio a lâmina e torna a guardá-la na cintura. Recolhe, então, os pedaços do corpo de seu assistente e, amontoando-os em uma pilha macabra, cobre-os com um pano esfarrapado."

"O mágico pricipia, então, a murmurar *encantamentos* incompreensíveis, mesmo para os nativos agrupados ao seu redor. Faz *passes* sôbre os destroços humanos — e, ao puxar a coberta, deixa o público estupefato ao verificar que as partes mutiladas dasapareceram. O chão está limpo! Com um grito alegre, o rapaz, muito vivo, atravessa aos pulos o círculo de espectadores e se junta ao *mágico*."

Mas o repórter ponderou:

— O que está errado em tudo isto é que, embora a mente humana tenha concebido o fato, ninguém o estendeu.

— Isto parece verdade, mas quem pode assegurar? — replicou o major. — Evidentemente deve haver um truque... em algum momento!

"Cérebros engenhosos têm procurado dar explicações para essa ilusão; infelizmente, tôdas rivalizam em ingenuidade com o próprio truque."

— Por exemplo...

— Há duas hipóteses que merecem atenção. Tenho em casa um maço de documentos que consegui reunir no espaço de quinze anos. Englobam todo o material básico e tôdas as descrições das chamadas "testemunhas oculares" que pude encontrar.

O repórter pediu e obteve essa papelada e, assim preparado, esperou o dia em que pudesse fazer viagem à Índia e, depois de uma investigação local satisfatória, desferir um *golpe de morte* na "mágica". A primeira solução sugerida é conhecida apenas por um punhado de pessoas. Foi emitida por um homem que diz haver um seu parente afastado, holandês, visto, certa vez (ou imaginado ver) o ato da corda. A testemunha alegava que o mágico sutilmente lhe dera alguma droga e que acabou vendo, apenas... *alucinações*.

Descobriu isto ao voltar à presença do levantador de corda, dias mais tarde, e pedir-lhe a repetição do truque. Depois de concordar em pagar uma vultosa quantia pelo privilégio, o holandês reparou algo que lhe escapara anteriormente.

— Agora, sei por que os mágicos não repetem um truque diante da platéia — exclamou o major Waters. — Se o fizerem podem falhar lamentàvelmente.

— Exatamente — concordou o repórter. — Neste caso, o "jaduwallah" acendeu fogo em dois braseiros, que se localizavam dos lados da corda enrolada. Um arbusto nativo lançado em cada um, começou a provocar crescente quantidade de fumaça. O holandês sentiu a cabeça um pouco *leve*, porque a fumaça ia em sua direção; mas não deu importância ao fato.

"Logo a seguir, todo o truque da corda indiana estava sendo reconstituído diante dos seus olhos. Agora, porém, nosso amigo sabia o segrêdo do que estava vendo. A fumaça o embriagara a ponto de aceitar quaisquer sugestões".

"O mágico havia descoberto um misterioso arbusto nativo, que, ao ser queimado, desprendia vapores narcóticos, capazes de criar alucinações na mente do espectador. Êsse arbusto era semelhante ao da maconha.

"A segunda explicação, que obteve ampla repercussão entre os observadores do mundo inteiro, classifica o mágico indu como um notável hipnotizador, que não necessita de meios artificiais para colocar a platéia sob o seu domínio. Alguns *passes*, a ajuda da voz... e os espectadores ficam hipnotizados. Fascinados, imaginam ver um menino subir pela



corda, ouvem a "luta" *nas nuvens*, horrorizam-se quando os pedaços do corpo caem à terra e se regozijam quando o assistente é ressuscitado. Um caso de hipnotismo em massa!"

— Mas — dirá o leitor — alguém já provou esta teoria?

Alguns viajantes declaram haver tirado instantâneos durante o espetáculo, no *ponto mais sangrento*, estando o encantador desprevenido; e o resultado foi nulo. Uma fotografia mostrou o "jaduwallah" e seu assistente sentados confortàvelmente no chão, ao lado do rôlo de corda, conversando! Entretanto, naquele momento, o fotógrafo julgou que estava colhendo um instantâneo do mágico... *catando as partes separadas do corpo do rapaz!*

O ponto fraco destas suposições, o que destrói qualquer mérito que elas possam ter, está na ineficácia dos métodos, caso êles fôssem verdadeiramente utilizados. Tanto o mais escrupuloso emprêgo de fumaça de arbustos, como o poder do melhor hipnotizador, não poderia produzir uma alucinação coletiva ou o hipnotismo em massa. Neste particular, tôdas as autoridades médicas estão de acôrdo."

Mas é concebível que uma pequena percentagem dos espectadores pudesse ficar hipnotizada e acreditar que o truque está sendo realizado. Outros espectadores permaneceriam, porém, incólumes e, mesmo aborrecidos, por nada verem; êste grupo em pouco tempo quebraria o *encanto* dos que estivessem hipnotizados.

O ponto capital é êste: não se encontra testemunha de confiança que haja visto o truque, fôsse sob hipnotismo ou não!

Decidiu o repórter, teimoso, completar a sua proposição, que era a de solucionar o problema da existência ou não do truque da corda. Por meio de cartas, telefonemas ou visitas, procurou quase todos os tipos imagináveis de pessoas que poderiam fornecer alguma informação. Suas indagações foram em vão.

omo um final e supremo esfôrço, entrou em entendimento com um jornal de boa circulação, o "Star of India", para a publicação de um anúncio, de duas colunas de largura e seis polegadas de comprimento, com a mais polpuda remuneração que já foi apreciada pela exibição de um truque — *oito mil dólares*! Muitos milhares de pessoas, em tôda a Índia oriental, iam ler a proposta.

O jornal saiu à rua no fim da tarde. Passaram três horas. Muitos cidadãos desfilaram pelo vestíbulo do hotel, mas nenhum era "jaduwallah", e ninguém se aproximou para ao menos indicar o nome de qualquer pessoa que alegasse ter visto o truque!

Harry Waters aguardava o retôrno do repórter. E quando êste entrou em seu escritório, perguntou:

— Estou diante de um fracassado ou de um estudante premiado?

— Isto será possível saber definitivamente muito breve! — respondeu o colega. — Duvido, porém, que apareçam quaisquer pistas nas próximas semanas. Agora, estou convencido de que o truque da corda indiana é a maior mistificação dêste mundo. Minhas observações indicam que tudo não passa de uma lenda tão antiga quanto o mais decrépito dos contos de fadas. Sua verdadeira origem está em uma fábula que segue um molde comum ao folclore de muitos países. É simplesmente uma outra versão da nossa história infantil do "João e o talo de feijão".



Faquir da mais alta classe, enterrado de cabeça no solo, posição essa em que se mantém durante semanas inteiras, sempre com a mão estendida, pedindo esmolas.

"Um feijãozinho produziu um talo (como todos devem recordar), o qual alcançou o céu. João subiu por êle até desaparecer de vista e emprendeu suas

excitantes aventuras no céu. Índios do sudoeste dos Estados Unidos têm uma lenda parecida. Falam de um caule de milho que surgiu no centro de um vulcão, proporcionando à tribo uma chance de emergir da primitiva pátria, no centro da Terra, e conhecer melhores locais de acampamento no mundo exterior.

No Oriente, alguns chineses têm uma lenda relativa a um grão de arroz que brotou e cresceu até a extremidade superior se perder nas nuvens. Não há, na Índia, quem leve muito a sério a história do *truque da corda*. Por que os estrangeiros ficam tão excitados com isto, se não acreditam na *historieta* do "João e o talo de feijão"?

Incoerência! Há, entretanto, duas explicações. O leitor poderá escolher uma delas. A primeira, é que as pessoas imaginam sempre que os campos longínquos são mais verdes — e que há mais mistérios à distância do que na própria pátria. A segunda, é que desejamos secretamente que ao menos um dos contos de fadas de nossa infância tenha alguma validade, em algum lugar. Por isto pensamos que, na Índia, país distante e quase desconhecido, isto pode acontecer.

★ ★

COM CERTEZA!

UM francês procura provar a um norte-americano que Adão era francês. O outro, depois de ouvir pacientemente as explicações do outro, que as reforçava com as gesticulações de um verdadeiro gaulês. Finalmente, com o rosto muito sério, comenta:

— Excelente. Mas, a julgar pela rapidez de sua queda, devia ser algum de seus Primeiros Ministros...



GOVERNO E "GOVERNO"

UM menino húngaro, cujos pais conseguiram furar a cortina-de-ferro, chega à Holanda e fica maravilhado ao ver a quantidade de comida que há nos hotéis e as vitrinas das mercearias, tôdas bem sortidas. Diante de tal alarde de fartura, pergunta:

— Mamãe, mamãe... Na Holanda não há govêrno?



UM homem está celebrando os seus 105 anos de vida. Os jornalistas o cercam com perguntas e um dêles indaga a que o felizardo atribui sua longevidade.

— Vou dizer — responde o velhote. — Estão os senhores lembrados do assassinato de Pedro Silva? Pois atribuo a minha longevidade simplesmente ao fato da polícia não haver descoberto nunca o assassino.

CÃO COPEIRO...



QUANDO Ferdinand Hatzinger, mineiro de 48 anos de idade, residente em Munich, Alemanha, ficou viúvo, há sete anos, um amigo achou que o mesmo precisava de um companheiro e presenteou-o com um cão alsaciano, chamado Sepp. Os dois se tornaram inseparáveis e um dia Hatzinger, por brincadeira, colocou um copo de cerveja sôbre o focinho do animal... e descobriu que Sepp podia equilibrá-lo. Agora, com 3 anos, Sepp ajuda Hatzinger nos serviços caseiros, transportando café até para quatro pessoas.

É CEGO, O AMOR?

CONTRA o que afirma o dito popular, o amor não é cego; pelo menos o amor duradouro. A Dra. Rosalind Dymond, da Universidade de Chicago, submeteu um questionário a 17 casais que tinham, em média, dez anos de casados. Cada pessoa tinha que responder às perguntas por si mesma e também tratando de adivinhar as respostas de seu cônjuge. Oito dos casais viviam bem; os outros nove não eram felizes. Pois bem, os oito casais felizes predisseram com mais exatidão as respostas de seus respectivos cônjuges, que os do outro grupo. A Dra. Dymond chega à conclusão de que quanto melhor se compreendem marido e mulher, tanto mais se amam, ou, em outras palavras, que o verdadeiro amor não provém da cegueira ou a ignorância recíprocas.



O funcionário de uma pequena localidade francesa, tendo encontrado certo número de notas falsas, telegrafa imediatamente à repartição central, em Paris, pedindo instruções.

Respondem ordenando que envie o dinheiro, pela volta do correio.

Tempos depois, nada tendo recebido, Paris envia outro telegrama insistindo na remessa do dinheiro.

Imediatamente o funcionário telegrafa, avisando:

— «Dinheiro falsificado enviado há três semanas, por cheque de número tal.»

AS ENFERMIDADES DOS RINS

OS CÁLCULOS

DESCIDA DRAMÁTICA DE UM "CÁLCULO" — Um homem de boa saúde é repentinamente assaltado por dor violenta e inesperada, localizada na região lombar e descendo até ao baixo-ventre. Essa dor atinge proporções extremas. O enfêrmo, numa tentativa de obter melhoria, curva o corpo para a frente. Mas não encontra alívio. Verifica, também, que durante tôda a crise, as urinas se tornam raras. Algumas vêzes, chegam a ser completamente suprimidas.

O enfêrmo vomita. O rosto se mostra pálido, coberto de suores. Ao mesmo tempo o pulso enfraquece, mostrando-se, porém, rápido. Algumas vêzes um pouco de febre se soma a todos êsses sinais.

A duração da crise é variável. Pode durar algumas horas ou alguns dias. O característico é que passa bruscamente, da mesma forma como surgiu. Nos dias seguintes, finalmente, o enfêrmo expele uma ou duas pequenas "pedras", no ato de urinar.

Essa é uma crise típica de *cólica nefrítica*.

QUAL O MOTIVO DESSA "CÓLICA"? — Uma pequena concreção mineral, uma *pedra* se formara no rim. Por uma razão qualquer (e totalmente banal), essa *pedra* se soltou e foi enviada para a uretra, que assegura a eliminação da urina.

É a sua passagem ao longo da uretra o que provoca a crise de dores, dado que a "pedra", "risca" a fina e delicada mucosa que cobre o interior do conduto urinário.

Alguns doentes têm, em tôda a vida, uma única dessas crises de cólica nefrítica. O fato, infelizmente, é raro. Em geral, as dores se renovam a intervalos regulares, e numerosos cálculos são expelidos sucessivamente.



OS CALCULOS DO RIM — O cálculo se forma no cálice (C) do rim, isto é: nos canais encarregados de recolher a urina. Alguns cálculos podem também formar-se na substância renal (sombreada). Dali o cálculo passa para o basinete (B) onde aumenta de volume. Acaba por ser evacuado na urętra (U). A passagem do cálculo no canal mais estreito provoca cólica nefrítica.

OS CÁLCULOS FIXOS — Porém essas "pedras", que se formam no rim sob diferentes influências, nem sempre emigram na uretra. Quando ficam *no lugar*, podem também provocar dores, embora estas sejam diferentes.

No caso mais favorável, o doente sente pontadas, às vêzes uma "dorzinha en-

joada" e contínua na região do rim enfêrmo. Essas dores se reproduzem por crises, a intervalos irregulares, mas sempre no mesmo local, o que se explica fàcilmente. Outros enfermos sofrem, ao contrário, pequenas crises. Dores vivas lhes arrancam, então, gritos de desespêro. Curvam o tronco, para a frente e para o lado, procurando escapar ao tormento.

Essas crises de dores sobrevêm, em geral, após uma caminhada, uma prática de equitação, um passeio em bicicleta, em automóvel ou em trem, enfim tudo o que provoque balanços violentos e repetidos na região dos rins.

Muitos enfermos imaginam que quanto mais sofrem, significa que estão doentes. Mas assim não é. Para os cálculos fixos, não há, realmente, nenhuma ligação entre o tamanho do cálculo e as dores sentidas. Paradoxal é o fato seguinte: são os cálculos pequenos os que provocam, quase sempre, os maiores sofrimentos.

Apesar dos exemplos que acabamos de apresentar (e que são frequentes), ocorre também que muitos dêsses cálculos dos rins são "silenciosos", isto é: isentos de tôda espécie de sensação dolorosa. Assim permanecem durante anos, talvez, até o dia em que, por uma causa fortuita, o cálculo se deslocará e provocará dores. Algumas vêzes o cálculo poderá permanecer indolor durante tôda a vida.

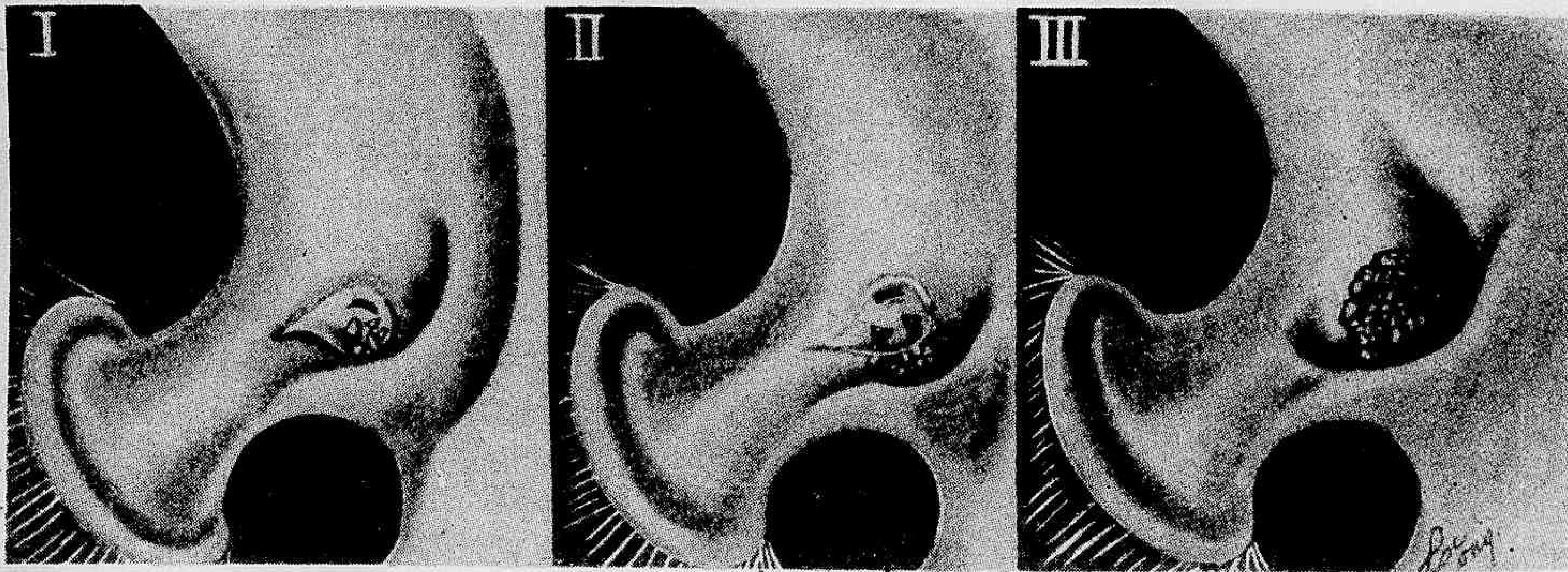
POR QUE TEMOS CÁLCULOS? — A formação dessas pequeninas pedras dolorosas intriga muito aos doentes por êles atingidos.

— Por que temos cálculos? — perguntam, irritados e assustados.

A formação dos "cálculos" é simples, embora a causa permaneça misteriosa. Os sais minerais que se encontram dissolvidos na urina (uratos, oxalatos, fosfatos) precipitam sob certas influências: em vez de ser eliminados em solução, na urina, formam concreções. Em redor de um pequeníssimo núcleo central (areia urinária), os sais se depositam, sucessivamente, em camadas que formarão o *cálculo*. Devemos recordar que êsse fenômeno não está reservado ao rim: também existem, por exemplo, cálculos "biliares" formados pelos depósitos de *colesterol* na vesícula biliar.

As causas que fazem os sais minerais da urina, em vez de ficar dissolvidos, passar ao estado de sólido são diversas e mal conhecidas. Mas sabemos, de modo seguro, que uma alimentação muito rica em ácido oxálico (espinafre) ou em alimentos azotados (carne) é mais favorável aos cálculos renais; da mesma forma, o abuso dos sais minerais (fosfato de cal). Finalmente, os cálculos são favorecidos pelo fato do indivíduo beber pouco. A bebida lava o rim e um regime suficientemente hidratado é meio excelente de combater os cálculos renais.

Além da alimentação, certas enfermidades parecem ter má influência: assim,



Como se forma um cálculo — na dobra do «cálice» do rim, uma gôta de urina fica estagnada: os cristais nela se depositam (I). Lentamente, os cristais aumentam (II). Reúnem-se: o cálculo é constituído (III).

a neurastenia, a tuberculose e principalmente o artritismo. A falta de exercício físico também favorece a formação dos cálculos. Insistimos, porém, sôbre o papel da infecção crônica das vias urinárias: o estafilococo, principalmente, parece agir de modo particular para decompor a urina e provocar a precipitação de seus sais.

Finalmente, as descobertas modernas resaltam a importância da acidez (pH) não apenas da urina, mas dos humores em geral. A precipitação dos sais urinários é favorecida por um meio alcalino e contrariada por uma tendência ácida dos humores.

Acrescentemos, para ser completos, que é entre trinta e cinquenta anos que corremos mais risco de ser atacados pela moléstia.

OS CÁLCULOS COMPLICADOS — Os cálculos migradores são pequenos, de forma arredondada e podem passar pela uretra. Certos doentes expelem um cada ano; outros podem expulsar várias dezenas. Os cálculos fixos são mais graves, dado que ficam no mesmo lugar e podem chegar a provocar lesões do rim. Sua forma, seu número, seu volume são variáveis. Existem os cônicos, os triangulares, outros ainda em forma de coral, com ramificações divergentes. Alguns não são maiores que grãos de areia, outros podendo, no entanto, pesar várias dezenas e mesmo centenas de gramas. Um cálculo, apresentado à "Sociedade Anatômica" de Paris e proveniente de um cidadão uruguaio, pesava 2k,080.

Outros cálculos extraídos cirùrgicamente do rim de diferentes pacientes, mediam 10 a 15 centímetros de comprimento por 8 a 10 de espessura!

A côr e a consistência do cálculo são variáveis, segundo o sal urinário de que são formados. São encontrados ora cálculos de fosfatos, de um branco de neve, ora de oxalatos, muito duros, coloridos de marron ou de negro, pelo sangue, ora de uratos, de côr amarelada.

Os cálculos fixos são acompanhados de infecção do rim. Essa complicação é séria, pois o rim infectado funciona mal e seu valor como órgão é diminuído. Quanto ao segundo rim, geralmente não acusa formação de cálculo. Dêsse ponto-de-vista êle permanece indene. Mau grado tudo também sofre, *principalmente porque fica encarregado do trabalho dos dois* e nessas condições acaba também sendo contaminado.

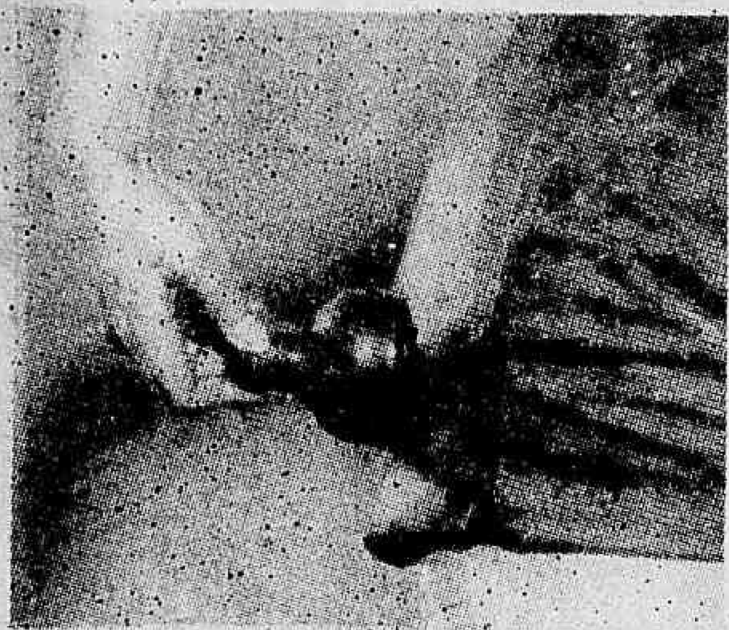
COMO A MOLÉSTIA EVOLUI — Entregue a si mesma, a moléstia acabará provocando a destruição progressiva do rim, destruição, segundo os casos, muito rápida ou muito lenta.

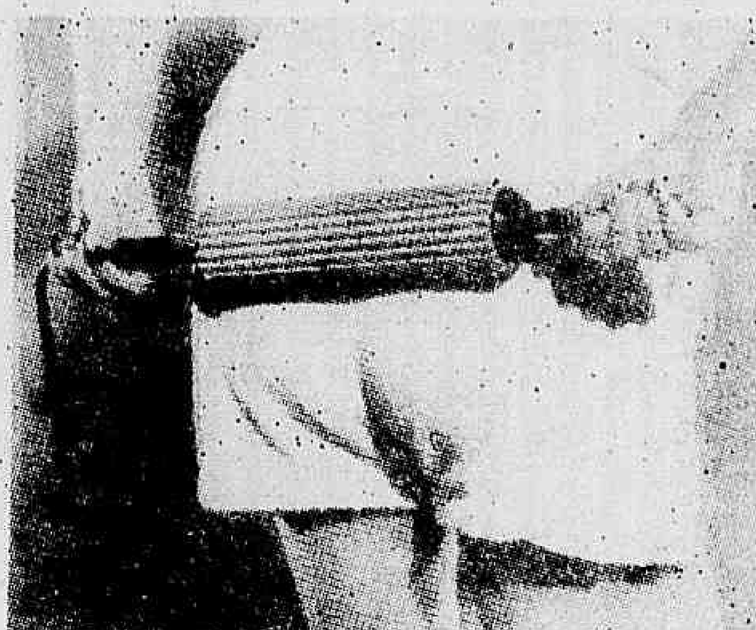
Certos cálculos são bem suportados. Por outra parte, tudo depende de seu tamanho e forma. Se as dores são ligeiras, os cálculos permitem uma existência normal. Em outros casos, a existência do enfêrmo passa a ser insuportável em razão das dores, que se tornam mais e mais violentas.

Naturalmente, quando os dois rins contêm cálculos, a vida corre perigo, sem a intervenção da medicina. Tais casos, entretanto, são muito raros.



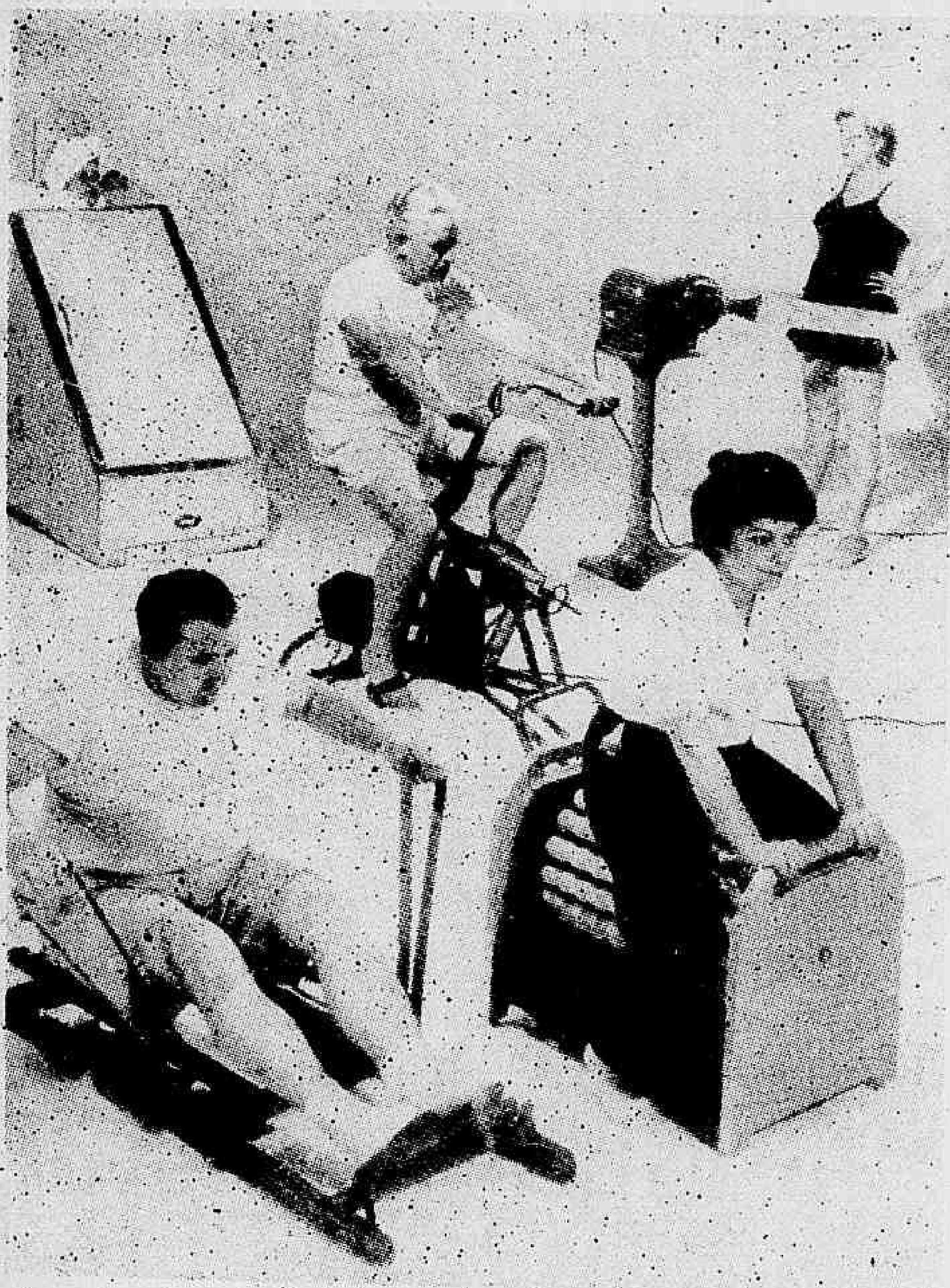
— O senhor devia ter vergonha por não ter um clube certo!







As massagens tentam aquêles que desejam emagrecer sem dieta. Mas os médicos afirmam que não há prova de que a massagem cause efeito apreciável, se não fôr seguida por uma dieta rigorosa e sobretudo certa, para que se possa restaurar a necessária elasticidade dos músculos e da pele.



Os exercícios são recomendados apenas para manter os tecidos rijos à proporção que a dieta vá reduzindo o pêso. Os banhos quentes devem ser abolidos totalmente, pois prejudicam mais do que ajudam.

A TORTURA DE SER GORDO

A despeito do que se anuncia, só a fôrça de vontade pode ajudar.

UM dos mais sérios problemas de hoje, em todo o mundo, é a obesidade. Só nos Estados Unidos, como exemplo, cinco milhões de pessoas são consideradas clìnicamente obesas, com pêso de 20 por cento superior ao normal.

Isso, como se compreende, acusa uma média de mortalidade uma e meia vêzes mais alta para os obesos, em razão de distúrbios do coração e de circulação. Outros 20 milhões têm pêso 10 por cento acima do desejado, aumentando o número dos que sofrem de diabetes, hérnia, fígado, além de, no caso feminino, sérias complicações para operações cirúrgicas em geral e gravidez.

No entanto, apesar de incômodo e deselegante, muitos indivíduos, de ambos os sexos, recusam combater a obesidade, alegando, erradamente, que isso é devido às glândulas ou à hereditariedade.

Mas a obesidade por anormalidade glandular é rara. Apelam, então, para as pílulas, que quase sempre são perigosas, ou para «regimes»... ineficazes ou que não são seguidos **à risca**. A causa principal da obesidade é a glutoneria. Em geral, o glutão é preguiçoso, gasta menos energia e armazena calorias excessivas e gordura desnecessária. A melhor arma contra a obesidade é a coragem de fazer exercícios e, aqui mesmo damos o exemplo de uma gorda que, com fôrça de vontade, recuperou um físico normal.



Pílulas e poções são vendidas em número assustador. Muitas causam sérios distúrbios do estômago. Outras incluem vitaminas sem nenhum efeito no sentido da perda de pêso, causando falta de apetite... e desânimo.



Os vibradores são bons para reduzir a gordura em certos pontos...

O VALOR DA FÔRÇA DE VONTADE

COM um metro e setenta de altura, Dorothy Bradley pesava, em 1940, 102 quilos, parecendo uma matrona com seu **manequim** 46. Sempre ouvira dizer, em casa, que aquilo era hereditário e sem remédio.

Mas decidiu consultar um bom médico, cansada de ficar esquecida nos bailes, onde suas colegas dançavam sem parar. Tinha fôrça de vontade e estava decidida a ter um corpo normal. Seguiu uma dieta rigorosa, resistindo aos bombons e doces.

Vestiu roupa de flanela, rolou pelo chão, batendo braços e pernas e, em dois anos perdeu 34 quilos.

Não tomou pílulas nem se submeteu a massagens... e venceu por que teve coragem de lutar!

Vejam, na página seguinte, a nova Dorothy Bradley.



Em 1949, com seus 102 k, Dorothy era a sensação hilariante da praia.



Dorothy tomava «banhos de cadeira», nos bailes, enquanto suas amigas dançavam sem parar. E então, nesses momentos, a infeliz pensava: «Nenhum rapaz vai casar comigo, assim como sou!»



Com seu corpanzil, a jovem Dorothy era obrigada a comprar, nas lojas, os vestidos que eram confeccionados para as matronas. Isto foi o que a decidiu a encetar a luta por um corpo normal.



Agora, com seu corpo bonito, Dorothy está sendo sempre solicitada para dançar... e espera — com justa razão — arranjar bem depressa um marido.



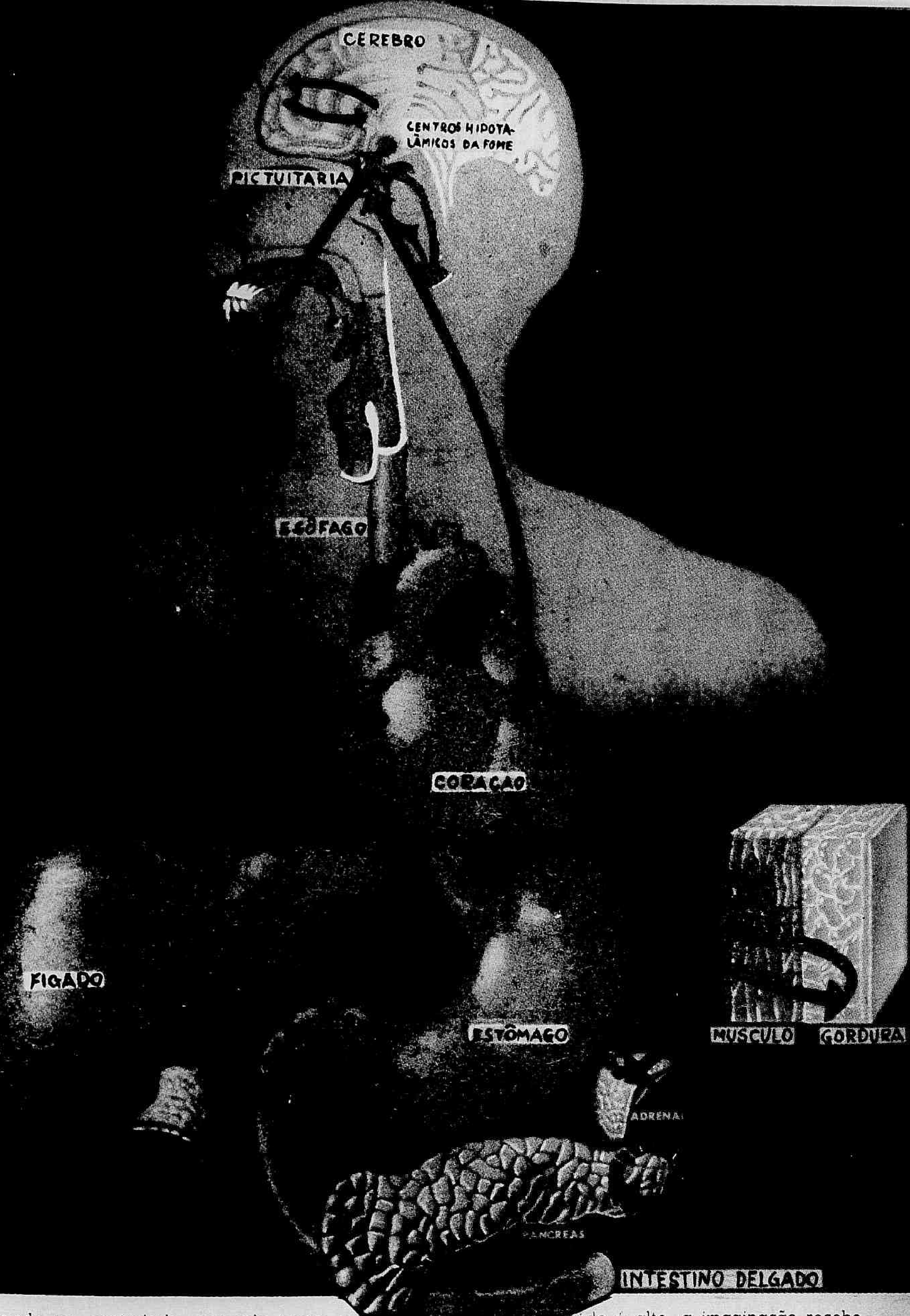
Os médicos procuram as causas da obesidade. Especialistas da Universidade de Harvard tiram sangue de uma paciente magra e de outra, gorda, para que possam comparar o conteúdo de glucose.

A CIÊNCIA PROCURA AS CAUSAS

SEGUNDO o Public Health Service, dos Estados Unidos, o obeso é um doente e, como tal, necessita de assistência médica e por isso trata de investigar, com estudos em animais, as razões físicas e mentais dêsse mal. No campo da física já descobriu que a glucose excita a vontade de comer nos centros cerebrais (página 29): pelo acúmulo de fósforo no sangue. Acredita-se que as pessoas ficam obesas em razão de insuficiente suprimento de fosfato de glucose no cérebro, que fica incapaz de regular perfeitamente o apetite. Outro cientista sugere que o excesso de pêso resulta da superprodução de insulina durante a refeição, o que corta tão rudemente o nível de glucose que a vontade de comer, comandada pelo cérebro, é ativada, mesmo após grande ingestão de alimentos. Há também causas mentais já catalogadas. Muitos indivíduos, por falta de amizades, comem para contentar-se. Outros ficam acabrunhados... e inativos, o que aumenta seu mal.



Diferenças hereditárias criadas pela alimentação de ratos possuindo um gene peculiar, resulta na incapacidade do rato da direita de «queimar» uma energia do corpo chamada «acetato». Êste se transforma em gordura. Os ratos gordos preferem comer alimentos gordurosos, ao contrário do rato que é visto à esquerda. O primeiro dêsses animais é cem vêzes menos ativo que o outro e seis vêzes mais pesado.



O APETITE pode ser controlado, segundo teoria geralmente aceita, por uma seqüência de operações químicas, começando com a conversão de amido em glucose no intestino delgado.

Glucose é um açúcar que pode ser «queimado» nos músculos, armazenado no fígado, como glicose (amido animal) ou depositado como gordura (seção quadrada à direita).

Carregado de glucose o sangue circula (setas cheias), enquanto um centro cerebral chamado tálamos mede seu conteúdo de glucose.

...nteúdo é alto, a imaginação recebe impulsos (setas pretas cheias), que provocam menor apetite; o pâncreas expele um hormônio (insulina), que ajuda a converter a glucose em glicose para armazenamento no fígado, e em gordura para depositar em todo o corpo.

Quando o conteúdo de glucose é baixo, a imaginação é alertada para sentir fome; a pituitária e as glândulas adrenais fabricam hormônios (linhas pontilhadas), que ajudam a converter a glicose novamente em glucose, transformando gordura em energia.

Os seus pés devem ser um ponto de Admiração



Qualidade · Preço
Originalidade
são os 3 encantos
da INSINUANTE

Creação de Mister
JAMES para a Sapataria mais querida da Cidade

insinuante

CARIOCA, 46 e 48 e
SET. SETEMBRO, 199-201

É a maior e melhor
Sapataria da America
Latina, e é tambem
uma galeria á sua
disposição.

Por *DE MATTOS PINTO*

CONSEGUIRÁ O HOMEM FUGIR DO CATIVEIRO ZOOLÓGICO?

DA ANIMALIDADE AO BOMBARDEIO ATÔMICO

As espetaculares conquistas da civilização industrial sôbre o átomo e sôbre o domínio do espaço com os foguetes teleguiados pelo radar, excitam outros sábios a situar o lugar do espírito humano na Natureza.

A concepção edênica do homem dilui-se cada vez mais, na medida em que a antropologia e paleontologia avançam sôbre as primeiras idades da Terra. A teoria olímpica da humanidade, idealizada pelos poetas da antiguidade, por mais saborosa que possa parecer à vaidade da inspiração dos épicos, cessou de impressionar as gerações modernas.

O homem não apareceu como o exaltam os poemas de Homero e de Vergílio, nem como o representam os mármores de Fídias e de Praxiteles, ou como o figuram as telas de Rafael e de Miguel Ângelo. Os artistas helênicos e romanos, de onde deriva a cultura ocidental, desenham as criaturas humanas como um produto acabado e perfeito, figurante de um mundo criado exclusivamente para ser o palco das suas paixões.



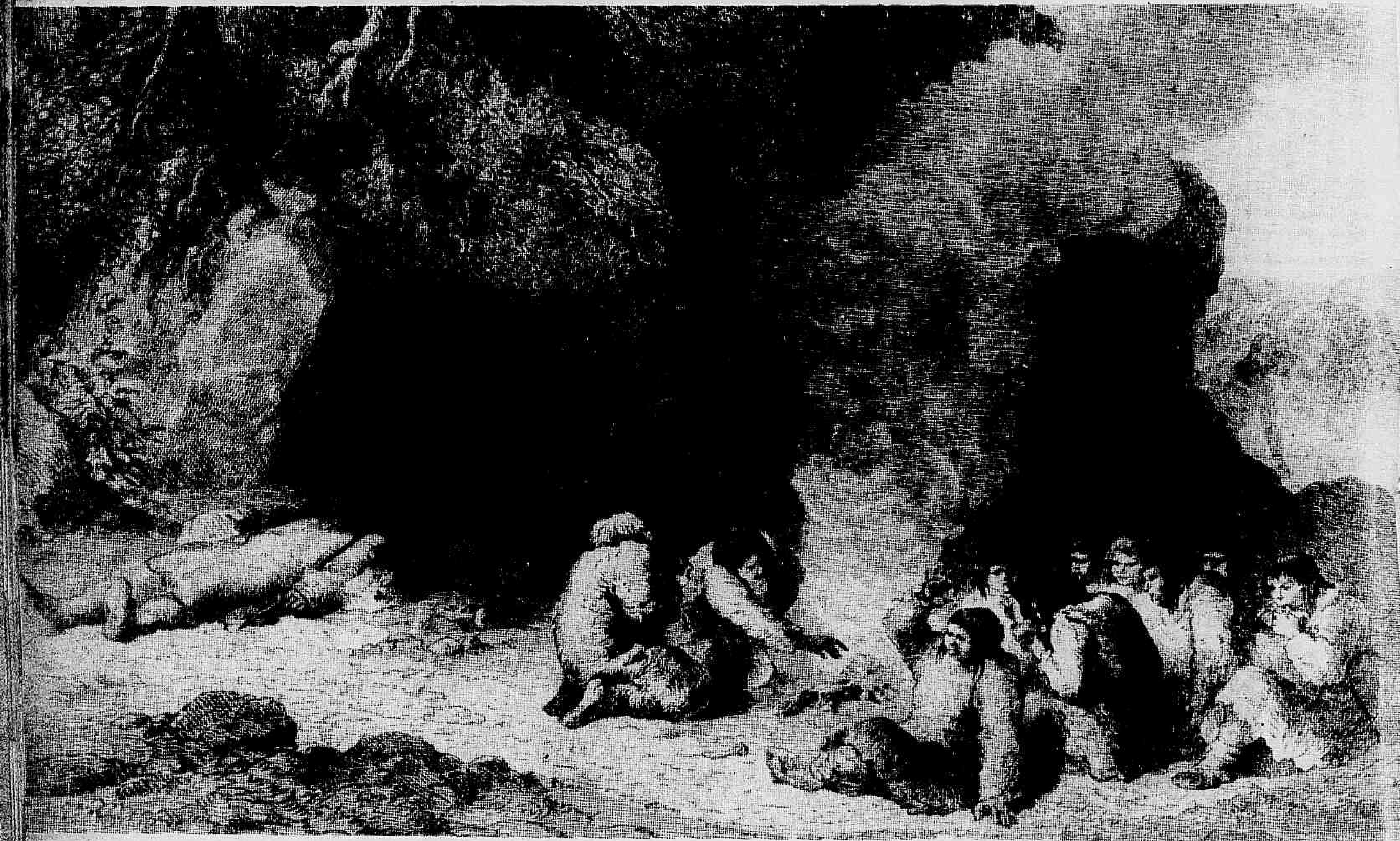
Um casal humano na Época da Pedra Polida, quando as criaturas pré-históricas ainda não haviam chegado à descoberta do uso dos metais.

E a crença hereditária se transmitiu com tanto ímpeto, que em 1654 o teólogo John Lightfoot, vice-chanceler da Universidade de Cambridge, não hesitou em proclamar que o homem nasceu às nove horas da manhã do dia 26 de outubro do ano 4004, antes de Cristo.

Na Mesquita de Meca há uma pedra negra e cúbica colocada no centro do templo e venerada pelos muçulmanos, onde a tradição indica, com a maior seriedade, que Adão orou, depois de expulso do Paraíso Terrestre.

Até o princípio do século XIX, reinava a convicção, entre tôdas as classes cultas, de que o homem começou a existir há

seis mil anos da era pagã, cifra considerada já bastante alta para alguns historiógrafos. As superstições sôbre a origem olímpica do homem iriam se esboroar em breve com as descobertas dos primeiros instrumentos pré-históricos, devidas à clarividência de Boucher de Perthes, cuja tenacidade rasgou novos horizontes para o conhecimento da espécie humana. As ciências naturais preparavam-se para revolucionar a doutrina antropocêntrica do mundo no domínio da evolução biológica, de criaturas primárias. Numa olaria de Hoxne, no condado inglês de Suffolk, os operários depararam com várias quantidades de silex, misturados entre fósseis antidiluvianos. Em 1801, John Frère comunicou à Sociedade Arqueológica de Londres, as suas observações a propósito da origem problemática de certas pedras irregulares, atribuídas às fôrças cósmicas e que o povo denominava como pedras do trovão. Como já sucedera em 1734, a Academia de Ciências de Paris recusara



Homens pré-históricos fabricam os primeiros instrumentos de pedra, para vencer a luta pela existência.

como Copérnico já revolucionara no domínio da astronomia.

O ALARMA DA INDÚSTRIA PRÉ-HISTÓRICA

MUITO antes do naturalista inglês Charles Robert Darwin enunciar a doutrina da evolução natural, em 1715, encontraram nas explorações de uma pedreira, em Londres, ossos estratificados do elefante, do mamute e entre os mesmos pequenas pedras fragmentadas, oferecendo vestígios de uma arte bárbara, proveniente

dar crédito à exposição Mahudel, também a Sociedade Arqueológica de Londres não se dignou apreciar o relatório de John Frère.

Naqueles retrógrados anos, os acadêmicos não ousavam se libertar da tradição e catalogavam fatos rotineiros. Em 1805 e 1810, Boucher de Perthes viajava pela Itália e verificou a existência de pedras partidas, revelando cortes artificiais e que deveriam ter servido como armas tôscas ao homem pré-histórico. De 1830 a 1840, revolveram grandes extensões de terrenos, nas vizinhanças da cidade fran-

cesa de Abbeville, em trabalhos de engenharia, pontes, estradas de ferro, fortificações, canais, trazendo à luz camadas de antigos terrenos. Nas terras revolvidas, Boucher de Perthes descobriu os primeiros machados de silex antidiluvianos. A descoberta renovou todos os conhecimentos sôbre a idade da espécie humana e iria alarmar o tradicional conceito do Paraíso Terrestre. Nos anos de 1838, 1839 e 1841, Boucher de Perthes apresentou memórias à Sociedade Científica de Amiens, levou os silex a Paris e começou a formar uma coleção arqueológica, tudo isso em meio da incredulidade geral.

Em 1847, sem despertar a mínima simpatia entre os sábios oficiais, coordenou os fatos da sua descoberta, comentou o valor pré-histórico do silex e discutiu a realidade do homem quaternário. As suas idéias pouco impressionaram e permaneceram depreciadas até 1854, quando encontraram um espírito superior e capaz de entendê-las. Nesse ano de 1854, convencido de que se achava em presença de alguma coisa de inédito, em matéria de paleontologia, Rigollot se pôs ao lado de Boucher de Perthes, confirmando a origem humana dos silex. Outros naturalistas reconheceram a autenticidade da descoberta e Charles Lyell, Joseph Prestwich, Albert Caudry, John Evans e Hugh Falcones, verificaram que se tratava de silex fendido pelo homem pré-histórico, rachado em pedaços cortantes e utilizados como instrumentos, ou como armas. Falando do nosso passado imemorial, perdido dos bilênios das épocas geológicas, Boucher de Perthes pronunciou memoráveis palavras:

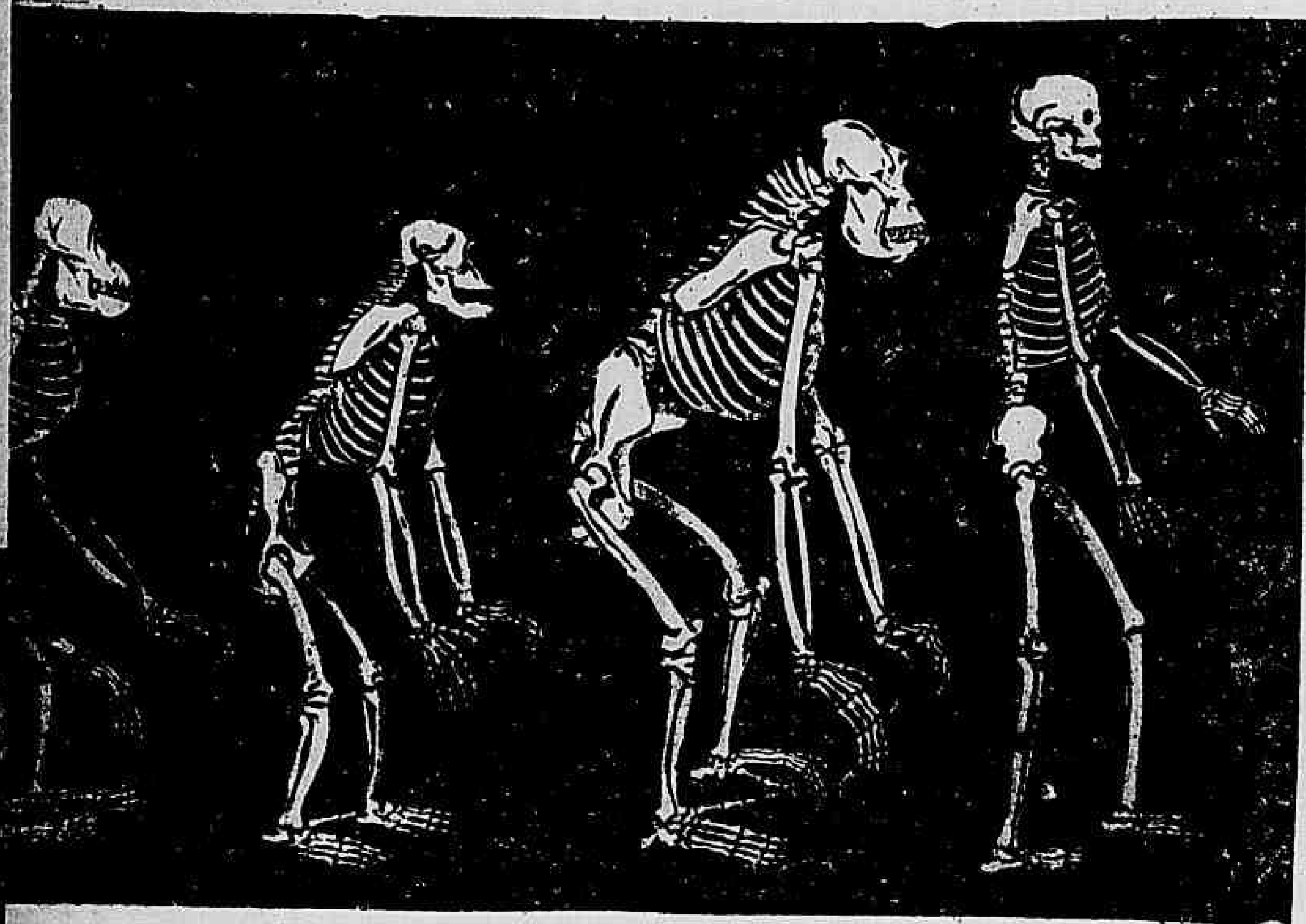
— "Não desprezemos êsses primeiros ensaios de nossos pais. Se êles não tivessem feito, se não houvessem perseverado nos seus esforços, não teríamos nem as nossas cidades, nem os nossos palácios, nem essas obras-primas que tanto se admiram.

"Quem primeiro bateu com uma pedra noutra, para lhe regularizar a forma, dava ao mesmo tempo o primeiro toque de cinzel, que esculpiu Minerva e todos os mármores do Parthenon."



A morte já impressionava o homem primitivo. Uma refeição fúnebre na época do urso e do mamute.

O segrêdo da nossa origem ocultava-se todo aí, nessa lenta e tremenda evolução, que conduziu o grosseiro artífice do silex até a estatuária de Fídias e de Praxiteles, os dois maiores gênios da escultura es-



A gravura acima mostra esqueletos comprados do orangotango, do chimpanzé, do gorila e do homem.

cultura helênica. Ludwig Buchner via, na história da nossa infância, três épocas: a Idade da Pedra Antiga, a Idade da Pedra-Média e a Idade da Pedra Recente, a primeira coincidindo com a aparição do homem, a última se prolongando até os tempos atuais.

A descoberta dos silex fabricados por criaturas primitivas, vivendo num período pré-literário, atraiu os olhos de todos os cientistas para as camadas internas da Terra. O século XIX vivia a época palpitante, como bem salientou L. Franchet, em que as revelações de Boucher de Perthes sôbre as primeiras indústrias pré-históricas alarmavam e apaixonavam todos os sábios, principalmente os geólogos, paleontologistas e antropologistas, todos fascinados com a revolução operada no domínio das ciências naturais.

A DESCOBERTA DA VIDA IMEMORIAL

INFERIRAM os naturalistas dessas descobertas, que a vida humana transpusera estágios ignorados por Esquilo e Sófocles, por Terêncio e Juvenal, por Dante e Milton, quando idealizaram as suas obras de arte literária. A espécie humana sofreu variados reajustamentos morfológicos na estrutura do corpo e na conformação craniana. Os antropologistas buscaram intensamente, nas camadas geológicas, em fatigantes escavações, os restos dos esqueletos sepultados pelos aluviões.

Com o nascimento da anatomia comparada dos animais e com a aparição de Georges Cuvier, cujo espírito sabia ressuscitar os monstros antediluvianos, iniciou-se a série de descobertas paleontológicas, que demoliria as mais reputadas tradições. De posse de alguns raros ossos, os naturalistas restauravam a configuração de um carnívoro, ou de um herbívoro das épocas mais remotas, anteriores à historiografia bíblica.

Instituíra lapidarmente Georges Cuvier, que um organismo forma uma unidade indivisível, de que nenhuma parte pode ser trocada sem modificar as demais. Arqueologistas, zoólogos, antropologistas e paleontologistas, aliaram-se a êsse princípio básico e ousaram ressuscitar a vida perdida nas profundezas da Terra. Em 1857, o médico Fuhbrott descobriu na caverna de Neandertal, no vale de Dusseldorf, no território alemão, diversos ossos fossilizados de um indivíduo humano pré-histórico. O Homem de Neandertal caminhava em posição semi-ereta, dispunha de salientes arcadas superciliares, testa fugidia, sendo uma criatura primata, anterior à Idade da Pedra Lascada. Media um metro e sessenta centímetros de altura e a sua memória já registrava sensorialmente o curso dos acontecimentos.

Sepultava os mortos com reverência, depositando junto do cadáver os instrumentos utilizados em vida e já se impressionava com o mistério da morte. Viveu numa época imemorial, anterior a qualquer sistema cronológico. Edward Burns determina o

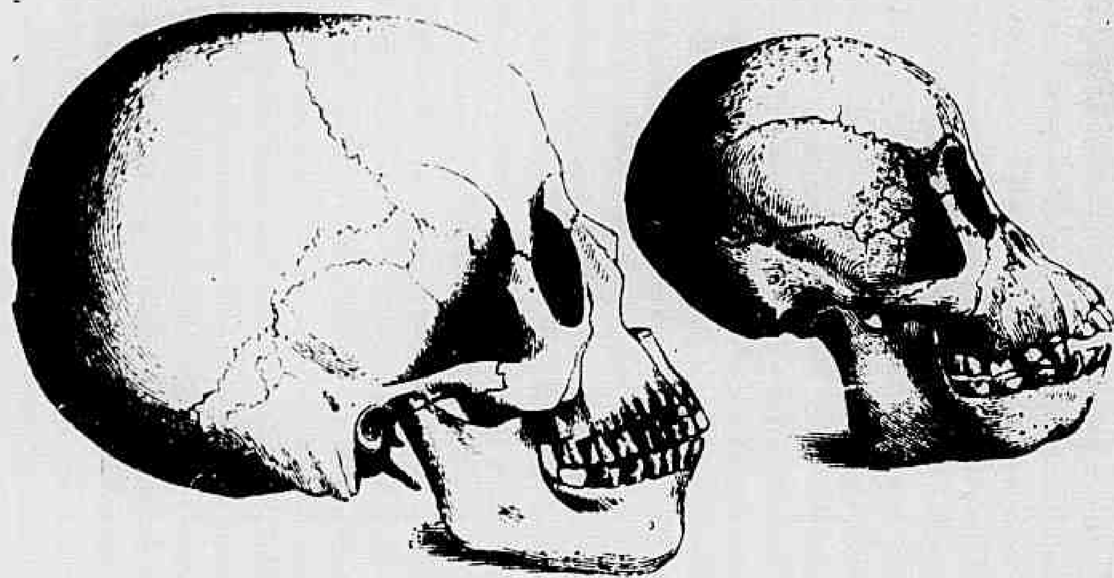


Ernst Heinrich Haeckel, biologista alemão, que dedicou sua vida às ciências naturais e defendeu a teoria da evolução biológica do homem.

berço do Homem de Neandertal, situado na Ásia, de onde emigrou para a Europa Central, espalhando os seus descendentes por variadas áreas geográficas, conforme atestam os despojos fossilizados do seu esqueleto, distribuídos por diferentes países.

Arqueologistas, geólogos e antropologistas descobriram ossos da espécie Neandertal, na Ásia, Europa e África, em regiões como a Rodésia, Palestina, Malta, Moravia, Iugoslávia, Croácia, Espanha, França, Bélgica, Áustria e na Alemanha, onde se localizou a primeira caixa craniana. Essa descoberta impressionou imensamente os naturalistas, que ainda se recusavam a confiar na autenticidade dos instrumentos de silex, encontrados por Boucher de Perthes. A antropologia passou a estudar a origem natural do homem, com a mesma objetividade e pureza científica, com que investiga os fósseis do boi, do elefante, hipopótamo e do cavalo.

A refutação da lenda edênica do homem, robusteceu-se ainda mais, quando Charles Robert Darwin publicou, em 1859, a sua obra clássica sôbre a teoria heliocêntrica de Copérnico. E o novo fato conquistou a ciência com a entrada triunfal do biologista inglês Thomas Henry Huxley, cujas divergências analíticas com Charles Darwin, sôbre as diferenças anatômicas que separam o homem do gorila, só vinham apaixonar ainda mais os restauradores da vida imemorial da humanidade. Assim, a teria e o fato se combinavam para desenhar uma nova perspectiva da espécie humana, trôpega de animalidade e errante nos imensuráveis períodos geológicos do globo terrestre.



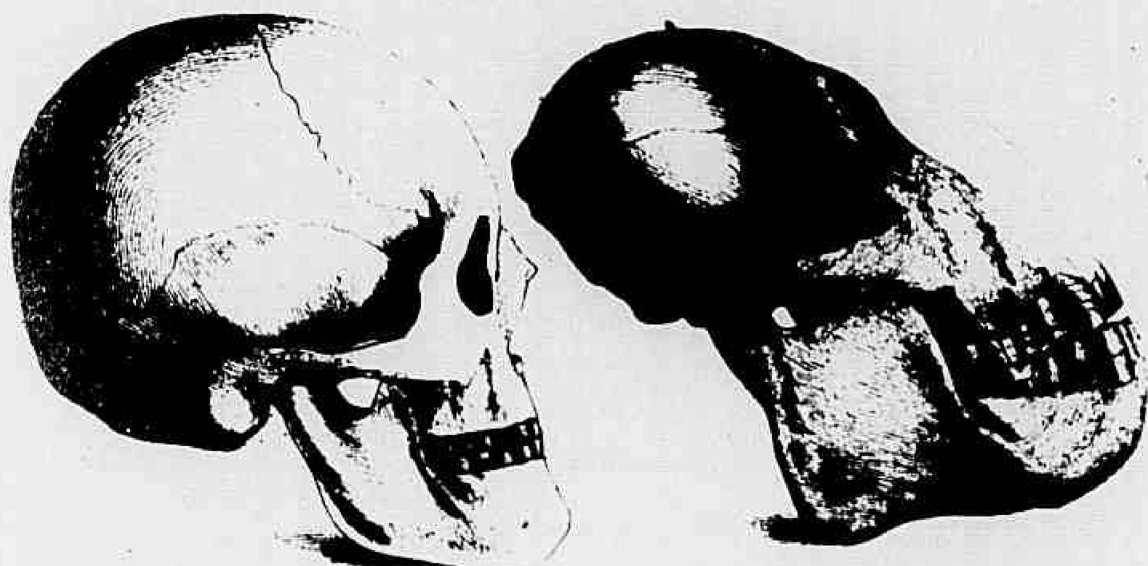
Crânios de um negro e de um símio, da mesma idade.



Quando todos acreditavam na origem olímpica do homem, Boucher de Perthes descobriu os primeiros instrumentos pré-históricos da vida humana

E quando deflagrou a luminosa ousadia de Emile Littré, médico e filólogo, erudito e lexocógrafo, filósofo positivista e escritor de renome, definindo, num dicionário de medicina, o homem como — animal mamífero da ordem dos primatas, família dos bimanos — a própria literatura já se ressentia influenciada pela doutrina evolucionista, que inseria o pensamento como um fenômeno do Cosmos.

Poderia as gerações modernas utilizar com dignidade e beleza ética, a nova descoberta biológica, que integrava a cultura dos povos como um processo evolutivo, capaz de ser aperfeiçoado e preparar o advento da felicidade universal? As ciências naturais anunciavam uma nova concepção da mentalidade, em que os sêres humanos se impunham como uma obra da Natureza.



Vemos acima o crânio de um homem europeu e o de um chimpanzé, em pleno desenvolvimento.

OS NATURALISTAS RESTAURAM O PASSADO GEOLÓGICO DO HOMEM

NENHUMA teologia poderia mais negar a realidade material da vida pré-histórica da humanidade, diante dos novos descobrimentos. Entre 1891 e 1898, o cirurgião Eugène Dubois, professor de geo-

logia na Universidade de Amsterdam, descobriu em Java, os fósseis do "Pithecanthropus Erectus", indivíduo remotíssimo, assim qualificado porque andava verticalmente. O cérebro dessa criatura pré-histórica media novecentos centímetros cúbicos, trezentos centímetros a mais do que a média do cérebro do gorila. O Homem de Java ficava muito abaixo do nível mental da mais rústica das criaturas pensantes da atualidade. A anatomia estabeleceu a média de mil e trezentos e cinquenta centímetros cúbicos para o cérebro, a massa encefálica do homem contemporâneo. Descobriram, em 1907, uma nova mandíbula fóssil, maxilar inferior, em Mauer, perto de Heildelberg, pertencente a um tipo humano, que viveu numa época posterior ao Homem de Java.

A antropologia enriquecia-se de novos fatos, cuja análise confirmava a teoria da evolução, de que infra-homens, sêres de físico abrutalhado e de aparência simesca, habitavam, simultâneamente com os antropóides, as florestas pantanosas do fim do Período Plioceno. Espécimes mais ou menos análogos ao Homem de Neandertal, mais ou menos divergentes do Homem de Java e do homem de Heidelberg, lutavam pela existência, em épocas geológicas intraduzíveis em linguagem numérica. As peças fósseis nos convencem de que a espécie humana transpôs ciclos de evolução silvestre, como as demais espécies zoológicas e desfazem a tradição hebraica do homem criado de um só golpe.

Entre 1911 e 1915, o advogado Charles Dawson descobriu o Homem de Pilotodown, em Sussex, na Inglaterra, cujo crânio jazia próximo a um depósito de ossos de elefantes, hipopótamos, castores e mastodontes, todos antediluvianos. Descriminado como "Eoanthropus", o homem que nasce, aproximava-se do esqueleto contemporâneo, exceto nas mandíbulas e nos dentes. Em 1910, Arthur Keith examinou os ossos fossilizados do "Propliopithecus", o símio primitivo, que existiu há milhões de anos. Geólogos e paleontologistas depararam, em 1921, com os restos fósseis do Homem da Rodésia, na mina de Broken Hill, na África, que errava no continente africano, quando o Homem de Neandertal percorria as terras européias.

Em 1924, Hugo Obermaier publicou um livro sôbre os fósseis humanos na Espanha, confirmando a realidade universal da vida da humanidade pré-histórica. Os naturalistas restauram o passado geológico do homem e tentam reconstituir as suas transformações anatômicas durante as fases imemoriais e pré-cronológicas. Em 1922, o paleontologista e geólogo alemão Otto Zdansky, pertencente à Universidade de Upsal, encontrou dois dentes humanos nuns terrenos calcáreos de Chu Ku Tien, na planície chinesa de Tchelli. Situada na região sudoeste, distando cinquenta quilômetros de Pequim, a localidade de Chu Ku Tien encontra-se na orla das colinas, que compõem a cadeia montanhosa de Tchelli, onde se executavam várias explorações industriais e científicas. Nessa região chinesa, o paleontologista Otto Zdansky descobriu os dois dentes humanos, mas quatro anos decorreram sem que houvesse nenhuma pesquisa.

Em combinação com a emprêsa Rockefeller, há na China, um serviço geológico dirigido por Wong C. Pei, que se vem entregando, há vários anos aos estudos pré-históricos do subsolo. Em 1926, quatro anos depois do achado, Otto Zdansky divulgou a descoberta dos dois dentes. Cientes do fato, Wong C. Pei e Davidson Black resolveram emprender novas escavações geológicas, com o fim de desvendar o corpo a que pertenciam os dois dentes. Tratando-se de velho terreno, romhoso, calcáreo, resistente, cuja estratigrafia denotava ancianidade, os exploradores nutriam motivos para confiar no êxito do empreendimento.

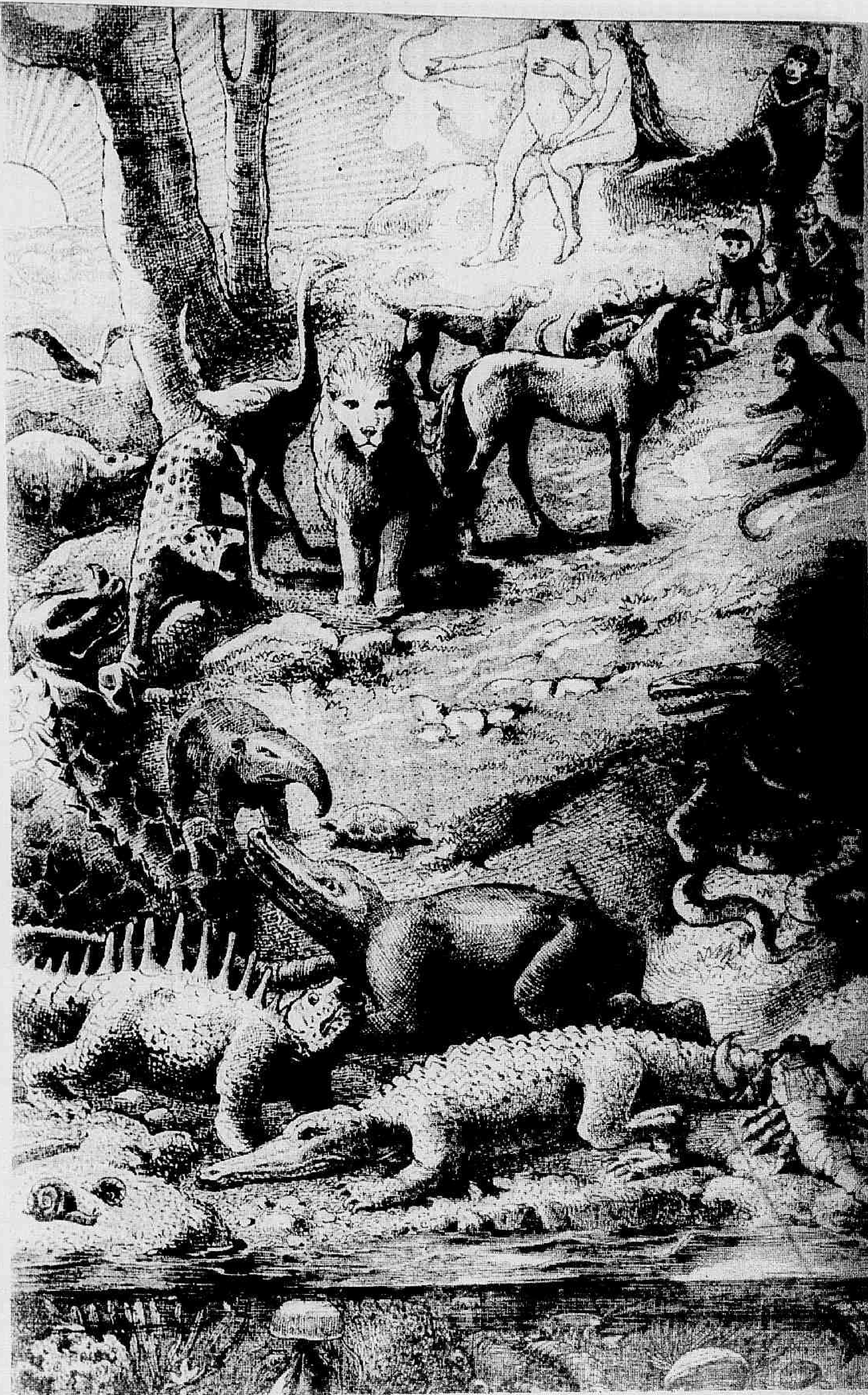
Durante os anos de 1927, 1928 e 1929, prosseguiram as perfurações na caverna calcárea de Chu Ku Tien. Cada ano, um cientista, conhecedor dos segredos da zoologia, arqueologia, geologia e paleontologia, dirigia as buscas, examinava os sedimentos, revistava os materiais e revolvia as camadas fossilíferas. Sucessivamente, tomaram a direção dos serviços geológicos os exploradores Li, Bohln, Young e Wong Pei, numa investigação contínua e os fósseis extraídos das rochas calcáreas locupletaram mil e quinhentas

caixas. Os pesquisadores da antiguidade do gênero humano, removeram nada menos de oito mil e oitocentos metros cúbicos de terra, dos quais se aproveitou precioso material pré-histórico.

Entre os detritos recolhidos, os paleontologistas conseguiram separar crânios humanos pré-históricos, datando do Período Terciário e do Período Quaternário. O anatomista Davison Black, professor do Colégio Médico de Pequim, procedeu à classificação dos ossos, determinando as características morfológicas. Teilhard de Chardin e C. C. Young informaram que a ciência se acha em face de novo tipo de homem fóssil, de gênero diverso dos esqueletos pré-históricos da Europa.

Wong Pei e Davidson Black intitularam-no de "Sinanthropus Pekinensis", para distingui-los das anteriores descobertas.

Para o geólogo sueco J. G. Anderson o Homem de Pequim viveu contemporâneamente com o Homem de Java, embora pudesse apresentar algumas diferenças peculiares. Calculou a sua estatura como sendo igual à estatura do homem moderno. Milhares de anos separam o Homem de Java e o homem de Pequim, do Homem de Piltdown. Mas outras descobertas deveriam vir à luz, nas escavações de 1932, em Kenya, na África, onde o paleontologista L. S. B. Leakey localizou uma mandíbula humana, cuja idade recua ao meio do Período Pleistoceno.



A ascensão da vida biológica, desde os sêres mais rudimentares, evoluindo através dos períodos geológicos, até aos antropóides e a espécie humana, numa ascensão que se processou em milhões de anos.

Recolheu ainda no cintinente africano, em Tanganika, nas barrancas de Oldoway, uma boa quantidade de instrumentos de pedra, visìvelmente pré-históricos.

Em 1933, apareceram nos trabalhos da pedreira arenosa de Rabat, em Marrocos, fragmentos do maxilar inferior e do maxilar superior, identificados como pertencentes ao mesmo espécime do Homem de Neandertal.

(*Continua na página* 112)

A "BOA RESPOSTA" DO MÊS



O diretor cinematográfico preparava a filmagem de uma cena emocionante do dramalhão. Com a desenvoltura habitual, começou as explicações técnicas, expondo cada detalhe dos papéis, enquanto os artistas, sentados, observavam e cuviam com paciência crescente.

— Agora, preste bem atenção — disse, afinal, quando chegou a vez de explicar a parte da «leading-lady» — e trate de **copiar** exatamente o que eu faço. Primeiro, você entra na biblioteca... **assim**. Então, vê o corpo do seu amado, morto, assassinado! Você se atira sôbre o corpo... **assim**. Está desesperado, compreende?

Ajoelhando, o diretor, com as duas mãos, revolveu os poucos fios de cabelo que lhe restavam, desmanchando o penteado. A seguir, levantou os braços para o céu e deu, no próprio peito, formidáveis murros.

— «Você está muito emocionada — explicou. — E seu rosto tem que registrar êsse desespêro. Perdeu o homem amado! Seu coração sangra! Você sofre terrìvelmente! Lágrimas descem dos seus olhos!....

Finalmente, arquejante, sem fôlego e descabelado, o diretor se ergueu.

— Agora já sabe o que eu quero? — perguntou.

— Claro... — respondeu a «leading-lady», com ar aborrecido. — Quer que eu chore!



COMO VOCÊ RESOLVERIA ISTO?

QUANDO minha mulher e eu nos mudamos para uma velha casa que estivera desocupada vários anos, descobrimos que tínhamos «hóspedes». Alguns esquilos, ativos e travêssos, tinham tomado posse do espaço entre as tábuas do teto e o telhado.



Éramos bastante incomodados não apenas pelos ruídos que provocavam durante a noite como também pelos danos que causavam na pintura externa e pelo que sujavam, no interior do sótão. Mas não podíamos atingir êsse fôrro do teto, pelo interior do prédio e, assim, precisávamos de descobrir como ali penetravam os animaizinhos.

Passávamos horas seguidas, no jardim, olhando para cima até sentir cãibras nos músculos do pescoço, a fim de observar como agiam. Porém os esquilos eram desconfiados e também pacientes; esperavam que nos afastássemos para penetrar no fôrro ou dêle sair.

Finalmente, ao se aproximar o inverno, minha espôsa teve uma idéia. «Vamos esperar!» — disse ela com ar risonho e misterioso. — Dentro de poucos dias descobrirei tudo!

E assim foi, realmente. Pode o leitor dizer como descobriu a entrada usada pelos esquilos?

(Resposta na página 75)

A FÔRÇA DE UM JURAMENTO

PAUL FÈVAL

O dinheiro caía sem cessar no seu saco de couro. Êste ganho, porém, deixava-o impassível...

Nessa manhã estava triste e tinha um aspecto de pessoa doente. Àqueles que tinham a bondade de o interrogar a êsse respeito, respondia:

— Fatiguei-me muito ontem à noite...

— E onde, meu amigo?

— No palácio do regente, que teve a amabilidade de me convidar para a sua festa.

Riam, pagavam, assinavam...

Cêrca das dez da manhã, uma aclamação imensa, terrível, formidável, fêz estremecer as vidraças do palácio de Gonzaga! As ações azuis, as *netas*, acabavam de ver a luz do dia! Tinham saído, ainda não havia muito, das máquinas de impressão da Casa Real!...

O barulho era cada vez maior: gritos de mulheres, exclamações de homens, murmúrios, cálculos, ofertas!... Enfim, as ações azuis acabavam de obter um sucesso digno delas!

Oriol e Montaubert desciam os degraus da escadaria do palácio. Regressavam da sua entrevista com o príncipe de Gonzaga, que os censurara... Iam silenciosos e tristes.

— Não é um protetor... — disse Montaubert.

— Não! É um senhor que nos arrasta para onde não queremos ir — resmungou Oriol. — Ah! se eu pudesse...

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Estamos no vale do Luron, junto ao castelo de Caylus-Tarrides. Para ali, em 1699, o marquês, viúvo, se retirara com sua filha Aurora. Pouco depois, Felipe de Lorena, duque de Nevers, foi repousar em suas terras, no Jurancon, onde se enamorou de Aurora, havendo quem murmurasse que aquêle amor «avançara muito». Quatro anos depois, Nevers já não habitava no Jurancon, porém outro Felipe ali surgira: Felipe Polyvene de Mântua, príncipe de Gonzaga, com quem o marquês queria casar a filha, pois Gonzaga era o único herdeiro de Nevers, que era solteiro e possuía uma das maiores fortunas da França. Em uma tarde de outono de 1699, em uma estalagem próxima ao castelo, se reúnem vários espadachins, contratados por Peyrolles, secretário de Gonzaga, com o fim de atacar e assassinar Nevers, dando, assim, ao príncipe, a fortuna de sua vítima. Entre os «bravos» se encontram Cocardasse e Passepoil, que têm um único ídolo na vida: o jovem cavalheiro Henrique de Lagardère, o maior espadachim de França. Nesse dia, aparece, também, junto às muralhas, o cavalheiro Lagardère que, sendo recebido festivamente pelos espadachins, lhes comunica estar de viagem para o exílio, porém que, antes, pretende cruzar a espada com Nevers. Os bandidos dizem ao cavalheiro o que vão fazer e propõem ajudá-lo. Lagardère recusa indignado, expulsando-os do local. Permanece, porém, junto às muralhas e vê quando o secretário diz ao príncipe que «tudo estava arranjado, mas que não pudera apoderar-se das fôlhas do registro do casamento, porque tinham sido arrancadas, mas que, morto Nevers, Gonzaga desposaria Aurora, ficando com tôda a fortuna do duque». Peyrolles então, julgando ser Lagardère um dos capangas, chama-o e lhe dá uma «senha», mandando-o esperar junto à janela da muralha. Quando êles se retiram a janela se abre e surge Aurora que, julgando falar com Nevers, entrega a Lagardère sua filha e o registro de casamento. Pouco depois chega Nevers, a quem o cavalheiro informa o que se passa, prometendo ficar ao seu lado. Trava-se a luta e Gonzaga, vendo as coisas mal paradas, ataca e mata Nevers, pelas costas, covardemente. Mas Lagardère foge com a criança, tendo antes ferido o príncipe numa das mãos. Passam-se os anos. Obrigada pelo pai, Aurora desposara Gonzaga. Êste abre um banco nos jardins de seu palácio, e vende bancas para quem queira especular. Entre os compradores surge um corcunda — Ésopo, que compra a última banca que restava e vê o príncipe contratar os serviços de Cocardasse e Passepoil, que ali apareceram. Gonzaga havia pedido a reunião de um Conselho de Família para, entre outras coisas, apresentar à Aurora a sua filha, Aurora de Nevers. Para isso, Peyrolles havia arranjado uma jovem espanhola, a quem o príncipe convencera ser a filha de Nevers. A espanhola, cujo nome era Flor, declarou que conhecera, na Espanha, uma mocinha da sua idade chamada Aurora, e que a havia visto em Parsi, à rua do Chantre. Começada a reunião, Gonzaga, após hábil discurso, manda entrar Flor, que não é reconhecida por Aurora como sua filha. Para maior assombro de Gonzaga, Aurora anuncia que irá ao baile oferecido pelo Regente de França. Isto porque, uma voz misteriosa repetira a divisa de Nevers — «Aqui estou» — e lhe prometera apresentar-lhe a filha no baile. Terminada a reunião, Peyrolles informa ao príncipe que Lagardère está em Paris, pois Faenza e Saldanha foram mortos pelo «bote de Nevers». Quando Gonzaga ordenava que Cocardasse e Passepoil fôssem ao endêrêço de Aurora, fornecido, inocentemente, por Flor, surge o corcunda, que se prontifica a falsificar a assinatura de Lagardère num bilhete para Aurora. Faz mais: pede a Gonzaga um salvo-conduto para Lagardère, prometendo, assim, atraí-lo a uma cilada. Em casa, Aurora aguardava a chegada do seu amigo, fazendo anotações em seu «Diário», onde contava o que fôra a sua vida, em companhia de Henrique, desde que começara a ter entendimento das coisas e até onde lhe permitia a memória. Nesse diário conta, entre outras coisas, a viagem que havia feito com Henrique aos fossos de Caylus, quando lhe foi revelado que ali mesmo ela nascera e que êle próprio a recebera das mãos de sua genitora, numa noite trágica. Termina seu manuscrito apelando para essa mãe desconhecida, para que, enfim, aparecesse e que a amasse e também a Henrique. Pouco depois, estando Aurora a sonhar com o seu amado protetor, surge Flor, a ciganinha. Como pôde descobrir onde Aurora morava? Um corcunda a guiara até ali! Conta a sua amiga que dentro de duas horas seria princesa. Seu verdadeiro nome era Nevers. Aurora estremece, mas a ciganinha conta-lhe a revelação que ouvira

— Olha... e eu também!... — disse Montaubert.

Neste instante, um criado com a libré do príncipe veio entregar-lhes um pequeno embrulho lacrado.

Romperam o sêlo. Os embrulhos continham, cada um, um maço de ações azuis. Oriol e Montaubert entreolharam-se, estupefatos.

— Isso é o que se chama uma delicada atenção... — disse Oriol.

— Compreendes, há maneiras de proceder que só êle as tem... — retorquiu Montaubert.

Os escrúpulos iam longe... voltava a alegria!

Entretanto, o resto do grupo chegava ao final da escadaria.

Navailles, Taranne, Choisy, Nocé, enfim todos êles traziam também o seu maço de papéis azuis, médico mágico para consolar e espalhar remorsos. Formaram um grupo.

— Meus senhores — disse Albret — se nos associarmos podemos fazer um negócio formidável. Tenho uma idéia...

— Associemo-nos!... Associemo-nos!... — exclamaram todos.

— Não precisa de mim? — perguntou uma vozita aguda que parecia ter saído da algibeira do gordo barão de Batz.

Voltaram-se. Era o corcunda oferecendo as suas costas a um mercador de faianças.

— Que diabo! — exclamou Navailles recuando. — Não gosto nada desta criatura!

— Vai para longe! — ordenou brutalmente Gironne.

— Meus senhores, estou às vossas ordens — retorquiu o corcunda, com delicadeza — mas aluguei o meu lugar e o jardim é tanto meu como vosso!

— Quando penso que êste demônio, que tanto nos intrigou ontem à noite, não passava de uma secretária ambulante! — disse Oriol, com desprêzo.

— Mas que pensa... ouve... e fala! — pronunciou o corcunda, acentuando bem as palavras. Depois, cumprimentou,

---

do sr. de Gonzaga (o que mais assusta Aurora, porque êsse nome estava ligado a certa aventura sofrida por Lagardère, em Pamplona). Depois de d. Cruz, surgem dois emissários com caixas contendo vestidos belíssimos e prendas adoráveis. Acompanhava tudo isso uma carta com a letra de Henrique, convidando-a a vestir-se, fazer-se bela e acompanhar os dois pagens que a esperavam, embaixo, com duas liteiras, sendo uma para ela própria e outra para d. Cruz. Enquanto se veste, chegam dois personagens, Cocardasse e Passepoil, que encontram alguma resistência da parte de Berrichon e sua mãe, que serviam a Lagardère. Mas, dominam a situação, embora de algum lugar, na sala, um liteira, que parte para o palácio do príncipe, onde rosto os fitasse, um rosto muito pálido, o do corcunda. de tudo, êles obedecem, conduzindo Aurora até à Êste lhes faal como se fôsse o patrão e, apesar todos se espantam porque horas a fio o regente faz esperar as maiores figuras do reino, para receber secretamente o corcunda, que lhe diz ser enviado por Lagardère e conta como ocorreu o assassinato de Nevers. A seguir, solicita e consegue do regente um salvo-conduto, prometendo levar a palácio, naquela noite, o próprio Lagardère, o vingador de Nevers. Mais tarde, todo de negro, o corcunda se intromete numa brilhante roda de fidalgos, aos quais impressiona com relatos que a todos assombra, parecendo conhecer a vida de todos êles e suas ligações com o falecido duque de Nevers. Payrolles corre a prevenir Gonzaga do que discursava o corcunda, porém o príncipe fica ou finge ficar satisfeito, declarando que o aleijado apenas o ajudava, proporcionando-lhe o ensejo de apanhar Lagardère e apresentá-lo ao regente e à viúva de Nevers como o assassino do duque. A êsse tempo, no jardim do palácio, o grupo de loucos, formado por Oriol, Nocê, Girone, Choysi, Navailles e Chaverny descobrira o lindo dominó gaurdado por Cocardasse e Passepoil o decidira raptar a bela criatura. Já conseguiam o que desejavam quando um dominó alto, vestido de negro, surgiu e, num relance, desbarata os atacantes, desaparecendo com Aurora antes de que surgissem os guardas. Pouco depois, no salão, Gonzaga estando entre seus comparsas, tendo ao lado a princesa de Gonzaga, que fôra a viúva de Nevers, ouve junto de si uma voz anunciar: Aqui estou. Era Lagardère, que afastando-se do grupo aperta-lhe o punho e, apontando para a cicatriz na palma da mão do seu inimigo, diz: — «Fui eu quem fêz isto. Nevers será vingado». A seguir, volta ao encontro da princesa, a que mrelata tôda a longa aventura, desde o drama dos fossos de Caylus. Não se entendem porém e Lagardère receia que a mãe de Aurora não seja sincera. Promete-lhe, porém, entregar Aurora, no correr da festa do regente. De fato, a viúva de Nevers pretendia prender Lagardère e recuperar a filha e, para isso, tôdas as luzes do jardim logo se apagam e Cocardasse e Passepoil ouvem a guarda confabular sôbre o cêrco e prisão do seu ídolo. Mas o próprio Lagardère surge das sombras e entrega Aurora aos dois espadachins, ordenando-lhes que a levem a determinada sala do palácio e a entreguem ao regente «em nome do Cavalheiro Lagardère». Pouco depois, sessenta homens cercam e prendem Lagardère. Infelizmente, os guardas de Gonzaga se apoderam de Aurora, antes desta ser entregue onde devia. Lagardère é levado à presença do Regente e da Princesa de Gonzaga. A princesa, não tendo recebido a filha, ataca o cavalheiro e êste é obrigado a entregar a espada ao regente. Ao retirar-se, porque tinha o salvo-conduto, é interceptado por Gonzaga e aponta-o ao regente como o matador de Nevers. Êste se defende e poucos depois espera-o fora da sala e diz que Aurora já está em seu poder... e também os documentos provando sua identidade. Lagardère consegue escapulir ao cêrco dos homens de Gonzaga e desaparece no jardim do palácio. Ouvem-se gritos e a guarda sob sôldo de Gonzaga vem anunciar que matou Lagardère. Quando o vão mostrar, porém, o corpo desapareceu e surge o corcunda vangloriando-se de haver atraído o cavalheiro... Êste fôra levado para ser atirado ao rio. Horas depois, o corcunda, ferido, pois era o próprio Lagardère, cuida de suas chagas. No dia seguinte, recebendo seus homens no seu escritório, Gonzaga é surprendido por uma pedra atirada do jardim e que vem cair a seus pés. Era uma lista dos antigos cúmplices, matadores de Nevers, e agora acrescida com o seu próprio nome. Então Lagardère estava vivo... ou seria algum cúmplice, para amedrontar o príncipe? Cocardasse e Passepoil, porém, ganham esperanças. Na mesma tarde, realiza-se o leilão de títulos, promovido pelo regente, e o corcunda ganha bom dinheiro emprestando as costas como mesa para assinatura dos cheques.

sorriu e afastou-se para continuar o seu negócio.

Navailles seguiu-o com o olhar.

— Ontem não tinha mêdo dêle... — murmurou.

— Mas ontem — disse Montaubert, em voz baixa — ainda podíamos escolher o nosso caminho!...

— Venha de lá a tua idéia, Albret!... A tua idéia!... — exclamaram diversas vozes.

O círculo apertou mais em volta de Albret e êste falou durante alguns minutos com estranha vivacidade.

— Soberbo!...

— Ótimo!...

— Formidável!...

E todos aplaudiram, dispersando-se, em seguida, mas tornando a entrar por outras portas, em pequenos grupos, segundo plano prèviamente estabelecido.

Ao cabo de um quarto de hora, pouco mais ou menos, Tarrane e Choisy tornaram a entrar pela porta da rua Quincampoix.

Às cotoveladas, abriram caminho por entre a multidão e ao chegarem junto de Oriol, que conversava com Gironne, exclamaram:

— É uma loucura!... Estamos estupefatos!... As novas ações sobem de cotação de uma forma extraordinária! Daqui a uma hora devem dar cem por cento! Comprem! Comprem tudo quanto aparecer!

No seu cantinho, o corcunda sorria.

— Dar-te-emos um osso para roer, se fores discreto — disse-lhe Nocé ao ouvido.

— Obrigado, meu nobre senhor — respondeu Ésopo, humildemente — é isso mesmo o que desejo!



Entretanto, a notícia de que as ações iam subir, espalhou-se com rapidez. Os compradores apresentaram-se às dezenas e Albret, que tinha em seu poder tôdas as do grupo, vendeu-as já com cinquenta por cento de lucro. Foi um negócio soberbo!

Nessa ocasião entraram no jardim Oriol e Montaubert, em cujos rostos se lia a mais profunda consternação.

— Meus senhores — explicou Oriol, a quem lhe perguntava a razão do seu abatimento — não me parece conveniente repetir as fatais notícias... isso faria baixar imediatamente os fundos.

— Merece bem a pena ocultar! — — acrescentou Montaubert com um profundo suspiro. — As más notícias sabem-se depressa!

— É um ardil!... — gritou um comerciante, que tinha as algibeiras cheias de ações.

— Cale-se Oriol — murmurou Montaubert. —Veja a que se expõe!

Mas um círculo compacto de curiosos rodeou os recém-chegados.

— Falem, senhores! — gritavam de todos os lados. — Digam o que sabem! Êsse é o dever de qualquer homem honesto!

Oriol e Montaubert ficaram mudos como peixes. — O que há, segundo a minha opinião — disse o barão de Batz, que acabava de chegar — é a bancarrota!

— Bancarrota, por quê?

— Isso é uma manobra, nada mais!

— Cinquenta por cento de baixa — respondeu o barão gravemente.

— Impossível!

★



E próximos dêles principiaram imediatamente as ações a baixar.

— Não exageremos, senhores! — disse Montaubert. — O rapto do jovem rei ainda não é um fato confirmado!

— Também nada prova que o senhor Law tenha fugido! — acrescentou Oriol.

— Nem que o senhor regente esteja prisioneiro no Palácio Real — terminou Montaubert, com ar profundamente desolado.

Reinou um silêncio de verdadeiro pasmo, mas logo em seguida se elevou um grande clamor composto de mil gritos.

— O rei foi raptado!... O senhor Law fugiu!... O regente está prêso!...

— Cinquenta ações com metade de prejuízo!...

— Senhores!... Senhores!... — gritava Oriol. — Não se precipitem!

— Eu vendo as minhas! — exclamou Navailles, que não tinha uma sequer para amostra. — Quem as compra?...

E no meio do pânico geral, Albret, Taranne, Gironne e Nocé fizeram uma pequena compra, mas foram imediatamente apontados como um grupo de verdadeiros idiotas.

— Não lhes digam nada! segredaram alguns comerciantes ao ouvido de Oriol e Montaubert.

O primeiro, só a muito custo conseguia reprimir o riso.

— Pobres infelizes! — disse, indicando com o dedo os seus cúmplices. Depois, dirigindo-se aos comerciantes, acrescentou:

— Dissemos o que sabíamos e não levamos nada por isso. Façam o que quiserem... lavamos as nossas mãos!

Quanto a Moutaubert levava mais longe o seu descaramento e dizia aos pobres inocentes:

— Comprem, meus amigos, comprem! Se forem notícias falsas farão um esplêndido negócio!

A corcunda de Esopo não descansava um momento. Às vêzes eram dois a assinar ao mesmo tempo. Enfim, em vinte minutos, aquelas ações cujo valor nominal era de mil libras, desceram para umas centenas de francos!

Taranne e o seu grupo encheram as carteiras, enquanto Esopo, sorrindo tranquilamente, emprestava a corcunda para a assinatura destas transações febris. A partida estava ganha. Oriol e Montaubert desapareceram...

Dali a momentos chegava gente esbaforida, vinda de todos os lados a gritar:

— O senhor Law está no palácio!

— O rei encontra-se nas Tulhérias!

— O senhor regente está neste momento a almoçar.

— Manobras!... Intrujices!... Ardis!...

Houve quem chegasse a enforcar-se.

Cêrca das duas horas, Albret apresentou-se para negociar as suas ações e, apesar dos enforcados e dos que ao saber da sua ruína se limitaram a arrancar os cabelos, realizou lucros fabulosos.

E enquanto a nossa "troupe" ia dividir, algures, os benefícios da sua audaciosa escroquerie, o senhor príncipe de Gonzaga e o seu fiel Peyrolles desciam a escadaria do palácio.

O soberano ia visitar os vassalos...

As operações tinham novamente atingido o auge!



Felipe de Gonzaga levava na mão um grosso envelope do qual pendiam três selos, presos a fitas de sêda.

Quando o corcunda avistou êste objeto, os seus olhos abriram-se desmesuradamente, e o sangue afluiu-lhe ao rosto pálido. Não se mexeu e continuou no seu trabalho, mas dali por diante o seu olhar não deixava Peyrolles nem Gonzaga.

— E afinal... a princesa?... — perguntou o príncipe.

— Não pregou ôlho durante a noite e a camareira ouviu-a repetir: "Hei de procurar por tôda a cidade e tenho a certeza de que a encontrarei!"

— Mas que sorte!... — murmurou Gonzaga. — Se ela visse a rapariga da rua de Chantre estava tudo perdido!

— Mas existe, realmente, qualquer semelhança? — perguntou Peyrolles.

— Verás!... Parecem-se como duas gôtas de água. Recordas-te de Nevers?

— Muito bem. Era um belo rapaz!

— Pois a filha também é muito bonita... tem o rosto de um anjo... o mesmo olhar... o mesmo sorriso...

— Então agora já sorri?

— Está com dona Cruz e, como se conhecem, a espanhola consola-a. Sabes, Peyrolles?... Fêz-me mal ver a pequena... se eu tivesse uma filha assim... Mas isto são loucuras, nada tenho de que me arrepender! Não fiz mal, pelo prazer de fazer mal... tinha uma finalidade: preciso atingí-la! Que culpa tenho eu de encontrar obstáculos?...

Gonzaga passou as costas da mão pela fronte. Peyrolles tocou no envelope e perguntou ao amo se estava convencido de estar ali dentro o que êle pensava.

— Sem dúvida alguma — respondeu o príncipe — êste é o escudo de Nevers e sêlo da capela paroquial de Caylus-Tarrides!

— Monsenhor podia certificar-se abrindo o sobrescrito...

— Estás doido!... Quebrar os sinetes?... Mas cada um vale por uma dúzia de testemunhas. Isto só se abre diante do tribunal, quando ali apresentarmos a verdadeira herdeira de Nevers!... Aquela que nós entendemos que seja a *verdadeira!...*

— E a outra?... A que tem o sorriso e o olhar de Nevers?...

O corcunda não os perdia de vista e fêz um movimento involuntário para se aproximar do príncipe.

Gonzaga refletia e depois disse, como se falasse consigo próprio:

— Já pensei nisso... Que farias tu, Peyrolles, se estivesses no meu lugar?

Peyrolles teve o seu sorriso mau e equívoco. Gonzaga, com certeza, o compreendeu porque retorquiu:

— Não, isso não!... Tenho outra idéia melhor: qual é o mais perdido, o mais arruinado, o mais miserável dos nossos satélites?

— Chaverny — respondeu Peyrolles, sem hesitar.

— Está quieto, corcunda! — gritou o homem que assinava nas costas de Ésopo.

— Chaverny! — repetiu o príncipe. — Eu gosto do rapaz, mas êle incomoda-me... dessa forma desembaraço-me dêle!

III

OS CAPRICHOS DO CORCUNDA

Quando os nossos felizes especuladores, Taranne, Albret e seus amigos, terminaram a divisão dos lucros, misturaram-se de novo com a multidão.

— Onde está o nosso querido Chaverny? — perguntou Gonzaga a Peyrolles.

Neste momento, ouviu-se a ordem de fechar.

— Aviem-se!... São horas!...

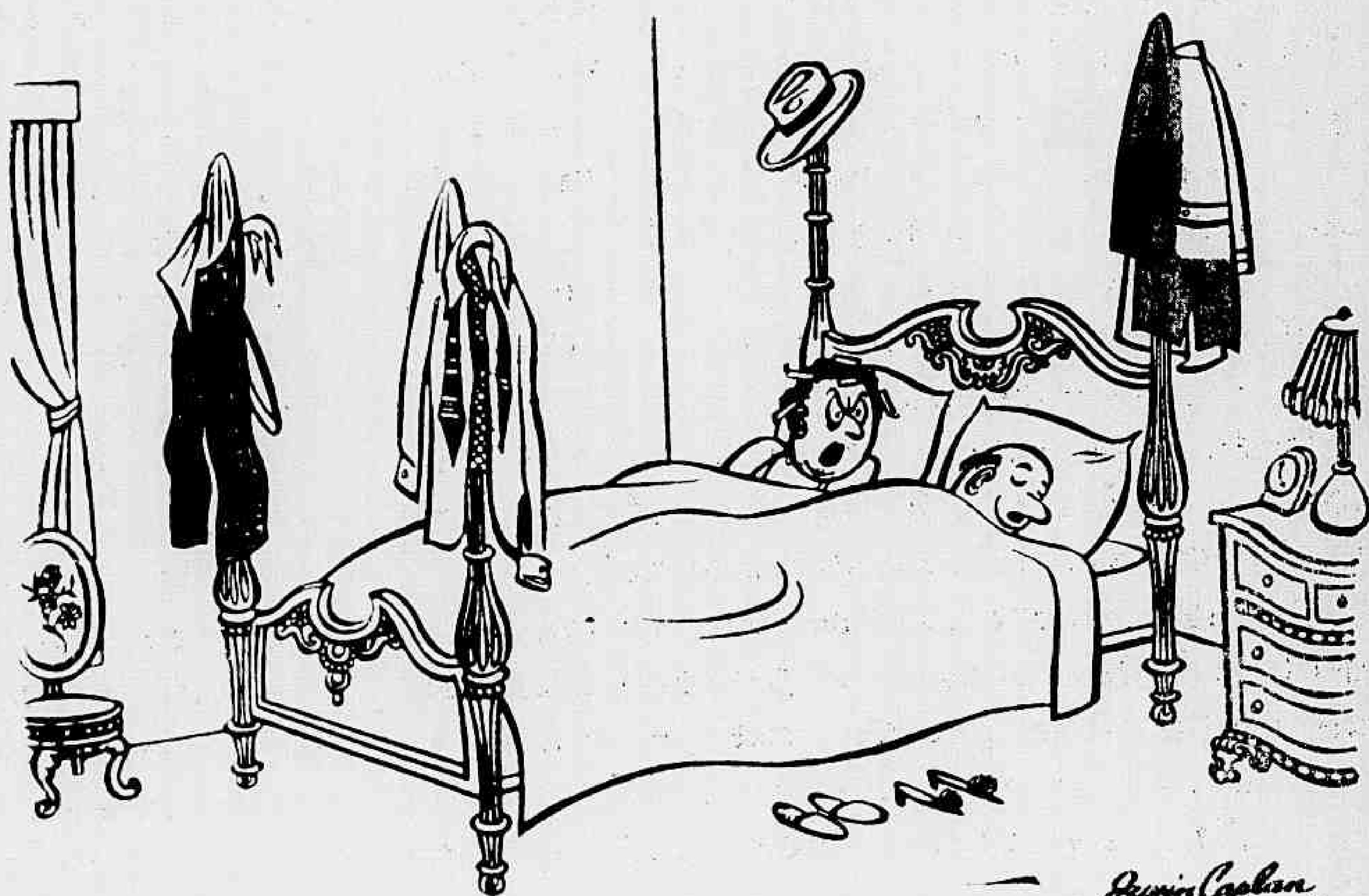
E a campainha tocava enquanto os porteiros passavam fazendo barulho com as chaves.

Ésopo, que ouvira pronunciar o nome de Chaverny, cada vez procurava dar mais atenção.

— Que dizia Monsenhor a respeito do marquês de Chaverny? — perguntou Peyrolles.

— De Chaverny?... — repetiu o príncipe, com ar distraído. — Lembra-me logo de que preciso falar ao corcunda...

★



— *Também pode ter a certeza: é a última vez que compro cama nesse estilo!*

— E a pequena? Não será perigoso deixá-la no pavilhão?

— Sim, mas não se conservará lá por muito tempo. Esta noite ceamos em casa de dona Cruz... uma reunião só para íntimos...

E acrescentou algumas palavras ao ouvido de Peyrolles, que se inclinou e disse:

— Está muito bem, Monsenhor!

Peyrolles ia a afastar-se, mas o príncipe tornou a chamá-lo e disse-lhe para não se esquecer de lhe levar Chaverny, morto ou vivo.

— Está quieto, corcunda! — disse o comerciante, que nesse momento assinava nas costas de Ésopo.

— Estou cansado! — retorquiu a secretária ambulante. — Estão a tocar para a saída!... Tenho necessidade de repouso!

Com efeito, a campainha continuava a dar o sinal e os guardas apressavam os retardatários.

Navailles, Taranne e outros amigos, tinham-se aproximado de Gonzaga, mas o príncipe estava de olhos fitos no corcunda que, sentado à porta do casinhoto, não parecia disposto a sair. Contava tranqüilamente o conteúdo do saco de couro e, pelo menos aparentemente, fazia-o com grande satisfação.

— Esta manhã viemos saber notícias da sua saúde, Monsenhor meu primo! — disse Navailles.

— E tivemos a alegria de saber — acrescentou Nocé — que não estava demasiadamente fatigado com a festa de ontem!

— Há uma coisa que fatiga mais do que o prazer... é a inquietação!

— De fato eu sou assim — disse Oriol, ansioso para falar também. — Quando uma pessoa está inquieta...

Ordinàriamente, Gonzaga corria em socorro dos cortesãos que se afundavam, mas desta vez não acudiu a Oriol.

Quando o corcunda acabou de contar o dinheiro atou o saco ao pescoço e entrou no nicho. Um guarda interpelou-o:

— Então, tu vais dormir aqui?

— Sim, senhor... trouxe tudo quanto era necessário.

O guarda soltou uma gargalhada franca e os fidalgos imitaram-no. Só o príncipe de Gonzaga continuou sério.

— Deixa-te de brincadeiras! Sai daí!... — gritou o guarda.

Ésopo fechou-lhe a porta na cara.

Depois, como o homem continuasse a gritar e a bater à porta, o corcunda meteu a cabeça por uma espécie de clarabóia do casinhoto e gritou:

— Justiça, Monsenhor!

— Justiça! — exclamou alegremente o grupo.

— É pena Chaverny não estar presente — acrescentou Navailles — do contrário podia-se encarregá-lo de pronunciar esta importante e grave sentença!

Gonzaga pediu silêncio e disse que tôda a gente devia sair ao toque da sineta.

— Monsenhor — replicou Ésopo, naquele tom breve e preciso do advogado que apresenta as suas conclusões — queira tomar em consideração que não me encontro em igualdade de circunstâncias com os restantes... os outros não alugaram o casinhoto do cão!

— Bem achado! — disseram uns.

— Mas isso que interessa? — opuseram outros.

— Ora, se Médor — prosseguiu o corcunda — como eu posso provar, costumava dormir aqui, eu, que mediante trinta mil libras adquiri os direitos e privilégios do cão, hei de fazer o mesmo que êle, e só sairei daqui se me expulsarem pela violência!

Gonzaga desta vez sorriu; exprimiu a sua aprovação por um sinal de cabeça e o guarda retirou-se.

— Anda cá! — ordenou o príncipe. — Explica-me a razão por que queres ficar aí dentro.

Ésopo saiu do casinhoto, cumprimentou os presentes e aproximou-se do príncipe, respondendo:

— Porque é um lugar seguro e eu tenho algum dinheiro...

— Pensas, então, fazer um grande negócio com o teu casinhoto?

— Uma espécie de mina de ouro, Monsenhor!

Os cortesãos de Gonzaga principiaram a rir. O príncipe, porém, olhou-os com certo desprêzo e disse:

— Parece estarem dispostos a divertir-se à custa de Ésopo. No entanto, foi para mim mais útil do que todos os senhores

reunidos... Prometeu-me Lagardère no baile do regente e êle compareceu!

— Se Monsenhor nos tivesse encarregado... — principiou Oriol.

— E é necessário notar — prosseguiu o príncipe sem lhes responder — que não se maneja Lagardère à nossa vontade! Oxalá que não nos convençamos disso muito em breve...

Todos os olhares se interrogaram.

— Podemos falar com tôda a franqueza — disse Gonzaga. — Tenciono tomar êste rapaz ao meu serviço... tenho confiança nêle!

Ao ouvir estas palavras, o corcunda endireitou-se, muito satisfeito.

— E como tenho confiança nêle, posso dizer: se Lagardère não está morto, todos nós corremos o perigo de morrer!

Fêz-se um profundo silêncio. Èsopo parecia o mais surpreendido de todos.

— Tê-lo-iam deixado escapar?!... — murmurou.

— Não sei... os meus homens demoram-se e estou inquieto! Dava tudo para saber o que se passa!

Em volta de Gonzaga, fidalgos e financeiros procuravam mostrar-se à altura da situação. Os valentes, como Navailles, Choisy, Nocé e outros já tinham dado as suas provas, mas os três restantes, principalmente Oriol, estavam pálidos.

— Felizmente, somos bastante numerosos... —

— Eu sei... Eu sei... — interrompeu o príncipe. — Agora, porém, vamos arrumar outro assunto. Meu amigo, trabalhaste muito bem. Quanto queres, como recompensa?

O corcunda, que ainda conservava na mão o saco de couro, principiou a dar-lhe voltas e balbuciou:

— Realmente... parece-me que não vale a pena...

— Eu creio que já te disse — cortou Gonzaga, impaciente — que os serviços gratuitos, em geral, saem muito acros, porque ocultam traição!... Dize, pois, quanto queres, ordeno!

— Visto que Monsenhor o exige... — disse o corcunda, com embaraço crescente. — No entanto, não sei como hei de fazer êste pedido... Monsenhor vai rir-se de mim!...

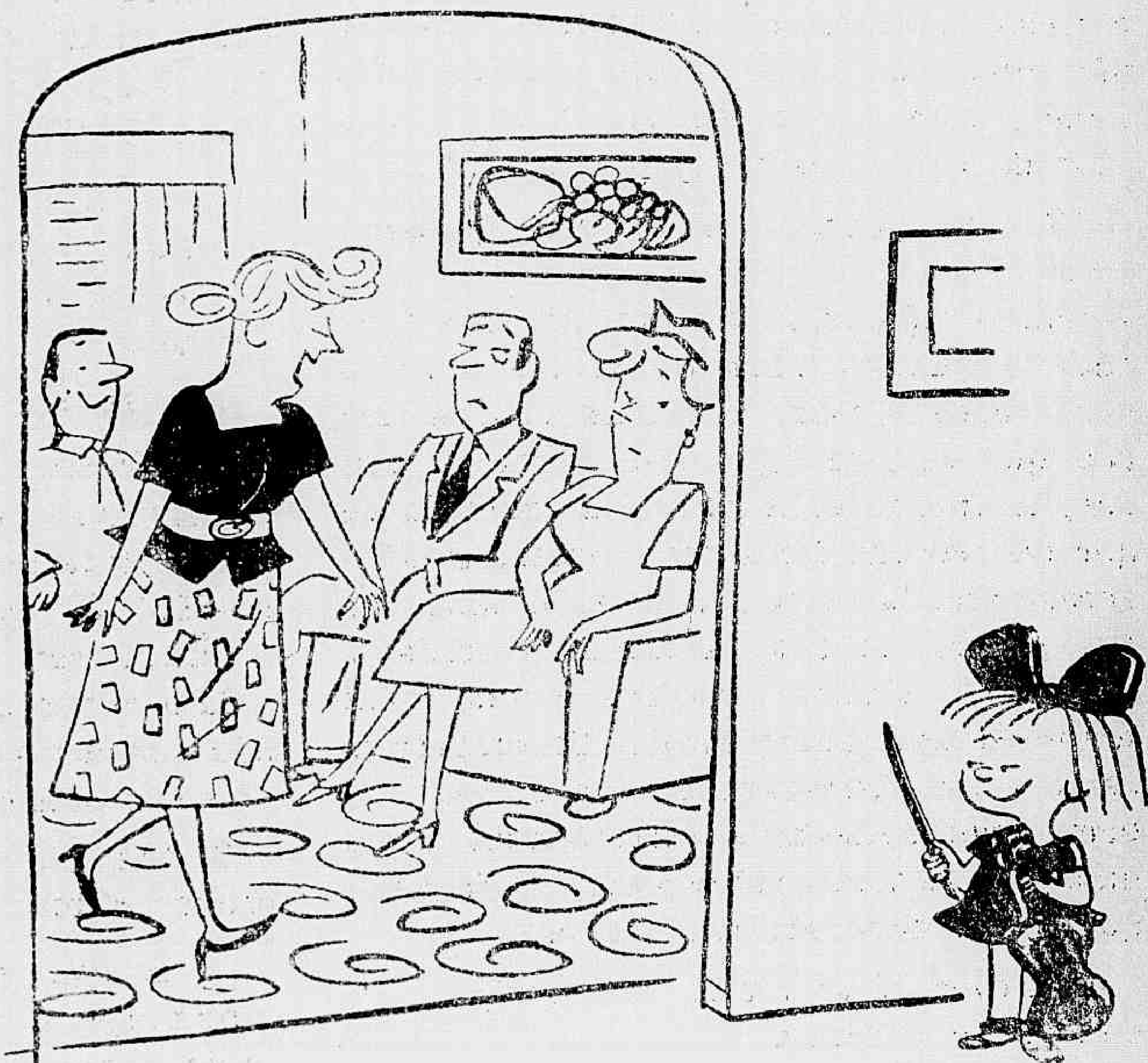
— Aposto em como o nosso amigo está apaixonado! — exclamou Navailles.

Ouviu-se uma grande gargalhada. Só Gonzaga e Èsopo não tomaram parte naquela expansão de alegria.

O príncipe estava convencido de que ainda tornaria a necessitar do corcunda. Embora ávido, não era avarento. O dinheiro não lhe custava nada e sabia espalhá-lo às mãos cheias. Naquele momento desejava duas coisas: adquirir e conhecer aquêle misterioso instrumento! Manobrava, portanto, de forma a atingir aquela dupla finalidade.

— E se estivesse apaixonado?... — disse, muito sério. — Se assim fôsse e se a sua





— Bem... Vou ver se ela consente em tocar...

felicidade apenas dependesse de mim, juro que seria feliz! Há favores que não se pagam apenas com dinheiro!

— Monsenhor — pronunciou o corcunda. — Paixão, ambição, curiosidade... saberei o verdadeiro nome da loucura que me atormenta? Êstes senhores riem... têm razão... eu sofro!

Gonzaga estendeu-lhe a mão. O corcunda beijou-a, mas os seus lábios tremeram. Então, continuou, num tom tão estranho que os estouvados cortesãos perderam a jovialidade.

— Paixão, ambição, curiosidade, que interessa o nome do mal?... A morte é a morte, quer seja motivada pela febre, pelo veneno o pela espada!... O homem é pequeno mas revoluciona o mundo!

O corcunda enxugou a fronte. Lançou um olhar irônico em volta e soltou uma daquelas risadas sêcas e agudas que já lhe conhecemos.

— Ah!... Ah!... Ah!... — disse, ao ver o auditório estremecer — eu tenho vivido o que se chama uma verdadeira vida! Sou pequeno, mas sou um homem! Assim, por que motivo não poderia apaixonar-me como qualquer outro?... Por que não serei curioso e ambicioso?!... Sou feio, mas isso não interessa... no cemitério ficamos todos iguais. Além disso, há ainda uma coisa pior do que a fealdade: a pobreza!...

"Eu era pobre, não conheci os meus pais. Talvez no dia em que nasci, ao verem-me tão feio me tivessem pôsto na rua... Quando abri os olhos, notei o céu cinzento sôbre a minha cabeça, um céu que deitava água fria sôbre o meu corpito tremente. A primeira sensação de que me recordo foi a das chicotadas, dilacerando-me a carne... O meu leito era nas pedras da rua; a minha comida, a dos cães!... Enfim, uma boa escola, meus senhores, uma ótima escola! Se soubessem como estou couraçado contra o mal!... O bem surpreende-me e embriaga-me como uma gôta de vinho sôbre a cabeça daqueles que nunca beberam senão água...

— Deves odiar muito, meu amigo!... — murmurou Gonzaga.

— Ah! Isso é verdade, Monsenhor!... De muito pequeno só o ódio e a cólera habitam no meu coração! E querem saber o que me causava inveja?... A alegria alheia!... Os outros eram bonitos, tinham pai e mãe. Mas, sentiam, por acaso, piedade pelos menos felizes, pelos que viviam sós e tristes?... Não! Melhor!... Foi isso que endureceu a minha alma... foi o desprêzo! Ora, o desprêzo, às vêzes, mata! A mim, porém, tornou-me forte e mau, e alguns daqueles que foram meus inimigos já não pertencem a êste mundo para o comprovarem!

Havia qualquer coisa de tão estranho e de tal forma inesperado nestas palavras que todos se conservaram silenciosos. Os nossos descarados cortesãos, apanhados de improviso, tinham perdido o seu ar irônico. Gonzaga escutava, atento e surpreendido. O efeito produzido assemelhava-se ao arrepio que produziria a ameaça proferida por um inimigo invisível.

— Desde que me achei forte — continuou Esopo — assaltou-me um desejo: quis ser rico. Durante dez anos, ou talvez mais, trabalhei entre risos e troças. Suei sangue para conquistar o meu primeiro *Luís* em ouro; guardei-o! Quando me sinto cansado ou desanimado, olho para êle: a sua vista anima o meu orgulho e o orgulho é a fôrça do homem... Fui amealhando sôldo a sôldo, libra por libra...

— Então és avaro? — interrompeu Gonzaga, como se tivesse interêsse ou prazer em descobrir o lado fraco daquele ser bizarro.

O corcunda encolheu os ombros.

— Oxalá, Monsenhor, que eu fôsse apenas avaro e amasse êsses escudos como um amante adora a sua amada! Seria isto paixão? Se fôsse, passaria a minha vida a entesourar. Sim, afinal o que é a felicidade senão um pretexto para viver?! Mas não é avaro quem quer!... Não, Monsenhor, não sou avaro...

Soltou um grande suspiro e cruzou os braços sôbre o peito.

— Enfim, meu amigo — interrompeu o príncipe, com frieza e altivez — poderei saber o que desejas de mim?

(Continua no próximo número)

Seu desaparecimento tumultuou Tânger... e um homem disposto a tudo para a reconquistar...



HÁ uma fascinação irresistível em tudo aquilo aparentemente inexplicável e que, afinal, depende das incalculáveis oportunidades que governam o destino dos humanos.

A história que vou relatar pode muito bem nunca ter sido escrita para os jornais, apesar de ter uma raiz nas intrigas anteriores à guerra na Europa Central e outra no após-guerra do Marroco.

Para começar, direi que meu nome é George Morrison. Sou, profissionalmente, uma espécie de detective financeiro, tendo assim ganhado a minha vida nos últimos sete anos, empenhado em encontrar, por conta de várias companhias de seguros, diferentes valores pilhados pelos nazistas durante a última guerra e oferecidos constantemente à venda em várias

Que aconteceu com Olga?

Novela de
ROBERT STANDISH

partes do mundo. No correr do ano passado, durante um coquetel, em New York, disse ocasionalmente à bela e elegante criatura, em cuja residência me encontrava, que estava de saída para o Marroco, o que faria no dia imediato. Após a reunião, deixei-me ficar um instante na esquina próxima, à espera de um ônibus, apenas para ficar sabendo que essa condução era um mito. Retornando, então, até a imponente

entrada do prédio de apartamentos que acabara de deixar, pedi ao porteiro que me conseguisse um táxi. Quando êste surgiu, uma mulher, que eu vira entre os convidados da recepção, saiu do edifício e parou ao meu lado. Após um ligeiro cumprimento, explicou que desejava ir para a esquina da Quinta Avenida com a rua Cinquenta e Cinco, enquanto a minha direção era a Avenida do Parque, esquina da rua Cinquenta e Dois. Trocamos os nossos nomes, já instalados no táxi. Chamava-se Sonia Russell, mas, por seu sotaque, julguei imediatamente que fôsse originária da Europa Central — e nisto tinha muita razão.

— Ouvi o senhor dizer a alguém — falou minha acompanhante — que estava de saída para o Marroco, amanhã... se não me engano? Terá o senhor alguma oportunidade de visitar Tânger?

Disse-lhe que pretendia passar uma semana ou mesmo uns dez dias ali.

— Neste caso, estou pensando se o senhor poderia prestar-me um pequeno favor... — disse ela, fitando-me com ar sorridente. — Acabo, justamente, de saber que meu cunhado, que eu acreditava morto há muitos anos, está vivendo atualmente em Tânger. Telegrafei e escrevi várias cartas para êle... mas não recebi nenhuma resposta. Darei ao senhor o enderêço... Desejo que o senhor o procure e lhe faça uma pergunta por mim... Pode ser?

— Se êle não quis responder à própria cunhada... acredita que se mostrará mais... gentil com um indivíduo que lhe é completamente estranho?

— Não sei... Mas não custa muito tentar, não acha?

— Realmente. Qual é a pergunta?

— Quero que o senhor indague dêle o seguinte: *"Que aconteceu com Olga?"*

Acredito que o meu gênero de trabalho tenha feito de mim um indivíduo desconfiado e sempre pronto a suspeitar de tudo. A verdade é que tive a imediata sensação de que essa pergunta, aparentemente simples, era uma espécie de *código*. Por isso, hesitei ligeiramente, antes de responder. Notando, talvez, a sra. Russell acrescentou, apressadamente:

— Olga é... *ou era* minha irmã. Casou com Karl Ladros... o homem que o senhor



Êles esperavam por Ladros. . .



Era fácil encontrá-lo à primeira mesa à esquerda.

deve procurar. Eu nada tinha ouvido falar, de um ou de outro, desde antes da guerra. Durante anos pensei que tivessem morrido e, então, há coisa de umas quatro semanas, por simples acaso, ouvi dizer que Karl estava vivo e residindo em Tânger. Tratei, é claro, de telegrafar, e, logo a seguir, de escrever uma carta.

— E êles não responderam... — disse eu, interrompendo. — Por que teriam feito isso? Não tem uma idéia...?

— Não sei. E isso chega a ser maldade, pois Karl sabe quanto Olga e eu sempre fomos unidas e, portanto, deve imaginar a minha ansiedade. Se eu pudesse, pode ter a certeza de que tomaria um avião e iria pessoalmente saber o que aconteceu. Mas não tenho dinheiro. Eis porque reuni tôda a minha coragem e decidi pedir-lhe êsse favor. Pode me ajudar?

No correr dos meus trabalhos usuais encontro gente realmente estranha e em geral vivo metido em situações delicadas e muitas vêzes perigosas. Isto, naturalmente, tornara-me cauteloso.

— Dê-me uma carta ou coisa semelhante — disse eu para Sonia Russell — e, tão logo chegue, escreverei para o seu cunhado, solicitando um encontro. Mas, se êle também fingir ignorar a minha carta, não tomarei qualquer outra medida. Diga-me... Sabe, ao menos, o que êle está fazendo em Tânger?

— Não... Apenas aparenta estar muito rico... e era bem pobre, quando o conheci.

Esta resposta me levou a refletir, porque em Tânger não há muitos modos de uma pessoa enriquecer... a não ser de maneira pouco recomendável... E êstes são raros.



DESPEDIMO-NOS depois de assim haver combinado. Caso eu pudesse obter qualquer informação logo o faria. Uma semana mais tarde, em Tânger, escrevi uma carta a Karl Ladros, explicando que fôra solicitado para indagar notícias suas e de sua espôsa Olga, por conta de sua cunhada, Sonia, e que teria muito prazer em que êle marcasse um encontro pessoal.

Minha intenção, ao lançar a carta na caixa do correio, era a de — caso não obtivesse resposta — não pensar mais no assunto. Não gosto de me intrometer na vida privada dos outros e estou sempre recomendando a mesma atitude aos meus amigos. No dia seguinte, um dos banqueiros de Tânger foi meu companheiro na mesa do almôço. Eu mantivera correspondência com êle em razão de uma certa quantidade de títulos que tinha sob a sua guarda. Êsses títulos tinham estado num banco parisiense até 1939. Em 1940, tinham sido "conquistados" por um jovem amigo de Hermann Goering. A seguir, êsses títulos surgiram num estabelecimento de crédito de Amsterdão. Isto foi em 1945.

Mas, já em 1946, estavam êles em Zurique... de onde desapareceram, para surgir mais uma vez, o que ocorrera poucas semanas antes, em Tânger e o meu companheiro de almôço os adquirira, de boa-fé, de um sócio de... Karl Ladros!

— Quem é êsse homem... Karl Ladros? — perguntei, cheio de curiosidade.

— Não há nenhum segrêdo sôbre êle — respondeu meu interlocutor. — Está metido em contrabando de cigarros. Trata-se de um especulador... em tudo. Chegou a Tânger sem níquel, logo depois da guerra. Imediatamente meteu-se em negócios ilícitos e, para seu govêrno, sempre que se achar diante de um negócio dêsse gênero, pode seguir a trilha que certamente o levará até Karl Ladros. Digo-lhe francamente que, se soubesse que êle estava implicado na venda dêsses títulos, jamais os teria comprado!

— Onde está situado o escritório dêle?

— A primeira mesa, à esquerda de quem entra no "Café Larache", no Boulevard Pasteur. Pode ser ali encontrado das dez da manhã até quase meia-noite. Mas não perca seu tempo, pois nada conseguirá dêle. Legalmente não há recurso! Nada poderá ser alegado contra êle.

— Apenas curiosidade — repliquei, com um sorriso misterioso.

MAS, realmente, eu estava tão curioso que, na mesma noite, fui ao "Café Larache" e pedi um aperitivo. Não foi difícil identificar Karl Ladros. A primeira mesa, à esquerda, estava literalmente coberta com documentos, enquanto uma gorda pasta servia de pêso para papéis. Ladros era homem dos seus cinquenta e cinco anos, com cabelos grisalhos, alisados para a nuca e olhos grandes, profundos como os da águia. Tudo nêle era grande: ombros, mãos, maçãs do rosto, onde dominava um enorme nariz; um sorriso sempre largo deixava ver dentes bem formados e brancos. Os olhos, que pareciam tudo ver, eram de um azul pálido, que muitos considerariam, talvez, cinzentos. Parecia de muito bom-humor e feliz, quando o vi pela primeira vez.

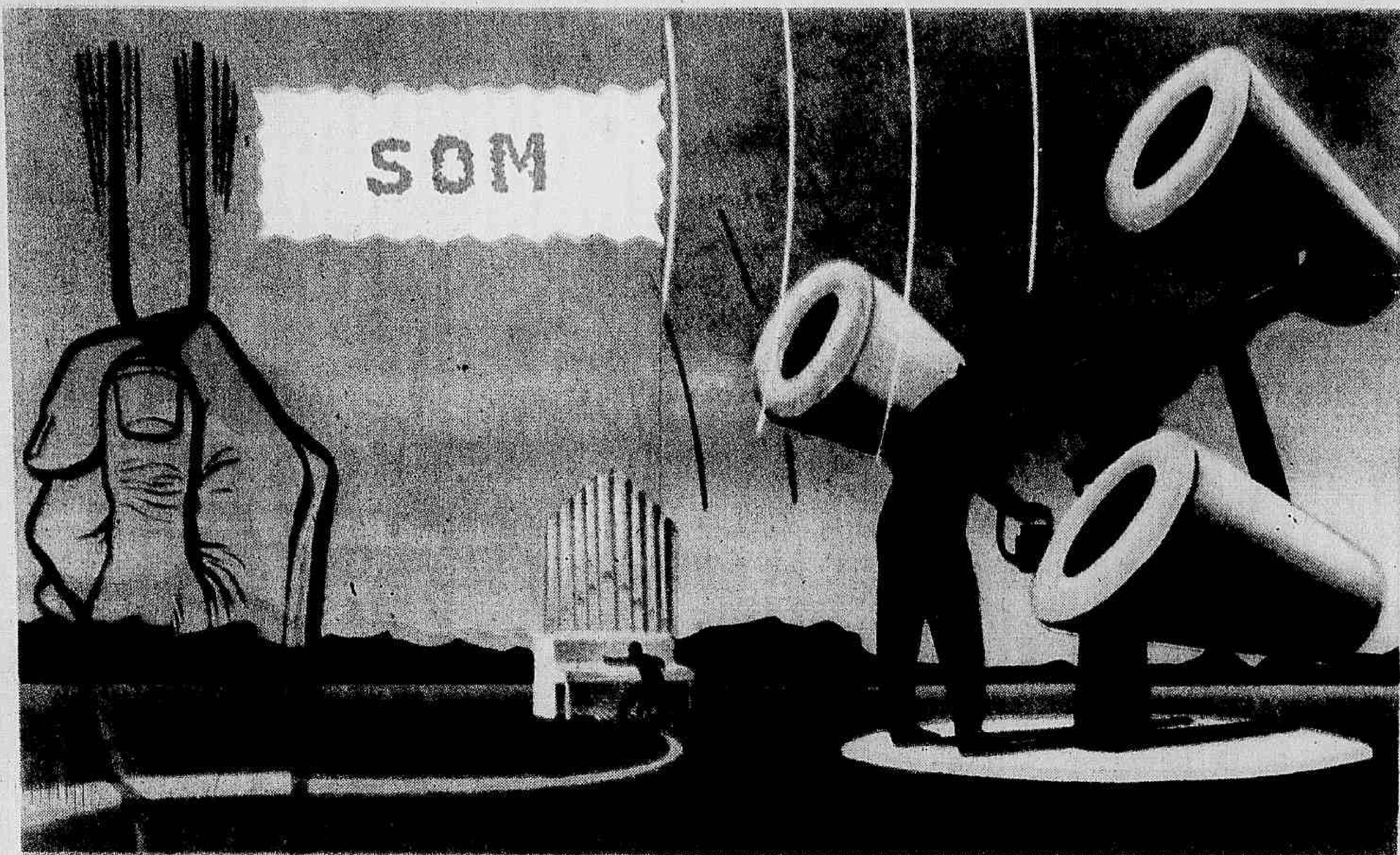
Havia um arrogante desprêzo pelas mais banais convenções em suas maneiras e isso foi pouco depois revelado quando ali, diante dos demais frequentadores, abriu um pequeno estôjo de couro e dêle retirando uma navalha elétrica, começou a fazer a própria barba.

Logo que Ladros começou a barbear-se, alguns turistas, instalados nas mesas mais próximas, protestaram junto do gerente do café — porém sem nenhum resultado. Segundo ficou evidenciado, a mim pelo menos, todos, patrão, gerente e empregados, temiam aquêle homem, que dominava suas vidas pelo menos doze horas diàriamente. Notei também que cêrca de metade dos que se achavam no café esperava apenas uma ocasião para falar com Ladros. Todos os olhares estavam voltados para êle, esperando por um imperioso sinal seu, sem o que não ousariam aproximar-se de sua mesa.

Ladros era um poliglota. Ouvi-o, de fato, falar francês, espanhol, italiano, inglês e arábico, com aparente fluência e empregando a maior variedade de tons que já ouvi de uma mesma bôca. Tudo, porém, aos arrancos e desprovido de qualquer simpatia. Usava as palavras, como o carreiro usa o chicote. Os homens que

(*Continua na página* 112)



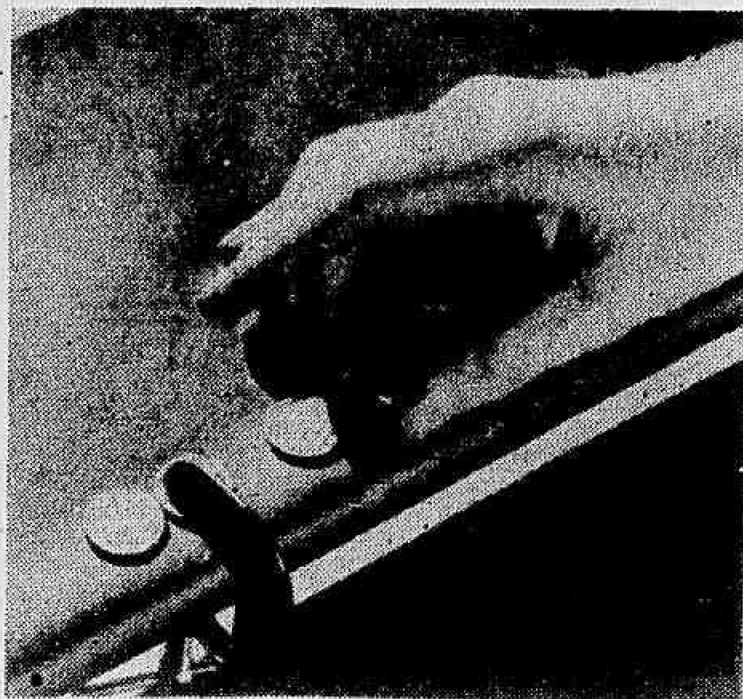


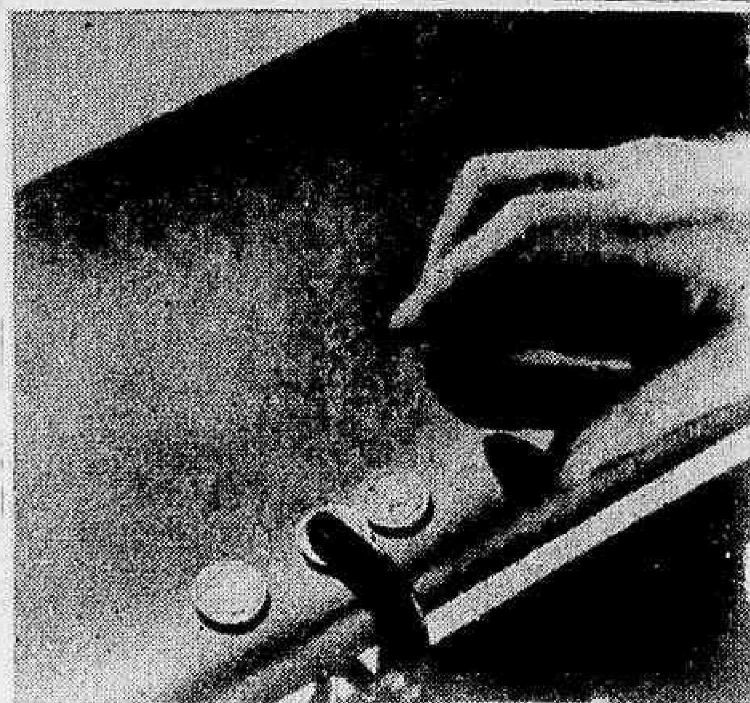
COMO VIAJAM AS ONDAS DE SOM...

...desde sua fonte até o nosso ouvido? Certamente não ajudada por brisas favoráveis nem outros métodos envolvendo a transferência de alguma substância física de um lugar para outro, pois que podemos ouvir sons mesmo quando o vento está violentamente contra êles e nenhuma substância física é bastante sutil para passar através de janelas fechadas e paredes de 30 centímetros de espessura.

Podemos ter uma idéia de que como viajam as ondas de som realizando pequenas e surpreendentes experiências. Firmar uma moeda sôbre a mesa, como indica a fotografia inferior à esquerda desta página, encostando a ela uma segunda moeda, livre. Batendo-se na primeira, a segunda imediatamente se afastará. Embora a moeda fixada não sofra qualquer abalo que a leve a mudar nem um pouco de posição, a energia da pancada passou através dela em razão da onda de compressão. A orla da moeda prêsa é ferida pelo impacto e êsse impulso sonoro, passando por seu âmago vai ferir a moeda seguinte, a qual é empurrada pela onda de som.

É por um processo igual, passando entre as partículas de ar ou qualquer outra substância física, que o som vai de um ponto para outro — mesmo através dos dedos que procuram fechar os ouvidos ou das portas fechadas. A fonte de som é sempre um corpo em vibração — uma nota de violino, o ruflo de um tambor, o sôpro de um fole de órgão, uma emissão vocal, passando sua vibração de uma partícula de ar para outras que imediatamente a circundem. Essa passagem de impulso, de partícula para partícula, prossegue até que a energia se esgote totalmente. Embora o som possa viajar através de muitas milhas, as partículas morrem exatamente onde foram iniciadas, persistindo ùnicamente por propagação.





Juntem duas moedas sôbre a mesa, firmando uma delas como indica o clichê da esquerda. Uma pancada sêca, na moeda fixada fará a outra afastar-se, por efeito de onda do som.

O VÁCUO DETÉM O SOM

Tentando êsse truque, uma pessoa menos avisada, acreditará que ficou surda.

NÃO há a menor dúvida de que por mais poderosa que fôsse, uma onda de som jamais chegaria a alguém situado na Lua ou para comunicar com os supostos habitantes de Marte.

Isto porque, a luz e as ondas de rádio, e da mesma forma as ondas de som, necessitam da ajuda de um gás, de um líquido ou de um sólido para transportá-las e, portanto, não poderiam viajar fora da atmosfera terrestre, onde a "música" é realmente um eterno e imenso silêncio.

Em 1660, Robert Boyle provou que o som não pode atravessar o vácuo, o que podemos comprovar com um frasco de Pirex, vazio, um lápis e um pequeno sino, conforme indica a gravura.

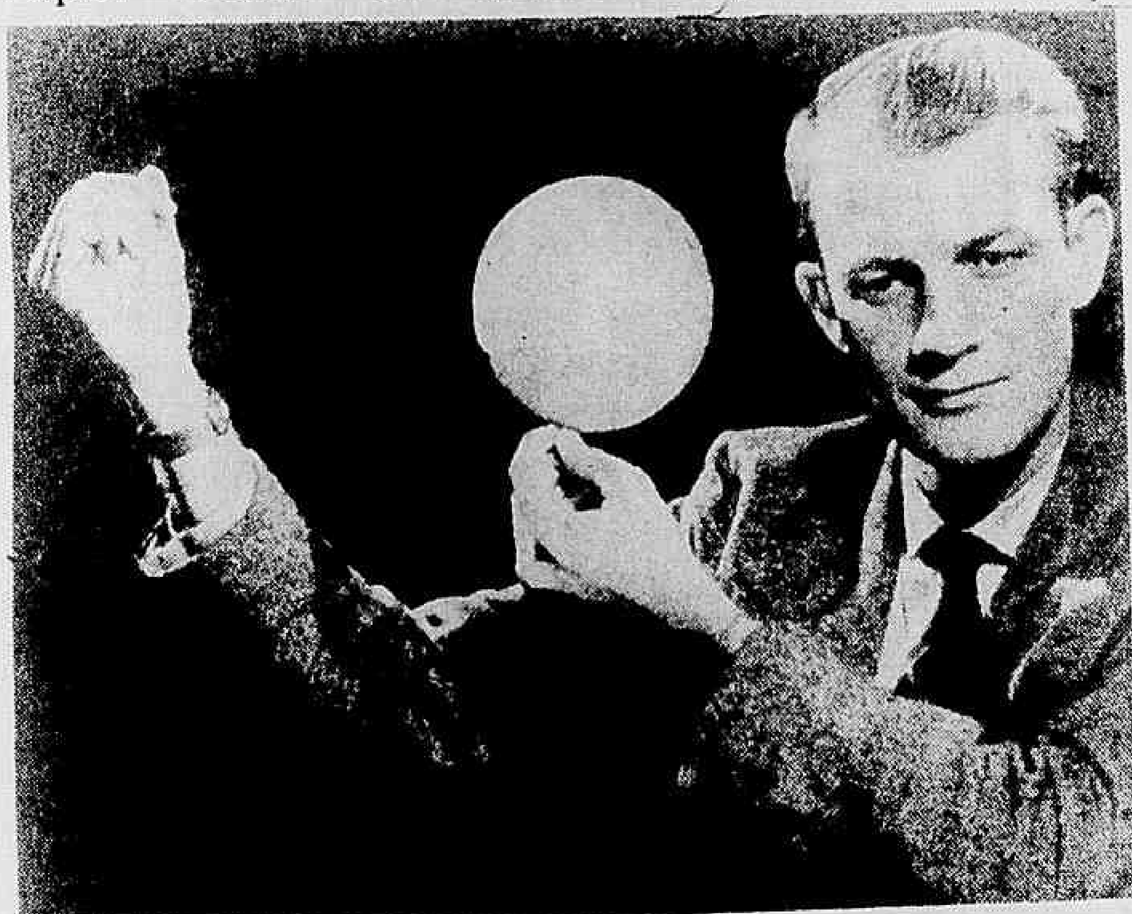
Prendam o sino a uma ponta do lápis, por meio de elástico, enterrando a outra ponta numa rôlha. Deitem um pouco d'água no frasco e ponham êste no fogo, para ferver e expelir todo o ar.

Retirem do fogo e arrolhem logo que o vapor cesse de sair. Depois da água esfriar, sacudam o vidro junto do ouvido.



Fervam água num frasco até que o ar tenha sido totalmente expelido. Coloquem a rôlha. Nada será ouvido.

O som da campainha será quase inaudível, porque o vapor condensado provocou vácuo parcial. Deixem penetrar de novo o ar no frasco e então ouvirão a campainha nìtidamente.



Mesmo o menor ruído que se possa fazer — como o estalar de dois dedos — poderá ser ouvido nitidamente através de um balão de borracha cheio de ar.

O BALÃO DE AR — AO CONTRÁRIO — AJUDA...

... porque as ondas de som viajam mais devagar através do pesado gás de bióxido de carbono do que do ar simples.

Uma "lente de aumento", formada por um balão cheio de ar concentrará o som. Se fôr possível arranjar gêlo sêco, para encher o balão de borracha, melhor será encher pela metade uma pequena garrafa de soda com água, acrescentar algumas pedras do gêlo sêco e cobrir o gargalo com a bôca do balão.

O gêlo, transformado em gás, logo encherá o balão, que, seguro entre o ouvido e um relógio, ouviremos seu tiquetaque, mesmo a grande distância.

OS DENTES TAMBÉM OUVEM

PODEMOS ouvir os sons não apenas por intermédio dos ouvidos médio e externo, mas, também, com os ossos da cabeça.

O princípio é aplicado pelos aparelhos de audição para as pessoas cujo nervo auditivo e ouvido interno ainda funcionam, mas de maneira defeituosa devido a lesão ou enfermidade do aparelho do ouvido externo.

Isto pode ser provado fazendo vibrar os dentes de um garfo e, em seguida, apertando o cabo do garfo entre os dentes, bons condutores das vibrações sonoras.



Os sons podem ser ouvidos através dos ossos. Isto pode ser provado fàcilmente, colocando-se um garfo entre os dentes e fazendo vibrar as suas pontas.



SINFONIA DAS ONDAS SONORAS



Os tons de um garfo, quando o fazemos vibrar, são de uma variedade quase infinita, conforme o mudarmos de posição.

Os tons de um garfo, quando os dentes vibram, ganham variações segundo a posição do utensílio.

FAÇAM vibrar, com a ponta dos dedos, os dentes de um garfo e conservem-no a certa distância do ouvido. Na posição vertical, sofrerá estranha alteração se inclinado ligeiramente. Forçando a inclinação, essa vibração será desviada até tornar-se quase inaudível.

Girando-se o garfo, porém, o som ganhará de intensidade novamente. Insistindo-se nessas vibrações, o som crescerá mais e mais. Qual a razão? As ondas de som que sofrem essas variações em razão da posição dos dentes relativamente ao nosso ouvido. Quando os dentes ficam voltados para cima, o som aumenta. Em outra posição, porém, as ondas se anulam umas às outras.

A "VOZ DO MAR"

O leitor, alguma vez, já aproximou uma concha marinha do ouvido para "ouvir a voz do mar"? E não se impressionou ao notar que essa voz, que é de baixo legítimo nas grandes conchas, passa a ser de soprano nas pequeninas?

A razão está em que essa "voz do mar" é para questão de ressonância.

O ar contido no interior menor vibra mais fàcilmente e em maior velocidade que nos espaços maiores; por isso, o ar em nosso redor, especialmente nas cidades, está cheio de uma mistura de sons de diferentes tons.

Quando aproximamos uma concha do ouvido, ouvimos apenas a amplificação de qualquer som ambiente. Podemos assim ouvir diferentes tons, empregando diferentes receptáculos, tais como jarros, copos, caixas, de diferentes tamanhos.



Todo cilindro aberto — como as conchas marinhas — têm um ruído, como o marulhar das águas.



Quando sopramos uma garrafa de leite, qualquer pessoa que se encontre nas proximidades da mesma ouvirá suas vibrações.

A ressonância também pode ser apresentada através dos copos e taças, arrumadas na prateleira de sala, quando o rádio está ligado com grande potência e atinge notas bem altas.

Também um violento espirro pode provocar igual vibração das coisas frágeis, em redor. A vibração do som, cuja área está em relação com a natural média de vibração dos objetos mais próximos, "mexe" com todos êles.

GARRAFAS

Com a ajuda de duas garrafas de leite, podemos demonstrar como essas repercussões se desenvolvem.

Mande alguém sustentar uma garrafa com o bocal voltado para o ouvido e bastante próximo dêle, sem, porém, obstruir o bocal. A seguir, soprem com fôrça pelo gargalo de outra garrafa até provocar uma nota forte, clara e prolongada.

Tôda vez em que isto acontecer, as vibrações ressonantes invadirão a outra garrafa, nela produzindo uma nota similar e que será ouvida distintamente pela pessoa que a sustenta.

A FÔRÇA DA RESSONÂNCIA

Pequena fôrça física, repetida a intervalos regulares, pode ter efeito surpreendente.

SEMPRE que ligamos o rádio, batemos contra alguma coisa ou chocamos dois copos, nossos ouvidos são feridos pela ressonância, a grande vibração, que ocorre quando uma fôrça ligeira é aplicada repetidamente, com intervalos regulares, a qualquer sistema capaz de vibrar. No rádio, a fôrça consiste em reiterados e frágeis impulsos captados do ar. Quando o aparelho não está em ressonância ou «sôbre uma estação», êstes impulsos são quase nulos. Quando o dial é pôsto em estado de ressonância, porém, êsses impulsos vão e vêm, frágeis embora, porém tão repetidos e justos que se tornam audíveis em discursos ou canções.

Um pequeno esfôrço físico, repetido regularmente, provoca um balanço sempre mais alto e mais forte.



Repetido com intervalos regulares, um sôpro contra um livro que se encontre suspenso provoca neste um movimento de vaivém.

Assim ocorre com um livro pendurado num cordel, segundo revela o clichê, tomará impulso e balanço largo se sôbre êle soprarmos com insistência, a intervalos regulares.

O ÓRGÃO E A HARPA

Instrumentos musicais podem ser fabricados com simples instrumentos caseiros

QUANDO enchemos um copo ou um vaso, mesmo sem olhar, podemos saber a que altura está a água. (Pelo som da queda d'água, que sobe em escala). Vamos dar um melhor exemplo de ressonância.

Caindo no jarro a água provoca uma mistura de sons. A coluna de ar, acima do nível da água, seleciona e amplifica o som correspondente ao seu natural volume.

Subindo a água e diminuindo a quantidade de ar o som se torna cada vez mais alto. Enchendo uma série de garrafas, segundo mostra o clichê, podemos util êsse princípio e fabricar um órgão no qual, com alguma habilidade, é possível executar alguma melodia soprando sôbre o gargalo das garrafas.

Convém encher a primeira garrafa até a metade e depois acrescentar água, pouco a pouco, até chegar à nota «do». Dar tom às demais pelo mesmo processo.

Também uma harpa pode ser construída com um fio telefônico..

Podemos ouvir as mesmas vibrações de uma harpa conforme indica o clichê inferior, à direita.

Aplainem a extremidade de um fio, achatando-a; para ouvir o «som do vento» levem o fio ao ouvido, com a ajudá de um canudo de borracha e conservem a extremidade achatada diante de um ventilador em funcionamento.



Uma completa escala musical poderá ser conseguida pelo leitor se usar para isso, tão sòmente, um grupo de garrafas contendo diferentes níveis de água.



Um pedaço de fio elétrico, tendo um pequeno tubo na sua extremidade, e colocado diante de um ventilador, revelará, com facilidade, a «canção do vento».

Podemos aprender medicina

A ciência atual reconhece que os "feiticeiros" — antigamente ridicularizados — conhecem e empregam ervas, drogas e métodos que podemos utilizar.

SEGUNDO recentes comunicados médicos, a mandrágora — uma erva usada pelos feiticeiros de tribos primitivas e semiprimitivas desde tempos imemoriais — pode curar certos tipos de câncer, no ser humano.

Essa erva já curou, realmente, ou reduziu o câncer nos ratos e já agora está sendo experimentada nos pacientes humanos. Sendo venenosa, os pesquisadores procedem com grande cautela, pois que a "cura" pode tornar-se ainda mais fatal do que a própria moléstia.

Embora surpreendente, existe uma lenda segundo a qual Cleópatra foi curada de câncer pela mandrágora.

Apesar de ser ainda muito cedo para julgar se a mandrágora nos dará, enfim, a esperada cura do câncer — há inúmeros processos a espera de uma solução — sabe-se, hoje, que os pajés, curandeiros ou feiticeiros das tribos asiáticas, africanas e americanas tinham razão, pelo menos em um ponto, com relação a esta erva: a mandrágora contém atropina — sedativo e poderoso estimulante do coração e do sistema respiratório.

Ignorada por quase todos nós, começa a processar-se, na medicina, uma revolução subterrânea, que, provàvelmente, provará — com enorme benefício para a humanidade — ser o feiticeiro de quase tôdas as tribos, em quase todos os continentes, um médico muito mais competente do que até agora julgavam os civilizados.

Cada vez mais, competentes cientistas se inclinam a crer que "o feiticeiro", muitas vêzes, tinha razão.

Recentes progressos da medicina psicosomática (mente e corpo) levam à confirmação da velha "superstição" de que *"a fé pode matar ou curar"*, enquanto que experiências, ràpidamente difundidas, com os remédios erbáticos dos povos primitivos, já demonstraram a eficiência dos mesmos em muitos casos.

Não há muito tempo, era comum, principalmente entre os médicos, ridicularizar os "tratamentos" com ervas e o ritual selvagem (cantos, rufar de tambores, danças, máscaras *mágicas*, etc.) dos feiticeiros e pajés, através de todo o mundo.

Quando as histórias de curas milagrosas chegavam até o mundo do homem branco, eram desprezadas com um levantar de ombros e um comentário já pré-estabelecido.

— "O paciente imaginou que estava doente; teria ficado bom de qualquer maneira!"

Mas, durante êstes últimos anos, êsse ceticismo de quem tudo sabe transformou-se inteiramente. Agora compreendemos que há muitas coisas que devíamos aprender e, mesmo teria sido melhor que tivéssemos aprendido, desde anos atrás, com os curandeiros primitivos.

Muitos acontecimentos concorreram para nos tirar desta nossa complacência com nós mesmos. Durante a segunda guerra mundial, por exemplo, um cientista britânico começou a fazer experiências com o bolor de pão, há muito considerado como *medicamento* pelo "ignorante".

Assim foi descoberto o tremendo poder de destruição das bactérias que contêm penicilina.

Só recentemente descobrimos que o velho adágio *"Uma maçã por dia conserva você sadio"* encerra uma verdade cristalina, pois as maçãs têm grande poder terapêutico. Durante séculos, os pajés de muitas tribos americanos têm tratado dos

com os FEITICEIROS?

males e dos sofrimentos de seus semelhantes com um cozimento *pre*parado com cascas de troncos de salgueiro. Atualmente sabemos que a casca do salgueiro contém o mesmo salicilato sedativo que tornou a aspirina o produto farmacêutico mais vendido em todo o mundo! Muito antes da chegada do homem branco a êste hemisfério, os índios americanos usavam a planta chamada *digital* para estimular um coração enfraquecido. Hoje, a *digitalina*, um dos melhores estimulantes do coração que conhecemos, é obtida desta mesma planta.

Por sua vez, o quinino, inestimável no tratamento da malária, desde há muito é usada pelos índios peruanos que a extraíam da casca da árvore chamada chinchona.

Entre outros específicos que só há pouco tempo, relativamente, entraram para a farmacopéia do homem branco temos a cânfora, a cocaína, a efedrina, a cascara sagrada, o picrotoxin, a ipecacuanha, a emetinaí e o curare, também usado como veneno para as flechas dos índios da América do Sul e que tem a propriedade de paralisar as extremidades dos nervos no interior dos músculos, sendo, em consequência, de grande valor para o tratamento de perigosas doenças, como o tétano e o trismo. Mas o número



O aspecto assustador dos feiticeiros das tribos africanas tem lá as suas razões...

O «Bari» — nome que era dado pelos silvícolas da tribo Borôro ao médico, responsável por curas «impossíveis» entre seus irmãos.

de drogas, usadas na terapia primitiva e, atualmente, pela ciência médica, é ainda terrivelmente pequeno comparado com o número das que não foram ainda nem sequer analisadas.

Nos Estados Unidos, por exemplo, os índios Navajos conhecem mais de mil e duzentas plantas medicinais; destas, entretanto, sòmente algumas foram submetidas ao estudo de laboratório, nos grandes institutos médicos.

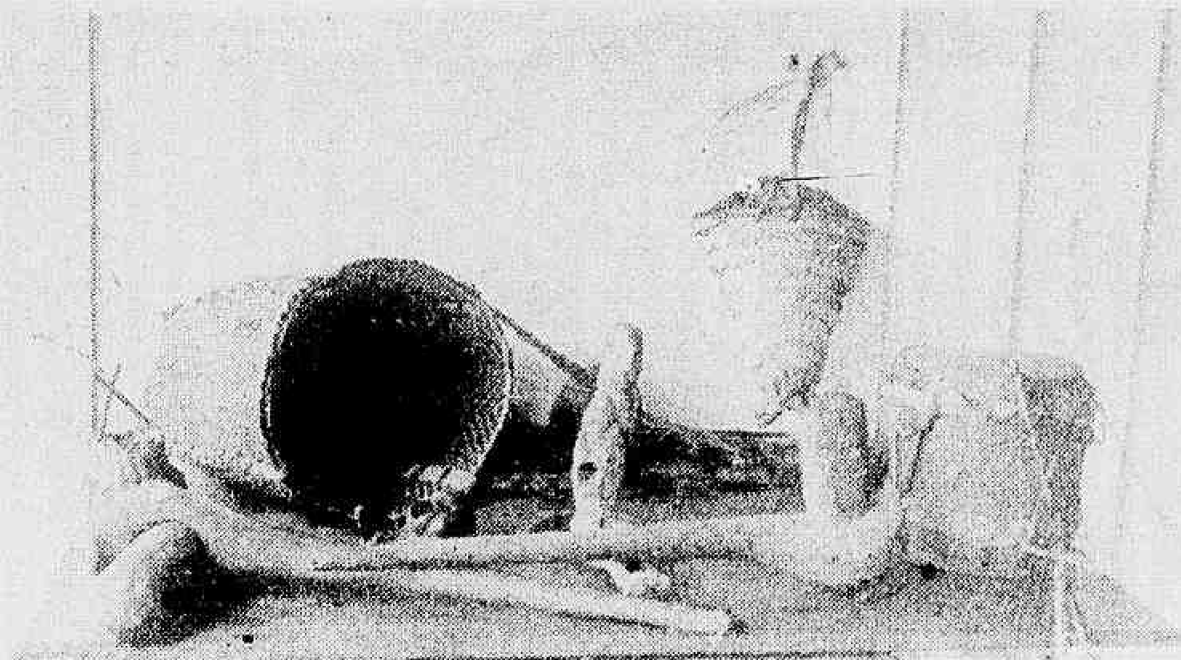
Recentemente, o dr. Wilburne H. Fergusson, médico norte-americano e diretor de anestesia no "Hospital de San Juan de Diós", em Quito, no Equador, apresentou à "Associação Real de Médicos" em Edinburgo, Escócia, uma solução química "secreta", que foi utilizada pela tribo Jivaro, do Brasil, durante milhares de anos, com o macabro fim de fazer encolher as cabeças dos mortos.

O dr. Fergusson espera que a análise dessa solução possa revelar um indício e permita saber por que os índios "jivaros" estão, aparentemente, livres da ameaça do câncer — e talvez abrir uma nova e promissora senda para os pesquisadores das causas dêsse flagelo.

Além dessa solução referente ao encolhimento das cabeças, o dr. Fergusson pôde colhêr, igualmente, vinte e quatro drogas diferentes, só numa viagem. E, até hoje, bom número destas misteriosas substâncias não foi analisado!

Entre as drogas dos "jivaros" o dr. Fergusson julga mais promissoras a *guya mama pagna*, usada pelos índios no tratamento das infecções post-natais; *copal*, um poderoso antisséptico; cana água, excelente para o tratamento da icterícia, e a "mão-de-sapo", usada no tratamento de distúrbios intestinais.

Arthur J. Burks, veterano expedicionista, colheu, recentemente, das florestas



Vemos na foto que publicamos acima, instrumentos e distintivos que eram usados pela tribo dos Borôros.

da América do Sul uma coleção de raízes e ervas nativas que doou ao famoso "Hospital Memorial", da cidade de New York, que já possui um dos mais importantes departamentos de pesquisas sôbre o câncer em todo o mundo.

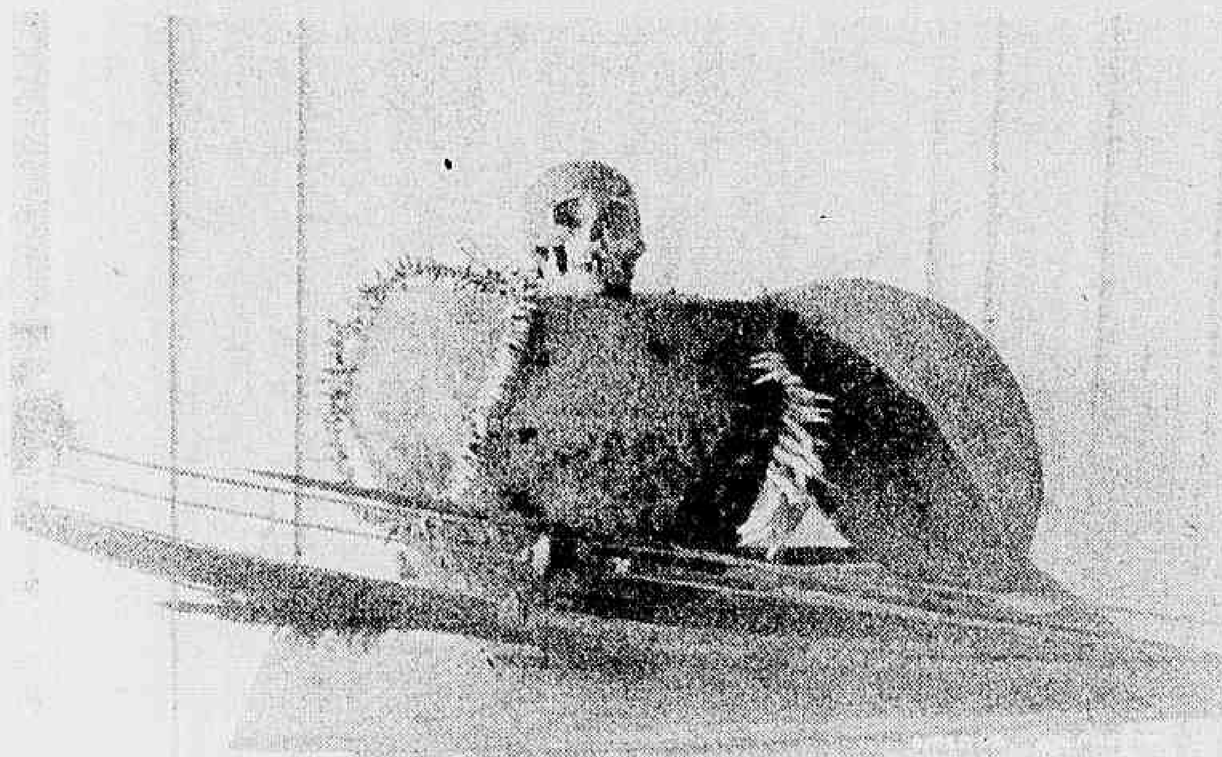
Atualmente, estão sendo realizados estudos sôbre as plantas colhidas pelo citado explorador e brevemente poderemos anunciar os seus resultados.

Mais recentemente, da Austrália, veio a notícia de que uma erva desconhecida, há muito usada pelos aborígenes para o tratamento e cura de chagas, úlceras e tumores, depois de examinada pelos técnicos, em laboratórios, revelou conter uma resina do maior valor anticanceroso.

Outro "medicamento" selvagem, usado pelos aborígenes australianos exuda um alcalóide que tem as mesmas qualidades da estriquinina, sendo, porém, muito mais poderoso. E da África Oriental, o dr. R. E. G. Armattoe, diretor do Lomeshire Research Center for Anthropology and Race Biology, no Hospital de Londonderry, que recentemente regressou à Inglaterra com uma coleção de drogas e ervas desconhecidas, usadas pelos doutôres selvagens de diferentes tribos, consideradas as mais atrasadas, entre todos aquêles povos semiprimitivos. Foram nada menos de dezoito grandes caixas dessas estranhas medicinas entre ervas e beberagens destinadas ao tratamento de enorme variedade de moléstias, incluindo o câncer, a tuberculose, a febre amarela, a pneumonia, desinteria tropical e malária.



O «doutor» selvagem, da tribo «basuta» sem a máscara que vemos na fotografia acima não realizaria suas curas miraculosas.



Os «doutôres-feiticeiros» do norte do Estado de Mato Grosso — margens do rio São Francisco.

Tais "medicamentos" estão sendo atualmente testados em laboratórios inglêses, sendo empregados em animais, naturalmente, antes de ser feito o mesmo em pacientes humanos.

Não há muito tempo, os mais destacados químicos do Instituto de Tecnologia da Califórnia descobriram que outros "doutôres-feiticeiros" — desta vez de certas regiões mais atrasadas da China

— usavam ervas muito mais eficientes do que o quinino, no tratamento da malária e, positivamente, muito mais poderosas. Outra erva usada pelos "curandeiros" chineses podem curar a sarna em poucas horas!

Mas, talvez, a mais intensa pesquisa no campo da medicina se desenvolva sob os auspícios da Western Reserve University, em Cleveland, onde mais 1.000 plantas, já reconhecidamente eficientes, estão sendo testadas pelos especialistas da Marinha norte-americana. Foi nesse laboratório, aliás, que veio a notícia alvissareira da possível cura da poliomielite, atualmente em fase experimental em animais.

No correr da segunda e dramática guerra mundial, essa procura de medicamentos novos começou a criar um intenso intercâmbio de ervas e outras drogas, entre os países beligerantes, que procuravam aflitivamente recursos para a defesa dos homens que combatiam em regiões desconhecidas e hostis à saúde humana. Médicos, engenheiros, geologistas e outros homens de ciência, assim como militares, exploradores, viajantes comerciais, etc., colhiam e enviavam para os laboratórios quantidades incalculáveis dêsses medicamentos de "doutôres-feiticeiros".

A presunção de uma próxima Terceira Guerra Mundial tem tido, pelo menos, o predicado de manter bem viva e acelerada essa pesquisa e os resultados têm sido os mais satisfatórios com um constante aumento dos recursos médicos para os civilizados, graças à preciosa ajuda dêsses homens considerados selvagens e ingênuos, mas que sem ajuda da química de laboratório, chegaram primeiro a resultados magníficos no campo da medicina.

Em adição a essas ervas medicinais, os médicos do mundo civilizado reconhecem agora que êsses "feiticeiros" empregam métodos de tratamento que são surpreendentemente científicos e, de certo modo, constituem um grande avanço sôbre as ortodoxas práticas ora em uso.

Aqui mesmo, neste hemisfério, os "feiticeiros" da tribo Navajo (sudoeste dos Estados Unidos) ou "cantores" prescrevem para seus pacientes tratamento variado, incluindo dieta, banhos quentes, repouso, ginástica e mesmo abstinência sexual, para os casos de distúrbios nervosos, enfraquecimento geral ou obesidade.

Embora quase tôdas as tribos dêste hemisfério há muito reconheçam o alto valor de certas plantas ou minerais, contendo enxofre, ferro ou sal e tudo empreguem com oportunidade, quando efetuam massagens em seus pacientes, antes esquentam as mãos para a seguir friccionar as partes doloridas do corpo de seus pacientes, "para que possam mais fàcilmente expulsar o demônio da dor".

Na face oposta do mundo, na Melanésia, as terapias são estranhamente similares. O "doutor-feiticeiro", por exemplo, trata a epilepsia esfregando o corpo do paciente, da cabeça aos pés, com um feixo de fôlhas, ao mesmo tempo que repete o cântico hipnótico: "Desça e vá para longe, espírito maligno. Morra e deixe êste homem viver."

Na Ilha de York, os "médicos" das tribos esfregam o corpo do enfêrmo com fôlhas e limo dos rios, que antes esquentam nas chamas de uma fogueira até um ponto próximo da carbonização.

Simultâneamente, o paciente executa uma dança e gesticula com o maior vigor que seja capaz, òbviamente "para sacudir do próprio corpo o espírito maligno (Kaia) que causa o seu mal. Òbviamente (também) não compreende que com isto está estimulando a circulação por meio dêsse vigoroso bailado e isto é uma ginástica, a qual, na maioria dos casos, ajuda a cura. Já nos afastados dias dos antigos Gregos, um tratamento favorito para a dor do ouvido era cozinhar em óleo certos vermes da terra e, a seguir, deitar o líquido, depois de coado, no ouvido enfêrmo. Há, ainda hoje, em todo o mundo, uma teimosa superstição que afirma ser a dor de ouvido causada pela introdução no mesmo de uma pequeníssima minhoca, que logo entra a comer os tecidos e a abrir caminho no interior dos próprios ossos. O tratamento com óleo quente é então indicado como o mais eficaz para "matar a minhoca".

Como se verifica, os *feiticeiros*, *curandeiros* e outros "doutôres" selvagens não são assim tão ignorantes como parecem — e com êles estão aprendendo muita coisa útil os grandes cientistas civilizados.



ESTAMPAS NORTE-AMERICANAS

RÁDIO E TELEVISÃO

O "CÍRCULO DA FAMÍLIA" É, AGORA, UM "SEMICÍRCULO"

A televisão mudou totalmente a vida do lar (vinte horas semanais, em média) norte-americano. Em um certo modo o reforçou, porque tornou mais fácil ficar em casa, dando à sala-de-estar, grande ou pequena, uma perspectiva nova. Por outro lado, destruiu grande parte do que representa, de fato, o lar, a comunicação de idéias, o comentário afetuoso, a novidade que se encontrou durante o dia e que se tem interêsse em contar às pessoas de casa.

Como disse a escritora Helen J. Cooper: "O círculo da família se converteu em um semicírculo."

Uma casa já é, hoje, um cinema em pequena escala; um cinema que se aperfeiçoa dia a dia, desde seu aspecto informativo — o mais importante — até o do espetáculo, preparado especialmente para ser televisionado.



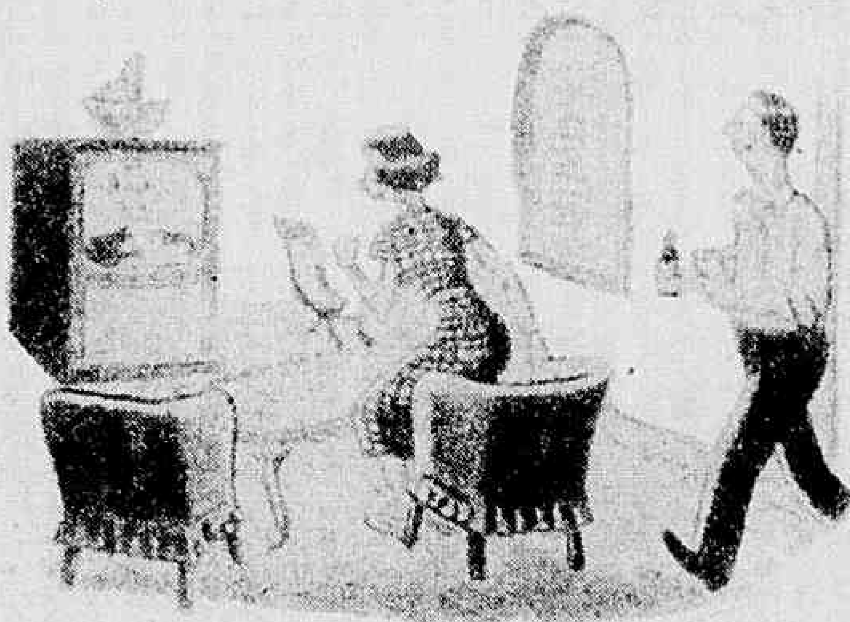
— E não te esqueças de ligar a televisão 2ª-feira. Vou aparecer sendo operada do apêndice.

A televisão não matou o rádio, porém o *deixou para o canto*; relegou-o para as horas "más" do dia; porém o norte-americano gosta da voz da vizinha — em geral está habituado ao ruído e não lhe dá importância — e, na maioria das casas — o alto falante funciona desde as primeiras horas da manhã, enquanto o marido se banha, barbeia, veste e toma o seu substancioso "breakfast".

Durante todo êsse tempo o locutor se sente como um amigo que vivesse na própria casa e amenizasse tôdas estas operações matutinas com gracejos, anedotas, lei-

tura dos jornais, informações sôbre o tempo, o estudo dos páreos do "Jockey", tudo isto interrompido por alusões precisas à hora. São sete e trinta e cinco... e trinta e oito...; o norte-americano sintoniza seus movimeitos com êsse relógio humano e se precipita ou detém segundo indique a urgência de sair para o trabalho.

Mesmo quando está no seu automóvel, o locutor lhe contará os últimos combates na Indo-China ou as reações de Moscou, sem que o viajante tenha que desviar os olhos do caminho. O locutor norte-americano é muito mais confidencial que o europeu. Não fala com voz afetada e fala, mesmo equivocando-se, em tom claro e rápido, o que não o impede de introduzir o anúncio.



Dedicado aos telespectadores que tenha sido obrigado, por algum motivo especial, a sair um momento da sala, repetiremos o anúncio anterior.

Pouco depois, cêrca de nove horas, calculando que o marido está no escritório, impossibilitado por isso de ouvir as emissoras, as estações se dirigem diretamente à mulher com concursos radiofônicos, chamados diretos, prêmios, receitas de cozinha, etc. Se a espôsa vai de um lado para outro, em seus afazeres caseiros, naturalmente não pode olhar para a tela da televisão e disso se aproveita o rádio para reinar ainda uns minutos, como rei e senhor.

Efetivamente, a partir da hora do almôço, e especialmente à última hora da tarde e primeiras da noite, a televisão domina. Duzentas e doze estações de televisão funciona atualmente nos Estados Unidos e calcula-se que são seguidas por cinquenta milhões de pessoas, que fizeram a fama dos artistas de televisão superar de trinta por cento a dos artistas cinematográficos.

A "irmandade" dos espectadores de todo o mundo diante de um ator ou uma atriz de fama, terminou ao ter início o reinado da televisão. Porque, no momento atual, esta não cruza Atlânticos nem Pacíficos, de forma que, enquanto a multidão de Madrid se reunia, exatamente como a de Paris, Roma, Rio de Janeiro, New York e Londres, para aguardar a saída do ídolo da tela, à porta do hotel, não o faria hoje, se se tratasse de uma estrêla nacional da tela norte-americana. Ninguém conhece, na Europa e na América do Sul, por exemplo, a Milton Berle, um dos cômicos mais bem pagos da televisão, nos Estados Unidos. Mas sabe tudo a respeito de Jimmy Durante, Bob Hop, Bing Crosby ou Faye Amerson. Mas não pelo que fazem hoje, e sim pelo que fizeram ontem: em filmes.

Como já dissemos, antes, a televisão não pode ser chamada de inimiga do lar, que animou com sua presença. Mas não é, também, sua colaboradora. Imaginando uma família composta de quatro pessoas: pai, mãe, filho e filha — o que é normal naquele país — ficam em oposição pelo menos dois gostos na escolha do programa.

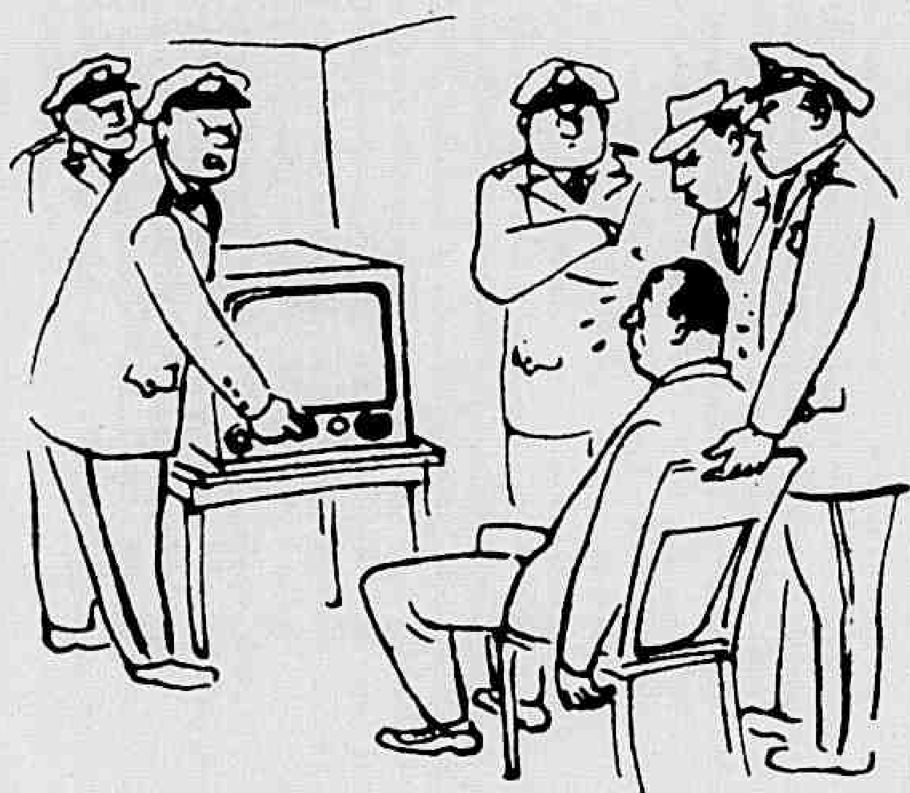
Os homens se inclinam pelos espetáculos esportivos (e o pai para o político). As mulheres preferem a ópera, o desfile de modelos, às seções femininas. Numa destas últimas, um ator norte-americano, de origem italiana, declarava seu amor, com sua voz suave e gestos apaixonados e apropriados... a cada espectadora. Essa era uma emissão que tinha êxito extraordinário, mas que, naturalmente, nenhum marido podia suportar, principalmente se chegava em casa com ânimo de distrair-se das preocupações do escritório. Daí surgirem as discussões.



— Olá, meninos! Enquanto mamãe prepara o jantar e papai não chega do trabalho, aproveitem para acender um cigarro da marca X, fabricado especialmente para os moços.

E recorde-se que nas casas norte-americanas o espaço não sobra. A vida

decorre sempre na salinha-de-estar, de forma que tentar abstrair-se com um bom livro, enquanto a três metros de distância alguém ri, canta ou chora, é coisa absolutamente impossível. A primeira conseqüência prática encontrada pelos psicólogos norte-americanos, que já realizaram um estudo sôbre êsse tema, é que a cultura, a cultura livresca, nada tem a ganhar com a televisão. Abandonado voluntàriamente, porque se torna mais fácil, cômodo e sedutor dar uma voltinha no comutador e encher logo o cérebro de imagens que entram sem esfôrço, do que traduzi-las de muitas páginas impressas — ou porque, de fato, seja impossível ler — o livro volta para a estante de onde saiu. Não faltam, é bem verdade, as emissões culturais; estas, porém, são poucas. A razão é comercial. As emissoras de televisão



— Então? Começa a confessar logo ou, então, procuraremos um outro programa de filme antigo.

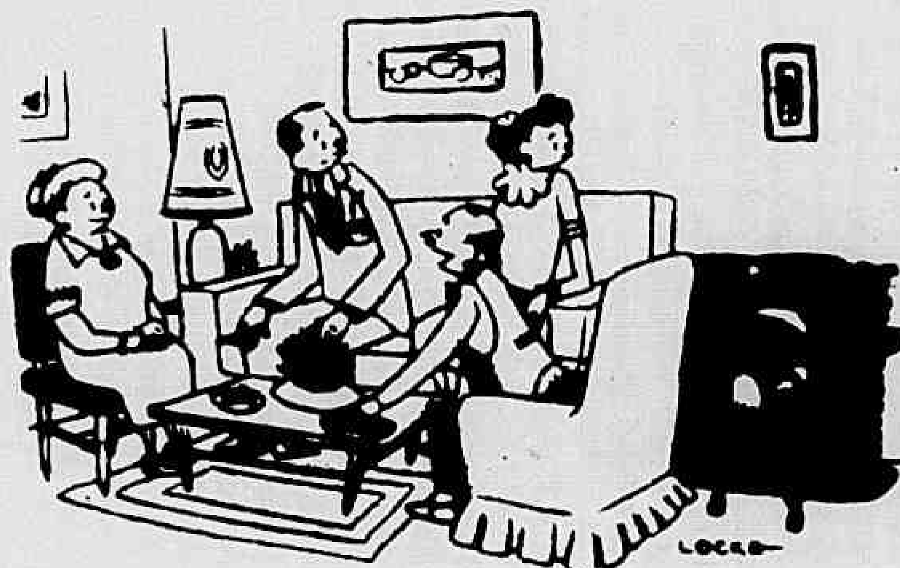
vivem da publicidade. Bob Hope, Crosby, os irmãos Marx, etc., se apresentam, formando parte de um programa que anuncia acreditada marca de cigarros e, como é lógico, tanto essa marca como as de automóveis e refrigeradores (que encabeçam a lista relativamente às despesas com publicidade), procuram oferecer espetáculos de muito público, para anunciar seus produtos. O cômico, o dramático, o detetivesco, o aventureiro (de acôrdo com a moda do tempo, inclusive o aventureiro especial, os homens de amanhã, que vão à Lua ou a Marte) ocupam a maior parte do horário da televisão.

Há outro tipo de programa que o norte-americano médio muito aprecia: o da caricatura do seu próprio lar. Os casais que, na tela da televisão, cozinham como êles mesmos, discutem sôbre a educação do filho ou sôbre quem vai sair com o automóvel, obtêm êxito indiscutível. Porém a cultura, continuam afirmando os pessimistas, nada sai ganhando com isso.

Talvez não a cultura clássica, porém sem a cultura prática, respondem os defensores do moderno. Em cada narração, em cada aventura, é possível ver, ou melhor: chegar diretamente ao cérebro, uma informação sôbre países diversos, sôbre como se levanta um edifício ou se constrói um avião. Há algum tempo todos viram, mais ou menos matizado por uma censura puritana, como uma conhecida artista dava à luz um filho, numa maternidade de nomeada e sob os cuidados de famoso ginecologista. E o melhor em tudo isso é que a artista, Lucille Ball, muito conhecida,. na televisão como no cinema, teve realmente um filho, porém, ao ser necessária uma cesariana, pôde conciliar os seus deveres de mãe com os de atriz, que devia ao seu público e por isso mesmo fixar data e hora para o nascimento.

Por outro lado, a televisão pode substituir vantajosamente a escola. Ùltimamente ocorreu, em uma cidade norte-americana, uma greve de professôres. Entre parêntesis, os professôres são os funcionários pior pagos do país. Isto afasta os norte-americanos do magistério, no que redunda num "deficit" calculado em um milhão de professôres, em tôda a nação. Logo a municipalidade entrou em entendimento com televisão local e as crianças da cidade foram colocadas diante da tela de um receptor, onde o rosto amável, porém sério, do locutor apresentava as lições e os problemas, que depois teriam que enviar à estação com a solução exata. Isto, por certo, não ganhará impulso, como sistema de ensino, pois que os pais logo protestariam, dado que significaria mais trabalho no lar para a mãe de família e ainda prejudicaria o contacto entre as crianças, o que os norte-americanos consideram importantíssimo — e com muita razão — para o bom desenvolvimento dos filhos. O contacto com outros meninos e meninas, o conceito de colaboração social constitui, de fato, o "abc" da educação do norte-americano.

Se mantivermos a tese de que a distração é inimiga do estudo e se, como vimos antes, a excessiva facilidade desta distração enche a vida de um lar, chegaremos fàcilmente à conclusão de que a televisão, com suas "alegrias" está *destetrando* o norte-americano da seriedade, e com elas o sentido espiritual da vida. Como tôdas as conclusões absolutas, esta seria um êrro.



— Não; não usamos mais... Mas houve época em que éramos a única família com televisão em casa!

Como prova está que uma das emissões seguidas mais atentamente é a de um bispo católico, Monsenhor Fulton Sheen, que há já alguns anos, surge na tela para conversar com a gente que não vê, porém sente bem próxima. E fala a todos como convém a sua hierarquia espiritual: — do céu, do inferno, da bondade e da maldade, dos deveres para conosco e nossos semelhantes. E milhares de cartas chegam a seu gabinete de trabalho para testemunhar-lhe a aprovação ou o desacôrdo, a certeza ou a dúvida, porém sempre uma atenção extrema por suas palavras. Devemos repetir, como quem mastiga "chiclets", que o receptor de televisão está instalado, pràticamente, em cada lar norte-americano e que quem aparece na tela vive cara a cara com os membros da família. A voz, o gesto, parecem vir de alguém que esteja sentado na poltrona mais próxima.

E a quantidade de palestras que já realizou êsse bispo católico demonstra que se é verdade — e triste — que a frivolidade invade uma casa em que ninguém pretendia ir buscá-la, isso é, em parte, compensado pelo fato de que a Igreja entre em outra, cujos componentes não a frequentaram em tôda a sua vida. E o equilíbrio, matéria-espírito, continua a ser como antes na atmosfera do país.

No entanto, se estudarmos a sorte do livro, o problema se apresenta em bases distintas. Há muito que o livro corre perigo. No cinema, cada vez mais, explicam tudo, inclusive quando devemos ler uma carta, e uma voz "em Off" nô-la relata, para que não nos fatiguemos. Isto, porém, ficou em parte compensado, porque o nível cultural do mundo sobe ou, pelo menos, decresce o número de analfabetos. Porém esta outra estocada da televisão é mais perigosa. O livro ficará esquecido em cima da mesa e seus companheiros aguardarão nas livrarias o distraído telespectador. A menos que...

Há uns dois anos, três famosos artistas, Charles Laughton, Charles Boyer e uma atriz, cujo nome não recordamos no momento, apresentaram-se num teatro da Broadway vestidos sóbria e corretamente e sentaram-se, tranquilamente diante de um público ansioso. Então começaram, simplesmente, a ler uma comédia: o "Don Juan", de Bernard Shaw. Liam muito bem, dando tonalidade e expressão a cada palavra, dividindo os papéis segundo o sexo e as possibilidades cênicas.

Mas não se moviam, não gesticulavam; permaneceram quietos em suas cadeiras, como numa reunião familiar. E o espetáculo, talvez porque não o era, talvez porque constituísse um contraste com as gigantescas revistas musicais, onde a forma é dominada pelo pano de fundo, agradou estrepitosamente.



— «Êste é um programa especial para os que estejam de ressaca nesta tarde de domingo...»

Os atores realizaram uma "tournée" pelos Estados Unidos, sempre aplaudidos e sempre com repertório escolhido entre os grandes mestres. E esta talvez seja

a forma salvadora para a literatura na televisão.

Que alguém — um ator, uma atriz — leia, em voz alta, como fazemos quando nossos filhos são ainda pequeninos.

Não se tem repetido tantas vêzes que os norte-americanos são como crianças grandes? E então já não importaria que o volume estivesse sôbre a mesa, se na tela do televisor alguém o tivesse aberto, entre as mãos...

★ ★

CONSELHOS DE UMA QUITUTEIRA



GRACIELA ELIZALDE

O uso de batedores elétricos de alimentos ainda não está tão espalhado quanto devia. Muitas donas de casa não o utilizam, o que é realmente incompreensível, pois se trata de um aparelho utilíssimo.

Os novos batedores portáteis são eficientes para bater ou misturar pràticamente todos os ingredientes de cozinha que se tornem necessários. E, naturalmente, êsses batedores custam muito mais barato do que os de tipo grande.

Eis o que se pode fazer com os batedores portáteis:

1 — Fazer «puré» de batata, de cenoura, etc.
2 — Bater creme e clara de ôvo para «soufflés», suspiros, etc.
3 — Misturar os ingredientes usados nos bolos.
4 — Misturar os ingredientes para massa de biscoitos.
5 — Bater doces.

Na opinião de meus amigos da G.E., quando é hábito da casa fazer-se muitos doces e bolos grandes, é preferível usar-se o batedor de tipo grande.

Qualquer que seja o tipo de batedor que a leitora possua, porém, poderá experimentar a receita abaixo, que tenho certeza de que ficará satisfeita.

ROSCA A LA CREME DE JEREZ

1 pacote de gelatina neutra.
1/4 de xícara de água fria.
1/2 xícara de açúcar.
Uma pitada de sal.
1/4 de xícara de água quente.
1/4 de xícara de vinho Jerez.
3 ovos separados.
1 xícara de creme bem batido.
1/4 de xícara de amendoim moído com uma colher de açúcar mascavo.

Coloca-se a gelatina na água fria durante cinco minutos. Ajunta-se o açúcar, o sal e água quente, mexendo-se até que a gelatina e o açúcar se dissolvam. Ajunta-se o Jerez e as gemas de ovos bem batidas. Coloca-se o amendoim e o açúcar no fundo de uma fôrma de litro e meio de capacidade e, com uma colher, coloca-se cuidadosamente o creme e o Jerez na fôrma. Ponha-se no refrigerador até que a massa esteja firme. Tira-se da fôrma e serve-se com creme batido.

BOLINHOS DE ABACAXI

Vejamos, agora, esta outra receita, que pode ser usada como sobremesa e que, além de muito saborosa, é fácil de se fazer.

Misturam-se uma xícara e três quartos de farinha de trigo, uma colher de açúcar, meia colher de sal e 3 colherinhas de fermento em pó. A essa mistura sêca, ajuntam-se três quartos de xícara de leite e dois ovos batidos e, em seguida, três quartos de xícara de caldo de abacaxi e quatro colheres de manteiga derretida.

Mistura-se tudo bem e assa-se na fôrma. A receita dá para oito pessoas.

★ ★

COMO VOCÊ RESOLVERIA ISTO?

(Resposta da página 38)

Minha espôsa, simplesmente, esperou até que a neve começasse a cair. Então observou do lado de fora e logo depois apontou... **os traços deixados na neve pelos esquilos, até o telhado**. Lá estava um pequeno orifício, que logo tratamos de obstruir.

★

SERIA um belo dia aquêle em que os melhores talentos do nosso país achassem lucrativo entregar-se ao livro e se preparassem para fazê-lo. — Joaquim Nabuco.

★

O elogio que mais saboreamos é, de ordinário, o que menos merecemos.

NÃO há pior desgraça para um homem bem criado, do que dever obrigação a um vilão ruim.

TENTA AINDA OUTRA VEZ!

HÁ muitos anos, no Estado de Illinois, havia um rapaz que abrigava grandes aspirações. Em tôda sua vida jamais cursara a escola mais de seis meses, não por falta de desejo, mas por falta de meios. Um dia, decidiu apresentar-se como candidato para um pôsto na legislatura; foi derrotado. Dedicou-se ao comércio; fracassou e teve que assumir a obrigação de pagar as dívidas também do seu sócio, levando dezessete anos para saldá-las. Enamorou-se de uma encantadora mulher e ficaram noivos; morreu-lhe a noiva antes de realizado o enlace. Apresentou-se como candidato ao congresso; perdeu a eleição. Tratou de conseguir um pôsto no Escritório de Distribuição de Terras, do Govêrno; não teve êxito. Foi candidato à vice-presidência da nação; foi derrotado. Dois anos mais tarde foi novamente derrotado.

Depois de tantos fracassos... desanimou? Nem um pouco. Novamente apresentou sua candidatura... e finalmente foi eleito.

Quem foi êsse homem? Abrahão Lincoln.

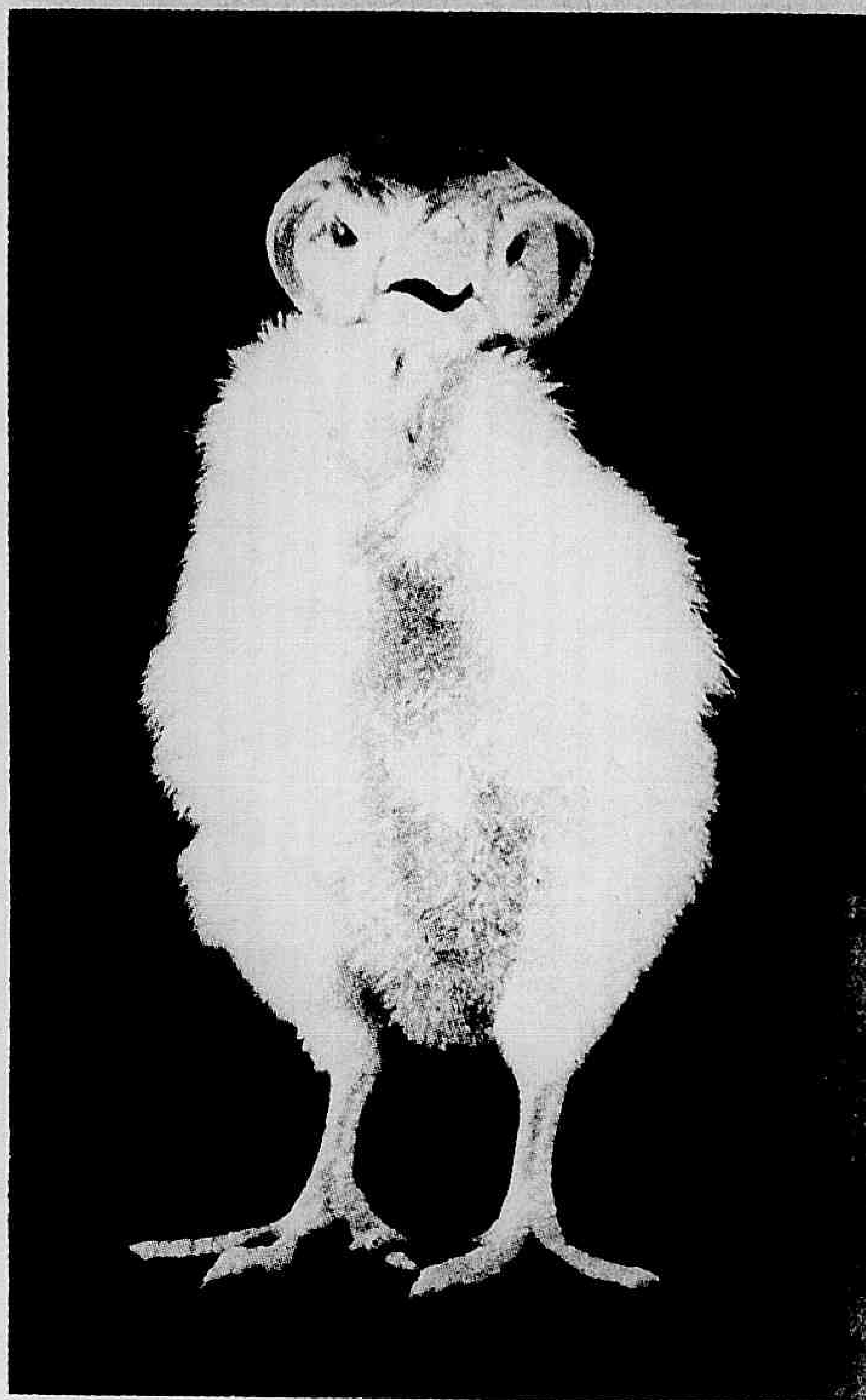


MEU trabalho é o mais difícil — afirmou o produtor cinematográfico. — Sou o responsável pela inversão de milhões de dólares.

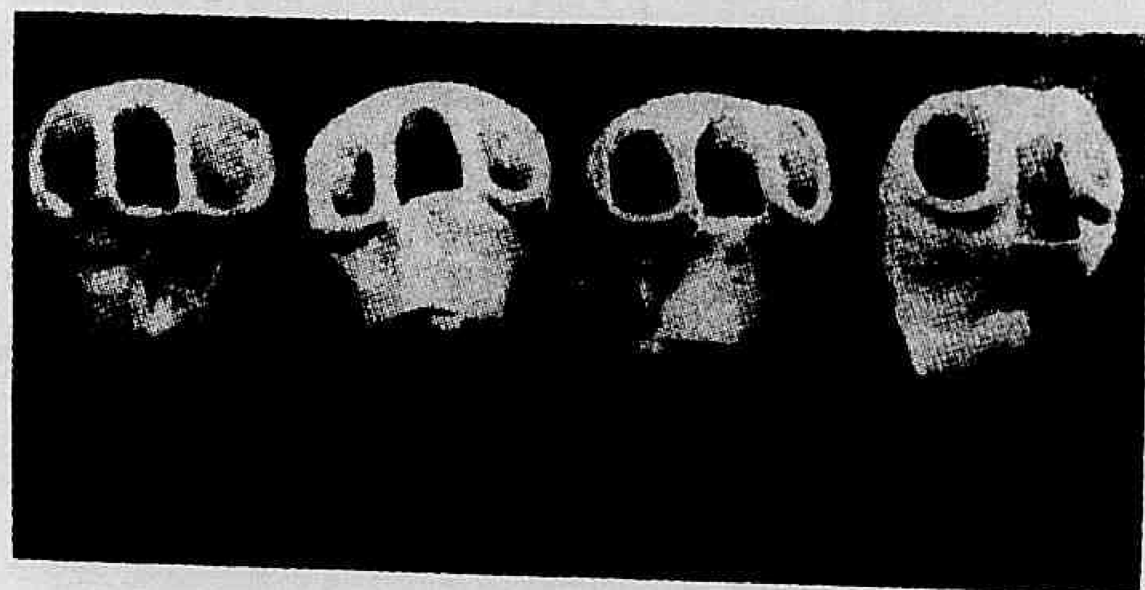
— Não... O meu é muito mais difícil — respondeu o empresário teatral. — Tenho que enfrentar uma crítica severíssima.

— Nada disso. O meu trabalho, sim, é o mais difícil — declarou o diretor de um programa de televisão. — Vocês, ao menos, sabem o que fazem...





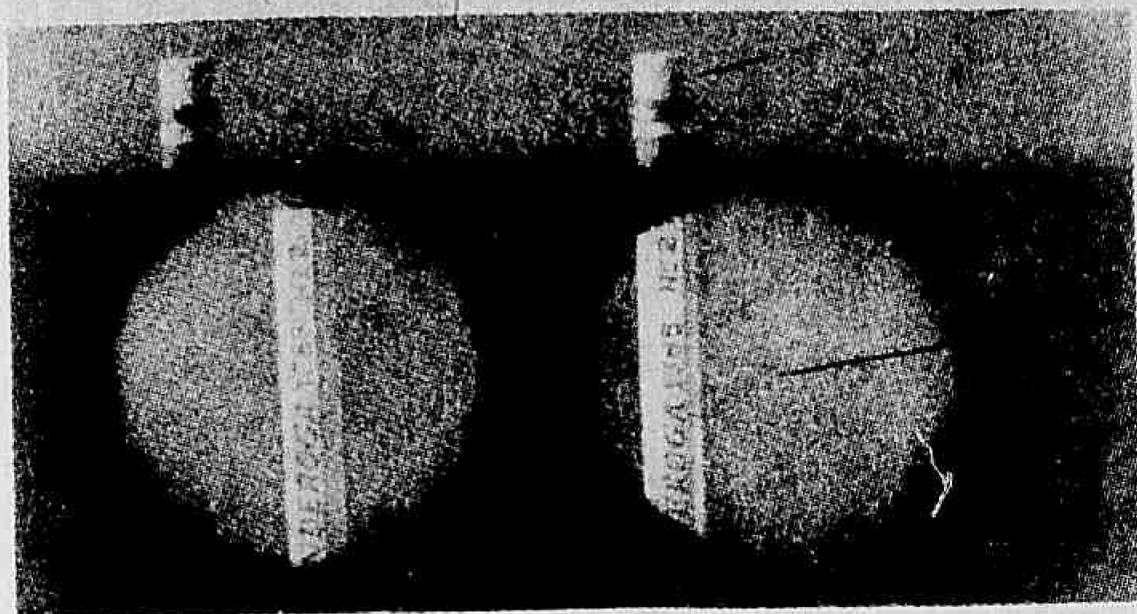
Um pinto... do planêta Marte? Não, um pinto comum, porém com um aparelho especial que o força a ver através de prismas...



Capacetes de borracha, com prismas plásticos, servindo de óculos e que são colocados na cabeça dos pintos, logo após o nascimento e antes de que possam ver... normalmente.

VAMOS PASSAR À FRENTE!

SEGUNDO o dr. Robert C. Cook, diretor do "Population, Rerefence Bureau Inc.", de Washington, dentro de 47 anos, ou seja: no ano 2.000, a América-Latina terá triplicado sua população atual, desde que persista o índice de natalidade do momento. Calcula, ainda, que o total de latinos americanos se eleva a 173 milhões, que é, aproximadamente, o mesmo que a população conjunta dos Estados Unidos e Canadá. Enquanto a América-Latina acusa um aumento de população anual equivalente a 2,5% — o índice mais alto do mundo — nos Estados Unidos é



Como vê o ôlho direito do pinto. O objeto é conservado no lugar exato. Já com o ôlho esquerdo verá o objeto deslocado cêrca de 5 cm.



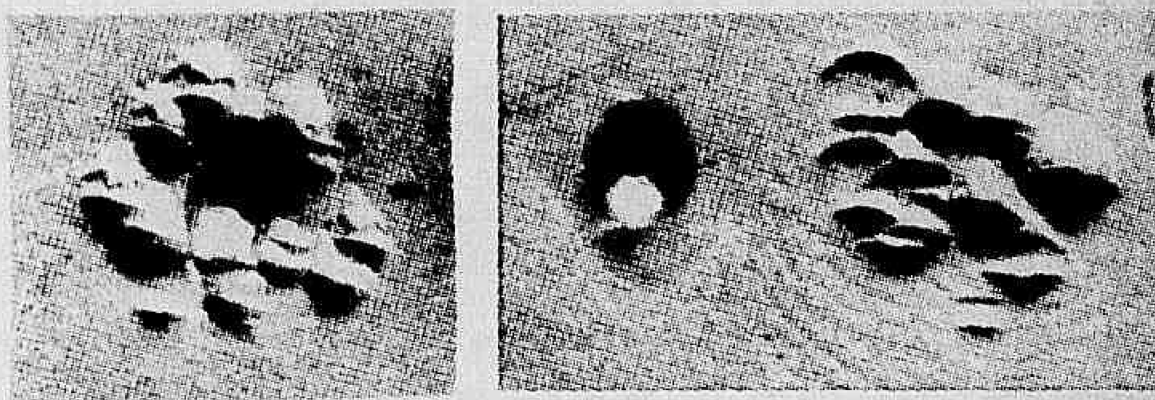
Eis o pinto, pronto para ciscar... erradamente.

OS PINTOS SÃO... "BURROS"!

TESTES recentes demonstraram que nem mesmo a experiência ajuda um pinto a encontrar alimento. Os capacetes de borracha, usados pelos técnicos, e que dão aos pintos uma aparência de monstros marcianos, serviram para a experiência, representaram o papel de prismas para cada ôlho do animal, resultando daí que um objeto aparentando estar bem diante do bico do animal, está realmente de um lado. O aparelho, de autoria do dr. Eckard Hess, psicólogo de Chicago, teve por fim determinar como um pinto nessas condições encontraria um grão de milho colocado ao seu alcance. Se o conseguia por instinto ou pelo desenvolvimento da compreensão, conforme faz tôda criança de meses. Para obter a resposta, o estranho capacete era colocado nos pintos logo após o seu nascimento. A seguir, os animaizinho eram soltos, a fim de ciscar. Ao ver um grão, o pinto bicava distante dêle. Fêz a experiência com 50 pintos e nem um só conseguiu aprender a necessidade de desviar tanto para um lado ou outro, para colhêr o alimento. O dr. Hess concluiu que um pinto localiza um objeto por habilidade inata e jamais por aprender. A conclusão vem reforçar a opinião de muitos criadores: os pintos não são nada inteligentes.



O grão de milho está à sua esquerda, porém o pinto teima em bicar mais para a direita.



Eis como bica um pinto com a visão normal (à esquerda) procura bicar o milho. À direita, o milho fica isolado, longe das teimosas e também muito erradas bicadas do animalzinho.

apenas de 0,7%; a média anual ultrapassa ligeiramente o 1,0%.

As cifras anteriores significam que, persistindo as circunstâncias atuais, no ano 2.000 os Estados Unidos, juntamente com o Canadá, teria 250.000.000 de habitantes, enquanto que a América-Latina alcançaria os 550.000.000. E Mr. Cook acrescenta que o aumento poderá ser ainda maior nos países latino-americanos, graças aos progressos da medicina na maior parte dêsses países americanos, que vem forçando a baixa constante do índice de mortalidade.

AGORA O MAR TAMBÉM VAI

MAS, embora podendo ainda preparar novas centrais elétricas, em seus vales menos acessíveis, a França chegou à conclusão de que as despesas de instalação terão a pior repercussão sôbre os preços do *kilowatt*-hora. Por isso voltou suas atenções para o mar... gratuito e incessantemente renovado.

Data de muitos anos a idéia de arrancar proveito do poderoso vaivém das marés, como o testemunham os velhos moinhos bretões que se levantam no fundo de alguns estuários da costa do Armor.

Com a maré alta, o mar sobe o rio por uma via especial. Com o máximo de altura, a comporta é fechada, formando-se, assim, por trás dêsse dique, um pequeno lago. Com a maré baixa, a água dêsse lago artificial escorre lentamente, movimentando as turbinas do moinho.

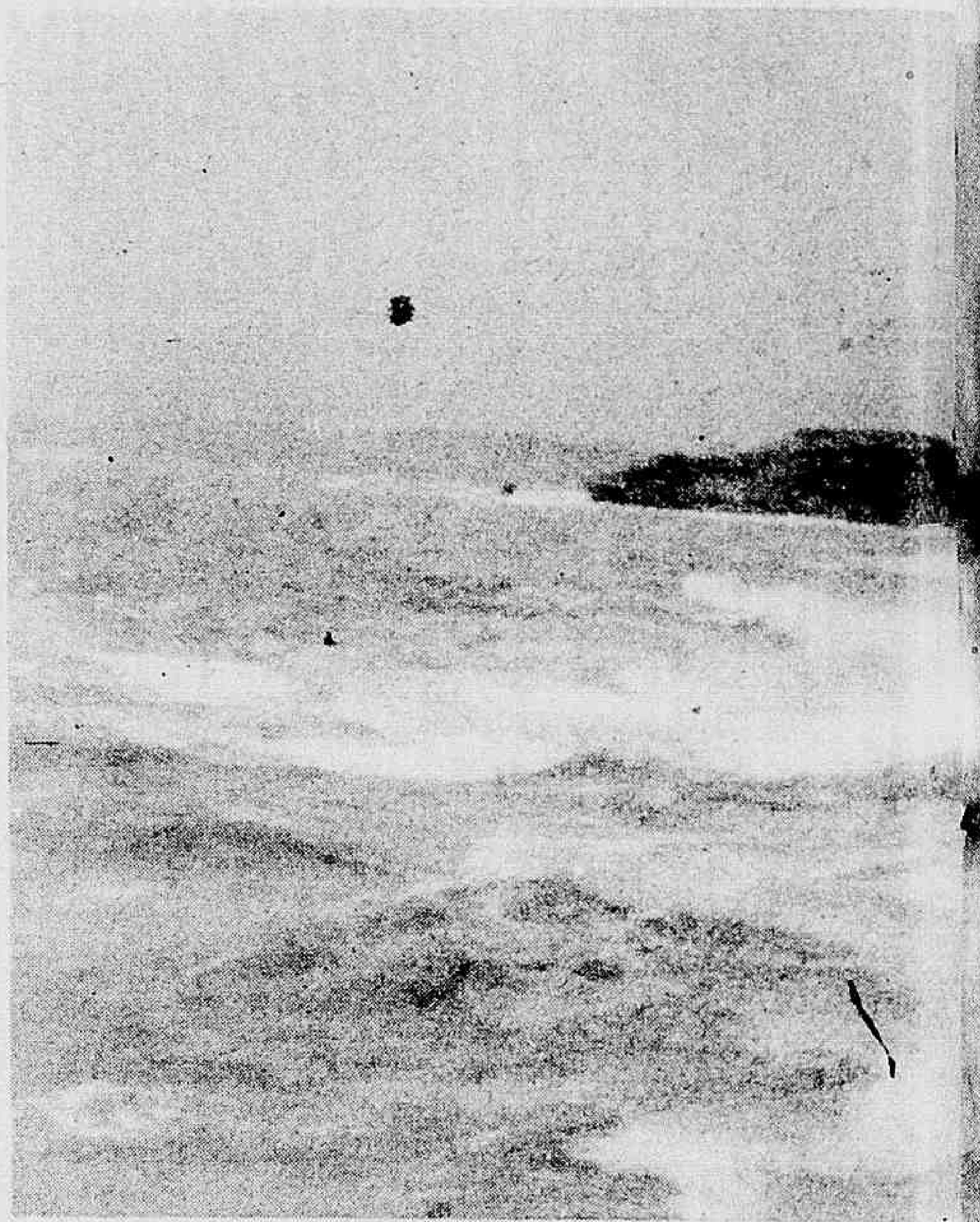
Essas realizações, de caráter artesanal sugeriram a realização de obras mais importantes, já na escala industrial. Porém tôdas fracassaram por insuficiência de créditos ou revelaram ser pouco rendosas.

Todavia, tais reveses não desanimaram os técnicos dos Serviços de Eletricidade da França. Após dez anos de pesquisas e estudos, auxiliados pela execução de centenas de maquetas, preparam-se, agora, para construir a primeira usina importante em todo o mundo, a qual funcionará graças, ùnicamente, à energia das marés: a *Maremotora de la Rance*. Sua produção de eletricidade será de 550 milhões de *kilowatts*-hora.

É claro, estarão ainda muito longe dos 1.750 milhões da usina de Génissiat e dos 2.000 milhões de Donzère-Mondragon. Essa usina maremotora não visa, realmente, o gigantesco, mas apenas servir de protótipo para outras construções mais importantes e provar que a energia das marés pode ser rendosa.

Acreditava-se, até recentemente, que as marés eram ùnicamente devidas à atração lunar. Isto seria verdade, caso o mar fôsse composto de um líquido "perfeito", sem viscosidade; mesmo neste caso, os desnivelamentos estariam longe de atingir as

O mundo científico e industrial está preocupado. diminuem numa cadência alarmante. Calculam de petróleo estarão secos. Ora, o grau de e ali. em todo o mundo, os sábios se dedicam mente. Os EE. UU. inauguraram, recentemente, Bretanha projeta a construção, na Austrália, de países estão em atraso considerável, não sendo quedas d'água e a corrente dos seus rios, o que os riscos de inundações, permitindo ainda a irrigação



diferenças verificadas em certos pontos do globo.

E, além do mais, como explicar que a maré que avança sôbre as costas bretãs, por exemplo, possa vir do oeste quando a lua surge no leste?

Segundo recentes trabalhos dos astrônomos e geólogos inglêses e norte-americanos, a lua age sôbre os mares não diretamente por sua fôrça de atração, mas *pegundo a periodicidade com a qual essa fôrça se manifesta*. A maré é um fenômeno astronômico causado pela ação conjugada de nosso satélite e do sol e um fenômeno terrestre por seu aspecto gravitacional e hidromecânico; a influência da lua se exerce sôbre dois planos: o plano vertical (capaz de produzir uma ampli-

TRABALHAR PARA O HOMEM. .

Os recursos em combustível fóssil (petróleo e carvão), que constitui a base de tôda produção de energia,
os ténicos que no ano 2200 não existirá mais carvão nas entranhas da terra e desde muito antes os lençóis
civilização material de um povo é função da quantidade de energia de que pode dispor. Eis porque, aqui
a descobrir novas fontes de energia, antes de que os combustíveis fósseis tenham desaparecido completa-
três centrais atômicas, capazes de fornecer eletricidade mais barata do que a atual. Por seu lado a Grã-
uma cidade industrial, utilizando ùnicamente a energia nuclear como fôrça motora. Nesse domínio, os demais
provável que recuperem o terreno perdido tão cedo. A França, já agora, cuida de utilizar de maneira total as
não apenas proporciona maior quantidade de eletricidade como facilita a regularização dos débitos e diminui
dos terrenos incultos.



tude de 54 centímetros) e sôbre um plano horizontal, no qual o deslocamento da massa líquida é de fato considerável.

Mas, na verdade, o que mais importa, *é o ritmo das variações entre essas duas influências lunares, segundo se neutralizem ou se multipliquem.* A atração da lua sôbre o plano vertical, cada vinte e quatro horas e 50 minutos, não tem nenhum efeito sôbre as pequenas extensões de água (lago, lagoa, mar interior). Apenas os oceanos reagem em tôda a sua superfície e, dessa maneira, nascem as marés.

A ampliação da maré, que varia segundo a própria estrutura da costa, é a diferença de nível entre uma *cheia* e uma *vasante* consecutivas. Essa amplidão pode, em certos casos, ultrapassar 15m50, como ocorre na baía de Fundy, nos Estados Unidos.

Sob êsse ângulo, as costas bretãs são extremamente favoráveis para a formação de marés de grande amplitude (12m50 na baía de Mont-Saint-Michel) e o preparo de usinas-barragens.

E como pretendem fazer o mar assim trabalhar?

Em grosso, da mesma forma que obrigam a água dos rios a produzir a hulha branca; isto é: estabelecendo uma diferença de nível graças à qual a água, ao retroceder, faça girar as turbinas.

Dois sistemas são possíveis. No sistema de *efeito simples,* edificam através do gôlfo ou do estuário do rio um dique

aparelhado com grandes comportas, que são abertas no início da maré enchente. Dessa maneira, o fluxo penetra na baía como se o dique não existisse. Com o nível máximo, as comportas são fechadas. Quando o mar desce, já estabelecida está uma diferença de nível entre o oceano e o lago artificial de retenção. São abertas, então, outras comportas, que guiam a água retida para as turbinas, as quais entram a girar produzindo energia antes de voltar ao mar.

O sistema de efeito simples pode ser construído para funcionar tanto com a vazante, segundo acabamos de descrever, como com a enchente.

No sistema de *efeito duplo*, ao qual os engenheiros levantam certas objeções de caráter técnico (embora, na teoria, seja mais tentador), o fluxo "trabalha", passando pelas turbinas, da mesma forma na maré enchente como na maré vasante.

Foi o ciclo mais simples — simples efeito provocado pela saída da água do lago artificial de retenção — o escolhido para *la Rance*.

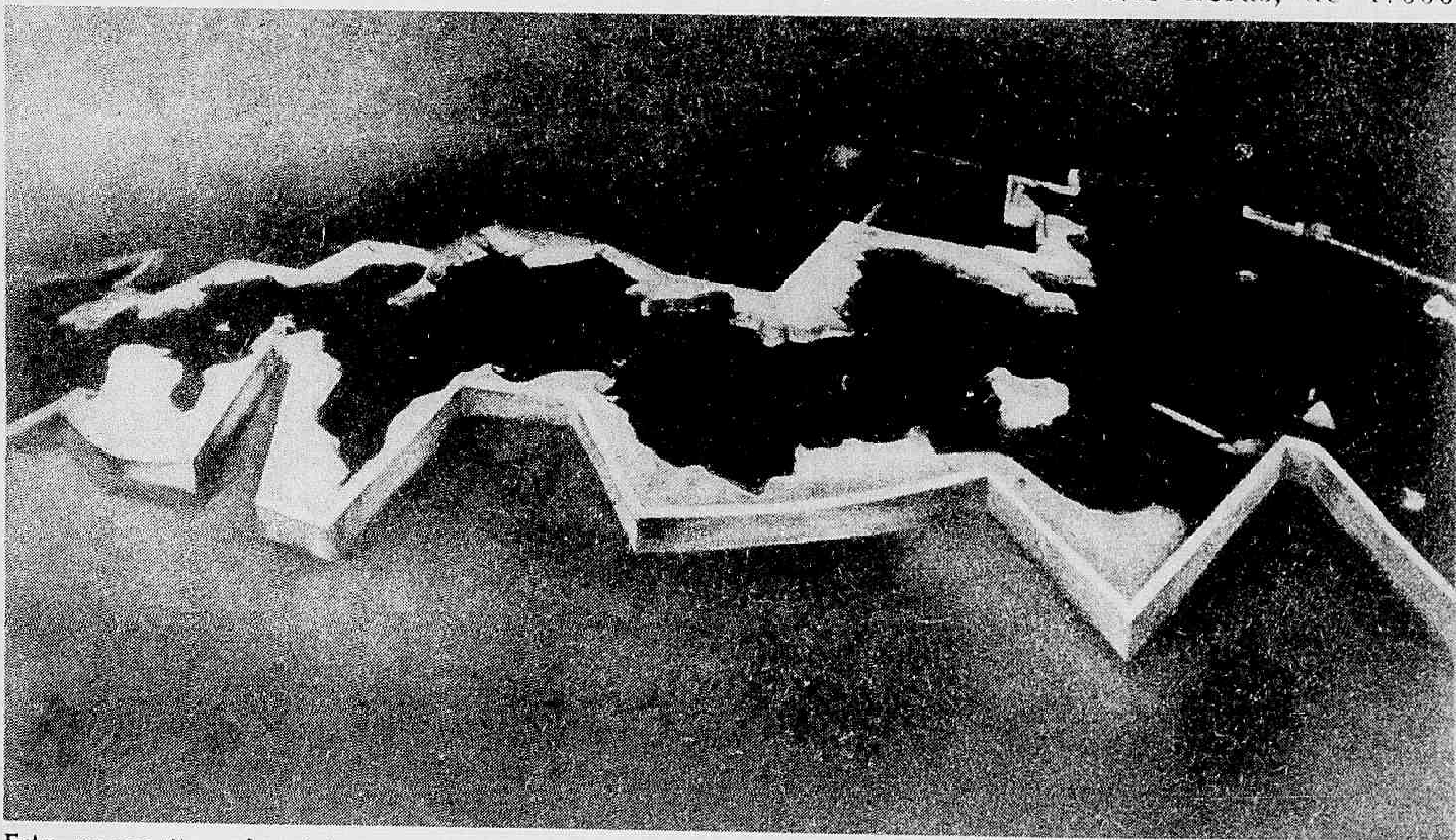
Colocado muito avançado no estuário de *la Rance*, que tem o comprimento total de 24 quilômetros, sendo mais pròpriamente um *braço de mar*, a barragem será construída entre a margem direita, na altura de *Briantais* e a margem esquerda, diante de *la Brebis*, delimitando uma bacia de 20 quilômetros quadrados, na maré alta. Terá 800 metros de comprimento, 47 metros de largura e ali serão alojados todos os serviços e tôdas as máquinas. Sua altura será de 15 metros acima das marés mais baixas (1m50 acima das mais altas).

Dessa maneira, a barragem terá seus alicerces a mais de 15 metros abaixo do nível do mar na maré baixa, firmado sôbre a rocha que constitui o fundo de *la Rance*.

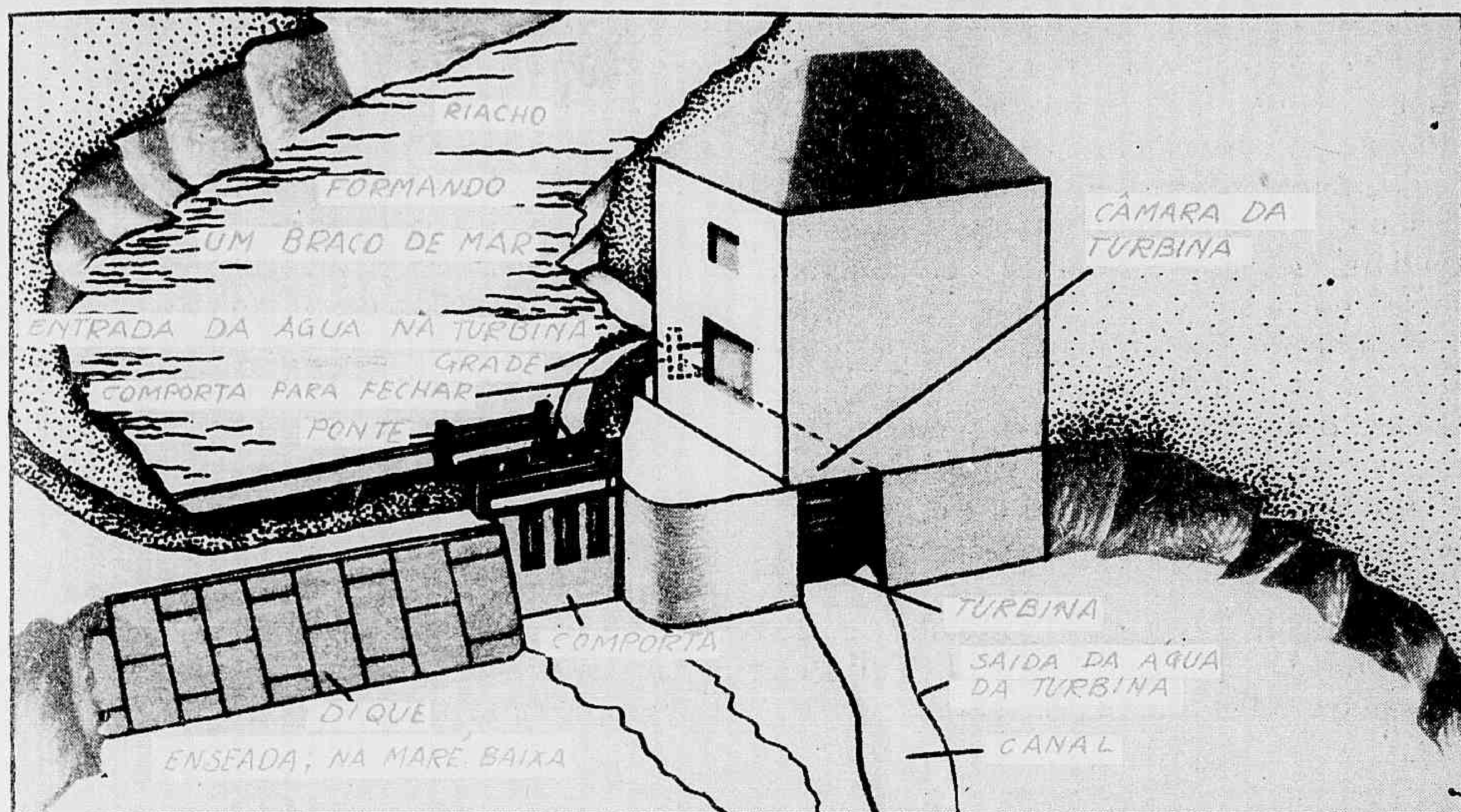
Equipada com 26 grupos compreendendo, cada um, uma turbina Kaplan de 14.000 CV, ligada a um alternador de 8.500 *kilowatts*, a usina terá uma produção de 550 milhões de *kilowatts-hora*. Funcionando segundo o "ciclo de efeito simples" respeitará o seguinte horário:

— Enchimento da bacia durante três horas;
— Expectativa durante três horas;
— Turbinagem durante seis horas, enquanto a bacia esvazia do nível da maré mais alta para o da meia-maré.

O consumo do conjunto das turbinas será, durante essas seis horas, de 4.000



Esta «maquette», de vinte metros de comprimento, representa o estuário do Rance, verdadeiro braço de mar, que se enterra a mais de vinte e quatro quilômetros no interior das terras da Bretanha (França) permitiu aos engenheiros determinar como a futura maremotora do pequeno rio fará «trabalhar» a maré. A construção desta gigantesca obra está atualmente paralisada por falta exclusivamente de verba.



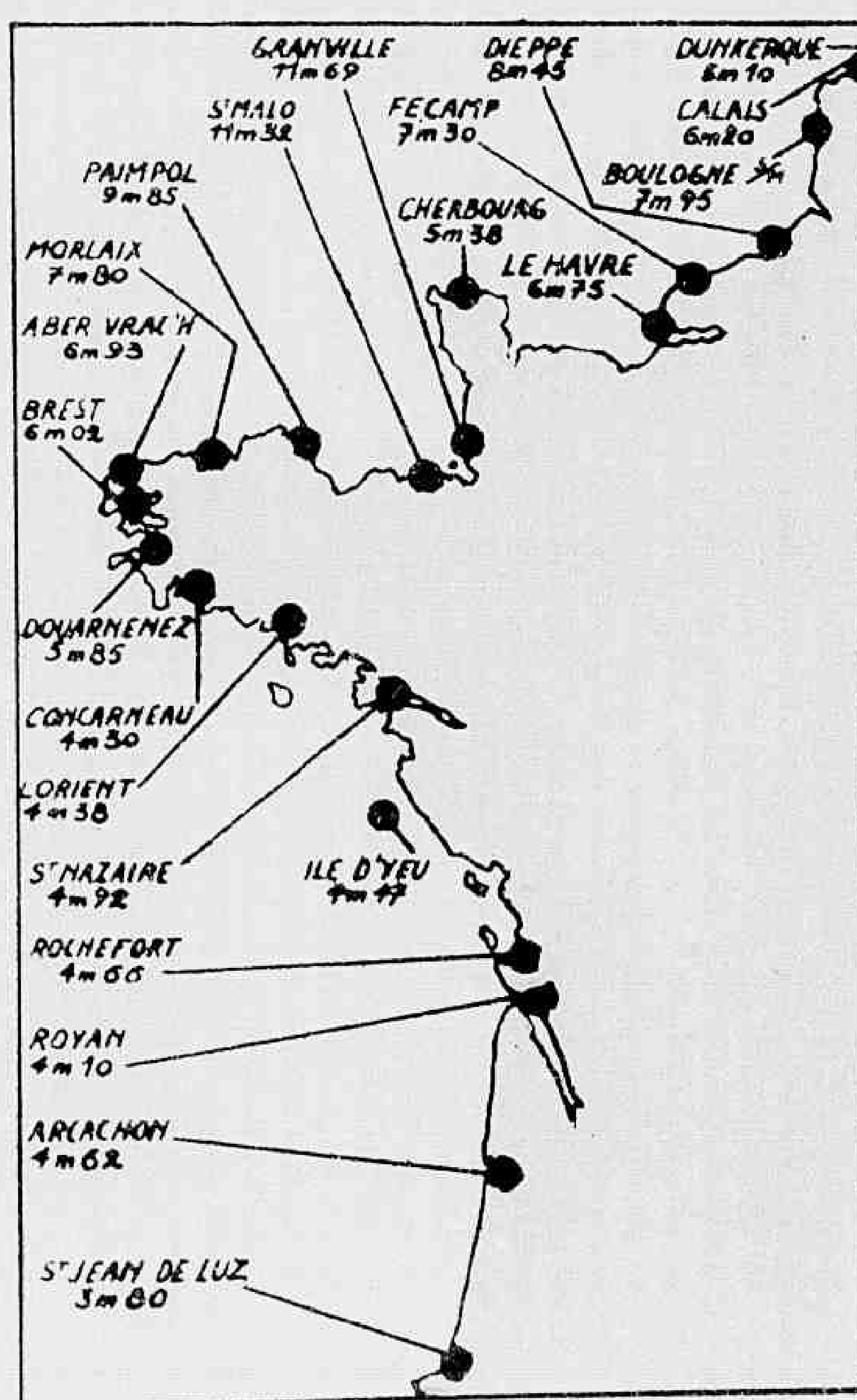
O desenho acima explica o funcionamento de certos «moinhos» bretões, que utilizam a energia dos mares. Com a maré alta, o mar penetra no canal, abrindo-se a comporta. Com a máxima quantidade de água, fecham a comporta. O mar se retira, então, lentamente. É essa maré descendente, formando uma diferença de nível com o mar e a bacia. Abrem, então, uma segunda comporta, que guia a água para as turbinas.

metros cúbicos por segundo. A título de comparação, indicaremos que o consumo instantâneo do enchimento do estuário na situação atual, antes da construção da usina, atinge no mais forte da entrada — e durante alguns minutos — 18.000 metros cúbicos por segundo, enquanto que o consumo de água doce, levado pelo rio *la Rance*, oscila entre 1 e 2 metros cúbicos por segundo.

Isto significa que o consumo de água doce é absolutamente desprezível comparado com o consumo de água salgada.

Pretendem os engenheiros, obtido o crédito, construir a maremotora em dois ou três anos.

O que agora os franceses procuram realizar, na costa bretã, já foi tentado pelos inglêses, no comêço da Primeira Guerra Mundial, com o mesmo intuito: poupar as suas reservas de combustíveis minerais. Para tanto, empreenderam obras de vulto no Canal da Irlanda, que, por sua conformação e fôrça de marés se prestava para êsses ensaios. Infelizmente, as necessidades da guerra cruenta e prolongada, a falta de verbas e de maquinaria adequada, fêz abortar essa ousada tentativa.



Em todos êsses pontos de sua costa, a França pretende instalar «exploradores» da fôrça que o mar possui.

Mas os planos não foram esquecidos e, seguindo o exemplo da França, do qual têm sido observadores atentos, os inglêses já anunciaram a sua intenção de reencetar êsses trabalhos, agora — é claro — mais grandioso e obedecendo à técnica mais moderna.

Também os holandeses, tradicionalmente aproveitadores das fôrças naturais, com os seus moinhos de vento e as suas constantes lutas com o mar, com o qual travam guerra de longos anos, pontilhada

de vitórias esplêndidas e reveses dolorosos, como ocorreu, ainda recentemente, quando cêrca de um quarto do seu território foi devastado pela invasão das águas, estudam agora os meios de aproveitamento dessa fôrça colossal. E talvez venham êles a obter, antes que nenhum outro povo, os juros dessa persistente preocupação com o mar, pois, conhecedores mais profundos de seus segredos e de suas traições, muito poderão lucrar com essa árdua experiência, atingindo melhor a finalidade almejada atualmente por outros países: fazer o mar trabalhar para o homem!

No Brasil, essas possibilidades estão multiplicadas, por um lado, e dificultadas por outro. Pela extensão de sua costa, tem o nosso país maiores possibilidades de estabelecer estações maremotoras do que qualquer outro dos acima citados. A fôrça das marés, em certos pontos da nossa costa, a variedade caprichosa de suas enseadas, a multiplicidade dos seus rios, baía, lagunas, etc., favorecem por um lado a consecução dêsse objetivo. Terá, sim, que lutar contra o maior obstáculo a tôdas as nossas realizações de grande vulto: a carência do capital.

Há ainda a somar o fato de têrmos as nossas reservas de combustíveis minerais quase intactas, o que por outro lado nos permite repousar um pouco, não sendo necessário preocuparmo-nos desde agora contra essa crise que, para outras nações, já se apresenta da maior gravidade.

* *

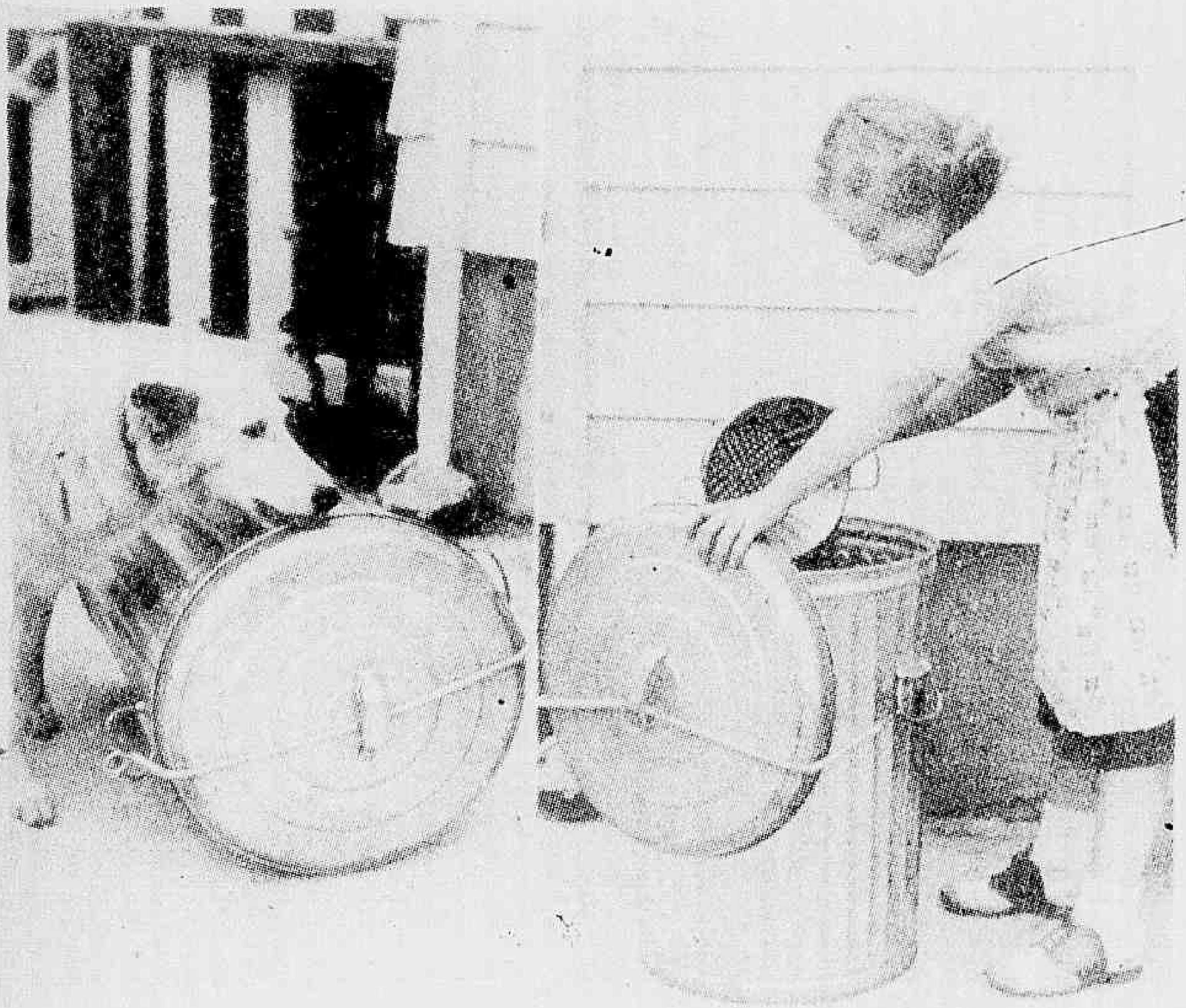
ESTAMOS CRESCENDO

É fato indiscutível e que podemos observar com facilidade que as últimas gerações são formadas por indivíduos mais altos do que nunca. Em geral, hoje, os filhos excedem em estatura aos seus pais e avós. Parece que o gênero humano está destinado a produzir no futuro exemplares gigantes.

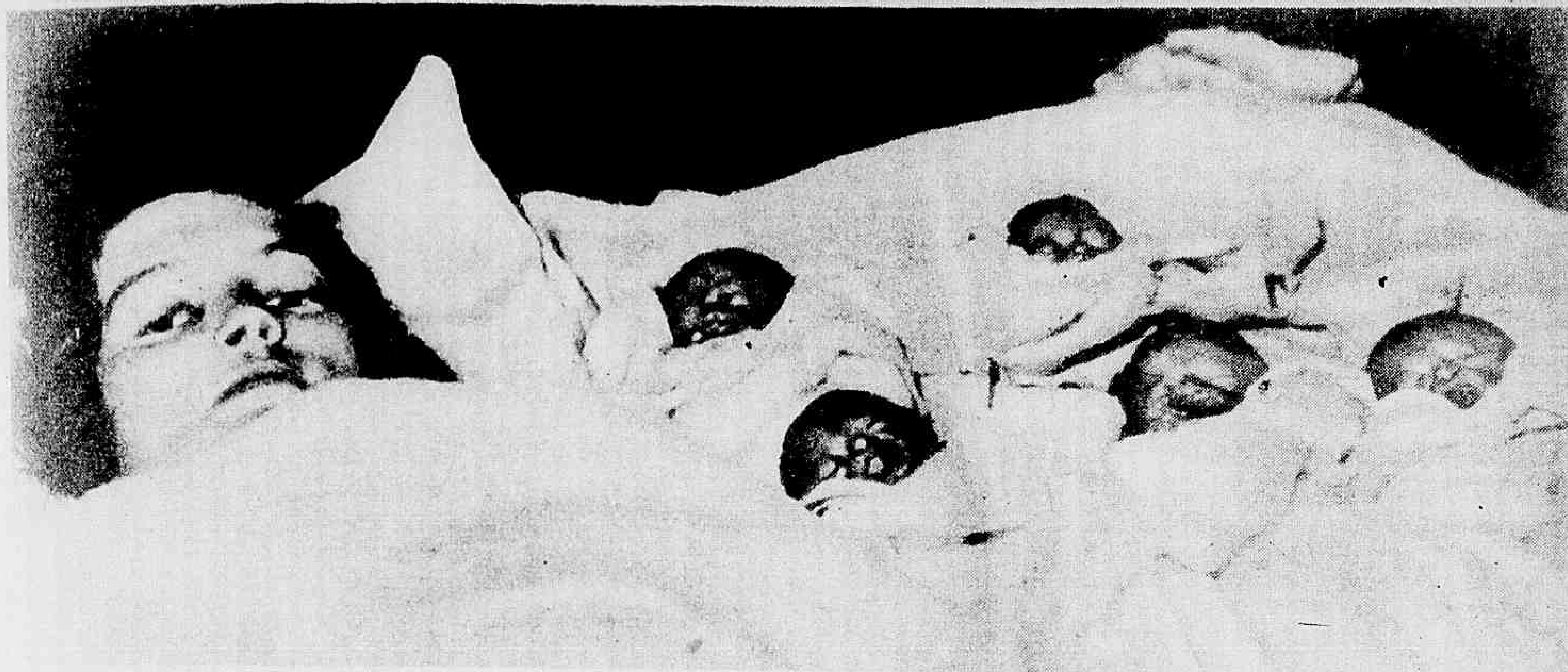
O desusado crescimento da nova juventude pode ser devido a uma alimentação mais científica e mais rica em vitaminas que a de antanho, mas também poderia diminuir de tamanho, ao contrário, em razão de deficiências dietéticas, já que a tendência ao «gigantismo» é igualmente visível nos países bem nutridos, como nas nações pobres e que passaram pelos horrores das guerras, aumentados pelos longos anos de racionamento alimentar. De qualquer maneira, os especialistas perguitam se a elevada estatura das gerações modernas é um sinal de que a saúde humana progrediu ou se, ao contrário, é um signo de decadência da espécie. Nos animais já foi observado que quanto mais crescem, menos tempo costumam viver. Um certo especialista norte-americano receia que o homem chegue a alcançar, um dia, proporções dinosáuricas, que conduzam à extinção da espécie.

O dr. Robert M. Kark, da Universidade de Illinois, opina, no entanto, que não há qualquer prova de que no ser humano a estatura e a média de vida tenham alguma relação entre si. E o dr. Anton J. Carlson, da Universidade de Chicago, que estudou os efeitos da nutrição nos povos de todo o mundo, assinala que os orientais que residiram por espaço de uma geração nos Estados Unidos são mais altos que os seus ascendentes, e, não obstante, vivem tanto ou mais anos que êles.

*



NOVO TIPO DE LATA PARA O LIXO — Com tampa prêsa e que não deixa o lixo derramar, mesmo que um cão ou gato derrube a lata.



Os médicos podem, hoje, prever o nascimento de quíntuplos; porém a sra. Dionne teve as suas cinco famosas filhas numa casa de fazenda, assistida por um médico de aldeia, ajudado por senhoras da vizinhança.

Por que nascem GÊMEOS?

Quais as possibilidades de quíntuplos? — Aqui estão as mais avançadas notícias sôbre o mais estranho de todos os mistérios da natureza — o nascimento múltiplo.

UM dos mais estranhos mistérios que intrigam a ciência, é o que se refere aos nascimentos múltiplos da espécie humana — gêmeos, triplos, quádruplos, quíntuplos e até, como sucedeu há três séculos, na Alemanha, uma *ninhada* de sete crianças !

A ciência jamais conseguiu explicar a matemática dos múltiplos nascimentos. Por que será que, em geral, em cada 87 nascimentos nasce um par de gêmeos, em cada 7.569 (o quadrado de 87) há um caso de triplos e em cada 658.503 (o cubo de 87) vêm à luz crianças quádruplas? Seguindo igual escala aritmética, deverá haver uma ocorrência de quíntuplos em cada 57 milhões de nascimentos. Será curioso registrar que apenas dois casos de quíntuplos — as famosas irmãs Dionne, do Canadá, e irmãos Diligente, na Argentina — chegaram a ultrapassar cinquenta dias de vida!

O mais interessante é que parece haver mais nascimentos múltiplos — especialmente de crianças do sexo masculino — durante as guerras, quando muitos homens adultos morrem. Compensará a Natureza, por êste meio, a mortandade masculina, assim mantendo o equilíbrio numérico entre os sexos? A ciência nunca explicou satisfatòriamente a questão.

Por que há *gêmeos idênticos* — conhecidos cientìficamente como *monozigotas* — e por que são mais raros do que os chamados *gêmeos fraternos*, que a ciência classifica de *dizigotas*? Pode haver triplos ou quíntuplos idênticos?

Por que os gêmeos idênticos são sempre do mesmo sexo? Por que a espécie humana é a única que produz gêmeos idêntivos e fraternos no mesmo parto? Que causa a produção de monstros, como meninos de duas cabeças, etc.? Hoje, são já conhecidas respostas para muitas destas questões. À medida que as respostas às demais se tornam mais precisas, caminhamos para a solução do enigma da evolução, talvez possibilitando o avanço para a criação de um super-raça.

Recentemente, em Siracusa, New York, Mrs. Margaret Walker deu à luz, pela segunda vez no espaço de cinco anos, a triplos. Dizem as autoridades médicas que o fato ocorre em uma proporção de 1 para 54.000.000.

É curioso que o primeiro trio consistisse de duas meninas *idênticas* e um menino *fraterno* e o segundo apresentasse o oposto, sendo a dupla *idêntica* de meninos.

O fenômeno se repetiu, recentemente, com Mrs. Lester Hardy, de Jonesville, Louisiana, nascendo duas meninas *idênticas* e um menino fraterno.

Em Birmingham, Inglaterra, um bebê de duas cabeças nasceu, há pouco tempo. Cada cabeça chorava e se alimentava em horas diversas. O médico, encarregado do caso, disse ser essa a primeira vez em que via aquilo acontecer.

Muitas causas orientam os nascimentos múltiplos, inclusive uma tendência hereditária por parte da espôsa ou, em menor proporção — do marido. É possível que, outrora, a espécie humana tenha tido muitos dêsses nascimentos múltiplos, como ocorre com os gatos e coelhos, mas a tendência, hoje, é para uma só criança em cada gravidez. Se isto fôr verdade, a multiplicidade de nascituros é simplesmente uma tendência atávica oú regressiva. A mulher tem dois ovários, que consistem de grupos de vesículas conhecidas como folículas, nas quais se desenvolve, o óvulo. Normalmente, em cada vinte e oito dias, um ovário produz um óvulo isolado, que desce para o útero, a fim de facilitar a fecundação. Se o óvulo não é fecundado, o segundo ovário emite mais um, vinte e oito dias depois.

Às vêzes, porém, um folículo pode conter e emitir mais de um óvulo, ou dois folículos do mesmo ovário podem lançar alguns óvulos. Ambos os ovários podem produzir óvulos ao mesmo tempo. Os próprios óvulos podem possuir mais de uma gema cada um, provocando, assim, múltiplas fecundações. Os óvulos podem dividir-se em duas ou mais partes. A própria mulher tem, às vêzes, mais de um útero.

Tôdas as circunstâncias citadas podem originar nascimentos múltiplos. Portanto, as famosas irmãs Dionne foram quase certamente produzidas por um único óvulo fertilizado, o qual, mais tarde, dividindo-se, produziu embriões idênticos ou *monozigotas*. Tivesse uma segunda semente animal entrado no mesmo óvulo e o resultado seria um monstro e não um parto múltiplo, ao passo que se vários óvulos fôssem fecundados por igual número dessas células-germes, as crianças não seriam *idênticas*, mas, apenas, *irmãos comuns*, que nascessem do mesmo parto.

Há casos de diferentes óvulos produzidos pela mesma mulher e que são fecundados em épocas várias, com intervalos de semanas ou meses. Às vêzes, uma criança e um feto imperfeito surgem no mesmo parto e, em outras ocasiões, dois meninos vivos e perfeitos podem nascer da mesma mãe, com alguns meses ou apenas semanas de intervalo.

Assim, é possível que uma só mulher fique, simultâneamente, em princípio e fim de gestação. Lògicamente, tais irmãos não devem ser considerados gêmeos.

Para que gêmeos possam ser considerados *idênticos*, as crianças têm que ser produzidas pelos mesmos óvulo e espermatozóide. Se o óvulo não se subdivide, ocorrem os chamados "siameses" ou xifópagos.

Como já foi dito, as mães humanas produzem, algumas vêzes, gêmeos *fraternos* e *idênticos*, no mesmo parto. Mrs. Hardy, por exemplo, teve, sem dúvida, dois óvulos fecundados. Um dêles, tendo duas gemas — ou se subdividindo após a fecundação — deu origem às irmãs *idênticas* e o outro, que fôra fertilizado separadamente, produziu o menino *fraterno*.

É quase impossível separar dois gêmeos *idênticos*. Êles são tão parecidos, que um enxêrto da pele de um, sobrevive no outro. Isto não acontece com gêmeos *fraternos* ou simples irmãos ou ainda sêres humanos distintos. *Idênticos* são sempre do mesmo sexo, porque êste, no caso, é determinado pelo mesmo grupo de fatôres. Têm sempre a mesma côr de olhos, pele e cabelo, ao passo que é quase impossível distinguir entre si as respectivas impressões digitais.

As personalidades são também iguais, salvo no que diz respeito a diversas influências do meio ambiente. Gostam das mesmas côres, roupas e comidas. As vozes são iguais. Estranhamente, parece que há uma íntima relação psíquica: um está sempre apto a contrair do outro qualquer mudança de humor ou doença física não-contagiosa.



Como se encontravam as Dionne pouco antes do nascimento. A criança inferior está colocada na área pélvica.

Um notável exemplo, foi o de dois gêmeos *idênticos* que, separados, ao nascer, encontraram-se pela primenra vez na idade de trinta anos. Ambos haviam abraçado profissões ligadas à eletricidade, casado no mesmo dia, sido pais cada qual de um filho varão e batizado os respectivos cães com o nome igual!

Muitas vêzes, os *idênticos* se dedicam à mesma profissão. As belas e famosas irmãs Wilde — Lee e Lyn — se tornaram cantoras, começando a trabalhar nas mesmas orquestras. Ambas se casaram com músicos, que, embora não sendo gêmeos, eram irmãos. As duas se parecem tanto, que chegam a enganar o sôgro; mas os respectivos maridos alegam que as distinguem *por instinto*. (Felizmente!)

Outros *idênticos* que triunfaram em igual profissão são os produtores de

Hollywood, Philip e Julius Epstein e os produtores-diretores inglêses Roy e John Boulting.

Segundo o dr. Horatio Neumann, da Universidade de Chicago, que fêz um estudo cuidadoso de gêmeos *idênticos*, separados durante a maior parte de sua vida, tal tipo de irmãos tem personalidade mais parecida do que é o caso em se tratando de *idênticos* criados juntos. Um estudo de criminosos alemães revelou que de treze pares de gêmeos *idênticos*, dez pares haviam cumprido pena por crimes graves. De dezessete pares de *fraternos*, só dois haviam sofrido pela mesma causa.



Descobriu-se que gêmeos idênticos desenvolvem, muitas vêzes, as mesmas doenças mentais, têm igual grupo sanguíneo e apresentam defeitos ou moléstias — como o câncer — nos mesmos órgãos. Há até uma tendência para que alcancem a mesma longevidade, salvo em caso de acidente.

Nenhuma destas extraordinárias semelhanças se encontra necessàriamente nos *dizigotas*, que podem ser tão diversos, como os irmãos normais. Além do fato de que tenham sido produzidos por óvulos separados, os quais foram fecundados separadamente, há também a circunstância de que se desenvolveram em bôlsas separadas e receberam nutrição de placentas distintas, nada disto sucedendo com os *monozitas*.

Idênticos que se desenvolvem em um só óvulo, que foi ou subdividido ou dotado de múltipla gema, sempre ficam contidos em uma bôlsa, conquanto sejam, às vêzes, separados entre si por membranas. São todos nutridos pela mesma placenta. E, além de terem igual hereditariedade, tendem a crescer no mesmo ambiente.

Ao contrário, a multiplicidade fraterna pode encontrar meios muito diversos no interior da mãe. Um pode receber boa nutrição, por via sanguínea, e o outro, não. O maior da dupla pode desenvolver-se a expensas do segundo, que, inclusive, é passível de atrofia geral e morte. Se o mais débil dos gêmeos sobrevive, pode ser inferior ao robusto, tanto física como mentalmente.

É por isto que, entre gêmeos *fraternos*, geralmente um é muito mais forte do que o outro, sendo mesmo o "dominante".

Uma fascinante experiência, feita há alguns anos pelo dr. Myrtie Mc Graw, da "Normal Child Clinic", de New York, consistiu em "acondicionar" especialmente um de dois gêmeos *idênticos*, deixando o outro "ignorado".

Jimmy e Johnny Woods eram os nomes dêsses meninos. Johnny recebeu uma educação especial e, em breve, ficou conhecido, nos círculos científicos, como "o ser mais extraordinário do mundo". Ao aprender a andar, foi-lhe ensinada também a natação. Realizou maravilhas como um bebê-acróbata.

Quando contavam dois anos de idade, Jimmy começou a receber, também, tratamento intenso. Dentro de pouco tempo, igualava-se ao irmão e, hoje, ambos são muito parecidos em capacidade e engenho.

H. G. Wells e Julian Huxley, por exemplo, atestaram, na série de livros intitulada "A ciência da vida", que um ôvo de salamandra pode ser subdividido, se fôr amarrado, pelo meio, com um fio de cabelo, dando origem a gêmeos. Todavia, acentuaram os autores:

"Se não usarmos devidamente o cabelo e deixarmos uma conexão entre as duas metades, obteremos apenas uma parcial multiplicação, dando origem a um monstro único, de duas cabeças. O oposto também pode ser obtido: dois ovos separados, se



A sra. Harry Walker teve duas séries de triplos em cinco dias. Trata-se de uma possibilidade em 54.000.000!

Jimmy trabalha como funcionário de uma firma comercial e Johnny é empregado de uma companhia de eletricidade. Jimmy, recentemente, tornou-se pai de um menino pesando quatro quilos, cuja mãe, por coincidência, tem uma irmã gêmea. Isto parece desmentir a velha lenda de que gêmeos sempre produzem gêmeos. Em geral, há uma certa tendência neste sentido, mas a regra não é infalível.

A ciência já tem conseguido produzir várias monstruosidades relativas ao fenômeno dos gêmeos, utilizando animais inferiores. Houve, assim, diversas contribuições para a elucidação do mistério.

ligados artificialmente, formam um só animal."

Os dois citados cientistas afirmam, também, que certos remédios ou toxinas no sangue materno podem dar lugar a monstros. Tomando-se ovos de sapo ou peixe e mergulhando-os, durante algum tempo, em venenos e narcóticos diversos, monstros grotescos são produzidos, geralmente carecendo das partes anteriores da cabeça."

"Quando — o que é frequente — tôda a porção situada entre os olhos não se desenvolve, os dois órgãos da visão se

reúnem, formando um só — um ciclope, em suma."

"A explicação é simples. Um alto grau de atividade é preciso para que se forme a delicadamente complicada parte anterior do embrião, que constitui a cabeça. Reduzindo-se a atividade por meio de drogas entorpecentes, torna-se impossível a elaboração das minúcias morfológicas características daquela região do corpo. Só se desenvolvem em lugar da cabeça, estruturas que requerem menor atividade sanguínea para a respectiva formação."

Experiências como estas realçam a importância de uma forte e pura corrente sanguínea, por parte de ambos os países, a fim de que tenham filhos sadios e sejam reduzidas ao mínimo as *chances* de produção de monstros.

Constantemente, experiências feitas com bezerros gêmeos, do tipo *idêntico*, os quais se identificam por meio de impressões nasais e testes sanguíneos, fornecem valiosa informação no campo da dietética, permitindo progressos no sentido de se conseguir melhor carne, em troca de menor consumo alimentar, *per capita*. Um dos bezerros gêmeos recebe comida não-selecionada, em quantidade que atinge o máximo por êle suportado, ao passo que outro, devidamente controlado, consome uma alimentação científica. Sabe-se, dêste modo, que tanto o gado como a espécie humana, comem mais do que é necessário para uma perfeita saúde.

À medida que mais gêmeos *idênticos* de novas espécies zoológicas vão sendo estudados, a ciência adquire notáveis conhecimentos no terreno do funcionamento orgânico e psíquico. Lógicamente, maiores descobertas podem ser feitas pela comparação entre gêmeos *idênticos* e *fraternos*.

Restam, ainda, alguns mistérios. Por exemplo: embora saibamos como ocorrem os múltiplos nascimentos, ignoramos o *por quê*. Em tempo de guerra, alguma glândula gerará algum hormônio ainda misterioso, forçando o nascimento de mais bebês masculinos e de gêmeos?

Algum dia, os pais poderão "encomendar" gêmeos, triplos ou quádruplos, segundo a própria vontade. Poderão escolher o sexo dos filhos e, talvez, o tipo físico dos mesmos. Êste dia pode estar mais próximo do que se imagina!

★ ★

RESOLVA OS SEUS PROBLEMAS

TERMINADA a instrução prática que reservara especialmente para dois estudantes em vias de receber grau, quanto a aspectos higiênicos no trabalho do hospital, comecei a pensar na forma em que poderia organizar o exame final. Responder por escrito a um questionário poderia parecer coisa infantil aos dois brilhantes rapazes. Como conseguir que demonstrassem entusiasmo em algum trecho oral, que me deixasse verificar os conhecimentos que haviam adquirido nas práticas hospitalares?



A natureza humana, ou melhor: as diferenças de sexo que a mesma acusa, resolveram o meu problema.

Por sugestão minha, os rapazes convidaram duas mocinhas de sua própria escola, para que fôssem almoçar em nossa companhia, no hospital, a fim de que conhecessem tôda a instalação.

Assim pude contar com uma excelente oportunidade de observar e de ouvir a cada um dêles em seu papel de cicerones, enquanto se esforçavam por impressionar o mais que podiam as duas belas visitantes.

As duas moças conheciam o objetivo de sua visita e assim contribuíam para estimular os dois estudantes a superar-se. Os cinco gozamos extraordinàriamente com aquêle inusitado exame... e os dois alunos foram aprovados. — Dr **W. W. Knowlton**, Westfield, Massassuchets, E.U.A.

★

O papagaio é a única criatura dotada da palavra e que se conforma com repetir apenas o que ouve, sem nada acrescentar.

DIZEMOS muito, falando pouco, quando sabemos bem os têrmos próprios da nossa língua

TODO homem tem duas educações: uma que lhe é dada por outrem, e outra (mais importante) que êle dá a si mesmo. — Gibbon.

SE a roupa fôsse vendida por pêso e em proporção ao valor de uma roupa de banho feminina, um sobretudo para homem alcançaria um preço inatingível.

OS MÉDICOS TAMBÉM DORMEM...



DIGAMOS que o leitor é médico e que, quando se dispõe a deitar-se, tilinta a campainha do telefone. Piorou um dos seus enfermos! Trata-se de caso grave e o leitor vai ver o doente.

Hora e meia depois, regresso ao lar, semimorto de cansaço, e recebe a notícia de que a sra. X está prestes a dar à luz. É preciso atendê-la também! Se tiver sorte, talvez possa dormir uma hora completa, antes de que amanheça e seja hora de iniciar a visita ao hospital e atender aos clientes do consultório, repleto de enfermos.

Tal situação persistirá até que seus nervos exijam algum descanso. E essa noite, justamente, *alguém*, perfeitamente desconhecido, D. Maria Beltrano, o chama por telefone e clama, com voz desesperada:

— *"Doutor... Meu filhinho está morrendo! Venha vê-lo imediatamente, por favor!"*

Que faria? Não sabe quem é a senhora. A criança pode estar realmente grave...

— Quem é o seu médico, minha senhora? — perguntará, então.

— O dr. B... Já nos atendeu duas vêzes... Mas não gosto dêle!

— Já o chamou?

— Não.

Deduzirá o leitor, dessa conversação, que sua interlocutora é uma dessas senhoras que chamam o médico a qualquer hora, por mais leve que seja a causa. E o leitor morre de sono... Que faria?

Sabe, por experiência, que o mal da criança, provàvelmente, não reveste seriedade alguma e suspeita que o dr. B já compreendeu tal coisa e sugeriu à senhora levar o menino ao consultório, razão por que ela não o aprecia.

Mas, suponhamos que o leitor não vai ver a criança e esta morre. Já aconteceu isso... É o mesmo que a história do pastor que gritava: *Lôbo!* e, como no conto, às vêzes o lôbo aparece mesmo!

Como pode um médico se defender de falsos alarmas? E como há de o público se proteger contra a possibilidade do médico não acudir, *quando realmente há necessidade dêle*? Obedecer às seguintes regras, em número de seis, poderá ser a melhor resposta para as duas perguntas.

1 — Escolha um médico em quem tenha confiança e não o troque por outro! Todos os médicos são razoàvelmente competentes. De outro modo não teriam obtido o título. O médico que conhece seu cliente sabe até que ponto deve atender a um chamado telefônico do mesmo... às duas da madrugada.

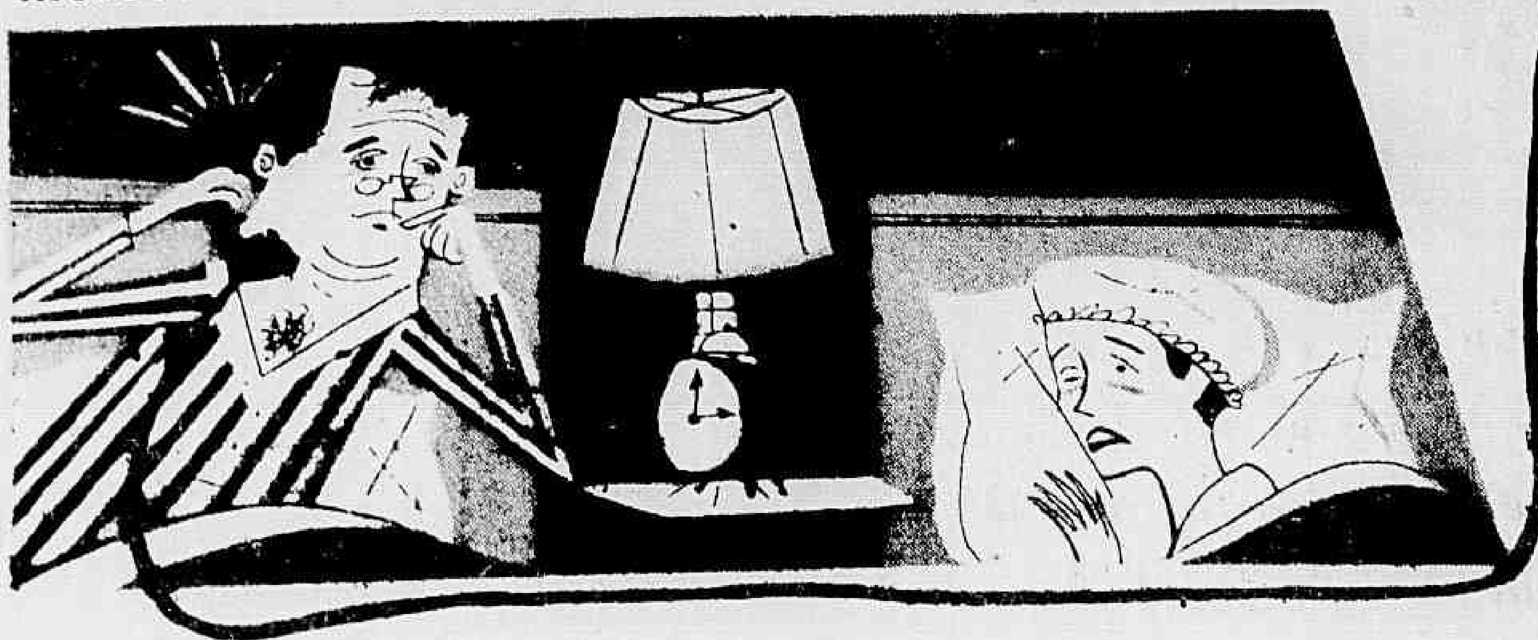
2 — Sempre que seja possível, visite o médico em seu consultório, às horas de consulta. Ali êle está melhor preparado para atender com mais eficiência a seus enfermos.

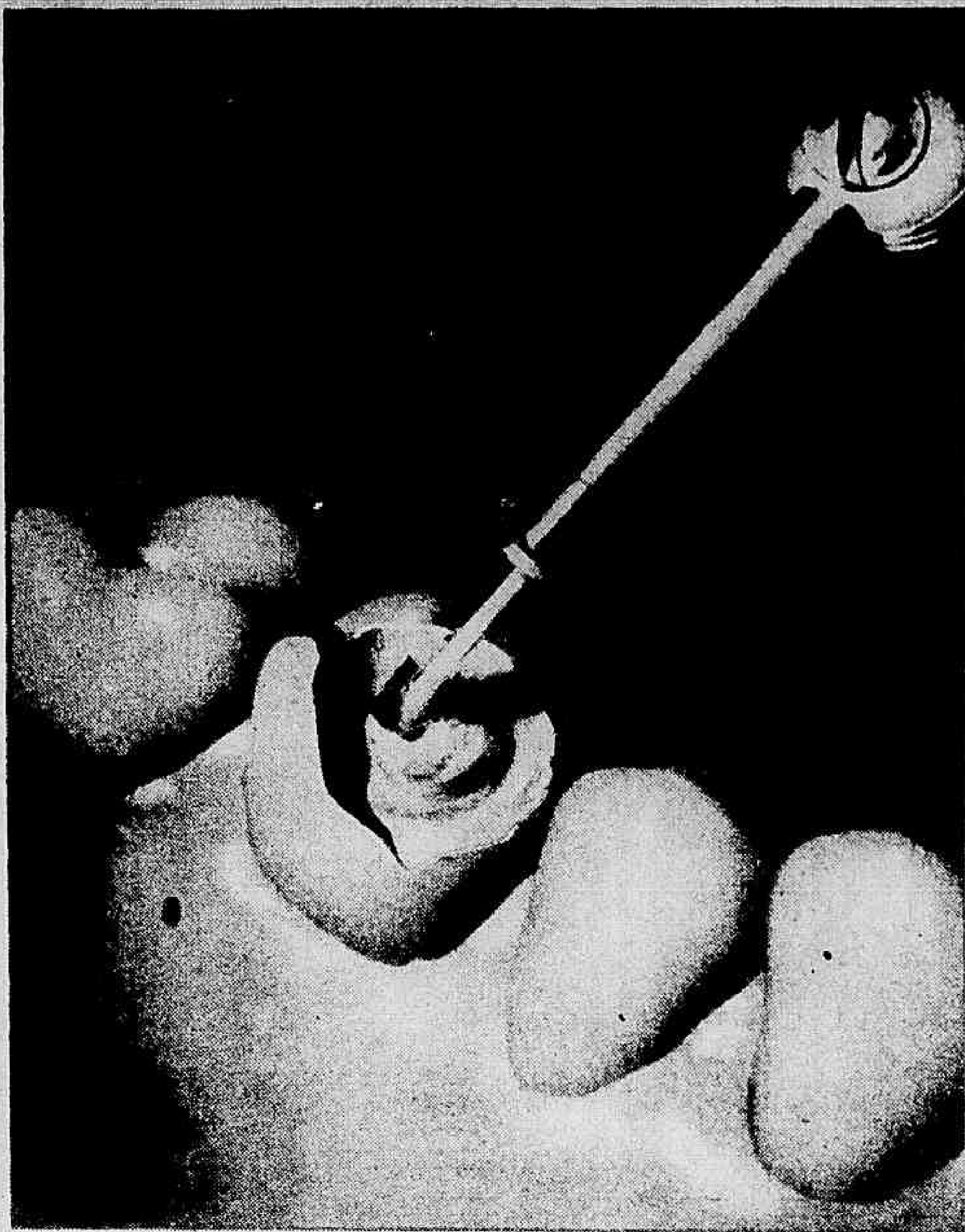
3 — A menos que se trate de uma verdadeira emergência, chame o médico a horas razoáveis; não às 3 da madrugada!

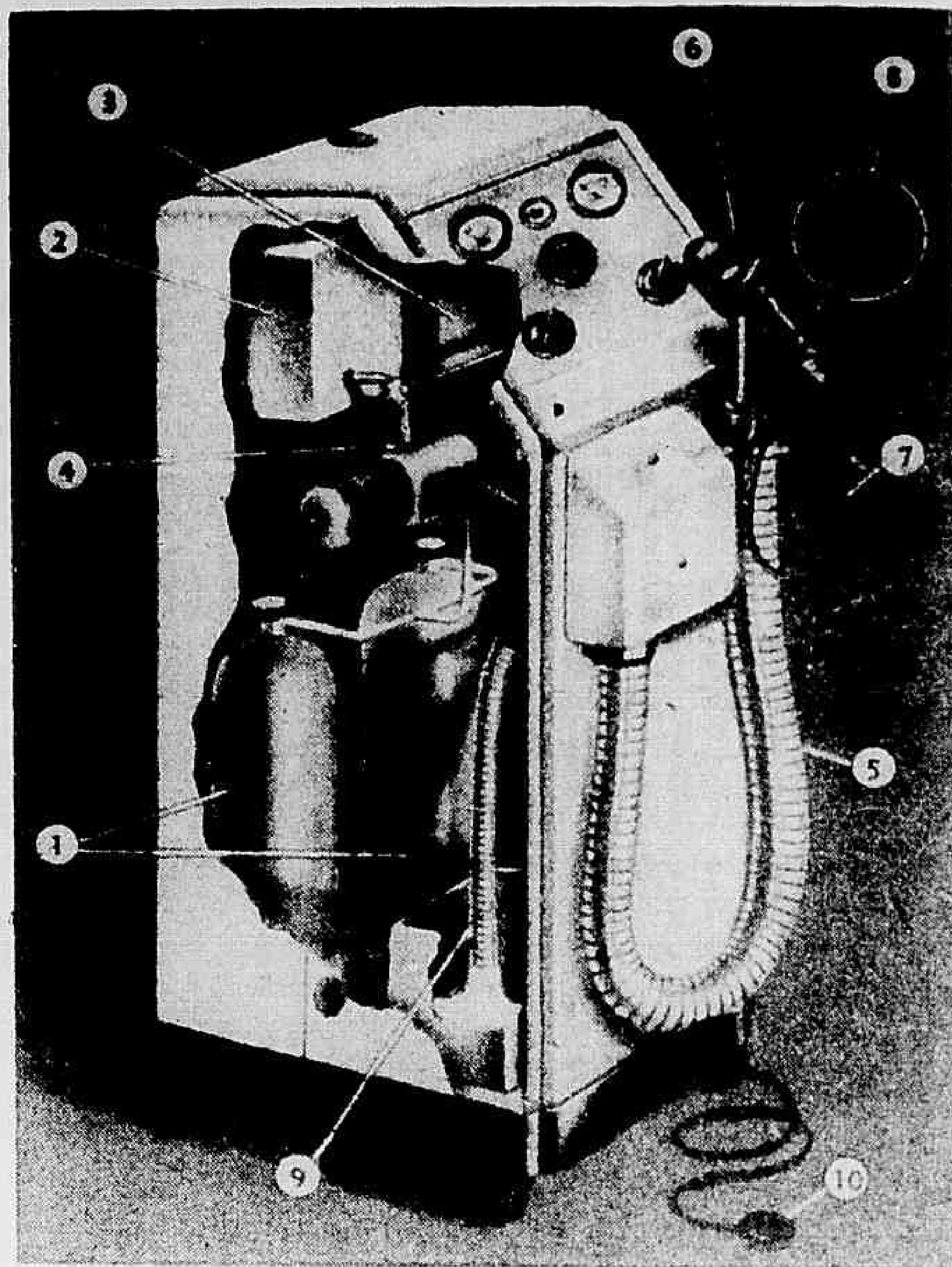
4 — Se há realmente essa emergência e não conta com o médico próprio, não comece a chamar, um por um, os médicos que surgem na lista telefônica. Obterá melhores resultados: *a*) se telefonar para o médico que atende a uma família amiga; *b*) se procurar saber, com um vizinho, se conhece algum médico o mais próximo possível da própria residência; *c*) se telefonar para o hospital ou sanatório mais próximo e se informar do nome e enderêço do médico a que possa recorrer.

5 — Em caso de precisar chamar um médico a altas horas da noite não insistir em que se trata de uma emergência. É preferível descrever com tôda calma a situação e deixar que êle decida.

6 — Por último, se cada vez em que surgir algum motivo leve, ficar alarmado e chamar o médico, não lhe queira mal se êste não acudir em seu socorro... *quando realmente houver "lôbo"*...







O aparelho de Black, movido a pedal (10). O pó abrasivo contido em (2) é misturado em (4) ao pó de limpeza vindo de (3) e ao ácido carbônico, vindo de (1). O espelho (6) ilumina a bôca. O tubo flexível (7) leva à ponta de projeção (8) a mistura pulverulenta. Os fragmentos dentários, sangue, pus, etc., são evacuados por (9). À esquerda detalhe da operação.

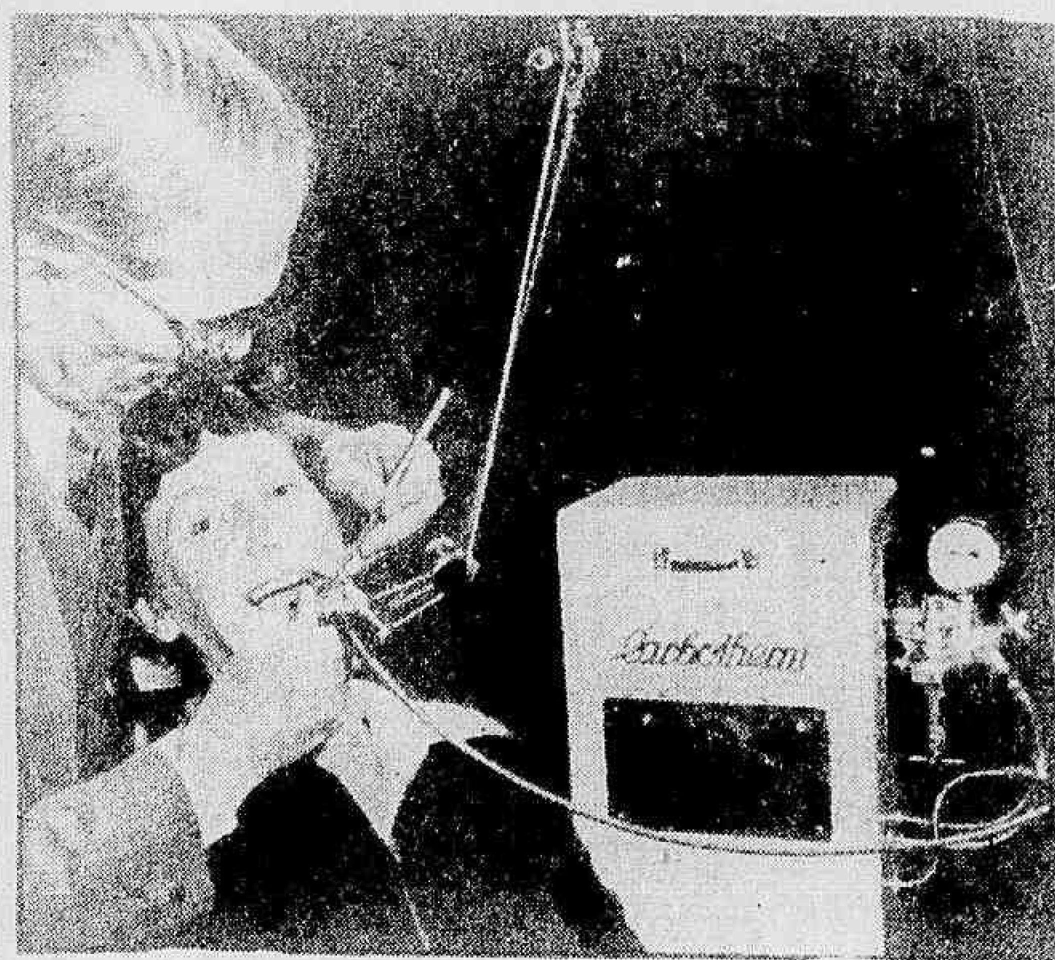
Revolução na arte dentária:

A BROCA QUE ADORMECE O DENTE!

DE agora em diante o dentista não assustará seus clientes. Isto porque o dr. Robert B. Black, de Corpus Christi (Texas), descobriu o meio de perfurar os dentes... sem dor. Fêz construir um aparelho a que denominou Ar-Abrasivo, em cujo centro estão dois garrafões com gás carbônico, além de duas caixas, contendo pó abrasivo (bióxido de alumínio) e pó de limpeza (carbonato de cálcio).

Misturando-se tais produtos, por meio de um simples pedal, êstes passam pelo tubo e vão até a ponta do perfurador, lançando um jato sôbre o dente enfêrmo.

O novo sistema de Ar-Abrasivo, projetado com a fôrça de um pêso variando de 35 a 50 quilos, só retira a parte cariada, deixando intacto a que estiver sã, pois o bióxido de alumínio e o carbonato de cálcio, não têm nenhum poder de corrosão sôbre a última. Quando teremos êsse aparelho no Brasil?



Também em Berlim, o dr. Pellkofer aumentou sua clientela usando aparelho semelhante ao do dr. Black. E aí está uma sua cliente, sorrindo sob a ação da broca.

UM BOM "PARTIDO"

Conto de MARY GIBSON



A lamparina, em seu suporte de ferro, projetava uma suave claridade sôbre a mesa, cujas gretas estavam cheias de massa de gordura enegrecida. A sombra cobria as paredes nuas. Fazia frio na sala-de-jantar por estar vazia a lareira. A senhora Hennebont desfazia diligentemente um chale de lã, preparando-se para refazê-lo, depois de ligar os fios poídos. O sr. Hennebont fôra apanhar um pouco de rapé.

— Outra vez? — observou a mulher, com azedume.

O velho se desculpou:

— Ainda resta mais da metade do que comprei no domingo.

— Pensar que gastas, tôda semana, tanto dinheiro para espirrar! — resmungou a sra. Hennebont; e logo, ràpidamente, calculou: — São, pelo menos, vinte e seis francos de rapé que passas no nariz, por ano!

O sr. Hennebont hesitou um instante, depois achou uma desculpa: — Nunca viajamos. Não costumo ir ao bar...

— Era só o que faltava! — exclamou a mulher.

Houve um silêncio. Ouvia-se Genoveva lavar os pratos, na cozinha. O sr. Hennebont olhou para a espôsa e disse, gravemente:

— Creio que já é hora de chamar a garôta.

— Pensaste bastante? — perguntou a mulher.

— Não durmo, há duas noites — respondeu êle.

— Crês que êsse homem possa fazer a felicidade da nossa filha?

— Tive as melhores informações. A família dêle tem excelente reputação no Loiret. Uma de suas irmãs casou com um conselheiro de Estado... O dr. Lascape é, sem dúvida, um partido inesperado para Genoveva.

— Por que... *inesperado*? — perguntou, agressivamente, a senhora Hennebont.

— Pensa um pouco, Catarino. Não recebemos visitas, não vamos à casa dos nossos conhecidos...

— Felizmente, os biscoitos estão muito caros.

— Desta maneira, o casamento da garôta me parecia muito problemático. É uma sorte que tenha encontrado o doutor na casa da professôra de piano, e que êle tenha se interessado por ela.

— Sei; mas... e o dote?

— Mantenho a quantia que fixei — murmurou o marido, com expressão de grande angústia.

— É uma loucura!

— O tabelião foi irredutível. O doutor só casará com moça cuja situação se equiparar à sua.

A sra. Hennebont teve que interromper o tricô, impossibilitada pelo tremor das mãos.

— É a nossa ruína! — exclamou, com voz abafada.

— Nunca soubeste exatamente quanto possuímos — sussurrou-lhe o sr. Hennebont. — Escuta bem: se dermos a Genoveva duzentos mil francos de dote, não sacrificaremos nem a quarta parte de nosso capital.

A sra. Hennebont volvou o semblante abatido para o dono da casa.

— Oitocentos mil francos? Possuímos oitocentos mil francos? Oh, meu amigo! Que bem fizemos em passar privações durante nossa vida inteira.

Naquele momento, Genoveva entrou na sala-de-jantar, para guardar a louça.

O pai achou melhor não interrompê-la durante a tarefa. Logo, porém, que ela terminou, o sr. Hennebont ordenou, com doçura: — Puxa uma cadeira. Preciso falar contigo.

Surpreendida, ela obedeceu.

Um avental cinzento, amarrado na cintura e no pescoço, preservava o seu pobre vestido da água e da gordura. As mãos, acostumadas com o rude trabalho de copa e cozinha, estavam vermelhas e inchadas.

Duas travessas, de uma imitação de tartaruga, mordiam a massa de seus louros cabelos, que brilhavam dèbilmente na sombra.

— Que pensas do dr. Lascape? — atacou o pai.

Genoveva enrubesceu.

— Não vi o doutor mais de duas vêzes, ou talvez três, em casa da senhorita Vautier — respondeu, com prudência.

— Que dizes dêle?

— Pareceu-me educado.

— Isto não é o bastante — interrompeu a mãe. — Gostas dêle?

Genoveva guardou silêncio.



— Se... — insistiu o sr. Hennebont. — Por acaso, permitirias que êle te namorasse?

A emoção fêz Genoveva quase desfalecer. Gaguejou:

— Na... namorasse? Mas para quê? Para quê?

— Se o doutor gostasse de ti, não poríamos nenhum obstáculo ao casamento.

Genoveva gargalhou.

— Casar? Casar com o doutor? Por acaso êle aceitaria uma noiva pobre como eu?

— Não és uma garôta pobre! — declarou, solenemente, o sr. Hennebont.

Genoveva agarrou com as duas mãos o avental que a cobria.

— Que sou, então?

— És o partido mais rico do povoado! — asseverou, com orgulho, a sra. Hennebont.

Genoveva se ergue.

— O partido mais rico? — repetiu. — Estão brincando comigo... Por economia me fizeram interromper as aulas de piano... Há três anos, uso o mesmo vestido. Desde que consegui tempo e fôrças para trabalhar, despediram a mulher que vinha fazer a limpeza, duas horas por dia. Comemos carne só três vêzes por semana... Todos os sábados, compro no açougue uns ossos para fazer sopa, como fazem os pobres... Papai trabalha sòzinho nas terras dêle... Mamãe faz tricô para uma casa de Paris, que paga uma miséria por metro... E agora dizem que sou o partido mais rico do lugar? Oh! Não brinquem comigo!

O sr. Hennebont tomara a mão da filha entre as suas.

— Não estamos brincando contigo, Genoveva... É justamente por causa desta economia, graças a estas privações de tôda uma existência, que conseguimos reservar para ti um lindo dote: duzentos mil francos...

— Duzentos mil francos?

— Sim, minha filha; e o doutor...

Genoveva interrompeu-o, furiosamente:

— Então é verdade?... É bem verdade?... Fizeram isto? Condenaram-me a uma infância miserável, a uma juventude horrível, dominada pelo obseção da pobreza que me cercava? E eram ri-

ços... Fizeram de mim uma empregada sem ordenado. Encerei chão, varri e lavei louça. Sofri de frieiras no inverno... Alimentaram-me como a um cão, impediram que tivesse amigas... Isolaram-me, gastaram, destruíram a minha infância... e tinham dinheiro! Podiam ter-me dado vida feliz, fácil, parecida com a de minhas conhecidas...



Nunca perdoarei isto! Nunca!

O casal de velhos se entreolhou com espanto.

— Está louca!

Genoveva caíra pesadamente, com a cabeça sôbre a mesa. Soluços agitavam-na. E as lágrimas de tôda uma juventude manchavam, gôta a gôta, o chão que com tanto trabalho havia encerado naquela manhã...

★ ★

CARPENTIER AINDA ESTÁ EM GRANDE FORMA

AOS sessenta anos de idade Carpentier estêve treinando, recentemente, no Palácio dos Esportes, em Paris, a fim de provar que ainda está em excelente forma, embora já avô. O mais célebre campeão de boxe do século fêz três rounds brilhantes com um «sparring» e, a seguir, quinze minutos de corda. Em 1921, por ocasião de seu combate com Dempsey, a renda ultrapassou, pela primeira vez na história, a casa do milhão de dólares. Tôda a França chorou a derrota do seu campeão. Antigo mineiro de Lens, Carpentier possuía, aos trinta e cinco anos, uma fortuna de meio bilhão de francos. Perdeu tudo com o «krach» de 1929. Nunca mais voltou a calçar as luvas, preferindo dedicar-se ao seu bar, nos Champs Elysées. Recentemente, propôs a Dempsey um «match-revanche»» em benefício dos cancerosos.



A VITALIDADE DO PULMÃO

QUANTO tempo poderia «sobreviver» um pulmão extraído do corpo, de tal modo que se, depois, um cirurgião quisesse de novo enxertá-lo no organismo, fôsse capaz de reiniciar suas funções normais? Pensando em que a cirurgia chegue um dia a poder transplantar um pulmão de um organismo para outro (Por que não?), como atualmente é feito com partes da pele, ossos, nervos e vasos sanguíneos, os drs. Brian Blades, Howard C. Pierpoint, Abdussamed Samadi e Robert P. Hill, da Universidade de Washington, fizeram experiências com cães. Neste animal, o pulmão pode estar até um máximo de meia hora totalmente isolado e privado de fluxo sanguíneo, e voltar a funcionar normalmente. Os citados cirurgiões não afirmam que o pulmão possa durar mais tempo.

★

O IDEAL

ROBERT Schuman, ex-primeiro ministro francês, é solteirão impenitente. Uma vez um jornalista perguntou a Schuman porque não havia casado e o então primeiro ministro explicou:

— Quando era rapaz decidi não casar até que pudesse encontrar a mulher ideal. Finalmente encontrei, mas, desgraçadamente, também ela andava à procura do homem ideal!

NOS DOMÍNIOS DA GRAMÁTICA

«As regras de gramática não bastam, por si sós, para que se fale bem, e é mister ainda valermo-nos do uso e da lição dos escritores para conhecermos os modos de falar peculiares a cada idioma.» —— MÁRIO BARRETO

TERMINOLOGIA GRAMATICAL

Noticiam os jornais que o Secretário de Educação do Distrito Federal nomeou comissão para estudar a terminologia gramatical e propor sistema a ser adotado uniformemente nas escolas municipais. Muito bem. Aplaudo a idéia, por mim, aliás, desde muito lançada pelas colunas do EU SEI TUDO.

Ainda em agôsto de 1953, escrevi: «Impõe-se a uniformização da terminologia gramatical. Lamentàvelmente cada autor, embora filiado a um sistema, usa denominações diversas, do que não raro se afasta o professor, na aula. E o resultado inevitável é a confusão e o desânimo que por aí andam, perturbando os incipientes.

Não propugno, convém ressaltar, pela imposição de uma gramática ou de um método. Tal prática não se coadunaria com os princípios democráticos que devem nortear o ensino. Apenas saliento a conveniência de uma só denominação para cada fenômeno gramatical.»

Resta que a idéia do professor Roberto Acioli seja concretizada em breve tempo, para felicidade de nossa martirizada infância escolar.

Aproveito a oportunidade para lembrar outro aspecto do ensino do vernáculo: que se lecione menos gramática, em proveito de exercícios mais úteis e necessários ao desenvolvimento da linguagem (leitura, composição...). A verdade verdadeira é que a mocidade que termina os cursos ginasiais é incapaz de escrever, em português aceitável, simples carta ou pequeno relatório.

CORRESPONDÊNCIA

Augusto Elysio — SAUDADES — Rio, 1954.

A gentileza de Augusto Elysio, que me destinguiu com a oferta de um exemplar de seu livro — SAUDADES —, transportou-me aos melhores tempos da extinta Diretoria Geral de Contabilidade, em cujo serviço contencioso iniciei a minha carreira, no Ministério da Guerra. Servi, durante poucos dias, sob a orientação de Augusto Elysio, ativo e competente chefe, que logo se aposentava, mas tantos bastaram para que lhe guardasse a impressão de suavidade e doçura, a par de caráter sem jaça e de espírito superior. E pela natural afinidade entre os que se dedicam à literatura, naqueles poucos dias de convívio na velha repartição, fui brindado com o original de dois ou três sonetos de sua autoria. Sabia-o, assim, poeta de sensibilidade apurada.

O livro — SAUDADES —, pelo título e pelo conteúdo, trouxe-me agradáveis lembranças, enquanto vi confirmadas, através dêle, aquelas impressões de delicadeza que, no trato e na palavra, me deixara o bondoso chefe. Ocorreu, desta forma, um reencontro entre nós, quase vinte anos depois daquele primeiro contacto.

Nas cento e poucas páginas que integram a obra, relicário do seu coração, Augusto Elysio fixa em versos passagens de sua vida, inteiramente dedicada a sentimentos puros e elevados. Vibra-se com o poeta, sofre-se com êle, tanto são sinceras, espontâneas e naturais as suas palavras. E sòmente assim valem as composições literárias: quando se nos apresentam com lastro de realidade. É o que existe nos versos de Augusto Elysio.

Eis alguns, como prova de que os conceitos acima não decorrem de simples afeição ou fidalguia.

SÚPLICA (1)

Quando a luz que hoje brilha fulgurante,
Desmoronando os sonhos do porvir,
Fôr se apagando dos meus olhos baços,
E então minh'alma para o Além subir;

Quando o meu corpo se quedar tranqüilo
Sem que não mais palpite o coração,
E visitando a minha pobre campa,
Deitares flores pela tua mão;

Quando de mim nem reste uma lembrança
Mesmo daqueles que já foram meus,
Eu quero que êstes versos sejam lidos,
Passem cantando pelos lábios teus.

Lembra-te ó doce amor dêsses momentos
De uma ternura que não tinha fim;
E dedilhando as contas do teu têrço,
Pede um cantinho lá no Céu p'ra mim.

MINHA MÃE

Foi muito curta a tua travessia
Do berço de esperança à campa escura;
Teu grande amor abriu-te a sepultura,
Quando deste teu filho à luz do dia.

Nos teus versos tão cheios de harmonia,
De uma linguagem cristalina e pura,
Onde não há palavras de amargura,
Tu'alma, ó minha mãe, transparecia.

Embalavam-te os cantos das sirenas
Com todo seu cortejo de quimeras;
Tu não tiveste as ilusões terrenas,

Não viste a fuga de afeições sinceras;
Tu não viveste não, sonhaste apenas,
Nas tuas dezessete primaveras.

(3-V-1933)

Em 1950, Augusto Elysio homenageou a espôsa com o sonêto:

CABELOS DELA

ONTEM

Tiro do arquivo a carta. E com cuidado
Fitam meus olhos, muito deslumbrados,
Numa linda fitinha aprisionados
Mimosos cachos de cabelos dela.

Nessa carta, um amigo me revela
Que entregues com carinho a seus cuidados,
Pedira que a mim fôssem destinados
Como prova de afeição singela.

HOJE

Passam-se os anos com velocidade;
E agora, minha amiga, que contraste,
Como notamos a desigualdade:

Eu fiquei velho e velha tu ficaste;
Mas conservam frescura e mocidade
Os cachinhos que outrora me mandaste.

O poeta sobreviveu à extremosa companheira. Mas uma vez o Destino contrariou os desejos de um Poeta... E Augusto Elysio, nos dois tercetos de sonêto pleno de saudade, assim resume o seu eterno amor:

Foi tôda a tua vida a minha pobre vida.
No entanto resolveu a Excelsa Divindade
Levar-te e me deixar em meio da descida.

Mas se a carpir fiquei, ó anjo de bondade!,
O abraço que me deste à hora da partida
Nossas almas uniu por tôda a eternidade.

(10-VII-51)

JOSÉ RICARDO NETO

---

(1) Versos escritos quando o poeta completou quinze anos (1890) e dedicados àquela que veio a ser sua espôsa.

POR TRÁS DA PORTA AMARELA

Romance de VALENTIM WILLIAMS

Neste caso... Gerry estaria salva... E devia haver algum segrêdo entre Gerry e a sua sogra, provando-o a carta que lady Júlia mandara procurar por Murchie. Aline ficou estupefata ao imaginar...

Sufocada pela atmosfera de óleo aquecido e gasolina, que enchia o veículo, abriu a porta e desceu.

O local onde Rod parara o veículo bordava uma avenida invadida pela grama rala. A casa ficava próxima, surgindo entre as árvores. Sôbre um lago a lua brilhava com reflexos prateados. Devia ser aquêle o lago de que lhe haviam falado como próprio para canoagem. Por trás de um grupo de árvores baixas, de onde vinha o clamor das rãs, coaxando loucamente, havia uma espécie de garagem para embarcações. Salvo o ponto em que a lua marcava o seu sulco, o lago se mostrava negro e causou-lhe mêdo, como a casa silenciosa, as árvores enormes. Parecia-lhe que todo o cenário esperava a consumação de um drama!

Porém uma luz forte varou a cortina de folhagem, que escondia a casa. Logo a seguir, Aline ouviu um assobio, a areia ranger sob passos que se aproximavam e alguém chamá-la pelo nome... Viu um vulto branco caminhar ao seu encontro e estremeceu violentamente, antes de reconhecer... Gerry, que atravessava, cor-

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Miss Innesmore, Aline Innesmore, norte-americana, em visita a amigos em Londres, sir Charles Rossway e lady Júlia Rossway, vive com êles na majestosa e aristocrática mansão de Mayfair, conhecida por Frant House, onde também vivem os filhos do casal, Sholto, atualmente numa propriedade da Kenia, na África Oriental; Geraldine (Gerry), espôsa de Sholto e que não quis ficar ao lado do marido nas terras estranhas, e Rodney, o filho mais moço, solteiro. Num anexo de Frant House vive Barrasford Swete, solteirão, que alugou êsse apartamento a seus velhos amigos Rossway. Entre Sholto e Gerry a situação estava esfriando bastante, com grande desgôsto de lady Júlia, que via também, com grande desagrado, as relações, exageradamente cordiais, entre Swete e sua nora, Gerry. À tarde, preparando-se para a grande recepção desta noite, no palácio real, onde seria apresentada à côrte, por lady Júlia, Aline recebe um recado de Swete e, visitando-o, verifica que êle sofreu um acidente, ferindo-se num pé, o que o impediria de ir, à noite, apreciar a sua «toilette» de côrte, na casa dos Rossway. Aline promete-lhe, então, que, ao regressar de Buckingham Palace, iria visitá-lo, em companhia de Gerry, para que êle pudesse ver como era lindo o seu vestido. Tudo corre conforme o combinado, tendo apenas Gerry faltado ao encontro, por se haver aborrecido com Rodney que, em nome de lady Júlia, pedira-lhe e quase exigira, que deixasse de visitar Swete. Mesmo assim, Aline despede-se de lady Júlia, que se prepara para dormir e sai para tirar fotografias e, em seguida, visitar Swete, embora ligeiramente, para cumprir a sua promessa. Ao chegar, porém, ao patamar superior, encontra a porta fechada e nota que a luz que vira brilhar, ao saltar do automóvel, se extinguira, reinando agora completa escuridão no interior do apartamento. Desce, decidida a voltar diretamente para casa, quando verifica, juntamente com o «chauffeur», que a barra do seu vestido está empapada de sangue, assim como os sapatos. Nesse instante, surge Rodney, que também regressava para casa e, ao ver o que ocorria, sobe com o «chauffeur», derrubam a porta e encontram Barry inanimado ou morto, banhado em sangue. Na sua mão direita está um revólver. Rodney manda o «chauffeur» chamar o dr. Pargetter, médico da família, e procura acalmar Aline, que julga ter visto alguém sair do apartamento, perdendo-se logo no «fog». O dr. Pargetter aumenta o alarma declarando que aquilo não fôra suicídio, mas assasisnato, pois a pistola não está descarregada e o seu calibre não era o mesmo da arma com que Swete fôra assassinada. Rodney diz a Aline que esconda a sua visita ao apartamento, pois êle dirá à polícia que tinham ido juntos, visitar Swete. Isto a livraria de aborrecimentos futuros. Pouco depois, surge um policial que, avisado pelo «chauffeur», vinha colhêr detalhes e, pouco depois, surge o próprio inspetor Manderton, com o legista e o técnico de impressões digitais. Manderton, o inspetor-chefe, interroga os criados, o médico, rebusca a casa inteira, auxiliado por Dene, um jovem policial, especialmente encarregado das impressões digitais e que encontra pó-de-arroz diante do grande espelho da lareira. Tudo isso assusta cada vez mais Aline, que pensa apenas em Gerry. Pouco depois, Manderton interroga lady Júlia e esta, com superioridade e sorrindo, não deixa o detetive tomar pé. O mesmo não acontece com Gerry, que se rebela contra a insistência com que o inspetor deseja saber detalhes e responde com altivez, irritando o policial, que, por sua vez, teima em apanhá-la em contradição. Quem mais se preocupa com a situação de Gerry é Aline. Para refletir melhor sôbre os fatos, recolhe-se ao «court» de tênis, onde é surpreendida pelo assistente de Manderton, que com ela conversa banalidades, embora, no fundo, quisesse sondar seus pensamentos. Quando vai mostrar uma curiosa «berlinda» do século XVII, que ali é guardada, recua e, com uma desculpa, despede o policial. Surge Rod e Aline faz uma trágica revelação. No interior da berlinda há um revólver, escondido sob uma almofada. Interrogam Larking, que se perturba, mas afirma ignorar a quem pertence a arma. A seguir, surge Gerry. Ao ver a arma declara que lhe pertence. Fôra um presente de Sholto. E essa arma só podia ter sido roubada, na véspera, da gaveta do seu «boudoir», onde a guardava. Quem sabia da existência da arma? Quem a tirara do quarto de Gerry? Rod declara que vai entregar o revólver a Chass e fará o que êste resolver que se faça. Depois do almôço, Aline e Rod vão a um jardim público, onde tratam de elucidar os próprios movimentos da véspera e chegam à conclusão de que possuem bons alibis. Os outros procurariam

rendo, a larga avenida. Vestia um quimono branco, que lhe emprestava um aspecto fantástico.

— Aline, querida! — exclamou ela, satisfeitíssima. — Se pudesse imaginar como fiquei contente ao saber que você também tinha vindo! Sentia-me tão só e miserável que não tinha vontade de deitar para dormir. Martirizava-me em meu quarto, quando Rod atirou uma pedrinha contra a minha janela. Vem comigo!

A grande porta de carvalho, reforçada com travessões de ferro e enormes pregos estava aberta e deixava passar para a avenida a iluminação de um *hall* de teto alto, atravessado por vigas de madeira. Havia um colossal fogão de inverno, todo de tijolos e no qual, apesar da temperatura benigna, queimava uma grande tora de madeira, entre dois poderosos grampos de ferro, cujas pontas rubras pareciam os enormes dentes de um ser demoníaco. O mobiliário era pesado, atarracado e sombrio. Num dos cantos, uma escada de caracol, do tipo tão comum à época dos Jaimes, subia verticalmente para os aposentos familiares.

Gerry fechou a porta, instalou sua jovem amiga numa confortável poltrona, junto do fogão e, aproximando outra poltrona, tratou de fazer o mesmo, ao lado de Aline.

— Você quer um pouco de *whisky*? — perguntou Gerry. — Ou prefere outra coisa?

Aline, entretanto, aceitou apenas um cigarro.

— Onde está Rod? — perguntou ela, enquanto sua amiga aproximava a chama do isqueiro.

— Lá em cima, com lady Júlia — respondeu Gerry. — Disse-lhe que ela estava deitada, o que fêz, aliás, tão logo chegamos. Porém êle insistiu...

Fêz uma pausa, para lançar um olhar curioso para o alto da escada, depois prosseguiu:

---

saber depois. Quanto a Gerry, seus passos pareciam bem esclarecidos. Rod informa nesse momento que, por conta própria, telegrafara a Sholto, em Nápoles, pedindo o seu imediato regresso. Decidem, a seguir, interrogar o velho Larking, que, para êles, além de Murchie, é o único que não tem os movimentos bem esclarecidos. O secretário revela realmente os seus passos, havendo apenas um pequeno lapso em que retornou, sem testemunhas, a Frant House. Mas, seu relato piora a situação de Larking, que saiu misteriosamente, de casa. Depois, rebuscando na copa, encontram um boné pertencente a sir Charles, escondido numa gaveta. Aline afirma que êsse boné é igual ao que viu na cabeça do vulto misterioso, que saíra furtivamente, na véspera, da casa de Barry. Voltam ao escritório, onde Rod esconde o revólver na gaveta. Contam ao baronete o que ocorreu e quando vão exibir a arma esta já desaparecera da gaveta da mesa da máquina e, retirando-se por alguns instantes, retorna quando chegava sir Charles. Sir Charles, furioso, vai interrogar Gerry. Nada adianta com isso. Também Murch ignora tudo sôbre a arma. Sir Charles pede para que escondam o caso de lady Júlia e todos acreditam na culpabilidade (ou cumplicidade) de Larking, que desapareceu de casa. Sir Charles tudo relata a Manderton, que se mostra reservado e retira-se para lançar seus homens no encalço do mordomo. Na mesmo noite, procurando um livro, altas horas, para entreter sua insônia, Aline vai ao «court» de tênis e, após apanhar o que deseja, auxiliada pela luz de uma vela, nota que o tambor do paredão... desapareceu. Cheia de mêdo, foge e esbarra com Rod, no corredor do «hall». Êste ouve sua história e volta para verificar o fato. O tambor lá estava novamente no lugar de sempre. Ligando êsse fato ao que lera, certa vez nas Memórias de Phil, o Louco, Aline corre à biblioteca, a fim de reler as famosas cartas, não antes de surpreender o jovem Dene, agachado, no «court», examinando a muralha e que, ao vê-la, vem aconselhar a norte-americana a deixar quanto antes aquela casa. Impressionada, Aline começa a reler as cartas. É surpreendida por Rodney nessa leitura e conta-lhe o que descobrira. Em Frant House havia uma passagem secreta, nas imediações da figura do tambor, no «court» de tênis. A êsse tempo, Manderton apresentava um relatório ao inspetor-chefe e prometia-lhe melhores resultados para breve, pois descobrira que Larking se chamava realmente Harness e já tivera contas a pagar à polícia, anos antes. Precisava apenas de encontrar certo «chauffeur», para completar seu esquema tático e apontar o criminoso. Isso é o que consegue, instantes depois, graças a seus auxiliares, e, imediatamente, retira-se para interrogar o homem. Na mesma tarde, surge em Frant House, onde de novo interroga Gerry e declara-lhe que havia encontrado o «chauffeur» de um táxi que a conduzira na noite do crime, de Covent Garden ao apartamento de Swete, ida e volta, ameaçando-a ainda com uma ordem de prisão, caso não contasse tôda a verdade. Nesse instante, para assombro geral, surge Sholto que, dirigindo-se a Manderton apresenta-se e declara ser o verdadeiro assassino de Swete. E apresenta a arma do crime. Ao mesmo tempo, em voz baixa, pede a Rodney que apanhe e esconda o seu passaporte, que deixara no sobretudo, na saleta. Sir Charles trata de telefonar para um advogado, enquanto, no meio da desolação geral, Sholto é levado pelo inspetor. Gerry confessa, então, aos de casa, que estivera no apartamento de Swete para lhe dizer que desistisse, pois que continuava a amar o marido... porque aguardava um filho de Sholto! Sir Charles apressa a saída de lady Júlia e Gerry para a casa de campo e a transferência de Aline para a casa dos Chamberlain. À hora da partida, vendo o passaporte de Sholto, que Rodney começava a examinar, lady Júlia se apodera do documento. Depois que ela sai, com Gerry, Aline e Rodney vão sondar novamente o paredão do «court» de tênis e, mais felizes, conseguem descobrir uma passagem secreta que conduz ao apartamento de Barry. Ali, Rod apanha no chão uma pluma, como a que foi usada por Aline e lady Júlia na noite do crime para a recepção na côrte. São surpreendidos ali por Murchie, que os seguira. Rod acusa o secretário de ter estado na casa de Swete na noite do crime, êste confessa, mas diz que lá estêve por ordem de lady Júlia, para apanhar uma carta, que queimou, sem ler, também por ordem dela. Lady Júlia também lhe ensinara o caminho secreto. Rod decide ir a Broadlet imediatamente. Aline vai com êle. Antes de viajar, porém, lady Júlia procurara sir Ernest, na Polícia Central, e entregara-lhe o passaporte de Sholto, exigindo que o mesmo seja sôlto, por não ter podido estar à hora do crime no apartamento de Swete.

— Por que foi, afinal, a vinda inesperada de Rod... a esta hora? Trás alguma notícia importante?

— Ignoro... Sei apenas que já foi feita a identificação de Sholto. Você já sabia?

— Sim. Rod me contou. Mas que necessidade havia de fazer tôda essa viagem... se podia dar a informação por telefone? E... porque trouxe você também?

— Isto foi para atender a um pedido meu... Pensei que essa corrida noturna pelas estradas vazias me faria bem.

— Mas, enfim... porque, por quê?

Gerry pousou a mão febril sôbre um ombro de Aline.

— Que deseja êle? Você deve saber... e é preciso que também eu saiba.

Depois, lançando novo olhar para a escada, prosseguiu, baixando a voz:

— Quer saber, Aline? Rod... Rod me amedrontou. Parece alguém que viu um espectro. Mal desci para abrir a porta e logo êle, sem outra qualquer explicação, lançou-me em rosto a pergunta imperiosa: *"Onde está minha mãe? Quero ver minha mãe!"*. Tentei saber o que acontecera e então êle pareceu, repentinamente, voltar a si, como alguém que despertasse de um pesadelo, e respondeu-me com voz indecisa que nada acontecera e que apenas desejava trocar duas ou três palavras com lady Júlia. E como eu insistisse, apenas consentiu em dizer-me que haviam identificado Sholto e que... e que êle precisava de detalhes sôbre uma carta que eu escrevera e que Murchie tinha ido apanhar na residência de Swete!

Deteve-se, um instante, com os lábios abertos e uma das mãos na garganta, como se tivesse a garganta sêca e estrangulada.

— Torno a perguntar... Por que veio êle aqui, esta noite? Pelo amor de Deus, Aline, se você sabe a razão, conte-a a mim, agora mesmo. Êsse vertigonoso mistério que me envolve acaba com os meus nervos e sinto, mesmo, que vai acabar tirando-me a vida...

Com a cabeça imóvel, fitando o fogo, na lareira, Aline perguntou, falando mansamente e sem desviar o olhar:

— Gerry... Está bem certa de nada esconder a nenhum de nós?

Gerry, que se achava curvada em sua poltrona, endireitou-se com movimento brusco:

— Quem pretende o contrário?

— Essa carta... que escreveu a Barry...?

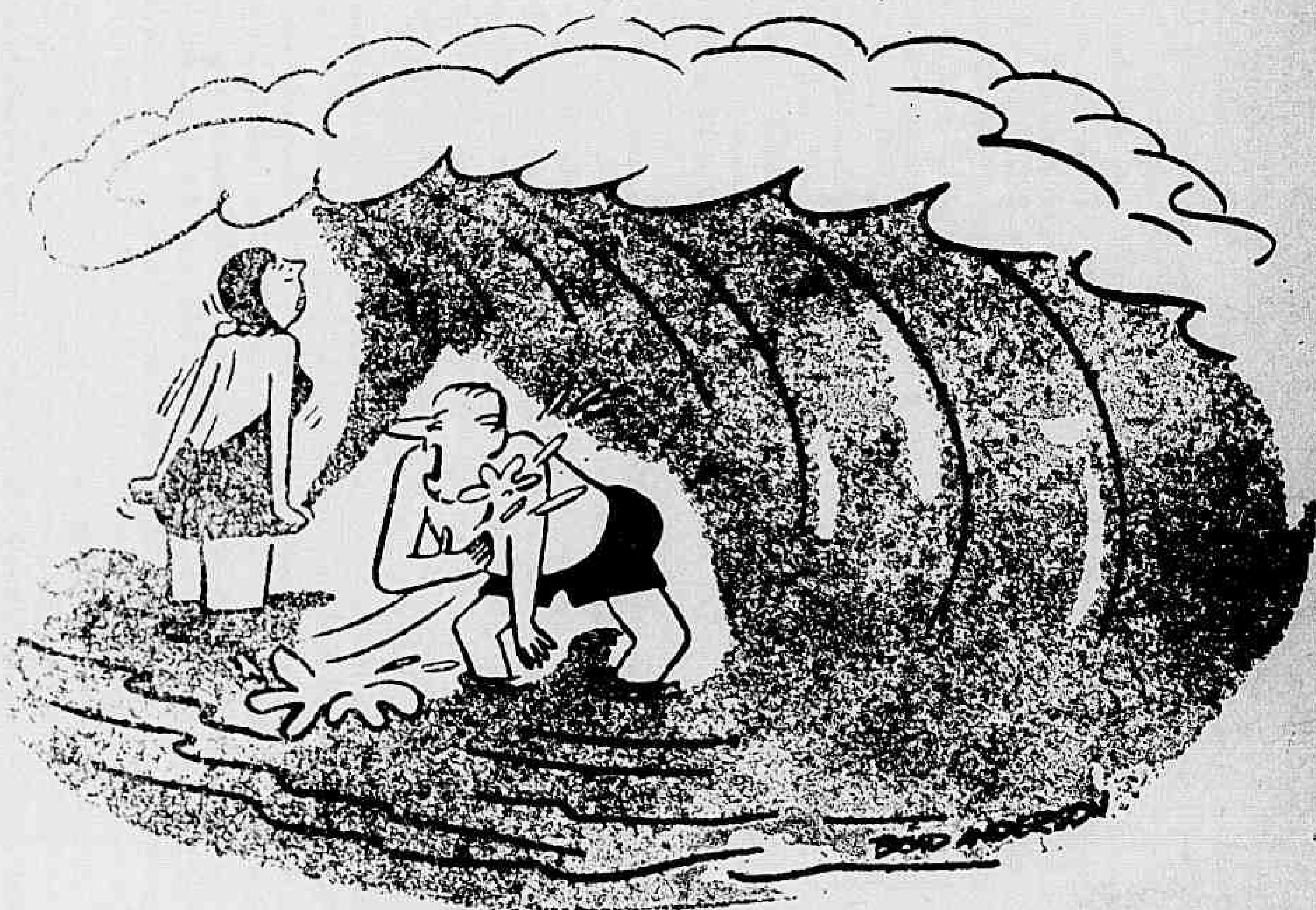
— Jamais, em tôda a minha vida escrevi sequer uma linha a Barry! Êle, por sua vez, nunca escreveu para mim senão cartões que qualquer pessoa poderia ler... Cartões de felicitações, votos de bom Natal, etc. E foi isto o que declarei, ainda há pouco, a Rodney. Foi então Murchie quem inventou esta nova história?

— Sim... Murchie. Foi, pelo menos, o que êle disse a Rodney. Eu própria ouvi, porque estava próxima.

— Mas... Êle está louco! É uma invenção cruel e ridícula ao mesmo tempo! E, além do mais, como Murchie poderia ter penetrado no apartamento de Barry, depois do seu assassinato? Segundo relatou Giles, o apartamento está fechado, desde a noite do crime e um policial está de guarda permanente diante da porta de entrada, junto da calçada.

— Há, entre o *court* de tênis e o apartamento de Barry uma passagem secreta.





— *Molhe-se um pouco, fazendo assim como eu!*

Rod e eu conseguimos descobrí-la não há muitas horas... Foi nessa ocasião que Rod submeteu Murchie a um interrogatório em regra... até êle contar tôda essa história. Foi assim que fiquei sabendo.

Gerry tudo ouvia, arquejante de surprêsa e de indignação.

— Uma via de comunicação... secreta? E que todos naquela casa ignoravam... com exceção de Murchie, hein?

— Não... Também Murchie ignorou a existência dessa passagem até o momento em que lady Júlia lhe revelou êsse segrêdo da mansão.

— Minha sogra?

— Sim... Foi o que êle disse. E afirmou, também, que foi lady Júlia quem o enviou ao apartamento de Barry, por aquêle caminho, a fim de apanhar a carta.

Gerry se levantou e, longamente, ansiosamente, ficou a olhar para a escada. Nesse breve silêncio, os ruídos da campina vieram, através da janela, ferir os ouvidos de Aline. Pouco depois, Gerry tornava a sentar, com movimentos lentos. Estava pálida e seus lábios tremiam ilgeiramente.

— Conte-me tudo, por favor... *desde o início!* — pediu ela, com uma voz em que se precipitavam o mêdo e a impaciência.

Capítulo XXXIII

"ATÉ AMANHÃ!"

Uma réstea de luz sublinhava a porta do quarto ocupado por lady Júlia. À pancada discreta, dada por Rodney, respondeu um imediato:

— Quem bate?

— Rodney, mamãe! — anunciou o jovem Rossway, torcendo a maçaneta da porta.

Porém, esta resistiu. Houve, no dormitório, uma sucessão de ruídos ligeiros. Finalmente, a porta foi aberta. Lady Júlia apareceu no limiar, com um grande chambre azul-escuro, os cabelos presos frouxamente na nuca, os pés em elegantes sandálias. Assim, de pé, sôbre um fundo de luz rosada, sua elegante silhueta, prêsa na simplicidade severa do agasalho, dir-se-ia que era uma adolescente.

Sem nada dizer, afastou-se e Rodney entrou. O quarto era talvez modesto. Poucos móveis. Um ou dois tapêtes. Nada de quadros. Enormes vigas de madeira enegrecida pelo tempo, sustentavam a estrutura do telhado, rompendo a superfície das paredes caiadas de branco. O leito era estreito. Além das janelas abertas, a noite se estendia, quase morna e misteriosa. Um lampião de cabeceira, pequenino e simples, era o que iluminava todo o quarto naquele momento, emprestando-lhe um caráter de intimidade.

Lady Júlia tornou a fechar a porta, dando volta à chave. Rodney e sua mãe ficaram, então, face a face. Êle conservara uma das mãos no bôlso exterior do paletó. Retirou-a, finalmente, abriu os dedos lentamente e deixou à vista um pedaço de pluma branca. Lady Júlia não fêz um movimento. Com voz absolutamente natural, perguntou:

— Foi Manderton quem encarregou você de trazer isto para mim?

Êle, muito pálido, moveu a cabeça negativamente:

— Encontrei isto... eu mesmo... no apartamento de Swete...

Deteve-se e como sua mãe nada dissesse nem executasse nenhum gesto, prosseguiu:

—... Sim; eu mesmo! Estava prêsa ao batente da porta secreta, que abre para o quarto que serve de depósito de velharias...

Lady Júlia continuou calada. Apenas, como fascinada, olhava para o pedaço de pluma.

— ... E, depois, lá em casa, no seu guarda-roupa, minha mãe, encontrei, quebrada, uma das plumas que a senhora usou para a recepção na côrte...

Havia, ao falar, retirado do bôlso do seu guarda-pó, um pequeno embrulho de forma oblonga e recoberto por papel de sêda.

— Se quiser examinar...?

Junto dêle estava uma mesinha. Voltou-se ligeiramente, para nela deixar o embrulho. Lady Júlia se aproximou da mesa, mas não tocou no embrulho. Depois de apoiar-se ligeiramente no bordo do pequeno móvel, sentou — ou antes: deixou-se cair como que desamparada sôbre a poltrona que lhe ficava ao lado.

Só então Rodney notou que surpreendera, chegando inesperadamente a Broadlet, sua mãe escrevendo uma carta. De

fato, ali estava, sôbre a mesinha, um bloco de papel azul, encimado por um brazão, e que era hábito usar, em Broadlet, para a correspondência. Junto dêsse bloco estava uma caneta tinteiro. Pedaços de várias fôlhas, rasgadas, enchiam a pequenina cesta de papéis. A fôlha superior do mesmo bloco tinha apenas duas palavras, traçadas com letra firme e grande. Do lugar em que se encontrava, Rodney pôde ler:

"*— Meu querido...*"

— A senhora o matou, não é verdade? — perguntou êle, esforçando-se por tirar da própria voz tôda sombra de rudeza ou de censura.

Ela se inclinou, sem responder. Depois de um instante, êle voltou a falar, com voz ligeiramente inquieta:

— Chass também sabe?

Agora, com os olhos aumentados pelo terror, ela moveu a cabeça negativamente, mas sem sair do seu silêncio dramático.

— Não poderia, ao menos, ter tomado um de nós dois como confidente? — prosseguiu êle, com um tom ligeiramente amargurado. — Não sabia, então, que Chass e eu estaríamos prontos a tudo sacrificar para a livrar de preocupações?

— Vocês dois teriam sido os meus juízes! — falou ela, finalmente, num grande grito de desespêro. — Mesmo agora, Rod, veja o que ocorreu... Você me julgou e condenou... *sem me ouvir*!

— E de quem é a culpa? — replicou ela, com voz e gesto de quem se sentia alquebrado. — Sholto não é seu filho? E, no entanto, a senhora suporta em silêncio que êle seja acusado em seu lugar!

Ela sorriu. Porém foi tão pobre, tão triste sorriso, que Rodney sentiu como lhe desferissem uma punhalada no coração.

— Você gosta muito de seu irmão, não é mesmo, Rod? Também eu o adoro! Mais que nunca, se é isso *possível, desde que o vi sacrificar-se por mim!*

Deteve-se, observando as feições de Rodney. Depois perguntou com real curiosidade:

— Você... acreditou mesmo que eu o deixaria levar até o fim êsse sacrifício?

— Já foi acusado regularmente de assassinato. Amanhã será transferido para o tribunal policial...

Ela fêz um sinal de denegação:

— Não... Não, meu querido. Não acusaram Sholto de haver matado Barry Swete! Nem, tampouco, êle comparecerá diante do tribunal. Jamais comparecerá. Amanhã mesmo estará livre!

— Como pode afirmar isso?

— Levei, esta noite ainda, o passaporte de Sholto a Scotland Yard. Foi uma bomba que tiveram que aceitar... Logo mandaram fazer as verificações de praxe, para confirmar o *visa* de Dunquerque. Forçosamente terão que soltar seu irmão, depois disso...

— Mas não imaginou os acontecimentos funestos que essa sua atitude veio provocar? Verificando que Sholto não é o criminoso, o inspetor Manderton estará mais que nunca determinado a descobrir...

A palavra que lhe viera ao pensamento morreu em seus lábios. Tratou de substituí-la:





Mulheres...

— ... a descobrir a verdade!

Ela afagou os próprios joelhos com ambas as mãos, num movimento de vai-vém, como se refletisse profundamente. Mas nada falou:

— Sei — prosseguiu Rodney — que a senhora fêz... o que fêz... para salvar Gerry e defender a honra do meu irmão... Mas, matar! Não haveria outro meio de agir? E compreende, hoje, a necessidade em que me vejo de conhecer tôda a verdade? Manderton sem dúvida conseguirá reconstituir todos os fatos. É, apenas, questão de tempo... Semanas, dias ou mesmo horas, apenas! Antes de que o faça, é preciso que eu tenha tomado certas medidas...

Um impulso irresistível a fêz curvar-se para o filho. Puxou-o para si e depois de beijá-lo obrigou-o a sentar-se a seus pés, sôbre o tapête. Depois, tomando-lhe as duas mãos e aprisionando-as sôbre os joelhos, falou com voz lenta, porém clara:

— Eu conhecia muito bem Barry Swete... Sabia que espécie de homem era êle e que domínio sabia exercer sôbre as mulheres! E tremia pela sorte de Gerry, a quem eu via atirar-se, de cabeça, no caminho mais perigoso. Procurei falar com êle sôbre o assunto. Fiz isso várias vêzes, porém o máximo que consegui foi fazê-lo rir, com zombaria. Uma frase que escapou a Giles, revelou-me que ela o visitava frequentemente, à noite. Fiquei acabrunhada, primeiro e, depois, revoltada, pois não suspeitara de que as coisas tivessem chegado àquele extremo. Apesar disso nada quis falar, eu própria, com Gerry, pedindo a você que procurasse chamá-la à razão... Sabia, de antemão, que, com o gênio dela, fazer oposição seria piorar a situação. Escrevi, isto sim, a Sholto, rogando-lhe que voltasse quanto antes para Londres. Ao mesmo tempo, procurei novamente Barry. Procurei fazê-lo compreender que, a despeito da atitude leviana adotada por Gerry, eu não permitiria que êle arruinasse o lar de Sholto. Disse-lhe que já escrevera a Sholto, prevenindo-o de que era urgente vir proteger sua espôsa. Pretendia, aliás, repetir tudo isso, quando êle estivesse lá em casa, têrça-feira, à noite. De fato, êle lá estêve, porém fugiu tanto quanto pôde de estar a sós comigo... De tal forma que, desanimada, resolvi escrever-lhe uma carta, que enviei pelo correio. Na manhã seguinte, que era quarta-feira, justamente o dia da apresentação de Aline à côrte, êle se apressou a telefonar para mim, tão logo teve a minha carta em mãos. Foi, então, cruel, zombeteiro e cínico. Disse-me que Gerry tinha idade para saber o que devia ou não devia ser feito e que, de qualquer modo, êle próprio não toleraria que, fôsse lá quem fôsse, se intrometesse em sua vida particular. Estava furioso e mostrou-se muito grosseiro, mal permitindo que eu tivesse tempo para pronunciar sequer uma sílaba. A seguir... a seguir, por sua vez, escreveu-me uma carta insultuosa. Com certeza me odiava pelo fato de Gerry ter passado a evitá-lo...

Lady Júlia se interrompeu. A emoção tornava difícil a sua dicção. Junto dela, sentado no tapête, Rodney aguardava, impassível.

— Nessa carta — prosseguiu ela — Barry me avisava estar à minha espera, após a cerimônia da côrte. Fiquei revoltada com tamanha audácia. Nem sei como, ao regressar da recepção, tive fôrças para subir para o meu quarto... Cox me ajudou a retirar meu vestido de côrte e a vestir o quimono; em seguida, pretextando ter que escrever algumas cartas, ordenei que ela fôsse dormir. Não sabia, ainda, que atitude devia tomar. Finalmente, tomei uma decisão... Iria à casa de Barry, onde teria com o miserável uma explicação definitiva. Rod... Há quanto tempo conhece você o corredor secreto que condúz ao apartamento?

— Só o descobri esta noite — respondeu Rodney, falando ràpidamente.

— Esta noite? Como...?

— Levaria muito tempo para explicar como pude chegar a descobrí-lo... Mas, a senhora, mamãe... Como conhecia êsse segrêdo?

— Eric Ivinghoe foi quem me mostrou a passagem secreta... há muitos anos... Desci, portanto, do meu quarto, assim mesmo como estava, em quimono. O "hall" estava vazio, estando os três homens conversando na biblioteca. Pude chegar, sem ser vista por nenhuma pessoa da casa, ao "court" de tênis.

— Conservava ainda as plumas?

— Não. No momento de deixar meu quarto, percebi, pelo espelho, que ainda não as havia retirado. Arranquei-as, então, e de maneira tão violenta que provàvelmente tenha quebrado uma delas; alguns fiapos devem ter ficado, também, em meus cabelos...

— E o revólver? Suponho que o tenha ido apanhar no quarto de Gerry?... Por quê?

Ela desviou o olhar, antes de dizer:

— Ignoro até mesmo o que pretendia fazer. Ameaçar Swete, talvez... Êle era dêsses que só cedem pela fôrça. Mas deixe que eu fale como entendo que devo falar...

Êle não replicou e lady Júlia prosseguiu:

— Você conhece o corredor secreto; pode compreender, então, que a minha chegada foi para Barry uma grande surprêsa. Só percebeu minha presença, quando atingi o "living-room", surgindo no alto da escada. Sentado diante da sua mesa de trabalho, tendo um charuto entre os lábios, Swete estava lendo. Viu-me e não escondeu sua cólera. Disse-lhe, de imediato, que a questão de Gerry tinha que ser resolvida uma vez por tôdas. E apenas riu e...

Um estremecimento repentino, levou-a a crispar as mãos e a fechar os olhos. Tudo, porém, foi muito rápido. Segundos depois, novamente com os nervos dominados, lady Júlia prosseguia:

— Eu tinha a arma escondida sob a manga esquerda do quimono, juntamente com a minha mão direita. Nesse instante, odiando cada vez mais aquêle homem, exibi a pistola. Êle riu ainda mais fortemente, indicando-me a sua própria pistola, que estava sôbre a mesa e que ali devia estar desde a visita de Gerry. A seguir... a seguir...

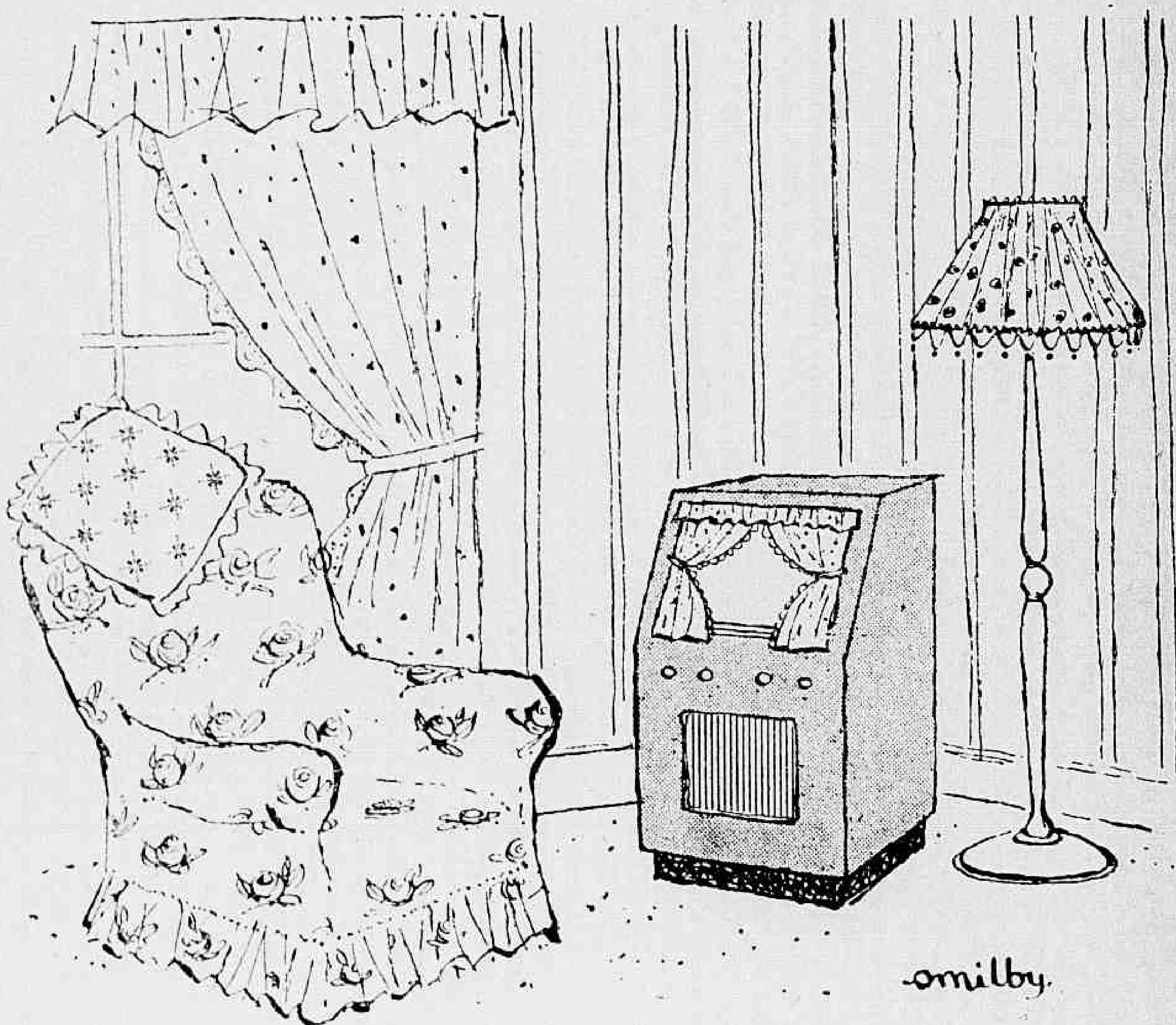
Ela estremeceu novamente, não podendo conter um soluço dolorido.

— ... êle disse qualquer coisa, não importa o que tenha sido. O que posso recordar, a seguir, é de um apito prolongado nos meus ouvidos, um repentino cheiro de pólvora e, por trás de uma fumaça azulada, Barry, deitado com o rosto contra o tapête e deixando escapar um grito rouco, como se gargarejasse... Devo ter deixado cair o revólver. Depois disso, tenho apenas uma vaga lembrança de minha fuga, atravessando o "court", totalmente sem luz...

— Não mandou, depois, Larking apanhar o revólver?

— Não... Mas adivinho o que se passou. Eu havia mal fechado o painel do tambor. Larking deve ter encontrado ainda aberto, ao fazer sua ronda habitual. Sem dúvida deve ter deixado o painel fechar novamente, às suas costas, como uma armadilha, de sorte que ficou aprisionado no apartamento. De fato, o fecho interno fica muito alto, quase junto do teto, de modo que, para quem o ignora, dificilmente o descobrirá. Larking só tinha, portanto, um único meio de fugir do apartamento de Barry: a porta da rua. Imagino que, reconhecendo, caído no "living-room", o revólver de Gerry, o tivesse apanhado receando que a presença dessa arma





naquele local constituísse uma tremenda carga contra seus patrões.

— Mas, a carta? Que continha? E por que mandou Murchie apanhá-la?

Lady Júlia lançou um olhar suplicante a seu filho. Então, com voz fatigada e enrouquecida, falou:

— Rod... — deteve-se, como se a pergunta que tinha a fazer fôsse muito superior às suas fôrças; depois continuou:

— Rod... Então, Murchie... contou?

— Sim. Aline o surpreendeu no momento em que atravessava o "court", voltando do apartamento de Barry. Mas, mamãe... A senhora lhe havia dito que a carta que desejava recuperar fôra escrita por Gerry... e ela jurou que em tôda a sua vida, jamais escreveu fôsse o que fôsse para Swete!

A mão gelada de lady Júlia veio cobrir-lhe os lábios, impedindo-o de prosseguir. Depois, com um movimento brusco, lady Júlia se ergueu. Com a cabeça curvada para o peito, caminhou para a porta, como se fôsse deixar o quarto. Logo a seguinte, entretanto, parou, voltou-se e caminhou novamente para junto do filho.

— Rod... — balbuciou ela. — Manderton sabe da existência dessa carta?

— Não... Nem vejo como possa vir a saber.

— Mas, se por acaso isso acontecer... Ouve-me como atenção, Rod... Se isso acontecer... Se essa carta chegar ao conhecimento de Manderton, será preciso que Gerry declare ter sido a autora... e que era um documento que a comprometia... Tem que ser assim!

— Por quê... se ela mesma desconhece o conteúdo dessa carta?

Por quê? Não apenas por mim, Rod, mas por todos nós, por Chass, por vocês dois, meus filhos... Tudo o que acabo de dizer a vocês, é o que pretendo dizer a Manderton.

— Como! Mas... a senhora não pretende entregar-se à polícia? — balbuciou Rodney, com voz estrangulada.

— Amanhã...

Tìmidamente, ela pousou a mão sôbre um ombro de Rod, num gesto carinhoso.

— Por piedade... procure compreender o que desejo, Rod. Ajude-me... a dizer tôda a verdade.

Tendo falado, cobriu o rosto com as suas mãos. Num gesto irreprimível e brusco, êle a tomou em seus braços.

— A verdade! Não acha que é isso, justamente, o que reclamo há meia hora? Pensa, então, que eu ou qualquer de nós, Chass ou a própria Gerry, imaginamos que a senhora possa ter ido apanhar um revólver para, a seguir, matar friamente um homem? Não... Não foi a senhora quem apanhou a arma no quarto de Gerry; foi Sholto! E quando pretende o contrário, é apenas para procurar afastar de meu irmão tôda suspeita dêsse crime. Mãe querida, sempre fomos, a senhora e eu, dois excelentes amigos. Conte-me a verdade, *mamy* adorada. Pode estar certa de que compreenderei suas razões.

A êsse terno apêlo, a êsse carinhoso vocábulo "mamy", que seus filhos lhe davam quando crianças, lady Júlia tornou a levantar a cabeça. Um brilho de felicidade conseguiu passar, por um instante, a cortina de lágrimas.

— Eu bem sabia que você não me abandonaria — disse ela, com o corpo todo tremendo. — E mais vale, realmente, que você conheça tudo. Compreenderão, então, muito melhor, porque não contar a seu pai a verdade... Depois, você mesmo explicará a seu irmão. Viu Sholto, ontem à noite? Recusou ostensivamente falar comigo. Nem sequer olhou para mim. Só Deus sabe o que Barry pode ter dito a êle!

Deixou escapar um ligeiro gemido e, apontando para uma poltrona vazia, pediu:

— Vem sentar, comigo, Rod. E, por favor, não me interrompa... e não me julgue antes de eu haver chegado ao fim.

Rodney obedeceu. Lady Júlia, porém, estava bastante agitada para manter-se no mesmo lugar, indo de um canto para outro do quarto.

(*Continua no próximo número*)

OLHANDO O MUNDO HÁ SESSENTA DIAS

MEMENTO de EU SEI TUDO

OS FATOS OCORRIDOS EM MAIO DE 1954

1 — SÁBADO: — Continua estéril a Conferência dos Chanceleres, em Genebra. — Os Estados Unidos solicitam à Itália que ratifique de uma vez o Tratado do Exército Europeu. — Sangrenta luta em Dien Bien Phu, onde chegam novos reforços-pára-quedistas franceses. — Violento tremor de terra, na parte norte da Grécia.

2 — DOMINGO: — O Sr. Foster Dulles confessa aos jornalistas seu pessimismo quanto aos resultados da Conferência dos Chanceleres. — Encerrada a Conferência dos Chefes dos Governos da Índia, Birmânia, Ceilão e Paquistão, além da Indonésia, que debateram os problemas das nações asiáticas. — Os franceses reconquistam posições em Dien Bien Phu, desafogando momentâneamente o assédio dos comunistas.

3 — SEGUNDA-FEIRA: — Colossal manifestação anticomunista em Paris, havendo violenta luta entre os manifestantes e a polícia, de lado, e os adeptos do credo vermelho do outro, em razão da luta da Indo-China. — Enfraquece bastante a posição do "premier" italiano Mario Scelba. — O alto-comando francês acredita que Dien Bien Phu pouco mais poderá resistir aos atacantes comunistas. — Falece, nesta capital, o professor Martagão Gesteira, um dos maiores nomes da medicina brasileira.

4 — TÊRÇA-FEIRA: — O "premier" canadense opina que o fracasso da Conferência de Genebra poderá apressar uma Terceira Guerra Mundial. — O Paquistão repele o protesto russo contra a aliança entre aquêle país e os Estados Unidos. O papa apela para os jornalistas de todo o mundo para que cooperem com a Igreja na luta contra o ateísmo que arrasa o mundo. — Autorizada pelo Senado norte-americano a venda de navios mercantes ao Brasil.

5 — QUARTA-FEIRA: — Procuram os três grandes ocidentais obter um armistício imediato para a Indo-China. — Golpe militar no Paraguai, de resultados ainda ignorados. — Periga o gabinete Laniel, em vista da situação na Indo-China. — Prêso, em Tóquio, Norio Kuhuzuara, carpinteiro, que pretendia assassinar o primeiro ministro Shigeru Yoshida e sui-



O pêlo nas pernas, braços e axilas compromete a sua presença na rua, nas praias e nas reuniões elegantes. Para eliminar os pêlos supérfluos não use navalha: use RACÉ, o maravilhoso e eficiente depilatório em pó perfumado. Elimina com incrível rapidez os pêlos incômodos.

A venda nas boas perfumarias

Laboratórios BINDOBONA

n. 104 - 5.º - Rio Rua Uruguaiana

O perfeito destruidor do pêlo



Queira enviar-me o folheto grátis referente ao depilatório "Racé".

NOME ....

RUA ....

CIDADE ....

ESTADO ....

cidar-se em seguida. — Ratificado, no Itamarati, o convênio cultural Brasil-Egito.

6 — QUINTA-FEIRA: — A aviação francesa metralha incessantemente os assaltantes de Dien Bien Phu, procurando ganhar tempo, enquanto a França procura fazer aprovar um plano para a cessação da luta, que prevê a retirada total das tropas comunistas do Cambodge e do Leos. — A França isenta de quaisquer restrições a entrada de café, com exceção do que proceda de países da zona do dólar. — Prestada em Paris, na Sorbonne, uma homenagem ao general Cândido Rondon. — O Gabinete Laniel vence a crise que o ameaça de queda. — Chega ao Rio de Janeiro, o sr. Camille Chamoum, presidente do Líbano, em visita oficial.

7 — SEXTA-FEIRA: — Avançam os comunistas de todos os lados, cercando irremediàvelmente os heróicos defensores de Dien Bien Phu. — Novo e mais forte tremor de terra no norte da Grécia, porém sem perdas de vidas humanas. — Fala-se na breve retirada de sir Winston Churchill da atividade política, sendo seu eventual sucessor o sr. Anthony Eden. — Nesta capital são prestadas homenagens oficiais ao presidente do Líbano e sua comitiva.

8 — SÁBADO: — Em ambiente de ceticismo é iniciada a conferência sôbre a Indo-China, com o fito de obter a cessação de fogo na frente de batalha. — Ao mesmo tempo, o mundo é informado da queda de Dien Bien Phu, ignorando-se a sorte de seus defensores. — Truman convida Eisenhower a dar uma prova de autoridade e acabar com a "histeria crescente contra o comunismo". — O engenheiro Tomas Romero Pereyra assume a presidência do Paraguai. — A Índia protesta junto do Brasil, por ter o nosso país assumido uma atitude partidária na disputa entre Portugal e Índia pela posse de Goa.

9 — DOMINGO: — Aceita pelos comunistas a proposta francesa de uma pausa para remoção dos feridos, depois da queda de Dien Bien Phu. — O novo presidente do Paraguai anuncia eleições gerais para dentro de seis meses. — Comenta-se que com a nova situação no país, a Argentina perdeu ali muito do seu passado prestígio. — Revela-se que o general De Castrie foi aprisionado pelos comunistas, após a queda de Dien Bien Phu. — Recrudesce, em tôda a França, a hostilidade do povo contra os comunistas, havendo agressões a pessoas e ataque e incêndio à redação dos jornais vermelhos.

10 — SEGUNDA-FEIRA: — Eisenhower reafirma que a perda da Indo-China afetaria a boa linha de defesa aliada na Ásia, mas que a queda de Dien Bien Phu não significa que a Indo-China está perdida para os Ocidentais. — Os jornais portuguêses comentam zombeteiramente a surprêsa da Índia ao verificar que entre êsse país e Portugal, o govêrno e o povo do Brasil se coloca ao lado do segundo. — Chega a esta capital o presidente



APARELHAMENTOS DE PROTEÇÃO CONTRA TODOS
— OS PERIGOS: NA TERRA, NO MAR E NO AR —
INDÚSTRIA BRASILEIRA
Óculos para esmeril e soldas — Capacetes para jato de
areia — Extintores e cargas de todos os tipos e tama-
nhos — Capacetes e escudos de fibra para solda elétrica
e oxigênio — Capuzes, luvas, aventais e roupas de abes-
tos e couro para fornalhas — Escafandros e artigos
para mergulhadores — Máscaras contra poeira "Delta"
— Máscaras contra gáses industriais.

DIAS GARCIA IMPORTADORA S. A.

Rua Visc. de Inhauma, 23-25 — Tel.: 23-2017 — End.
Tel.: GARCIA — RIO DE JANEIRO



Chamoum e sua comitiva, hóspedes oficiais do nosso govêrno.

11 — TÊRÇA-FEIRA: — O sr. Molotov tem a habilidade de falar duas horas, sem nada dizer capaz de adiantar um passo à Conferência sôbre a Indo-China. — Assentada em definitivo a retirada dos feridos de Dien Bien Phu. — Terríveis ataques ao govêrno na Assembléia francesa. — Fracassado o atentado a dinamite contra o "premier" Mario Scelba, italiano, sendo presos dois néo-fascistas, acusados como autores. — Grandes homenagens são prestadas ao presidente do Líbano, nesta capital.

12 — QUARTA-FEIRA: "Nenhuma nação deve ser salva para o mundo livre, a menos que ela mesma o deseje" — declara Eisenhower, referindo-se à situação na Indo-China. — O Viet-Nam exige cessação das hostilidades na Indo-China, sob contrôle internacional e aceitação pelos rebeldes do Imperador Bao Dai como chefe da nação, além de eleições gerais controladas pelas Nações Unidas. — Confirmada a condenação de Mossadegh a três anos de tenção. — Recrudesce nos Estados Unidos a campanha contra o café. — Armas russas chegam clandestinamente à Nicarágua. — Outro pilôto tcheco pousa com seu avião na zona norte-americana da Alemanha, solicitando asilo.

13 — QUINTA-FEIRA: — Prossegue a ofensiva comunista na Indo-China, agora diretamente contra Hanoi, no delta do Tonking. — Escapa por pouco de derrota o gabinete francês. — Marcada para 15 de agôsto próximo as eleições no Paraguai. — Recebido na ABI, onde almoça com os jornalistas, o presidente do Líbano.

14 — SEXTA-FEIRA: — Os Estados Unidos decididos a alcançar uma aliança defensiva no sudeste da Asia, sem esperar a aprovação britânica. — Os Estados Unidos reconhecem o novo govêrno do Paraguai. — Falece nesta capital o ex-deputado Adalberto Correia. — Segue para S. Paulo o sr. Camille Chamoum, presidente do Líbano.

15 — SÁBADO: — Regressa à Inglaterra, da primeira viagem ao redor do mundo já feita por uma soberana britânica a rainha Elizabeth II, sendo ovacionada por um milhão e meio de seus súditos. — Nomeados embaixadores do Brasil no Haiti e em Honduras os srs. Nemésio Dutra e Jorge Olinto de Oliveira, respectivamente. — Sepultado nesta capital o embaixador Luís de Sousa Dantas, falecido em Paris.

15 — DOMINGO: — Os franceses interrompem a evacuação dos feridos e pedem que seus aviões voltem a atacar, pois os comunistas aproveitam a trégua para melhorar suas posições. — Novos e mais violentos tumultos em Paris, quando o povo ataca as sedes das entidades comunistas, às quais acusam de traidoras aos heróis de Dien Bien Phu.

16 — SEGUNDA-FEIRA: — Chuhchill esperançado de alcançar a paz na Indo-China, mediante "entendimentos diretos com a Rússia", atitude imediatamente

AGORA SIM!

Sugestões MAIZENA

resolve o seu PROBLEMA.

Uma valiosa coletânea de receitas uteis, econômicas e saborosas

INTEIRAMENTE GRATIS.



Peça hoje mesmo o seu exemplar do novo livro

Sugestões MAIZENA



Amido de milho "MAIZENA" 55 E

Caixa Postal, 8006 - São Paulo

GRATIS! Peço enviar-me o livro Sugestões "MAIZENA"

NOME ....

RUA ....

CIDADE .... ESTADO ....

condenada pelo govêrno norte-americano. — No Chile é decretada a greve geral de 24 horas como protesto pela detenção do líder sindical Clotário Blest.

18 — TÊRÇA-FEIRA: — Arrasta-se inùtilmente a Conferência de Paz da Indo-China. — O "premier" indiano pede, vigorosamente, o ingresso da China Comunista na O.N.U. — Washington alerta os países da América contra a ameaça das armas comunistas que chegam constantemente à Guatemala. A Rússia adverte a Áustria para que ponha fim "às hostilidades contra as tropas comunistas de ocupação". — Nesta capital, falece o professor Fernando Raja Gabaglia, do Pedro II.

19 — QUARTA-FEIRA: — Estados Unidos e Paquistão assinam acôrdo para fornecimento de equipamento militar e assistência de treinamento às tropas do segundo país. — O senador McCarthy acusa o govêrno de Eisenhower de estar praticando "loucura criminosa" por suas tentativas de intervir em novos conflitos armados. — Vitoriosa nas eleições do Clube Militar a chapa encabeçada pelo general Canrobert Pereira da Costa.

20 — QUINTA-FEIRA: — O govêrno espanhol divulga documentos sôbre uma promessa de Churchill, durante a última guerra, de devolver Gibraltar à Espanha, caso essa se mantivesse neutra naquele conflito. — Os rebeldes comunistas aceleram o ritmo de sua ofensiva na Indo-China. — Falece nesta capital o banqueiro e industrial Mário de Almeida.

21 — SEXTA-FEIRA: — O ministro do Exterior da Guatemala discursa afirmando que o seu país "não é colônia norte-americana, nem precisa de licença dos Estados Unidos para adquirir material bélico onde bem entender". — O Vaticano anuncia que amanhã será lida, em tôdas as igrejas católicas do mundo, uma oração especial pela paz, escrita pelo papa. — Churchill desmente que tenha feito qualquer pro-



messa de entregar Gibraltar à Espanha, em troca de sua neutralidade na última guerra. — O govêrno espanhol, entretanto, declara que houve também "outros oferecimentos".

22 — SÁBADO: — Os Estados Unidos ampliam o prazo para pagamento do empréstimo de 300 milhões de dólares feito ao Brasil pelo Eximport Banco. — Mais dois navios, transportando armamento polonês, aproximam-se da Guatemala. — O papa Pio XII designa o cardeal Adeodato Piazza, Legado Pontifício no Congresso Mariano Nacional, a realizar-se em São Paulo, em setembro próximo.

23 — DOMINGO: — A Guatemala repele oficialmente "como intromissão indevida nos seus negócios internos" a nota norte-americana de protesto contra a importação de armamentos dos países comunistas. — Melhora a posição francesa no Viet-Minh, com a retomada da cidade de Namtha, ao norte de Luang Prabang. — O marechal Montgomery, um dos maiores cabos-de-guerra da última luta mundial, pede aos países da Europa uma "posição de alerta", pois "a guerra pode sobrevir a qualquer momento".

24 — SEGUNDA-FEIRA: — Os Estados Unidos resolvem enviar armamento para os países vizinhos da Guatemala, o que faz em caráter de urgência, empregando enormes aviões de transporte. — Os primeiros feridos de Dien Bien Phu chegam a Hanoi. — Os governos dos Estados Unidos e da Bolívia desmentem que o primeiro dêsses países esteja instalando bases aéreas estratégicas no segundo. — Segue para Roma, a fim de assistir à canonização do papa Pio X, o sr. cardeal Jaime de Barros Câmara.

25 — TÊRÇA-FEIRA: — A Inglaterra muito interessada, pela palavra do sr. Eden, na imediata cessação da luta na Indo-China. — A Rússia acusa os Estados Unidos de estar preparando um assalto contra a Guatemala. — A França disposta a dar aos três Estados indo-chineses total

Minha esposa é para mim como uma noiva...





A sua vivacidade, a sua alegria permanente, tornaram-na a creatura mais adoravel do mundo. E ela diz sempre: - "Devo minha alegria contagiante á saúde perfeita e a saúde á Emulsão de Scott". Em minha casa todos fazem uso da Emulsão de Scott, do mais puro óleo de figado de bacalhau, rica em vitaminas, cálcio e fósforo, o tónico ideal para crianças, moços e velhos

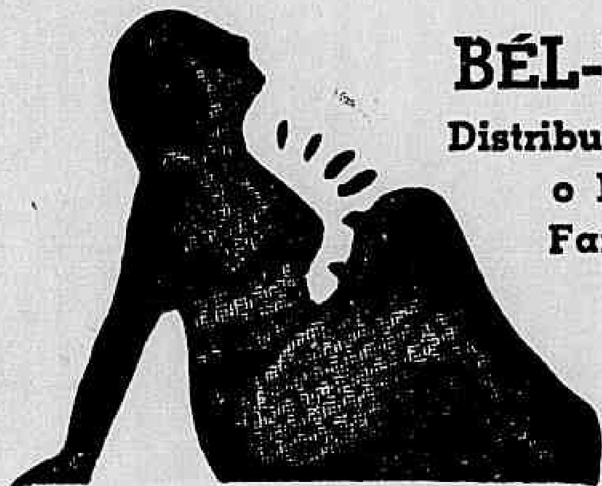
EMULSÃO DE SCOTT



TÔNICO DAS GERAÇÕES

A BELEZA DOS SEIOS BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. - Rua da Carioca, 33 - Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

independência, desde que os Estados Unidos a ajudem imediatamente na luta em que ora se empenha. — Bastante significativo o anúncio de próxima visita de Haile Sellasié, imperador do mais antigo país cristão da terra, aos Estados Unidos... logo após a revelação de que na terra etíope foram encontradas riquíssimas jazidas de urânio. — Apresenta credenciais o novo ministro da Áustria no nosso país.

26 — QUARTA-FEIRA: — Violenta luta irrompe na área vital do delta do Rio Vermelho. — Chamado à Junta de Lealdade do govêrno norte-americano, para ser interrogado, o dr. Ralph Bunche, que foi mediador na Palestina. — Novas prisões de nacionalistas porto-riquenhos, nos Estados Unidos. — Terrível explosão no porta-aviões norte-americano "Bennington", matando 79 tripulantes e ferindo 220.

27 — QUINTA-FEIRA: — A Guatemala oferece à Honduras a assinatura imediata de um pacto de não-agressão entre os dois países. — A Rádio Comunista de Berlim Oriental anuncia que o Conselho de Paz Mundial concedeu o Prêmio da Paz Mundial ao ator cinematográfico Charles Chaplin. — Chega a Roma o cardial D. Jaime de Barros Câmara.

28 — SEXTA-FEIRA: — A Tailândia pede que a Indo-China seja colocada sob a intervenção direta da O.N.U., antes de que a guerra se alastre aos países vizinhos do sudeste da Ásia. — Washington revela ter sido coroada de êxito a "missão Sousa Dantas, a respeito do empréstimo de 300 milhões do Banco de Exportação e Importação ao Brasil". — A Rússia protesta contra as atividades anticomunistas em Londres. — Inaugurado no México o Primeiro Congresso Continental Anti-comunista. — Chegam a esta capital autoridades e jornalistas suíços.

29 — SÁBADO: — Giuseppe Sarto, que uma vez pediu humildemente continuar como sacerdote de aldeia, converte-se no santo Pio X, numa cerimônia majestosa realizada na Piazza San Pietro, em Roma. — Projetam os Estados Unidos aplicar sanções econômicas contra a Guatemala. — Fracassa um atentado terrorista contra o presidente Mzali, chefe do govêrno tunisiano.

30 — DOMINGO: — Tito declara apoiar a idéia de um acôrdo tripartite balcânico entre a Iugoslávia, a Turquia e a Grécia. — Disposta a França a uma ação enérgica na Túnísia, a fim de liquidar de uma vez com o terrorismo ali manifestado. — Novos tremores de terra no norte da Grécia e algumas ilhas vizinhas a êsse país.

31 — SEGUNDA-FEIRA: — Nada de novo na Conferência sôbre a Indo-China, que se arrasta entremeada de propostas e negativas sucessivas. — Eisenhower confessa estar desiludido completamente da boa-vontade russa no sentido de encontrar uma solução para os atuais problemas do mundo. — Revela-se que constituiu emocionante demonstração de fé a canonização de Pio X, papa. — O Govêrno da Colômbia pede à Assembléia Nacional que declare ilegal o comunismo nesse país.

QUEBRA CABEÇAS

Diretor: Dr. LAVRUD — Secretário DABLIÚ — ANO XXXVIII — N.º 2 — JULHO — 1954
Dicionários adotados nesta seção: Simões da Fonseca — Hildebrando — Gustavo Barroso, Pequeno Brasileiro, 9.ª edição — Japyrassu, Monossílabos Sylvio Alves, Breviário — Dicionário de Nomes Próprios, de Lidaci — Provérbios Originais, do dr. Lavrud.
Tôda correspondência sôbre charadas deve ser dirigida para a redação de EU SEI TUDO — Rua Visconde de Maranguape, 15 — e endereçada ao redator desta seção

3.º TORNEIO
JULHO-SETEMBRO

E N I G M A S

— 1 —

Tostão em bôlso de pobre
Só mesmo por pensamento,
Dinheiro só vê o pobre
Em dia de **pagamento**.
Onde?

Bereco — G.C.N. (Recife)

———

— 2 —

No cabide está o capote
Do bisonho rapazote,
Procedente de Alenquer.
Alegre, despreocupado,
É bem fácil ser roubado
Por um **larápio** qualquer.

Gil Vírio (Andradina)

———

— 3 —

Dêstes dois moços, unidos
Por um traço que os irmana,
Cada qual tem sua gana,
Seus desejos bem urdidos
Para a **lida quotidiana**.

Lutércio (Rio)

———

— 4 —

A Cecília, aquela peste,
Só sabe pintar o sete.
Também na sua idade,
Não a **cura** a vaidade.

P. Del Debbio (S. Paulo)

———

— 5 —

(Ao Marcus)

Se o senhor tem com dinheiro,
De notas um **maço** (*) inteiro,
Tome cuidado pois há
Bem ao lado da palmeira,
Batedores de carteira.
(*) verbo

Dávila, GEM (Pará de Minas)

———

CHARADAS SINCOPADAS

6 — Três (duas) — Foi tão violenta a **moléstia** que chegaram a fazer uso do **esquife em que se transportam doentes para o hospital**.

Iracema de Alencar (Rio)

———

7 — Três (duas) — Quero um **pedaço** dêsse couro para fazer um pequeno **surrão**.

Segon (Rio)

8 — Três (duas) — **Bem dirigido** foi o exame feito na **insignificante porção de líquido no fundo da vasilha**.

José Balsamo (Rio)

———

9 — Três (duas) — Numa **partida de jôgo** não se ganha **nada**.

Iza Abel (Rio)

———

10 — Três (duas) — Na ocasião em que festejara os "cajus", foi prêso o pobre caixa, para saber que quem não pode não dá **banquete**.

Conselheiro (S. José de Mipibu)

———

11 — Três (duas) — **Segue a regra** de seus pares, aquêle deputado que não puxa e nem admite **conversa**.

De Souza - T.G. (Rio)

———

12 — Três (duas) — Decifrar sem auxílio de **dicionário** é quase impossível ao charadista **fraco**.

Farani (Salvador)

13 — Três (duas) — Por que **achata** a mulher que lhe **estima**?

Fiote (Cuiabá)

———

(Ao emérito Gil Virio)

— 14 — Três (duas) —

Domingo de Carnaval,
Como é muito natural,
Me esbarrei com um **Beberrão**;
Trajava calça de lista
E namorava u'a corista
Vestidinha de **"chitão"**.

Nomísio Nuno (F. de Santana)

———

15 — Três (duas) — **Araruta** é o alimento do **fiscal disfarçado**.

Iris (Teófilo Otoni)

———

16 — Três (duas) — Em **terreno alagadiço a beira mar** o lavrador noviço jamais **obtém** resultado.

J. D. Mingo

———

17 — Três (duas) — Para trabalhar com **engenho** é preciso muita **habilidade**.

P. Del Debbio (S. Paulo)

AS DOENÇAS DO CORAÇÃO TÊM CURA?

Por que sofremos? Por que esperamos?

Os doentes que esperam são marcados pelo sofrimento e pela doença. A doença do coração é uma coisa tão inexplicável, que não percebemos a razão por que não hei de curar-me inexplicàvelmente... diz o incrédulo...

Se queremos ter uma fé qualquer, e sem uma fé não podemos viver, temos que aprender a aceitar, que detrás daquela porta do INSTITUTO AMERICANO DAS DOENÇAS DO CORAÇÃO, desponta uma cura milagrosa para o vosso coração. Temos conosco a experiência técnica, as fontes de informações e dos conhecimentos requeridos para apanhar os fatos que você precisa. Com novos métodos de diagnóstico... novos métodos de pesquisas... aparelhagem novíssima... fórmulas que diminuem os tempos da doença... e que vos darão mais anos de vida.

INSTITUTO AMERICANO DAS DOENÇAS DO CORAÇÃO
Departamento: "PRAIA" — SANTOS: CAIXA POSTAL, 1.103
Rua Floriano Peixoto, 8 — Santos — Estado de São Paulo

Queiram enviar-me uma solicitação de exame e tratamento em sua própria casa — pelo novo método de nosso Instituto.

NOME: ....
(Favor escrever em letra de fôrma)
ENDERÊÇO ....
CIDADE .... ESTADO ....

18 — Três (duas) — Todo sujeito **amalucado** tem **falha** de memória.

Sertanejo II (Lavras)

---

19 — Três (duas) — Está a **admirar** quanto aquilo pode **custar**?

Zenon (Ouro Fino)

---

20 — Três (duas) — Para dar boa **resposta** é preciso boa **cabeça**.

Delpho (São Paulo)

(Ao patrício Dr. Lavrud)

21 — Três (duas) — Todo homem de bom **caráter** torna-se **imparcial** no julgamento.

Heron Silpes (Canavieiras)

CHARADA ANTIGA

— 22 —

(À memória de Euclides Vilar,

Ao contemplar o céu — 1
De estrêlas recomado,
Sob o qual hoje repousas, — 1
Dentro da pedra fria,
Recordo a tua **poesia**
Sôbre a beleza das coisas

Violeta - G.C.N. (Recife)

CHARADAS CASAIS

23 — Duas — A senhora **contém-se** para remir os seus pecados e procura uma **igreja**.

Asil - A.C.C.B. (Rio)

---

24 — Três — Hoje não há **expediente** no **tribunal**.

Bereco (Recife)

---

25 — Três — Para desenvolver uma política sadia e **desembaraçada**, por certo reclamar-se-á o partido de um chefe **ativo, incansável**.

Cysneirense Jr.

---

26 — Três — Quando tenho por parceira a **china velha** eu jogo **com cautela para não arriscar o lucro dos primeiros lances**.

Cysneirense (Sítio S. Gabriel)

---

27 — Quatro — **Parede escarpada cujo fim é sustentar as terras de um monte** não sendo de pedra, **arruína** em pouco tempo.

Nomísio Nuno (F. de Santana)



JUVENTUDE
ALEXANDRE



28 — Duas — O **manco** se não se apoiasse na **mesa**, cairia.

Edur G. Monteiro (Cuiabá)

---

29 — Três — **Pasto** bem e não devo armar **balouço**.

Heron Silpes (Canavieiras)

---

30 — Três — Pela velha **seteira** divisa-se o **pequeno pôrto** francês.

Joleno (São Paulo)

---

31 — Três — Cupido, o **germe de paixões**, nos **excita** com suas setas.

KTQZ (São Paulo)

---

32 — Duas — Grande **parte** do público protestou contra **a proclamação** do estado de sítio.

Malba Tantan (Santos)

---

33 — Três — **Êle resolve sòzinho** suas charadas por **hábito**.

O Sineiro (São Paulo)

---

34 — Quatro — Sua pele é tão áspera que parece ter o corpo **cheio de escamas**.

Oarcim

---

35 — Cinco — Com o sentido **pervertido** qualquer pessoa pode ficar **confundida**.

Seamva (Santos)

---

36 — Duas — Êle teve um grande **abalo moral** por causa daquela **pechincha**.

Zenon (Ouro Fino)

CHARADAS NOVÍSSIMAS

37 — Duas — quatro — Era um **gaulês enfeitado** e, no entanto, não passava de um **mata cachorro**.

Segon (Rio)

---

38 — Três — uma — No **estábulo**, onde nada se **oferece** de graça, há sempre **escândalo**.

Eva Dio (Rio)

---

39 — Duas — uma — **Francamente, assim** não, isto não passa de um verdadeiro **furto!**

José Balsamo (Rio)

---

40 — Três — uma — O coitado está em tal estado de **magreza** que até causa **tristeza**, apesar de estar **bem trajado**.

Guilherme Tell (Rio)

41 — Duas — duas — Na ocasião da **poda** das videiras foi encontrado um **fecho de livro**, o que causou **discussão acalourada**.

Paulistinha (Rio)

42 — Duas — duas — **Homem que trabalha muito** por pouco dinheiro, ou é **inexperiente** ou **boçal**.

Iza Abel

43 — Três — duas — A criança **toma mêdo** do **diabo** e da tovaca, por ignorância.

Iracema de Alencar

44 — Uma — duas — Devido a uma **mentira de baixa classe**, zás, foi dissolvido o ingênuo bailado do **boi surubim**.

Segon (Rio)

45 — Três — uma — Após a queda, **o que serve de apoio** ao vaqueiro, é um pequeno bordão com o qual êle **toca** a **manada de gado muar**.

Cysneirense Jr.



46 — Duas — duas — É **duro** um indivíduo **valente** obrigar um patife a beber **cachaça**.

Cysneirense (Sítio S. Gabriel)

47 — Duas — uma — Que **pelo mundo figure** muita gente **insignificante**, é sabido.

Dr. Zinho (São Paulo)

48 — Duas — uma — **De que modo** o senhor pode adquirir um b r a z ã o **guarnecido de fôlhas ou ramos?**

Debrito (Recife)

49 — Duas — uma — **Quebrei** a cabeça do meu **inimigo** porque não tolero **pirraça**.

Farani (Salvador)

50 — Três — uma — Quando **termina o discurso** fico com grande **mágoa** se não puder abraçar o **orador**.

Mavicaro

51 — Uma — três — **Com castigo corporal fui atirado às grades por uma pessoa servil.**

Joleno (São Paulo)

52 — Duas — duas — **Foi feita a chamada do homem que foi prêso por embriaguês, por ordem do chefão.**

Carminho

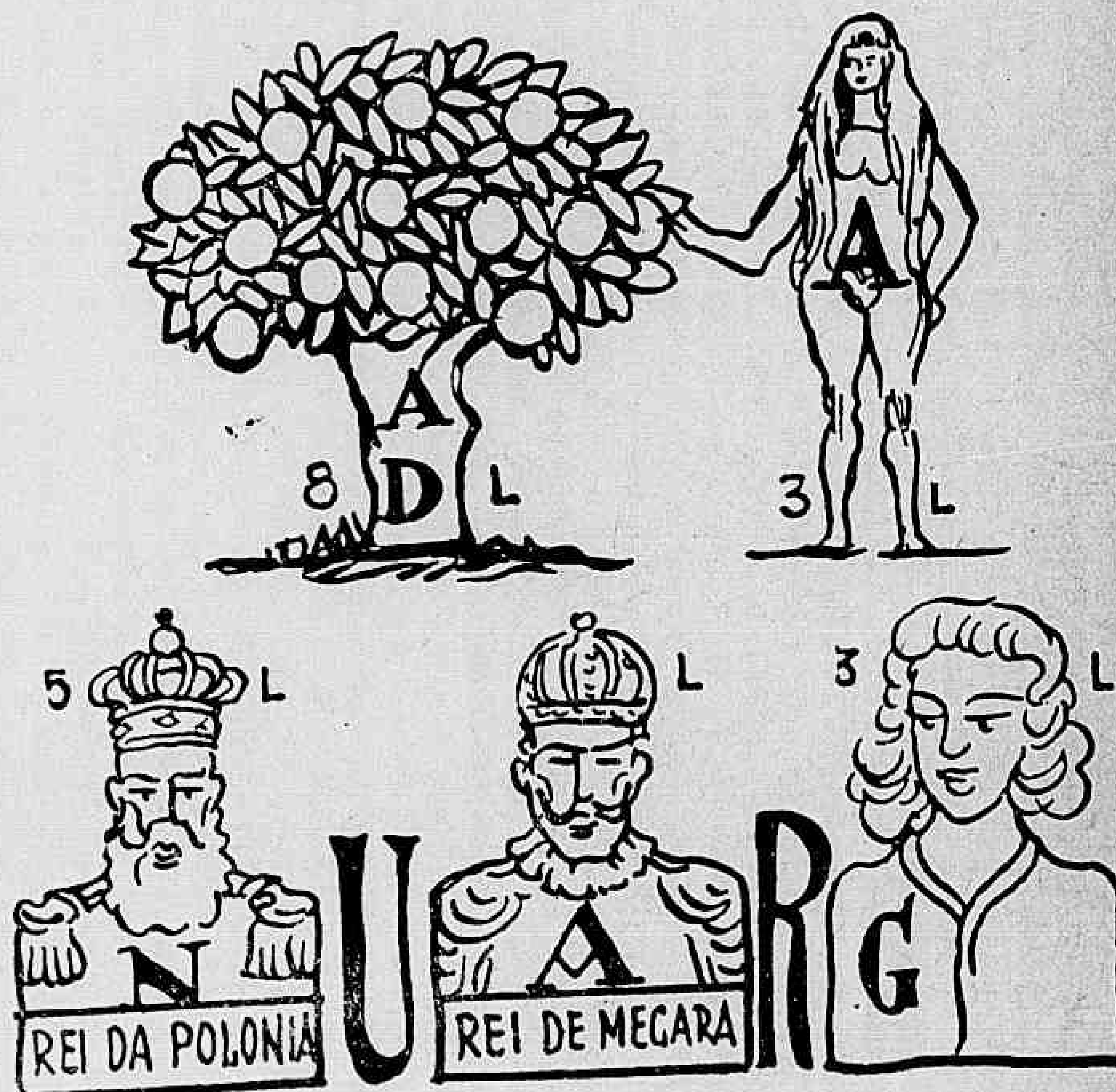
ENIGMA FIGURADO — 53

(Ao dr. Lavrud, felicitando-o pelo êxito da operação a que se submeteu).



ENIGMA FIGURADO — 54

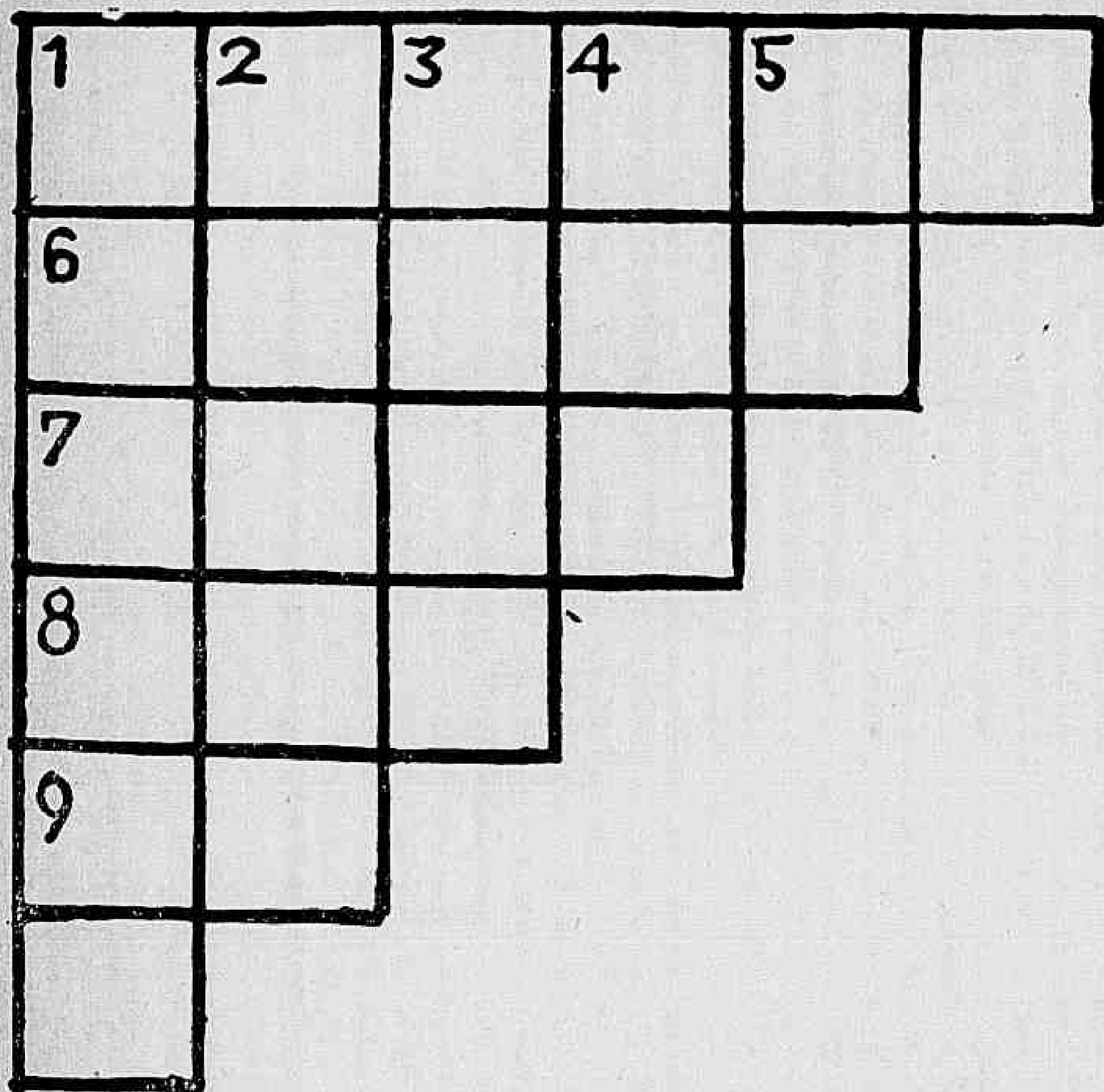
(Ao amigo, compadre e confrade Julião Rimi-not).



Dr. Lavrud

PALAVRAS CRUZADAS

Problema n.º 1

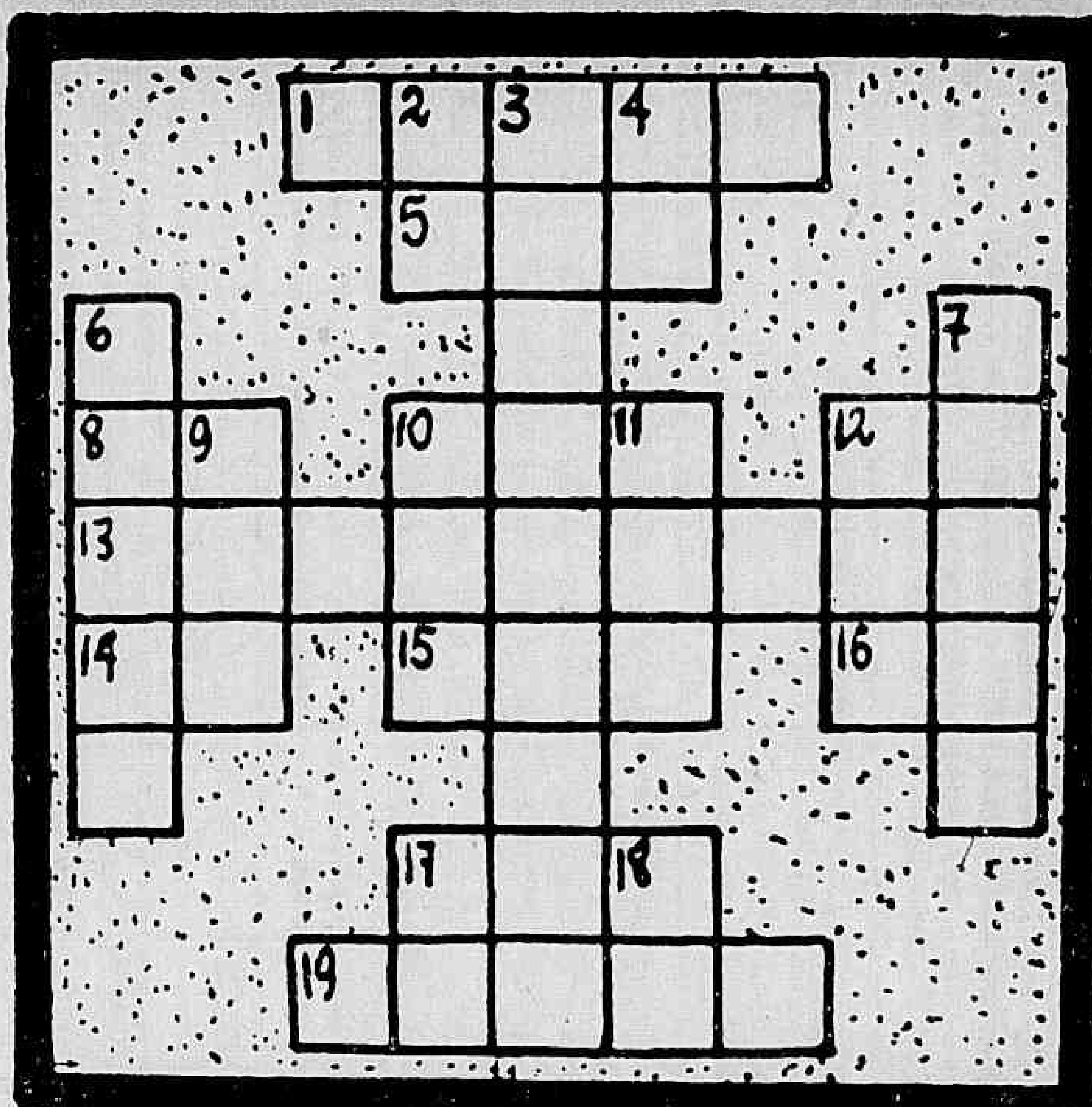


Edur (Cuiabá - Mato Grosso)

Horizontais — 1 Ave da família dos tanagrídeos; 6 — Dialeto da língua pareci; 7 — Doença da pele dos animais; fogueira; 8 — Vazio, vão; 9 — Nada.

Verticais — 1 — Alcunha dos portuguêses; 2 — Ara superficialmente, para tirar ervas daninhas; 3 — Nome próprio masculino; 4 — Gênero de formigas a que pertence a saúva; 5 — Espécie de flauta siamesa de som agudíssimo.

Problema n.º 2



Bereco (Recife)

Horizontais — 1 — Pesado; 5 — Partida; 7 — Indicava 160 entre os romanos; 8 — Bate; 10 — Fôlha de palma, na Índia Portuguêsa; 12 — Porco; 13 — O mesmo que pedra da Lua (pl); 14 — Andava; 15 — Fruta de conde; 16 — Flexa usada pelos antigos Turcos; 17 — Eternidade; 19 — Engano.

Verticais: — 1 — Valia 400 entre os romanos; 2 — Graceja; 3 — Lisonjeiro; 4 — Siga; — 6 — Nome de mulher; 7 — Informe; 9 — Nome de mulher; 10 — o mesmo que olé; 11 — Altar dos sacrifícios; 12 — Tanto; 17 — Prep. ind. lugar, tempo etc; 18 — Terminação característica dos alcoóis; 19 — Aqueia.

4.º TORNEIO DE 1953

Soluções

1 — Pansofia; 2 — Cabeira-o; 3 — Estiado-a; 4 — Pula-o; 5 — Bamba-o; 6 — Espinho-a; 7 — Rebenta-o; 8 — Errada-o; 9 — Piabo-a; 10 — Converso-a; 11 — Figulino-a; 12 — Parada-o; 15 — Recordo-a; 16 — Direito; 13 — Pebada-o; 14 — Olha-o; 17 — Tetete; 18 — Espeto; 19 — Peugada; 20 — Carocha; 21 — Cascata; 22 — Lorotar; 23 — Enclenque; 24 — Vivenda; 25 — Contato; 26 — Coqueiro; 27 — Bajesto; 28 — Rodilha; 29 — Morrudo; 30 — Galucho; 31 — Peteca; 32 — Aprumo; 33 — Detido — 34 — Pescotapa; 35 — Umbela; 36 — Cangoeira; 37 — Dobar; 38 — Volta-face; 39 — Água redonda; 40 — Nutrício; 41 — Malagueta; 42 — Abretia; 43 — Repicaponto; 44 — Perequete; 45 — Grulhada; 46 — Puxa encolhe; 47 — Cabiúna; 48 — Queimadura; 49 — Damasela; 50 — Escolado; 51 — Dono de serra; 52 — Mesa limpa é tempêro; 53 — Dinheiro em cima da mesa aparece quem queira; 54 — Aventureiro; 55 — Geladura; 56 — Resilicão; 57 — Emérito; 58 — Manuleio; 59 — Caranguejola; 60 — Magna carta; 61 — Bofetão; 62 — Dardar; 63 — Dia santo; 64 — Sitioca; 65 — Tiramento; 66 — Puxa puxa; 67 — Macumba; 68 — Jingoto; 69 — Labaça; 70 — Xurde; 71 — Cabo; 72 — Galeato; 73 — Ataraú; 74 — Moleque; 75 — Morocho; 76 — Traçado; 77 — Carumas; 78 — Esquadras; 79 — Magote; 80 — Letrado; 81 — Devassar; 82 — Manata; 83 — Grafista; 84 — Tiquira; 85 — Caresa; 86 — Potente; 87 — Baraço; 88 — Farola; 89 — Corre corre; 90 — Estuda-o; 91 — Vezeiro-a; 92 — Venero-a; 93 — Banda-o; 94 — Tapado-a; 95 — Petisco-a; 96 — Arrufa-o; 97 — Ferrada-o; 98 — Desanda-o; 99 — Boto-a; 100 — Bajouja-o; 101 — Garoto-a; 102 — Prasma-o; 103 — Bonito-a; 104 — Mistico-a; 105 —



MÁQUINAS IMPRESSORAS

VENDEM-SE: — Marcas "KOENING & BAUER", "MIEHLE", "RECORD" e "AUFGUSTARKE", Formatos 2-A (76 x 112) e 2-B (66 x 96). Dupla Rotação. Usadas em Perfeito Funcionamento. CIA. EDITÔRA AMERICANA. Rua Visconde de Maranguape, 15 — LAPA — DIST. FEDERAL.

Galinha gorda, dinheiro gordo; 106 — Há mais pardais que gatos; 107 — Espoleteado; 108 — Quinta essência; 109 — Marca grande; 110 — Perna manca; 111 — Fadario; 112 — Desarrisca; 113 — Escarolado; 114 — Zamboque; 115 — Maganice; 116 Penamar; 117 — Corneta; 118 — Bailarico; 119 — Grãfino; 120 — Ocara; 121 — Amulatado; 122 — Permeio; 123 — Cavalada; 124 — Monumento; 125 — Profusão; 126 — Passiva-o; 127 — Perdido-a; 128 — Macaca-o; 129 — Beco-a; 130 — Sarada; 131 — Reverbero; 132 — Largo; 133 — Versa; 134 — Apega; 135 — Desapoderada; 136 — Luta-o; 137 — Ensancho; 138 — Roto; 139 — Gota; 140 — Paragata; 141 — Petardo; 142 — Gatuna; 143 — Caceta; 144 — Fundição; 145 — Moloca; 146 — Maloca; 147 — Mangagá; 148 — Professar; 149 — Manante; 150 — Reboto; 151 — Camalha; 152 — Tendente; 153 — Taboca; 154 — Cabaça; 155 — Cabula; 156 — Penoso; 157 — Tinhanha; 158 — Tôda boda é rica; 159 — O diabo dá o braço a cupido e vão tentar a mulher.

PALAVRAS CRUZADAS

Problema n.º 1

FE — EIRA — CRE — FA — AFLUIR — IVAN — ERA — L — S — ANT — DAR — ORO.

Problema n.º 2

FUBECA — USADOS — BALUMA — EDUZIR — COMIDO — ASAROS.

COMO APRENDER A DANÇAR



5ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Rua da Liberdade número 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 — S. Paulo.

A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.



DORES nas JUNTAS

A tortura das juntas rijas e inchadas pelo reumatismo, são sintomas de rins debilitados. As dores que êstes males provocam, são insuportáveis, deixando o doente desanimado, sem forças para o trabalho ou disposição para gozar a vida.

Milhares de pessoas sofrem essas dores, quando poderiam evitar, de vez, tais padecimentos, tomando as Pílulas De Witt para os Rins e a Bexiga. Especialmente preparadas para combater os distúrbios renais, as Pílulas De Witt aliviam as dores prontamente, restaurando o vigor e a vitalidade ao organismo, graças á sua magnífica ação tonificante.

Pilulas DEWITT

Para os Rins e a Bexiga

Problema n.º 3

R — R — CO — AR — OL — FE — NA — AM — SO — RA — I — — — N — S — — — D — ITE — CIA — MOR — ROL — URA — ALI — NID — TAS — EOO — OSO.

Problema n.º 4

VIVO — CAXIXE — MACERADA — SOPA — ALUDE — UXI — IDALIA — MATINA — CAN — AMAGO — TOFO — ATACOARA — OCULTA — IATI.

Problema n.º 5

APA — LOS — MUS — ASA — DOS — A—S — SAI — RN — IAM — RA — AR — UIVAR — VAOS — ASA — ESCASSOS.

Problema n.º 6

ALAM — RARO — AITE — TAEL — ASSA.

O CHARADISTA

A Tertúlia Edípica — Lisboa, no intuito de fomentar o intercâmbio charadístico luso-brasileiro, enviará obsèquiosamente um exemplar da sua revista **O Charadista,** agora no 33.º ano de publicação ininterrupta, a quem solicitar. Para endereço carta: Tertúlia Edípica, Lisboa-Portugal.

FALECIMENTO

Faleceu no mês de fevereiro em Lisboa o velho confrade **Alejoal** (Alexandre José Alves) um dos fundadores da Tertúlia Edípica.

DICIONÁRIO ZOOLÓGICO

Deve aparecer êste mês um dicionário zoológico de autoria do nosso confrade português João Cayola Tierno **(Jocati)** — É editado pela Tertúlia Edípica, de Lisboa, e contém 775 páginas em bom papel e formato.

Pelas primeiras fôlhas que recebemos, podemos dizer que é um trabalho excelente e muito virá auxiliar os decifradores. O seu preço em Portugal é de Esc. 120.00, o volume brochado.

CENTRO ENIGMÍSTICO CARIOCA

Foi eleita a nova diretoria que regerá o C.E.C. durante o biênio 1954-1955, assim constituída:

Presidente: — General Leandro José da Costa Júnior (Lidaci), reeleito; Vice-presidente: — Senhorita Célia M. Coelho de Magalhães (Cecê), reeleita; Secretário Geral: — Dr. Sílvio Aranha de Moura (Sam), reeleito; 1.º Secretário: — José Libanio dos Santos (Zelito), reeleito; 2.º Secretário: — Capitão Darci Vigier (Gorgonhe); 1.º Tesoureiro: — Tenente Ameli Pedroso de Lima (Mickey Mouse), reeleito; 2.º Tesoureira: — Edésio de Mello Pimentel (Edpim); Diretor Social: — Dr. Nelson R. Belens Pôrto (Nel-son).

CORRESPONDÊNCIA

(Cartas recebidas até 25 de Maio)

Pedro Cortês de Amorins (Natal R.G.N.); Delpho (São Paulo); Tonnew (Rio); Beatriz Cardoso (São Paulo); Salim Amiz da Silva (Goiás); Dimas da Costa Morais (Franca - S. P.); Inscritos com muito prazer e para todos os efeitos.

Zenon (Ouro Fino) — Gratos pela colaboração enviada.

Nomísio Nuno — (Feira de Santana) — Feita a mudança de seu enderêço, gratos pela colaboração.

Sertanejo II (Lavras) — Mande a solução que começa assim: "Só você que mora em frente" e o conceito não está grifado. — Abraço.

Bereco (Recife) — A última lista é a de Dezembro

Mavicaro (Recife) — Gratos pelas suas bondosas palavras. Tudo em ordem.

Megos (Rio) — A sua inscrição feita em Março de 1944 continua válida, apenas foi modificado o enderêço — Gratos.

PRAZO

Para as soluções de cada mês, Distrito Federal e Niterói 45 dias, demais Estados 90.

Tôda correspondência para esta seção deve ser enviada ao seu diretor.

DR. LAVRUD

QUE ACONTECEU COM OLGA?

(*Continuação da página* 53)

se aproximavam de sua mesa pareceram-me haver perdido o último vestígio de dignidade humana.

Não sou homem violento, mas vi-me, neste instante, lutando contra a idéia de provocar um sério incidente com aquêle homem e maltratá-lo com violência, pois só a violência podia satisfazer tôda a minha antipatia. E aquêle era o homem que casara com Olga, cuja irmã, ansiosamente, aguardava uma notícia do outro lado do Atlântico!

Ladros me fascinava. Imaginava quão feliz êle se sentia no papel do mandão, do homem todo-poderoso e temido em Tânger e procurava descobrir porque não escolhera um campo mais importante para usar a sua poderosa personalidade, as garras terríveis e a indiscutível inteligência. Porque, sem dúvida, poderia ter feito.

Muitos dias depois, pude descobrir a razão. Ladros não possuía passaporte em regra. Tinha sido um documento válido, quando da sua chegada a Tânger; mas, expirado o prazo de sua permanência, o documento perdera todo valor e Ladros passara a ser um cidadão irregular, indesejável em tôda parte.

Não tendo amigos nem conhecidos em Tânger, as noites eram para mim vazias e livres. E eu devia um favor a Ladros, que me livrara de uma inútil e desagradável perda de tempo: não respondera à minha carta. Tendo visto o homem não esperei mesmo que o fizesse. Passei a maior parte de minhas noites no "Café Larache", observando êsse homem estranho, que me obsecava. Admito isto hoje, apenas, porque na época tratei de guardar o fato para mim, teimando em afirmar a mim mesmo que o homem era um bruto desinteressante. A verdade era que também eu desejava uma resposta para a pergunta: *"Que aconteceu com Olga?"* Esta era para mim uma criatura remota e irreal, como a princesa de um conto de fadas. A resposta! Desejava-a noite e dia.

UMA certa manhã dirigi-me ao "Café Larache", a fim de tomar café. Ladros já se encontrava em sua mesa. Um menino magro, emaciado, tipo de espanhol, aparentando quinze anos, estava sentado no chão, engraxando-lhe os sapatos e o fazia febrilmente, como se sua salvação disso dependesse. Eram sapatos alongados, elegantemente espontados. Inesperadamente, vi um dêles fugir do anteparo sôbre o qual se achava firmado e empurrar o tamborete do pequeno trabalhador. O golpe fêz o engraxate tombar, esparramando o líquido de polir da garrafa e espalhando todos os apetrechos de engraxar. O mesmo pé, a seguir, empurrou o mesmo em pleno peito, fazendo-o cair de costas. O infeliz tratou de se erguer e, com ar atarantado, olhava para as suas coisas esparsas, o líquido vazando e depois, com olhar de terror, para Ladros, estendendo a mão, à espera do pagamento. O preço dêsse serviço, em Tânger, é de uma peseta, sendo necessários vinte e três para perfazer um dólar. Uma a uma, devagar, caprichosamente, Ladros deixou cair quinze pesetas no chão do café. Para apanhá-las, o pequeno engraxate andou sôbre as mãos e os joelhos, daqui para ali, por baixo das mesas, enquanto Ladros ria perdidamente, como se estivesse extraindo todos os requintes de prazer da humilhação do outro.

— "Um dia dêstes — ouvi um francês dizer, numa mesa próxima — alguém matará aquêle homem!"

— "Espero estar presente, para rir muito" — disse seu companheiro.

Embora Ladros fôsse o irresistível magneto que me atraía para o "Café Larache", tôdas as noites e algumas vêzes também durante o dia, eu tinha todo o cuidado de esconder qualquer interêsse por sua pessoa. E então, muito naturalmente, uma noite, entabolamos conversação. Eu chegara um pouco mais tarde que de costume ao café, a fim de tomar meu indispensável cafèzinho de depois do jantar. Quando sentava diante de uma das mesas, a porta foi aberta, dando passagem a um homem idoso e de nacionalidade indeterminável. Trazia na mão direita dois "gasparinhos" de uma loteria, que logo foi oferecer a Ladros. Êste fêz com a cabeça um sinal de recusa. Porém o velho insistiu.

— Venda um dêles — disse Ladros. — Ficarei com o que sobrar.

O vendedor de bilhetes, avistando-me mais próximo que os demais clientes do café, aproximou-se da minha mesa. Comprei um dos números. Fiel à sua promessa, Ladros ficou com o outro.

Sem uma palavra, Ladros fêz um sinal para o garção, que logo se aproximou com uma garrafa de *liqueur-brandy* e um copo.

Pedi também *brandy*. Ao levar meu copo à bôca, Ladros fazia o mesmo gesto e nossos olhares se cruzaram, como os de dois homens ao fazer um "toast". Sorrimos ligeiramente e aproveitei para dizer:

— Estou curioso por saber porque o senhor se interessa pelos bilhetes que os outros desdenham. Quase todos querem uma coisa justamente por que outras também a querem.

— Quase todos — disse Ladros, com sua dicção difícil e sotaque áspero — morrem pobres. Sempre estou pronto a comprar seja o que fôr, mas sòmente se o comprador está mais ansioso por vender que eu por comprar.

— Isto significa que o senhor gosta de... *aproveitar* — disse eu, não muito delicadamente.

— Só um louco ou um idiota pode pretender o contrário — replicou, fitando-me nos olhos. — Que deseja o senhor vender?

— Nada.

— Pois saiba que isto me surpreende. Há muitos anos que não falo com alguém que nada pretenda vender-me. Deseja, então, comprar alguma coisa?

— A última coisa que comprei foi uma passagem de trem. Por ora não desejo comprar nenhuma outra coisa.

— Ah! — exclamou Ladros, pondo um leve tom de tristeza nesse monossílabo. — O senhor é um homem feliz. Onde pretende ir? À zona francesa?

— Não; para Zurique... e, de lá, para Milão. Depois pretendo passar uma temporada de repouso na região dos lagos italianos, que são maravilhosos no verão. Adoro aquilo!

Notei uma sombra de tristeza em seus olhos... como uma saudade ou uma grande mágoa.

Assim, êle era humano!

VÁ para Cernobbio! — disse Ladros, com súbito entusiasmo. — É (ou foi) o mais belo rincão da terra!

Há outros lugares mais bonitos que Cernobbio nos lagos italianos e isso foi o que declarei. Porém Ladros não parecia ouvir-me. Levou a mão à pasta de couro, de onde retirou uma quantia em dinheiro, que não se deu o trabalho de contar.

— Quando lá estiver — pediu — compre para mim algumas vistas do lugar; o hotel, os arredores, o lago, as montanhas à distância... Fotografias coloridas, não as em prêto-e-branco, que nada representam.

— Farei isso, com prazer — respondi. — Que nome e endereço devo escrever?

— Karl Ladros, "Café Larache", Tânger. Isto é bastante. Não há necessidade de outros detalhes, pois nunca leio cartas. Convém colocar as fotografias num envelope reforçado. Talvez possam trazer-me lembranças de um grande passado.

— Lembranças — murmurei — só dão satisfação... quando rememoram o que desejamos recordar, escondendo os fatos menos agradáveis. Em caso contrário, melhor é viver apenas o presente, com tôdas as suas realidades.

— O presente é intolerável — disse Ladros, selvagemente — e creio que não existe o futuro!

— De qualquer maneira — disse eu, em tom indiferente — dentro de duas ou três semanas enviarei as fotografias. E vou desejar, sinceramente, que elas possam tornar o presente mais tolerável.

— Quer saber o que aconteceu em Cernobbio? — perguntou Ladros, com voz que tremia ligeiramente.

— Bem... Não particularmente — repliquei. — A parte essencial da história é óbvia. O senhor lá estêve... com uma mulher, por certo. Provàvelmente estavam apaixonados e êste fato serviu para prendê-lo ao panorama local, embora êste tenha pouca relação com a realidade. Creio que seria preferível, talvez, deixar a sua memória como está.

Ladros acompanhou-me à rua, quando deixei o café.

— Então o senhor vai enviar as fotografias? — perguntou.

Fiz um sinal de assentimento e afastei-me.

No dia seguinte vim a conhecer um pouco mais a respeito de Ladros. A guerra provocara uma verdadeira revolução econômica em Tânger e êle soubera se antecipar a êsse fenômeno. Terrenos que valiam cinco pesetas por metro quadrado, em 1930, foram vendidos por duas mil pesetas em 1945. Em 1939, Ladros conseguira opção sôbre vastas áreas. Antes de que os preços tornassem a cair, em 1952, êle havia vendido tudo. Havia várias estimativas sôbre o seu lucro provável — tôdas verdadeiramente fantásticas.

Quando entrei no "Café Larache", tarde da noite, no dia imediato, Karl Ladros se apressou a vir até minha mesa.

— Fui pouco delicado com o senhor, ontem — disse, sem preâmbulos. — Mas, por favor, não preste atenção a isso, porque sou realmente rude com todo o mundo.

— O senhor não é particularmente rude — disse, com voz fria e neutra. — E mesmo que fôsse, não me assustaria. Quando é necessário também sei ser muito rude e mesmo violento.

— O senhor não gosta de mim, é coisa que notei logo — disse Ladros, com simplicidade. — Mas sinto-me melhor e satisfeito, quando posso conversar com o senhor. Isto, talvez seja porque sinto que não o amedronto, como aos demais. Saiba que não sou feliz, como aliás é coisa que já deve ter notado.

— Realmente — concordei, com a mesma rude franqueza. — Mas parece-me que se se mostrasse menos interessado pelo dinheiro e, ao contrário, mais pelas coisas que êle pode permitir, talvez alcançasse uma vida mais agradável. Agora — acrescentei, com um sorriso — é a minha vez de pedir desculpas, pois não tenho o direito de falar dessa maneira com um quase estranho.

Mudando de assunto, disse-lhe, a seguir:

"— Soube, hoje, que o senhor foi um dos primeiros e mais espertos compradores de terrenos em Tânger, especulando com grande visão e coragem.

— Nem tanto assim... — murmurou Ladros. — Não havia muitos lugares abertos para aquêles que haviam podido fugir de Hitler. Êste era um dos raros refúgios. Logo ao chegar, vi a oportunidade e tratei de aproveitá-la.

Muita gente não sabe reconhecer a oportunidade, quando ela se apresenta.

— Sim. E atribuem o seu fracasso à falta de sorte — concordou Ladros.

— Porém, mesmo os fracassados — comentei — encontram, às vêzes, boa compensação no próprio fracasso.

— Também é verdade — respondeu Ladros, com amargura. — Mas só descobrem isso muito tarde... Posso sentar à sua mesa?

— Sem a menor dúvida — respondi.

Uma pergunta queimava os meus lábios: *"Que aconteceu com Olga?"*. Porque, eu estava convencido de que esta era a chave do mistério daquele homem. Êle era o que era por causa de Olga. Com ela devia ter passado a lua-de-mel em Como. Tudo o que êle podia recordar com êxtase estava ligado à personalidade dessa mulher. Depois, alguma coisa acontecera — mas, *quê*? Talvez ela o tivesse traído... abandonado por outro homem.

Foi assim que pude, afinal, entender aquêle homem, cuja mão trêmula procurava sustentar o copo de *brandy*.

— Sempre fui um oportunista — estava agora dizendo, como se falasse para si mesmo. — E, no entanto, se assim não fôsse não estaria aqui, agora!

— Onde estaria, então? — perguntei.

— Em alguns dos cemitérios de Hitler. Assim penso... E, se tivesse escapado a êsse destino, por certo estaria num cemitério soviético. Fui um dos indivíduos bastante imprudentes para levantar a voz contra o nazismo e o comunismo. Fui desde logo um homem marcado, com inimigos nos dois campos. O veneno era o mesmo em qualquer das duas garrafas... e sem remédio!

"Um dia, quando fui avisado, por canais secretos, de que Hitler se poria em marcha dentro de um mês, comprendi que só me restava um caminho: a fuga. Como vê,

logo pude encontrar a minha oportunidade...

"Meu informante quase se mostrou otimista, quando Hitler iniciou a marcha com atraso de três dias. Não eu! Tratei imediatamente de conseguir dois lugares, num automóvel que nos levaria até a fronteira...

— *Dois* lugares?

— Sim. Dois lugares — repetiu Ladros, com uma repentina sobra cruzando por seu olhar. — Eu não era o único homem a desejar atingir a fronteira o mais depressa possível. Pude assegurar-me dois lugares quase à última hora. O proprietário do veículo era um nazista destacado, mas gostava acima de tudo de dinheiro, como ocorre com quase todos os homens. Levou as minhas economias de muitos anos de esforços. E aqui devo dizer, embora o senhor, com muita razão, não deva acreditar que, até então, eu fôra um homem decente e laborioso. Trabalhara àrduamente, pagando tôdas as minhas dívidas com tôda honestidade e ajudando como podia aquêles que procuravam formar um mundo melhor, onde o cidadão pudesse viver com mais dignidade e prazer. Isto, entretanto, foi antes de que o mêdo e a necessidade de obter dinheiro, corrompesse meu espírito... Hoje, tenho mais dinheiro do que posso gastar, mas o senhor há de rir, se eu lhe disser que a época mais feliz da minha vida foi aquela em que o mêdo e a pobreza me acompanhavam noite e dia."

NÃO vejo motivo para rir — disse eu. — Apenas... tendo sido assim tão pobre e perseguido, acho que deveria mostrar-se mais gentil com os pobres. Diga-me: por que parece sentir prazer em maltratar os outros, como fêz, por exemplo, com aquêle menino engraxate?

— Não comprende, então? — perguntou Ladros, com ar quase perplexo. — O senhor me surprende, realmente! Se eu não tiver a prova diária de que há no mundo pessoas tão desgraçadas quanto eu, por certo que desertaria da vida, imediatamente! Isto me faz sentir como se fôsse um deus, podendo dar pontapés nos outros em troca de umas poucas pesetas... e sabendo que o miserável vai voltar, no dia seguinte, para receber mais pontapés.

— No seu lugar — disse eu, com voz surda — iria consultar um psiquiatra.

— É o que faço, tôdas as semanas — respondeu Ladros. — Um bom psiquiatra. Mas o coitado quase morre de fome, porque ninguém, nesta cidade, deseja conhecer a si mesmo.

— Não sei — falei cautelosamente — se êsse psiquiatra quererá realmente ajudá-lo... ou poderá ajudá-lo.

— Nem um pouquinho... E sabe por quê? Porque tem verdadeiro pavor de mim. Fora isso está sempre pensando no que vai receber de minha generosidade.

— Se êle é, conforme o senhor disse, um especialista competente, porque não procura tranquilizá-lo, tirar-lhe êsse mêdo, a fim de que possa ser, de fato, útil ao seu mal? A não ser que prefira vê-lo nervoso e apavorado... ?

— Nunca contei a verdade, quando me interrogou. O senhor comprende; por minha vez procurei estudá-lo e verifiquei que o que deseja saber é simplesmente como homem, não como psiquiatra. Vê a diferença?

— Sim. Mas se alguma vez encontrei um homem necessitando de um tratamento psiquiátrico, êsse homem é o senhor.

— Não compreendo porque êle é assim — disse Ladros, ignorando meu comentário. — E é por isto, justamente, que gosto de conversar com o senhor. Talvez porque jamais nos tornaremos a encontrar... E o espantoso é que ao senhor conto a verdade, a verdade que nunca revelo. E não quero dizer, com isto, que seja um mentiroso. Apenas *guardo* a verdade comigo!

— O senhor contava a respeito da viagem em outomóvel, até a fronteira... — disse eu. — Deve ter sido qualquer coisa de trágico!

— Trágico! — repetiu Ladros. — Foram as horas mais angustiosas de minha vida. Mesmo agora, passo as noites sem poder dormir, quando penso nisso. Antes de mais nada, o veículo deveria estar no canto da minha rua às oito da manhã. Esperei por êle três longas horas, tratando de disfarçar o mais que podia o meu nervosismo. O restaurante em que costumava fazer minhas refeições ficava na esquina. Para matar o tempo pedi

uma quantidade absurda de alimentos, para poder passar, talvez, três ou mais dias sem comer. Um vizinho passou por mim e logo o convidei para jantar três dias depois, pedindo também que me emprestasse determinado livro e o trouxesse consigo, quando fôsse para o jantar — fiz tudo, enfim, para dar aos que me ouviam a impressão de que era um homem tranquilo e que tencionávamos permanecer na cidade.

— Nós?

— Sim, nós! Pensa, então, que sempre vivi como um eremita? Não! Houve tempo em que vivi como qualquer outro ser normal costuma viver. Mas aquela terrível manhã, esperando na esquina da rua foi o fim de tudo! Chegou um instante em que minha resistência fraquejou e fui invadido por mortal terror... o que, afinal, provava mais uma vez que eu era humano. Hoje, porém, sou um homem sem mêdo. Digo-lhe como a expressão da mais pura verdade, que nada mais poderia me amedrontar, com exceção da pobreza.

"Porém confesso que não existem palavras para dar a entender ao senhor ou a outro qualquer o mêdo total, esmagador, que me invadira aquela manhã. Mesmo não tendo Hitler cruzado ainda a fronteira, já ali estavam, sem sombra de dúvida, aquêles que, sabedores da minha intenção, tudo fariam para impedir a nossa fuga. Eu não tinha ilusões sôbre a sorte que me aguardava, pois havia revelado minhas idéias para quem as quisesse ouvir.

"Por muitos anos eu recusara receber em minha residência todo aquêle que havia aceitado as idéias nazistas. Sabendo que eu era assim tão abertamente antinazista, os comunistas trataram de aproximar-se de mim secretamente, seguros de que eu engrossaria, de bom grado, as suas hostes. Repeli-os, porém, com brutalidade e ri da expressão assombrada com que me olharam. Juro que jamais os ponteiros de um relógio caminharam tão vagarosamente como os do meu, naquela esquina de rua! Finalmente, o automóvel chegou. O pesarelo, segundo então acreditei, breve teria terminado. Era aquela a minha oportunidade de salvação e tinha que aproveitá-la, a fim de reencetar a vida em outro país. Não me preocupava o fato de haver, naquela ocasião, sacrificado todos os meus haveres.

"Mas, foi então que caiu um raio em minha vida. O proprietário do automóvel disse-me, num cochicho.

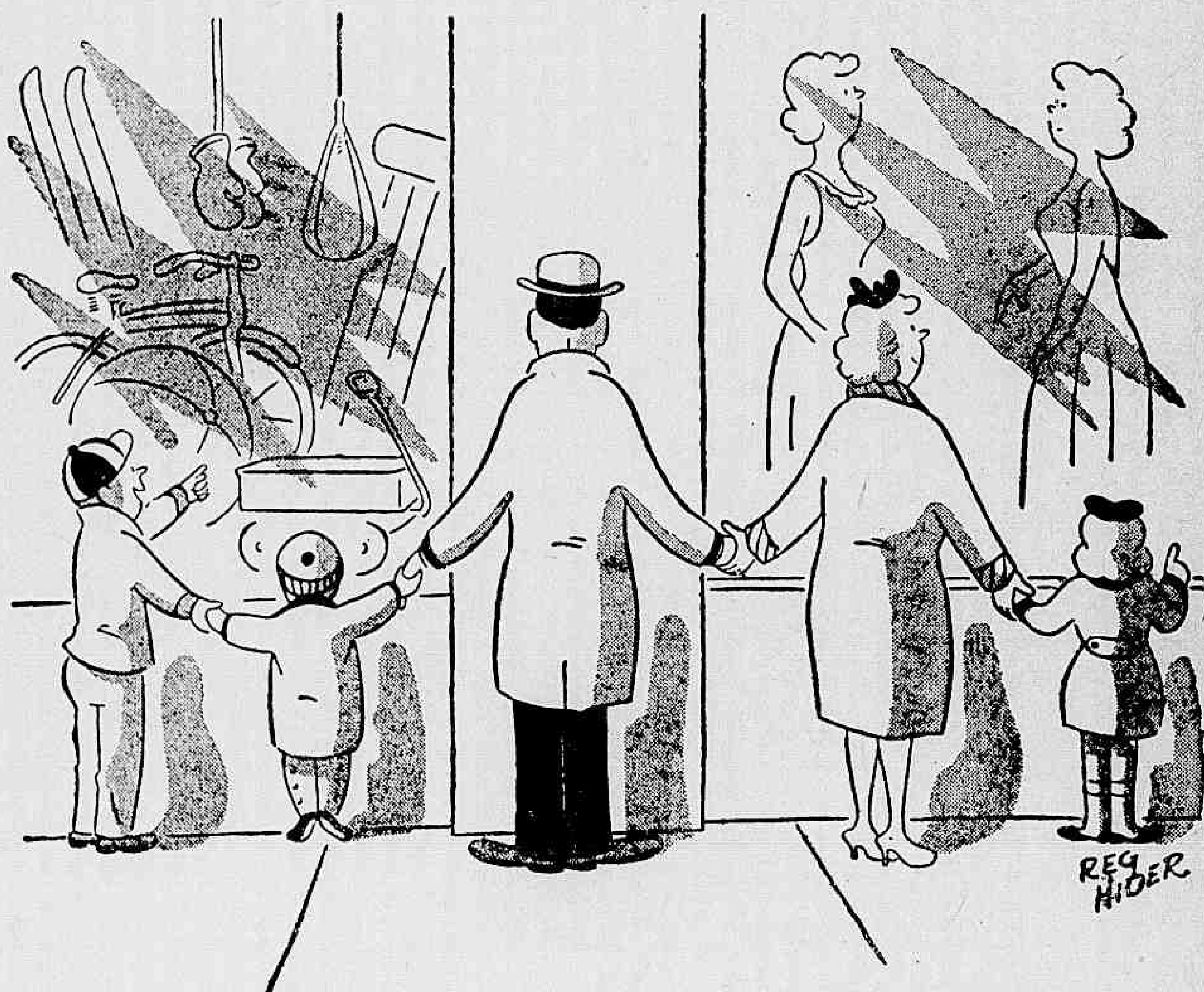
— "Você vai desculpar, Karl, mas sobrou apenas um lugar vago no automóvel... Sim, sim, eu sei... Você pagou por dois... Mas, que posso fazer?"

KARL Ladros deixara cair os dois braços, molemente, ao longo do corpo. Tinha os olhos cheios de lágrimas. Aquêle, segundo vislumbrei, era o momento para fazer a pergunta que tanto me queimava os lábios.

— Ladros — perguntei, com voz lenta e baixando de tom. — Que aconteceu com Olga?

— *Não sei* — respondeu, com um sôpro de voz. — *Havia um só lugar no automóvel... e tomei-o para mim."*

★



CONSEGUIRÁ O HOMEM FUGIR DO CATIVEIRO ZOOLÓGICO?

(*Continuação da página* 37)

No ano seguinte, em 1934, o paleontologista alemão L. Kohl Larsen descobriu nas margens do Lago Njarsa, na África, em perfurações que duraram até 1936, pedaços de crânios pré-históricos. O paleontologista Robert Brown, que reúne conhecimentos especializados sôbre morfologia dos mamíferos, zoologia e geologia, passou a trabalhar na África do Sul, onde descobriu mais de cem espécies de réptis fósseis. Nas cavernas de Krugersdorp, encontrou novos fósseis humanos, que virão iluminar alguns hiatos da evolução pré-histórica do homem. Também na Baía de Saldanha, no litoral ocidental da África do Sul, a cem quilômetros da cidade do Cabo, num vale arenoso cavado pelas ventanias, o arqueólogo Keith Jolly reuniu uma coleção de ossos fossilizados do homem e dos animais. O Homem de Saldanha acusa índice craniano inferior ao Homem de Neandertal, descoberto na Alemanha.

AS PRIMEIRAS CIVILIZAÇÕES PERDIDAS

A paleontologia desmonta a teoria edênica da humanidade e renova o problema de fixar a idade do gênero humano. A fundação de Tróia, cidade da Ásia Menor, a lendária Tróia dos cantos homéricos, a cidade de Dardano e de Priamo, recua a dois mil anos da idade-pagã. A Guerra de Tróia, tão decantada pelos poemas gregos e latinos, parece ter ocorrido há mil e duzentos anos antes de Cristo, enquanto os documentos arianos apresentam uma antiguidade de dois mil anos. O bíblico Abrahão, o pai da raça judaica, nasceu provàvelmente dois mil anos antes da nossa era. A tradição chinesa fixa no ano dois mil e trezentos e cinquenta o reinado do imperador Yao. Os historiadores semíticos, tão familiares aos decifradores da arqueologia pré-histórica, põem o Dilúvio em uns quarenta séculos antes do Cristianismo. O filósofo platônico Calvisius Taurus fazia remontar a criação do mundo, sem contar o calendário da era atual, a cinco mil e oitocentos e vinte e seis anos, cifra superada por novas descobertas. Instrui Albert Hyma que, entre cinco mil a quatro mil anos da era-pagã, os habitantes da Mesopotâmia, área da Ásia Ocidental banhada pelas torrentes do Rio Tigre e do Rio Eufrates, utilizavam-se do ferro, do cobre e do bronze, verdade essa atestada pelas sondagens arqueológicas.

Só entre três mil e quinhentos a dois e quinhentos anos antes de Cristo, a cultura e as primeiras indústrias mesopotâmicas e egípcias invadiram o sudoeste da Europa. Pesquisas no subsolo da Índia, Egito e região da Mesopotâmia, convenceram sôbre a existência de compacta população nessas áreas geográficas, em terrenos agora cobertos por outras camadas. Uma cabana pré-histórica encontrada na Suécia indica a habitabilidade daquele país por criaturas humanas, há cêrca de dez mil anos. Outras escavações geológicas, executadas nos Estados Unidos, forneceram algumas informações sôbre a alta ancianidade da nossa espécie. Por uns fragmentos de esqueletos, achados num banco de coral da Flórida, o naturalista Jean Louis Rodolphe Agassiz determinou a presença do homem há dez mil anos e Charles Lyell fala de um terreno na Sardenha, onde se acharam cacos de louça, que datavam de doze mil anos. No delta do Nilo, Girad viu instrumentos industriais pré-históricos, que indicavam muitos séculos antes de Cristo e no delta do Mississipi, Dowler verificou a existência de aluviões, que provinham de formação geológica afastada, cinquenta mil anos mais ou menos. O biologista alemão Ernst Heinrich Haeckel pensava que o gênero humano existia em várias partes do mundo, quando se desencadeou o fenômeno do Dilúvio Universal e que vivíamos com os ursos, as hienas e os tigres das cavernas, os rinocerontes e o mamute, o elefante pré-histórico. As terras do baixo Egito representam para o naturalista germânico Karl Hermann Burmeister uma idade de setenta e dois mil anos. Se realmente o homem presenciou o fenômeno da invasão glaciária, podemos conceder-lhe uma idade matemática de nada menos de cem mil anos, tal o algarismo previsto por Ernst Haeckel para

aquela recuada época. O mais interessante reside no fato de que os imemoriais mitos da China avaliam a história de seu povo, em cento e vinte e nove mil e seiscentos anos antes da vida atual. Spiegel dá para a história da Babilônia, a antiguidade de quatrocentos e trinta e dois mil anos, antes da era cristã. Relembremos que o paleontologista norte-americano Othniel Charles Marsh deu ao homem a idade de duzentos e cinquenta mil anos, não antes de Cristo, mas anterior à última formação glaciária da Europa.

O HOMEM GASTOU UM MILHÃO E QUINHENTOS MIL ANOS PARA INVENTAR A CIVILIZAÇÃO INDUSTRIAL

SE recuarmos da antiguidade clássica, mediterrânea e mesopotâmica, se traspassarmos as fronteiras do noticiário bíblico, para as épocas geológicas, veremos como se perde a memória sôbre a origem do homem. Arthur Keith calcula pela descoberta do "Propliopithecus", o símio pré-histórico encontrado no Egito, que êsse espécime zoológico habitava as terras do Nilo, há uns cinquenta milhões de anos.

O tronco comum e original, berço das ramificações do homem e dos antropóides mergulha nas transformações sísmicas no Período Eoceno, idade em que emergiram os Pireneus e deslocaram-se diversas áreas marítimas da Europa. O ancestral humano começou a diferenciar-se do tronco primitivo, quando o gorila, o orangotango, o chimpanzé e o bugio, ainda não haviam adquirido as suas atuais características anatômicas. O homem separou-se da série dos antropóides numa época imemorial, para que descubram os fósseis do elo perdido, que iniciou a diferenciação morfológica da posição vertical.

Pensam os geólogos e antropologistas, que os primeiros sêres humanos com aparência de antropóides apareceram no Período Mioceno, há dois milhões de anos, quando enormes áreas da Europa jaziam sob o oceano terciário e lagos de vastas proporções cobriam outras regiões, em que formaram-se os Alpes e levantaram-se as montanhas da Suíça. Os mamíferos monstruosos proliferavam nessa fase de desenvolvimento da Terra. O Homem de Pequim viveu duzentos e cinquenta mil anos antes do "Pithecanthropus Erectus", o Homem de Java. Manifestando-se sôbre os primeiros Homens de Java, Eugène Dubois supõe uma antiguidade de quinhentos mil anos. Ernst Heinrich Haeckel e Eugène Dubois situaram a época geológica da aparição do Homem de Java, como sendo o Período Plioceno, a que alguns geólogos fixam a duração de duzentos e cinquenta mil anos.

Para se compreender a complexidade e traduzir as épocas sísmicas da Terra em números de anos, notemos que, durante o Período Plioceno, ciclo terciário do globo terrestre, largos deslocamentos ainda abalavam o continente europeu, pois havia territórios agora submersos ligando a Ilha Sardenha à Córsega, também ainda unida à área da França. O mar ainda não separava as Ilhas Baleares da Espanha, nem a Normandia da Inglaterra. O canal da Mancha deveria ser um acontecimento futuro. O Homem de Java errava pela Europa, quando se rasgou o Estreito de Gibraltar, no Período Plioceno e quando apareceram o cavalo, os piroterídeos, os dinoterídeos, os mastodontes, os mamutes, os animais carnívores e o hipopótamo. Sôbre os terrenos quaternários, que cobrem as formações terciárias do Plioceno, vai expandir-se a primeira criatura verdadeiramente humana. Edward Mc Nall Burns determina para a espécie de Neandertal, uma longa fase de duração, pois ainda percorria as florestas pré-históricas do continente europeu, no terceiro ciclo interglacial, entre cento e cinquenta mil anos, a vinte e cinco mil anos antes de Cristo.

Diversos tipos de homens animalizados existiam na Alemanha, Bélgica, França e Inglaterra, no começo do Período Pleistoceno, ciclo que certos geólogos estendem por um milhão e quinhentos mil anos, enquanto outros reduzem modestamente a duzentos e cinquenta mil anos. Joseph Prestwich, John Evans e Hugh Falconer, reconhecem que criaturas humanas habitavam o continente europeu, quando começaram a desaparecer os mamíferos gigantes, como o mamute e diversas espécies de hipopótamos, na época em que o Mar Negro se comunicava com o Atlântico e

quando o Mar Adriático, o Mediterrâneo e o Mar Egeu tomaram a configuração geográfica do Período Pleistoceno, o homem passa a usar cada vez mais o cérebro. O Período Eolítico, em que os tipos pré-históricos começaram a utilizar a pedra, envolveu a duração de seiscentos mil a setecentos mil anos. O Homem de Heidelberg habitava nos primeiros tempos do Período Paleolítico Inferior, cuja duração consumiu trezentos mil anos. O Homem de Piltdown existiu a cinquenta mil anos, contemporâneo do Período Neolítico. Os tempos pré-históricos dividem-se em três fases, a Idade da Pedra, a Idade do Bronze e a Idade do Ferro.

Conforme os estudos de Edward Burns, o Homo Sapiens começou a acumular cultura e impôs-se pela sua mentalidade no Período Paleolítico Superior, numa fase de vinte e cinco mil anos a dez mil anos antes de Cristo. Qualquer que seja a discórdia sôbre a idade geológica do homem e a sua idade pré-histórica, a antropologia não hesita mais em qualificar os sêres humanos como os mais elevados dos Primatas, pela intensidade mental. Na África, há diversos gêneros de chimpanzé, que os zoólogos distinguem, perfeitamente. Admite-se que diversas variedades de criaturas pré-históricas, desenvolveram-se simultâneamente. A seleção natural eliminou os menos aptos, o clima e a luta pela existência acelerou as diferenciações. A posição vertical diminuiu a pressão do sangue no cérebro e favoreceu a expansão dos centros nervosos na massa encefálica. As peças fósseis dos Homens de Java, Pequim, Heidelberg e Piltdown, registram as transições anatômicas da evolução da espécie humana. Alguns teóricos inclinam-se pela diversidade pré-histórica da humanidade expandindo-se simultâneamente em diversos tipos. Examinando a evolução e progresso do gênero humano, Hermann Klaatsch proclama a origem poligenética do homem, que se derivou na multiplicidade das suas raças, do gorila, do chimpanzé e do orangotango, em tempos imemoriais. Biologista, zoólogo, geólogo, paleontologista e antropólogo, Henr Fairfied Osborn defende a hipótese da evolução paralela, entre o homem e os antropóides, em que o gênero humano evoluiu e superou todos os animais.

Os antropologistas consideram os espécimes de Java, Neandertal, Pequim e Piltdown mais aproximados do homem histórico do que dos seus parentes antropóides. O antropologista inglês A. Tindell Hopwood assinala uma série de modificações exteriores no aspecto do homem primitivo, igual às modificações anotadas entre os animais antediluvianos e os animais agora vivos.

Tôdas as divergências teóricas e anatômicas não impedem a arqueologia de reconhecer, só pelos fatos, que o homem apareceu de um milhão e quinhentos mil anos a um período de quinhentos mil anos antes de Cristo. Há uma vida imemorial na evolução da humanidade, em que se nota a ausência absoluta do alfabeto, em que subjugados pela animalidade, os primitivos não podiam transmitir e perpetuar o pensamento. O homem gastou um milhão e quinhentos mil anos para emergir da animalidade, penetrar nos tempos históricos e dissipou mais seis mil anos para inventar a Civilização Industrial, com a máquina a vapor, o dínamo elétrico, o rádio, os foguetes teleguiados, a fragmentação do átomo e os bombardeios atômicos.

Conseguirá o homem evadir-se do cativeiro zoológico de onde deriva e construir uma sociedade sem morticínios? Só uma civilização orientada pela ciência poderá extinguir os resíduos zoológicos da humanidade.



DENTES SADIOS

EM que pese a enorme propaganda dos fabricantes de dentifrícios, os odontólogos continuam afirmando que nenhum dos produtos existentes no mercado exerce qualquer influência apreciável no evitar as cáries dentais.

Nem as enzimas, nem a clorofila, nem os derivados amônicos, nem os antibióticos, como a penicilina, nem — em geral — qualquer das substâncias acrescentadas às pastas para dentes, servem de grande coisa.

Numa recente reunião da American Dental Association, celebrada em Cleveland, seis doutôres emitiram informações coincidentes sôbre o ponto em questão, terminando por afirmar que para ter gengivas e dentes sãos o essencial é usar a escôva com a devida freqüência, sendo secundário a classe de dentifrício que se escolha.

UM BEIJO DE NAMORADOS

(*Continuação da página* 18)

— Nove horas é melhor! — retrucou êle, bruscamente. — Teremos um dia cheio.

Não dormi bem na noite de domingo. Quando desci para a refeição matutina, na segunda-feira, as crianças não estavam à vista.

— Estão acamadas, com gripe. Não têm o hábito de andar ao ar livre — explicou Ruthie.

— Escute! — falei, enquanto empunhava a xícara de café — por que não fazemos Ainsley desistir de *nós*? Não somos típicos, você sabe! Sou até registrado no Partido Democrata.

— Bobagem! A menos que haja alguma coisa... que você não queira me contar, o que eu duvido. Por que não leva mr. Ainsley ao Yale Club, para almoçar? Não se esqueça de que você paga para ser sócio daquilo!

—Tenho que sair, agora — exclamei, erguendo-me, bruscamente. — Falo com você, logo à noite.

— Almoce bem. Vamos ter coxinhas de galinha para o jantar. A mulherzinha do Departamento de Utensílios Culinários, da "Lares Felizes", sabe que eu sou excêntrica.

— Detesto coxinhas de galinha.

— Foi o que eu disse, mas...

O telefone interrompeu. Era minha secretária informando que Mr. Ainsley estava esperando, havia já meia hora!

Encontrei-o examinando um quadro de formatura, que eu mantenho em lugar proeminente, atrás de minha escrivaninha.

— Universidade de Yale, turma de trinta e seis — expliquei, orgulhosamente.

— Ótimo! Mas não o vejo nesta foto!

— Quinta fila, sétimo a contar da direita. Bem à vista.

— Não — exclamou êle. — É realmente o senhor?

— Claro!

— Muito bem. Podia estar querendo me enganar. Bem, bem... Quer dizer que é *você mesmo*?

— Creio que já afirmei isto.

— Todos nós engordamos — comentou êle — enquanto os cabelos fogem. (Olhou para mim e, a seguir, para o quadro.) Rindo, falou: — Muito mais típico do Yale Club, do que de qualquer clube de gôlfe. Mas, que tal uma olhada nas suas despesas?

Esfregou as mãos e continuou:

— Encontramos alguns buracos nas contas domésticas de Mrs. Bancroft, mas já estão sendo preenchidos.

— Já sei — repliquei, azêdamente. — Com coxinhas de galinha!

— Há uma certa complicação com as pessoas que o senhor sustenta — continuou Ainsley. — São desperdiçadores secretos. O que desejamos, agora, é um perfeito orçamento. Comida, aluguer, roupas, utilidades, seguro, médico, diversões, esmolas. Nada exaustivo ou excepcional. Espero poder contar com o senhor.

Abri minha escrivaninha, apanhei o caderno de cheques e o livro de caixa, entregando-os a êle.

— Aí está. Tudo calculado, documentado e legível!

Êle colocou os óculos de tartaruga. Seguindo seu dedo ao longo das páginas, vi que êle não deixava passar qualquer detalhe. Finalmente, olhou para mim, dizendo lentamente:

— Parece estar em ordem.

— O que quer dizer com "parece estar"?

— Creio que o Yale Club lhe custa muito. Há também um item denominado "Gastos pessoais", o qual não se refere à família.

— Lâminas de barbear, cigarros, aspirina...

Êle fechou o livro, com ar sério:

— O senhor sabe... eu gostaria de dar um pulo até o Yale Club... Que tal almoçarmos lá?

— Nunca almoço lá — respondi depressa. — Não consigo evitar que me tragam suco de tomates!

— Talvez possamos tomar um *Scotch* com soda, às cinco horas.

— Acho difícil.

Êle esticou o queixo, pensativamente. A seguir, murmurou como para si mesmo: "*Aí tem coisa...*"

Fitei-o inocentemente:

— Tem coisa?

— Falando francamente — começou Ainsley — o que desejamos, sempre que possível, é um pouco de sacrifício por parte do chefe da família. (Encarei-o, sem compreender.) Constatamos, geralmente, que os pais de família dão muita importância a si mesmos. No caso de Anderson, havia aquelas cervejas. Tudo o que desejamos mostrar é que, com o dinheiro desperdiçado com êles mesmos, êsses pais e esposos comprariam para as companheiras uma boa máquina de costura da "Lares Felizes" ou fariam um pagamento relativo ao nosso telhado. Algo sólido. Na penúltima convenção, aconselhei um sujeito a deixar de fumar. Expliquei-lhe que as novas cortinas de sala de visitas de sua espôsa, feitas do material sintético da "Lares Felizes", pegariam fogo. Êle ficou muito atemorizado. Agora, o que eu gostaria de fazer com o senhor era acabar com os tais "Gastos Pessoais" e o Yale Club e ver o que ficaria ao nosso alcance.

Esfregou as mãos, e, em seguida continuou:

— Sr. Bancroft, o seu sacrifício é algo justo. Devemos esperá-lo, pois decoramos a sua casa! Sua atitude seria o que se chama *"Nobless oblige"*. De fato, sua retribuição terá que ser grande, mas, pelo que vejo, vai tentar *tirar o corpo fora*.

— Escute — falei, impetuosamente. — Tenho um compromisso, a que nunca falto, tôdas as semanas. Como poderia suspendê-lo?

Ainsley meditou e, depois, falou:

—Mantenha seus "Gastos Pessoais", mas elimine o clube! Troque-o por nosso equipamento de ar-condicionado. Será um bom golpe.

— Vou pensar no caso — respondi, sombriamente.

— Está bem. Enquanto isto, verei como isto aqui funciona.

Levei-o para uma rápida inspeção da firma. Ao voltarmos a meu gabinete, êle cotucou-me nas costelas.

— As máquinas fazem todo o trabalho. Não é de surprender que fiquemos tão moles, hein?

E, apanhando o chapéu: O tempo voa! Tenho que me ir. As caminhadas dão trabalho às pernas.

Deu um tapa na barriga magra e, dizendo "até logo", saiu. Então, dominado por um complexo de ridículo, apanhei o quadro de formatura de Yale e guardei-o na escrivaninha. Sentei-me outra vez e passei o resto do dia lamentando minha própria existência. Ao cair da tarde, Ainsley telefonou:

— Preciso vê-lo, novamente.

— Estou de partida — falei, esperançoso.

— É muito importante!

— Está bem; mas venha logo!

Vinte minutos mais tarde, êle se aboletava diante da minha escrivaninha, dizendo, pausadamente: — "Estive no Yale Club".

Olhei por cima de sua cabeça.

— Pensei que iria encontrar alguns colegas seus, constatando sua condição de frequentador de um clube social.

Passei a examinar as unhas.

— O senhor é desconhecido no Yale Club. Jamais alguém o viu lá...

— É verdade — concordei.

Êle se debruçou sôbre a escrivaninha.

— Sua despesa referente ao Yale Club... não tem razão de ser.

Ainsley emitiu uma especie de cacarejo de galinha infeliz.

— Desperdício secreto, que não conduz a qualquer coisa. Olhe, sr. Bancroft, não sou inquisidor, mas tenho deveres para com minha firma. Se um homem diz que é sócio do Yale Club e se é o chefe da nossa "família-modêlo", *terá que pertencer ao clube*.

— Não eu — respondi.

— Que faz com a quantia correspondente? — perguntou com voz nervosa.

— Gasto.

Êle se debruçou ainda mais sôbre a escrivaninha, chegando o rosto até algumas polegadas do meu.

— Ouça; já decoramos e pintamos a sua casa. Proporcionamos tratamento de beleza a sua espôsa. Tiramos retratos de todos. Sua família foi escalada para a convenção de junho. — Deixou-se cair, exausto, na cadeira. Depois continuou. — Atenda ao que vou dizer. Nada me deve, mas, de homem para homem, depois daquele caso dos "Amistosos Forester", meu patrão não está muito bem comigo.

Do meu sucesso no presente caso, pode depender o meu emprêgo.

— Eu lhe dou uma chance! Pode procurar outra gente, se quiser...

A fisionomia dêle se iluminou. "Se deseja isso... podemos dar um jeito".

— Venha comigo — falei.

Cinco minutos mais tarde, eu e Ainsley chegávamos diante de um velho prédio na Segunda Avenida, em cuja fachada havia, pintada com berrante côr vermelha, a palavra *Rejuvenesça*.

— Foi o letreiro que me chamou a atenção — expliquei com amargura. — É no segundo andar.

Subimos a escadaria escura até encontrarmos uma porta de vidro fôsco, onde se lia a legenda: "*Magine* faz homens moços".

Minha respiração se tornara difícil, mas Ainsley permanecia lépido. Entrando, encontramos dois homens com *halteres* e vários outros, também atletas, em diversos aparelhos. Ao ver-nos, Magin se aproximou.

— Salve, Mr. Bancroft. Um pouco mais de exercício, hoje?

E, fitando Ainsley:

— Desta vez, trouxe o seu secretario particular, hein?

Jogou para trás a cabeça, continuando a rir.

— Temos dado trabalho a mr. Bancroft! Digo sempre a êle para descansar e se conformar com a vida de pai de família. Neste andar, êle morrerá. Se fôsse eu, já teria dado o prego.

Fiz sinal a Ainsley para que me acompanhasse até o vestiário. Êle sentou em um banquinho, enquanto eu vestia roupas de ginástica. Magin apareceu e nos levou para o salão de aparelhos. Durante as duas horas seguintes, olhei de soslaio, a expressão pasmada de Ainsley, enquanto Magin me atendia: trinta mergulhos na paralela, uma interminável batalha com o *puching-ball*, uma calamidade de halteres e a bobagem sem fim da bicicleta imóvel. Quando tudo terminou e eu cai, exausto, na maca de massagens, Ainsley perguntou:

— Por que... isso?

— Sei que você vai rir — respondi ainda quase sem fôlego — mas faço isto por causa de minha espôsa. Você a conhece, Ainsley. Ela mantém o mesmo pêso da época do casamento e conserva aquêle aspecto. É bonita.

— Mas... — balbuciou Ainsley.

— Há seis meses, ela viu aquêle retrato no meu escritório e não me reconheceu. Como aconteceu com você! Pouco depois, eu disse a ela que tinha entrado para o Yale Club.

— Eu não faria tudo isto por nenhuma mulher.

— É porque você não está casado com Ruthie.

— Você não resistirá muito tempo. Êsses seus exercícios são para um rapaz.

Sorri cìnicamente.

— Eu sou um rapaz. Apenas, não aparento. Ajude-me a levantar, sim?

A vida é cheia de surprêsas. Naquela noite, quando cheguei em casa, os pintores já se haviam retirado e a mobília estava como sempre. Outras modificações, também. Os patins e garrafas de refrescos jaziam no meu caminho, as meninas assistiam à televisão e Ruthie me esperava na *toca*. Ela estava com suéter azul e sem *make-up*, parecendo cansada.

— Querido — disse ela, batendo no sofá para que eu me sentasse ao lado dela.

— Está tudo terminado.

— Você parece cansada.

— Não estou, não. Passei a manhã olhando tudo, para ver se estava mesmo pronto. E, afinal, depois de dez dias, sinto-me melhor do que era possível esperar. Consegui algo com que nunca sonhei.

—A "Lares Felizes" lhe deu alguma coisa extra?

— Sim. (Ela pegou minha mão.) Deu-me um marido romântico! Creio que foi a mais tocante e excitante coisa que já ouvi. E se não fôsse a "Lares Felizes" eu jamais teria sabido.

— Ainsley... contou a você?

Ela assentiu.

— Imagine! Você se matar durante tantos meses, para permanecer jovem, *por minha causa*!

— Jovem de coração!

Enlaçei-a. Foi um longo e bom beijo de namorados que trocamos. Quando acabou, Ruthie me fitou e sorriu.

— *Lar feliz*, hein, querido?

EU SEI TUDO

Nº 446 — Ano XXXVIII Nº 2 — Julho — 1954

SUMÁRIO:

Tudo na Fila 3
Assuntos de Família 3
Para o Seu Lar: Seis Janelas Com Caráter 4
Esta é a Minha "Baby" 6
Exemplar Único 6
Uma Questão de Técnica (conto) 7
Um Gracejo Britânico 11
Excelente Medida 11
Um Beijo de Namorados (conto) 12
Desvendando a Maior Mistificação do Mundo! 19
Com certeza! 22
É cego o amor? 22
Cão Copeiro 22
Govêrno e "govêrno" 22
As Enfermidades do Rim (Descida dramática de um "cálculo" — Qual o motivo dessa "cólica"? — Os "cálculos" fixos — Por que temos "cálculos"? — Os "cálculos" complicados — Como a moléstia evolui) 23
A Tortura de Ser Gordo (A despeito do que se anuncia, só fôrça de vontade pode ajudar) 26
Conseguirá o Homem Fugir do Cativeiro Zoológico? — Da animalidade ao bombardeio atômico — O alarma da indústria pré-histórica — A descoberta da vida imemorial — Os naturalistas restauram o passado geológico do homem 31
A "Boa Resposta" do Mês 38
Como Você Resolveria Isto? 38
A Fôrça de um Juramento (Romance, continuação) . 39
Que Aconteceu com Olga? (Conto, policromia) 47
SOM — Como viajam as ondas de som — O vácuo detém o som — O balão de ar (ao contrário) ajuda — Os dentes também ouvem — Sinfonia das ondas sonoras — A "voz" do mar — Garrafas — A fôrça da ressonância — O órgão e a harpa 54
Podemos Aprender Medicina com os Feiticeiros? .. 58
Estampas Norte-Americanas. Rádio e Televisão (O "círculo" da família é, agora, um "semicírculo") .. 63
Conselhos de Uma Quituteira 67
Os Pintos São... "Burros" 68
Tenta ainda outra vez! 68
Vamos Passar à Frente! 68
Agora, o Mar Também vai Trabalhar Para o Homem 70
Estamos Crescendo 74
Novo Tipo de Lata de Lixo 74
Por Que Nascem Gêmeos? (Quais as possibilidades de quíntuplos? — As mais avançadas notícias sôbre o mais estranho de todos os mistérios da natureza — O nascimento múltiplo) 75
Resolva os Seus Problemas 80
Os Médicos Também Dormem 81
Revolução na Arte Dentária: A broca que adormece o dente! 82
Um Bom "Partido" (Conto) 83
Carpentier Ainda Está em Grande Forma 85
A Vitalidade do Pulmão 85
O Ideal 85
Nos Domínios da Gramática 86
Por trás da Porta Amarela (Romance, continuação) 87
Memento EU SEI TUDO 95
Charadas — Quebra-Cabeças 101

CORRESPONDÊNCIA

Svend Frisch (Rua da Consolação nº 3098, São Paulo) — Recebemos seu trabalho, que será examinado. Gratos por sua atenção.

★

Luís Otávio (Rua Barão de Itaipu, 186, Vila Isabel, D. Federal) — Idem.

★

Paulina Maria Arantes (Niterói, E. do Rio) — Passamos à administração, que providenciará a remessa conforme seu pedido. Gratos.

★

Aristóteles Pereira (Recife, Pernambuco) — Em princípio, sim. Não recebemos o material anunciado. Sem êle nada podemos decidir em definitivo.

★

Luísa Vernet Coimbra (Av. Atlântica, 434 , D. Federal) — Nem sempre é possível, embora o autor o mereça. Vamos fazer o possível. Combinado? Quanto ao segundo item, por que não tenta procurar nas nossas coleções?

★

A CAPA: Estamos no inverno. Inverno do Rio... E a carioca, ainda queimada pelo sol de ontem, o sol das praias morenas, calça luvas e guarda os vestidos decotados. É êsse aspecto friorento que Ramon traça deliciosamente para a nossa capa de Julho.